

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**  
**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**ALESSANDRA FELDMANN DE OLIVEIRA**

**CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS DE ROCK CLÁSSICO:  
ENTRE ARTE, CONSUMO E APROPRIAÇÕES NA ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Ivana Almeida da Silva

**Caxias do Sul**

**2023**

**ALESSANDRA FELDMANN DE OLIVEIRA**

**CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS DE ROCK CLÁSSICO:  
ENTRE ARTE, CONSUMO E APROPRIAÇÕES NA ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Ivana Almeida da Silva

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dra. Ivana Almeida da Silva  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Marcell Bocchese  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Ronei Teodoro da Silva  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão à minha mãe, Lucia, e ao meu namorado, Renan, que estiveram presentes constantemente em todos os momentos, fossem eles difíceis ou alegres, além de todo carinho, paciência e conforto diário, tornando essa jornada mais leve. A vocês, minha imensa gratidão.

Aos meus estimados professores, que me apoiaram, incentivaram e, acima de tudo, acreditaram em mim durante este período crucial de dúvidas e crescimento, meu sincero agradecimento. Um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Ivana, cuja inspiração e apoio foram fundamentais nesta jornada de aprendizado.

Aos meus amigos e colegas de profissão, em particular Juliana, Jessiane, Sílvia e Veridiana, agradeço por estarem ao meu lado todos os dias, oferecendo apoio nos momentos mais difíceis, me aconselhando e incentivando.

Por fim, agradeço a todos que passaram em minha história e deixaram um pouquinho de si, meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho busca discutir relações entre arte e consumo na atualidade, a partir de um olhar sobre capas de álbuns musicais do subgênero rock clássico e suas possibilidades de expressão na atualidade, especialmente a partir do fenômeno das apropriações. Com uma abordagem exploratório- qualitativa o estudo busca elucidar pontos relevantes nas relações que se estabelecem entre capas de álbuns musicais e suas possibilidades de apropriação na sociedade de consumo. Organizado a partir de três focos fundamentais, o trabalho inicia com pesquisa bibliográfica, investigando relações entre arte, consumo e mercado musical, considerando arte como expressão criativa e também agente de rupturas, esclarecendo o conceito de apropriação neste cenário. Em seguida, adentra o universo do rock clássico, abordando além de sua dimensão sonora, sua importância cultural, explorando elementos relacionados ao mercado musical e focando nas capas de álbuns como produtos culturais influenciados pelo consumo. Finalmente, a partir do uso da análise de conteúdo, realiza-se um olhar aprofundado de possíveis apropriações de capas de álbuns de rock clássico, investigando como manifestam-se nos cenários do consumo atual em nossa sociedade especialmente a partir de manifestações visuais. Tendo como apoio a organização de categorias para a análise do material selecionado, além dos estudos em torno de arte, consumo, apropriações, linguagem visual e semiótica, o presente trabalho examina neste momento possibilidades e dinâmicas curiosas envolvendo apropriações inspiradas no rock clássico e sua influência na indústria cultural. Conclui-se que este estudo não só ampliou a compreensão teórica sobre a indústria cultural, design gráfico e rock clássico, mas também aprimorou habilidades práticas que serão fundamentais para futuras produções profissionais e acadêmicas, ultrapassando as fronteiras da comunicação.

**Palavras-Chave:** arte. consumo. apropriação. indústria cultural. capa de álbum musical. rock clássico.

## **ABSTRACT**

This dissertation endeavors to explore the interplay between art and consumption in contemporary society, focusing on album covers within the subgenre of classic rock and their expressive possibilities today, particularly through the phenomenon of appropriations. Employing an exploratory-qualitative approach, the study aims to elucidate pertinent aspects in the relationships forged between album covers and their potential appropriations within the consumer-driven society. Structured around three core focal points, the dissertation commences with a literature review, probing the connections among art, consumption, and the music market. It considers art both as a creative expression and an agent of disruptions, clarifying the concept of appropriation in this context. Subsequently, it delves into the realm of classic rock, addressing not only its sonic dimension but also its cultural significance. The exploration encompasses elements tied to the musical market, focused on album covers as cultural products influenced by consumption. Finally, employing content analysis, a thorough examination is conducted on potential appropriations of classic rock album covers, investigating how they manifest in contemporary consumption scenarios, particularly through visual expressions. Supported by the categorization of selected materials and an exploration of art, consumption, appropriations, visual language, and semiotics, this study scrutinizes intriguing possibilities and dynamics surrounding visual appropriations inspired by classic rock and their impact on the cultural industry. The conclusion asserts that this study not only broadened the theoretical understanding of the cultural industry, graphic design, and classic rock but also enhanced practical skills crucial for future professional and academic endeavors, transcending the boundaries of communication.

**Keywords:** art. consumption. appropriation. cultural industry. musical album cover. classic rock.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lute-Player por Caravaggio (1595-1596).....	27
Figura 2 – O Inverno por Giuseppe Arcimboldo (1563).....	29
Figura 3 – O Violeiro por Almeida Junior (1899).....	30
Figura 4 – Orquestra Vermelha por Salvador Dali (1957).....	32
Figura 5 – A Fonte (1917) e L.H.O.O.Q. (1919).....	36
Figura 6 – Details of Renaissance Paintings por Andy Warhol (1984).....	38
Figura 7 – Composição VIII por Wassily Kandinsky (1923).....	44
Figura 8 – Videoclipe Help! - The Beatles (1965).....	46
Figura 9 – Woodstock Poster (1969).....	48
Figura 10 – Performance de Elvis Presley.....	53
Figura 11 – Disco de vinil 78 rpm com envelope.....	59
Figura 12 – Capa do Disco Smash Song Hits by Rodgers & Hart Design de Alex Steinweiss (1932).....	60
Figura 13 – Disco The voice of Frank Sinatra (1946).....	61
Figura 14 – Capa do Disco de Frank Sinatra (1952).....	63
Figura 15 – Capa do CD 1 de The Beatles (2000).....	66
Figura 16 – Programa Jovem Guarda (1965).....	70
Figura 17 – Capa dos álbuns Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band e The Velvet Underground & Nico (1967).....	72
Figura 18 – Capa do álbum Nação Nordestina (2000).....	73
Figura 19 – Mapa Mental Elaborado para a Realização da Análise do TCC.....	78
Figura 20 – Capa dos álbuns Queen II (1974).....	86
Figura 21 – Capa do álbum The Velvet Underground & Nico (1967).....	88
Figura 22 – Capa do álbum Aladdin Sane (1973).....	90
Figura 23 – Capa do álbum Nevermind (1991).....	92
Figura 24 – Capa do álbum Abbey Road (1969).....	94
Figura 25 – Marlene Dietrich em O Expresso de Shanghai (1932).....	97
Figura 26 – Exemplo de apropriação do indivíduo em fanarts.....	101
Figura 27 – Videoclipe One Vision (1985).....	107

Figura 28 – Exemplo de apropriação em Fanarts.....	107
Figura 29 – Apropriação em Fanarts - Is this the real life?.....	108
Figura 30 – Exemplos de Pop Art em Fanarts de Queen II.....	109
Figura 31 – Apropriação em Fanarts - Queen II e LEGO.....	111
Figura 32 – Exemplos de união de Fandons em Fanarts de Queen II.....	113
Figura 33 – Apropriação em Fanarts - Queen II e Marlene.....	114
Figura 34 – Detalhes da capa do álbum The Velvet Underground & Nico (1967)....	117
Figura 35 – Revolução no design gráfico - Latas de Sopas Campbell de Andy Warhol	119
Figura 36 – Apropriação em Design Gráfico - The Velvet Underground & Nico realista	122
Figura 37 – Apropriação em Design Gráfico - The Velvet Underground & Nico e o Bauhaus.....	124
Figura 38 – Apropriação em Design Gráfico - The Velvet Underground & Nico e o silkscreen.....	126
Figura 39 – Exemplo de apropriação da indústria da moda.....	130
Figura 40 – Apropriação na Indústria da moda - Aladdin Sane e a estampa.....	132
Figura 41 – Apropriação na Indústria da moda - Aladdin Sane na Vogue.....	135
Figura 42 – Apropriação na Indústria da moda - Aladdin Sane na Coleção Emilio Pucci 2015.....	139
Figura 43 – Apropriação em veiculação midiática - Nevermind nos Simpsons.....	142
Figura 44 – Apropriação em veiculação midiática - Nevermind nos Simpsons e na Rolling Stone.....	145
Figura 45 – Apropriação em veiculação midiática - Nevermind e o time de futebol Rio Ave.....	149
Figura 46 – Exemplo de apropriações na indústria do consumo.....	153
Figura 47 – Apropriação na indústria do consumo - Abbey Road e a Range Rover Evoque.....	156
Figura 48 – Representações nos detalhes da Range Rover Evoque.....	156
Figura 49 – Apropriação na indústria do consumo - Abbey Road e o vestido da	

coleção Alice + Olivia.....	159
Figura 50 – Apropriação na indústria do consumo - Abbey Road e as jaquetas da coleção Alice + Olivia.....	159
Figura 51 – Apropriação na indústria do consumo - Abbey Road e a caneta Montblanc.....	162

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 METODOLOGIA.....	14
<b>2. ARTE E MERCADORIA: APROPRIAÇÕES, CONSUMO E MERCADO MUSICAL</b>	<b>20</b>
2.1. ARTE: EXPRESSÃO, CRIATIVIDADE, RUPTURAS.....	21
2.2. SOBRE ARTE E AS APROPRIAÇÕES.....	33
2.3. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO MERCADO MUSICAL.....	42
<b>3. ROCK CLÁSSICO ALÉM DO SOM: A RELEVÂNCIA DAS CAPAS DOS</b>	<b>50</b>
<b>ÁLBUNS MUSICAIS.....</b>	<b>50</b>
3.1. O QUE É ROCK CLÁSSICO?.....	52
3.2. CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS: ARTE, CULTURA, COMUNICAÇÃO E	
CONSUMO.....	57
3.3. ROCK CLÁSSICO E ÁLBUNS MUSICAIS: A FORÇA DE SUAS CAPAS.....	69
<b>4. APROPRIAÇÕES DO ROCK CLÁSSICO: CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS NA</b>	<b>75</b>
<b>INDÚSTRIA CULTURAL.....</b>	<b>75</b>
4.1. ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE.....	76
4.2. APRESENTAÇÃO DAS CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS.....	85
4.2.1. APROPRIAÇÃO APAIXONADA: QUEEN II E AS FANARTS.....	95
4.2.2. APROPRIAÇÃO FORMAL: THE VELVET UNDERGROUND & NICO E O	
DESIGN GRÁFICO.....	116
4.2.3. APROPRIAÇÃO ANTENADA: ALADDIN SANE NA INDÚSTRIA DA MODA.	
129	
4.2.4. APROPRIAÇÃO MUDIATIZADA: NEVERMIND.....	141
4.2.5. APROPRIAÇÃO CONSUMISTA: ABBEY ROAD.....	151
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE I - PROJETO.....</b>	<b>177</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Uma obra sonora é uma forma de manifestação que se encontra presente de maneiras diversas na vida das pessoas, no mundo inteiro, envolvendo som, cultura, emoções, afetos e motivações. A música assume uma posição de relevância indiscutível em nossas vidas, influenciando nossas emoções, percepções e interações sociais. Segundo Rocha; Boggio (2013), a presença contínua da música ao longo da história e sua capacidade de transcender barreiras culturais atestam sua importância como forma de expressão artística e veículo de comunicação. Desse modo, a música é fundamental para o ser humano, e está presente em diversas culturas e em diferentes momentos da vida, desde a infância até a velhice.

Em sua essência, a melodia é uma forma de manifestação que usa como base o som, suas vibrações, os ritmos, os tons e intervalos, e que propaga-se através de ondas sonoras. Já a música como meio expressivo utiliza-se de melodias, mas também das notas musicais, das letras, dos versos, das estrofes, das partituras e de várias outras formas para sua transmissão a outras pessoas.

A partir disso vislumbra-se as diversas possibilidades de representação visual dos fenômenos sonoros que podem existir, tão importantes quanto a própria melodia citada anteriormente, pois elas também dão significado e expressão às emoções contidas na música. O uso de representações visuais como meio de expressão vem sendo utilizado desde os primórdios pelo ser humano para se comunicar e relacionar. Desde um passado remoto, como a famosa arte rupestre, que marcou a Pré-História, até vasos gregos, quadros marcantes de famosos movimentos artísticos, ilustrações em revistas e jornais e muitas outras, as imagens são produções simbólicas importantes, especialmente na atual sociedade que valoriza aquilo que pode ser visualizado e, especialmente, consumido. Uma destas produções que aqui pretende-se destacar envolve a música: é a capa de álbum musical (Rocha; Boggio, 2013).

Aos poucos as peças gráficas envolvendo capas dos discos musicais despertaram o interesse de um público ouvinte, pois ali se encontram elementos além de informação sobre músicas, a serem observados. Envolvem também originalidade e criatividade do artista em questão.

Com o passar do tempo, os álbuns musicais passaram a fazer parte de uma

grande indústria, que movimenta o consumo a partir da elaboração de capas artísticas. Cantores e bandas então utilizam essa oportunidade a partir de uma ordenação estético-formal de elementos textuais e não textuais, como forma de apelo para transmitir sinais, duplos sentidos, ou mensagens em relação à essência musical de um álbum lançado.

Entrando em um subgênero musical específico, o Rock Clássico<sup>1</sup>, este surge no final da década de 1950 e misturou outros gêneros musicais que foram representados por grandes artistas da história. A partir dos anos 1960, o crescimento da indústria fonográfica e a popularização dos discos de vinil permitiram uma maior criatividade na arte das capas de álbuns, tornando-as uma espécie de cartão de visita dos artistas, muitas vezes criando até vínculos afetivos entre eles e o ouvinte. Aproveitando essa popularidade crescente, diversas bandas clássicas do gênero investiram fortemente em suas capas de álbuns musicais, tornando-as uma forma de expressão artística além do conteúdo sonoro (*Rock 'n' roll Explode*, 1995).

Assim, as capas de álbuns musicais do subgênero Rock Clássico passaram a ocupar um papel de grande destaque na década de 1970, conquistando espaço também como objeto de arte, tornando-se peça-chave para a promoção de artistas e bandas, visto que também eram fundamentais como meio de informação e comunicação. Nesse sentido, as peças visuais envolvendo os álbuns musicais se tornaram uma ferramenta importante para a promoção de artistas e bandas no mercado fonográfico, ajudando a construir a identidade visual de cada artista e contribuindo para diferenciá-los em meio à concorrência.

Com o tempo, foram surgindo apropriações<sup>2</sup> destas capas emblemáticas feitas por fãs, marcas e pela mídia, gerando uma série de releituras que permitiram por sua vez refletir a relação entre música, cultura visual e consumo. Desde a criação de uma imagem icônica e variantes, muitas vezes associadas a diferentes estilos de vida, as capas de álbuns serviram não apenas para promover a música, mas também para vender uma imagem, um ideal e novas facetas no setor comercial.

O sucesso destas obras visuais foi acompanhado pelo crescimento da indústria da música e do design gráfico, que começaram a trabalhar juntas na criação de produtos que atendessem às necessidades de um público cada vez mais exigente. A publicidade e veiculação midiáticas passam a utilizar referências visuais dos álbuns, assim, a conexão entre as duas indústrias e o consumo se torna uma via

---

<sup>1</sup> Durante a produção encontra-se também muito a expressão Classic Rock, mesmo no Brasil, mas que será padronizado o uso de Rock Clássico.

<sup>2</sup> Neste texto, também será usado por vez a palavra releituras para se referir ao mesmo sentido. Lembrando que essas expressões serão aprofundadas em função da sua importância.

de mão dupla, na qual a música inspira a formação de imagens icônicas que por sua vez se tornam elementos importantes na indústria cultural.

Pelo que é problematizado até aqui essa evolução da capa de álbum musical, tornando-a peça fundamental para o lançamento e presença de um artista ou banda no cenário musical atual, parece permitir a entrada de uma circulação midiática, possibilitando a produção de designs gráficos que merecem ser estudados mais a fundo. A veiculação midiática, o design gráfico, a indústria da moda e do consumo foram alguns dos campos que se apropriaram desse rico universo de referências visuais, criando um vínculo fecundo e importante entre arte e comunicação.

Desse modo, com o esclarecimento de conceitos que envolvem arte, consumo e apropriações em torno de capas de álbuns do Rock Clássico e suas expressões na indústria cultural, este TCC busca responder a seguinte questão norteadora: **Como manifestam-se as apropriações de capas de álbuns musicais emblemáticos, especialmente do subgênero Rock Clássico, a partir de suas diversas formas de consumo na sociedade contemporânea?**

Com o intuito de esclarecer a questão norteadora, delinea-se o objetivo geral, que consiste em analisar capas de álbuns musicais no subgênero Rock Clássico como forma de expressão artística e suas possibilidades de apresentação na sociedade atual, discutindo relações entre arte, consumo e apropriações.

Os objetivos específicos apresentam-se da seguinte forma:

a) Relacionar conceitos que envolvem arte e mercadoria, analisando como as apropriações culturais e o consumo estão presentes nesse contexto, percebendo as possibilidades de expressão artística e sua relação com o mercado musical.

b) Explorar a relevância das capas dos álbuns musicais no subgênero Rock Clássico além de seu aspecto sonoro, examinando como essas manifestações se tornam elementos significativos na experiência dos fãs, considerando as relações entre arte, cultura, comunicação e consumo nesse cenário específico.

c) Investigar as apropriações das capas de álbuns musicais do subgênero Rock Clássico, analisando como as releituras refletem o estado atual da discussão em torno da indústria cultural, compreendendo o papel dessas capas na construção da identidade dos artistas e na promoção dos álbuns, bem como sua influência na comunicação e no consumo.

d) Examinar capas de álbuns musicais selecionadas, verificando como elas influenciam outras formas de arte e expressão, tais como moda, design gráfico e mídia, e como essas peças podem se tornar objetos de consumo de diferentes formas no mercado.

Os capítulos deste TCC estão organizados a fim de examinar todos os temas relacionados à análise a ser conduzida na etapa conclusiva. Dessa maneira, no segundo capítulo será explorado a interseção entre arte e mercadoria, concentrando-se em apropriações, consumo e mercado musical. Será abordado o conceito de arte como expressão, criatividade e fonte de rupturas, destacando seu papel significativo no contexto musical. Serão também investigadas as manifestações artísticas no mercado musical, explorando como a arte é consumida, comercializada e influencia as dinâmicas desse ambiente específico.

No capítulo três, será explorado o universo do Rock Clássico, indo além de sua dimensão sonora. Será apresentado a essência do Rock Clássico, procurando definir seus elementos distintivos e contextualizar sua importância cultural. Em seguida, o foco irá para as capas de álbuns musicais, investigando-as como formas de arte, veículos de comunicação e produtos culturais suscetíveis ao consumo, destacando a força singular que essas imagens têm na representação e identidade desse subgênero musical.

No quarto capítulo, serão apresentadas as capas de álbuns musicais selecionadas, juntamente com as categorias que simbolizarão sua circulação na indústria cultural. Além disso, será realizada uma análise aprofundada das apropriações geradas com base nas capas dos álbuns, visando compreender de que maneira essas apropriações se manifestam nas diversas formas de consumo na sociedade contemporânea, a partir da sua representação visual.

Espera-se uma compreensão mais profunda da interação entre arte e o mercado musical, especialmente através das capas de álbuns, visualizando a essência do Rock Clássico, indo além do aspecto sonoro. Essa exploração visa mergulhar na identidade no subgênero musical e seu papel cultural.

Na análise imagética das apropriações nas capas dos álbuns e seu impacto na sociedade contemporânea, pretende-se obter uma visão crítica das dinâmicas culturais atuais.

Essa análise pretende ampliar a perspectiva sobre a arte e proporcionar

*insights*, gerando inspirações futuras de estudos sobre a interação entre música, imagem e cultura e como a criatividade manifesta-se em um contexto comercial musical.

A música, de fato, desempenha um papel significativo na vida de inúmeras pessoas. Até mesmo crianças embarcam em uma jornada de descoberta musical, explorando diferentes gêneros e canções a partir de vivência na família e na escola. Além disso, em momentos de adversidade e turbulência, a música se torna um refúgio, uma fonte de felicidade. Ela tem a capacidade de descomplicar, unir pessoas e criar memórias duradouras que se entrelaçam com os momentos vividos. A música é uma linguagem universal que transcende barreiras e conecta corações, trazendo consigo a promessa de alegria e união.

Acompanhando este significado, surge a curiosidade de desmistificar e compreender as imagens que compõem a capa de um álbum musical. Ao iniciar essa jornada de exploração, a estudante desde criança percebe que as representações presentes nas capas de álbuns musicais carregam profundos e variados sentidos, muitas vezes se transformando em críticas sociais cuidadosamente construídas visualmente. Essa descoberta desperta o fascínio da estudante desde então, que se depara com a ideia de que as capas dos álbuns musicais são verdadeiras portadoras de mensagens simbólicas.

Intrigada e encantada com a possibilidade de temática, decidiu-se unir a admiração pelos álbuns musicais com a Publicidade neste TCC- Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, surge a ideia de explorar as representações e apropriações presentes nas capas dos álbuns musicais, investigando os diferentes significados que podem emergir desse rico universo visual.

A análise das releituras de capas de álbuns revela uma riqueza de discussões acerca da importância de obras em torno da história da música e da cultura popular. As releituras talvez possam evidenciar como a música pode influenciar e ser influenciada pela sociedade na qual está inserida, especialmente pelo fator consumo. Vislumbra-se com a investigação proposta esclarecer os elementos gráficos que desempenham um papel crucial e complementar à melodia.

Nesse contexto, é essencial explorar como as capas de álbuns e a cultura visual se conectam com as transformações sociais e as necessidades do público contemporâneo. O consumo de música e a apreciação estética estão

intrinsecamente ligados, e as capas dos álbuns desempenham um papel relevante na maneira como nos relacionamos com a música. Ao compreendermos as mudanças na percepção da música ao longo do tempo, podemos identificar novas possibilidades de criação, inovação e conexão com diferentes públicos, permitindo uma experiência musical mais ampla e diversificada.

O estudo das releituras de capas de álbuns musicais abrange várias áreas, como a indústria musical, o design gráfico, a moda, a cultura popular e a publicidade/consumo. Ao analisá-las e reinterpretá-las, é possível ampliar o mercado musical, estimular a criatividade em designers gráficos e inspirar novas tendências. Essa abordagem também pode ser aplicada estrategicamente na publicidade e no consumo, atraindo novos públicos e gerando oportunidades de negócios.

A autora, como futura publicitária, acredita que essa pesquisa pode não apenas inspirar abordagens inovadoras na criação de peças publicitárias e estratégias de marketing, considerando especialmente a interação entre arte e consumo, mas também pode talvez influenciar em reflexões em áreas diversas que englobam a indústria cultural e a busca da atualização de sua reflexão.

## 1.1 METODOLOGIA

A importância do planejamento adequado na pesquisa científica é indiscutível, e de acordo com Köche (2012), é preciso também ter em mente que adaptabilidade nas estratégias podem incentivar ideias e aprimoramento da condução da pesquisa visando alcançar o objetivo proposto da melhor forma.

A flexibilidade deve ser a característica principal do planejamento da pesquisa, de tal forma que as estratégias previstas não bloqueiem a criatividade e a imaginação crítica do investigador. A investigação não deve estar em função das normas, mas em função do seu objetivo que é buscar a explicação para o problema investigado. (Köche, 2012, p. 121).

Dentre as organizações das pesquisas científicas, o TCC fará uso da pesquisa qualitativa, adequada para investigar fenômenos complexos e subjetivos, como as relações entre arte, cultura e consumo, e permite a compreensão em profundidade dos dados coletados. Segundo Flick (2009), é possível observar uma ampla variedade de procedimentos metodológicos e programas conceituais e epistemológicos na pesquisa qualitativa. Dessa forma, não se pode associar essa

abordagem a apenas um ou dois métodos específicos, já que existem diferentes programas com origens, intenções e estratégias distintas para realização da pesquisa.

Com base nisso, a pesquisa em questão apresenta objetivo exploratório qualitativo, ou seja, tem como intuito descrever e analisar de maneira aprofundada as relações entre as capas de álbuns musicais e a indústria cultural, investigando como elas influenciaram outras formas de arte e expressão cultural. Ainda segundo o autor, a relevância das descobertas e a reflexividade dos procedimentos também são consideradas como critérios centrais na pesquisa qualitativa:

O objetivo da pesquisa está, então, menos em testar aquilo que já é bem conhecido (por exemplo, teorias já formuladas antecipadamente) e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas. Além disso, a validade do estudo é avaliada com referência ao objeto que está sendo estudado, sem guiar-se exclusivamente por critérios científicos teóricos, como no caso da pesquisa quantitativa. Em vez disso, os critérios centrais da pesquisa qualitativa consistem mais em determinar se as descobertas estão embasadas no material empírico, ou se os métodos foram adequadamente selecionados e aplicados, assim como na relevância das descobertas e na reflexividade dos procedimentos. (Flick, 2009, p. 24).

Segundo Paviani (2013, p. 76) “[...] a análise consiste em definir conceitos, estabelecer categorias, codificações, tabulações, dados estatísticos, generalizações de dados, relações entre variáveis, etc.”

Para que seja possível compreender a relação entre as capas de álbuns musicais selecionadas e sua contribuição para o cenário atual em torno das manifestações na cultura de consumo, bem como explorar como elas influenciaram outras formas de arte e expressão cultural, será necessário o uso de uma abordagem metodológica adequada.

Nesse sentido, a pesquisa adotará o método de análise de conteúdo, que conforme Bardin (2011), se apresenta como uma ferramenta adequada para a análise de materiais diversos, como imagens, textos e outras formas de comunicação. Esse método permite a identificação de temas, categorias e padrões recorrentes nos dados, além de permitir a análise das relações entre eles, e permitirão uma análise mais aprofundada das informações.

Assim, por meio da aplicação desse método, será possível compreender de forma mais aprofundada a contribuição das capas de álbuns musicais do subgênero Rock Clássico para a cultura pop e sua influência em outras formas de arte e

expressão cultural.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (Bardin, 2011, p. 147)

De acordo com os objetivos específicos e os dados coletados serão selecionadas as categorias, a fim de realizar uma análise minuciosa e organizada. A categorização é um processo fundamental na análise de conteúdo, pois permite a organização e classificação dos dados obtidos em diferentes classes ou grupos. Essas categorias podem ser definidas a priori, com base em possibilidades, ou emergir dos dados coletados durante a pesquisa. A autora destaca que a categorização deve ser um processo sistemático e rigoroso, garantindo a confiabilidade e a validade dos resultados obtidos na pesquisa.

Ainda segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ocorrer em 3 fases, são elas a pré-análise, a exploração do material e por fim o tratamento dos resultados. Dentro destas fases, ocorrem algumas etapas.

A primeira fase ocorre em quatro etapas. Primeiro a leitura geral dos materiais coletados, tendo uma vista geral de tudo que está pré-selecionado. Após isso ocorre a identificação e a separação das principais e mais relevantes apropriações para este fim, seguido de uma formulação de hipóteses, e finalizando com a elaboração de indicadores, medindo o impacto e identificando para qual aspecto da pesquisa aquele material é relevante.

Na segunda parte da presente análise, procedemos à exploração do material coletado, emergindo um aspecto crucial do projeto, a categorização. Nesse estágio, os dados e materiais coletados são atribuídos a uma das categorias predefinidas citadas anteriormente. Ademais, realiza-se uma avaliação para determinar se há necessidade de estabelecer subcategorias que permitam uma maior precisão e profundidade na classificação dos elementos analisados.

Por fim, a finalização desta análise compreenderá duas etapas fundamentais: o tratamento dos resultados dos conteúdos e a elaboração das conclusões a partir do entendimento desses resultados, considerando também a análise bibliográfica realizada e alinhando-se aos objetivos da pesquisa. Essa finalização visa proporcionar uma compreensão aprofundada e embasada dos dados coletados,

contribuindo para a validade e relevância do estudo.

Assim, as categorias selecionadas serão utilizadas como base para a análise dos dados coletados, permitindo um estudo mais aprofundado das relações entre as capas de álbuns musicais selecionadas e sua contribuição para a indústria cultural.

A pesquisa em questão tem como objetivo compreender e explorar, por meio também da análise semiótica, como as capas de álbuns musicais e suas apropriações influenciaram outras formas de arte e expressão cultural. Nesse sentido, além da análise das capas em si, serão considerados os signos presentes nas artes originais e nas apropriações, buscando compreender o seu impacto e significado dentro do contexto cultural. Essa abordagem será muito importante, visto que para Barros; Duarte (2006, p. 206), a semiótica explora a dinâmica de produção dos signos, os padrões inferenciais do pensamento e sua relação com a realidade de referência segundo a interpretação de terceiros:

A semiótica norte-americana, surgida a partir da obra do filósofo e lógico Charles Sanders Peirce (1839-1914), trabalha com o modo de produção do signo, os esquemas inferenciais do raciocínio (dedução, indução, abdução) e seu vínculo com a realidade referencial, dada pela mediação do "interpretante".

Para isso, serão utilizadas variadas fontes de coleta de dados, buscando informações que permitam uma análise ampla e aprofundada do tema.

Essa coleta de dados será realizada por meio de pesquisas bibliográficas, que permitirão identificar tendências, influências e contribuições que essas capas tiveram na cultura pop. Além disso, também serão coletados dados da internet, incluindo blogs, redes sociais, sites, entre outros, para levantar materiais como apropriações/*fanarts* feitas pelo público das capas de álbuns selecionadas. Este será um recurso importante para o levantamento de materiais a serem utilizados no TCC.

Segundo Barros; Duarte (2006), para se obter melhores resultados nos processos de busca na Web, é importante conhecer a estrutura e os recursos disponíveis nessa imensa biblioteca digital. Isso inclui compreender a organização da Internet, seu tamanho, o funcionamento dos mecanismos de busca e as características de cada buscador. Além disso, é essencial saber elaborar um plano de busca, pois a Internet está em constante mudança e as características dos sistemas de busca podem ser alteradas. No entanto, o conhecimento sobre como

desenvolver um plano de busca permanecerá eficaz.

Existem algumas maneiras de facilitar ainda mais e organizar esse processo, as duas abordagens principais são: os diretórios e os mecanismos de busca. Os diretórios organizam os sites em categorias e subcategorias, permitindo uma busca mais estruturada. Já os mecanismos de busca utilizam algoritmos para indexar e classificar as informações presentes na Web:

Devido à imensa oferta de informação na Web e à crescente dificuldade dos usuários em localizar informações que desejam, surgiram também os sistemas de busca especializados, voltados para áreas específicas, como medicina, direito, biologia, ciências sociais, documentos científicos etc. (Barros; Duarte, 2006, p. 152).

Os resultados de uma busca na Web são classificados e apresentados com base na relevância, utilizando um método específico de cada mecanismo de busca. Cada sistema de busca possui seu próprio algoritmo de classificação, que leva em consideração diversos fatores, como palavras-chave, popularidade do site, relevância do conteúdo, entre outros. Esses algoritmos são constantemente aprimorados e atualizados pelos desenvolvedores para oferecer resultados mais precisos e satisfatórios aos usuários.

Dentre as categorias organizadas pela estudante utilizadas na análise de conteúdo, estão *Apropriação Apaixonada*, que representará a paixão representada por fanarts, *Apropriação Formal*, que relaciona a forma como de expressão que se apropria por meio do design gráfico, *Apropriação Antenada*, que mostra as apropriações na indústria da moda, *Apropriação Midiatizada*, conectando as apropriações em veículos midiáticos e *Apropriação Consumista*, que relaciona as apropriações transformadas em mercadoria. Essas categorias permitirão avaliar diferentes aspectos relacionados às capas de álbuns, incluindo a forma como elas são consumidas pelo público, como são utilizadas pela indústria da moda, como são veiculadas pelos meios de comunicação, entre outros.

Destaca-se a importância da categorização na análise de conteúdo, permitindo uma organização mais clara e objetiva dos dados coletados, podendo identificar tendências e padrões que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Além disso, a categorização permite uma análise mais sistemática e profunda dos dados coletados, o que pode gerar insights importantes para a pesquisa. (Bardin, 2011)

Um aspecto importante a ser considerado na pesquisa é a coleta de materiais de apropriações feitas por veículos midiáticos sobre esses álbuns específicos. Isso permitirá avaliar o impacto dessas capas no mercado da música, bem como a influência que elas tiveram na criação de novos produtos. Serão coletados dados sobre como a publicidade e a indústria do consumo estão se apropriando de forma positiva dessas capas visuais para gerar novos produtos no mercado. Nesse sentido, a pesquisa também terá como objetivo identificar tendências de consumo relacionadas às capas de álbuns, bem como as características visuais que mais chamam a atenção do público. Será realizada uma análise minuciosa das capas selecionadas, buscando identificar padrões e elementos que tenham se destacado ao longo do tempo, bem como as influências que elas exerceram em outros artistas e em outras formas de arte.

No capítulo dedicado às capas dos álbuns musicais, exploraremos de maneira mais aprofundada a metodologia empregada para a análise das capas selecionadas. Este segmento será fundamentado em diretrizes específicas que nortearão a compreensão e interpretação dos distintos aspectos que estão presentes nas capas e apropriações escolhidas. Este capítulo desempenha um papel crucial na contextualização e fundamentação da pesquisa, contribuindo significativamente para o entendimento aprofundado da análise visual proposta ao longo deste TCC.

## **2. ARTE E MERCADORIA: APROPRIAÇÕES, CONSUMO E MERCADO MUSICAL**

A arte é um meio cativante de expressão humana, permitindo que a criatividade se manifeste através de diversas formas e mídias. Ao longo da história, ela tem servido como uma poderosa ferramenta para comunicar emoções, pensamentos e perspectivas, traduzindo a energia criativa interna em formas visíveis que revelam intenções e experiências que, de outra forma, iriam permanecer ocultas. A relação entre a fonte de inspiração criativa e o meio de expressão é fundamental para compreender a complexidade da arte.

Diferentes formas de expressão artística ao longo das eras revelam contrastes interessantes. Algumas, como a dança e o canto, incorporam instantaneamente emoções nos movimentos do corpo, enquanto outras, como a pintura, criam um hiato entre a emoção vivida e o gesto da mão que executa a obra. Esse contraste destaca a riqueza e a complexidade das expressões artísticas, mostrando como os artistas moldam a experiência humana de maneiras que transcendem o tempo, comunicando não apenas emoções, mas também histórias, visões de mundo e relações humanas com a realidade circundante.

Movimentos artísticos como o Renascimento, o Maneirismo, o Realismo, o Dadaísmo e o Surrealismo exemplificam como a criatividade humana é alimentada pela inspiração do passado, resultando em abordagens inovadoras e revolucionárias na expressão artística. Esses movimentos desafiaram as convenções estabelecidas de maneira renovadora e influenciaram a forma como a arte é concebida, produzida e percebida, enriquecendo nossa compreensão da arte contemporânea e sua relação com expressão, consumo e mercado artístico.

A influência desses movimentos históricos continua a ecoar na arte contemporânea, onde a apropriação artística continua a ser um fenômeno explorado por muitos artistas. Essa manifestação provoca conceitos preconcebidos sobre autenticidade, promovendo discussões sobre apropriações e recontextualização na arte. Além disso, a indústria cultural muitas vezes faz uso de elementos artísticos e culturais para transformá-los em produtos comerciais, impactando a sociedade de várias maneiras.

No contexto da música, essa forma de expressão artística desempenha um papel fundamental na cultura e na sociedade, refletindo emoções e eventos sociais, culturais e políticos. A música transcende barreiras culturais e linguísticas, conectando as pessoas em um nível profundo e intuitivo. Diversos artistas exploraram a convergência entre som e imagem, buscando criar experiências com diferentes sentidos. Além disso, músicos usam elementos visuais, como figurinos e videoclipes, para enriquecer a experiência musical e transmitir sua mensagem e estilo, destacando a importância das capas de álbuns como uma forma crucial de identidade visual na música. Esses elementos visuais desempenham um papel vital na promoção da música, estabelecendo conexões visuais com o público e moldando a percepção do trabalho musical na cultura contemporânea.

## 2.1. ARTE: EXPRESSÃO, CRIATIVIDADE, RUPTURAS

Dentro do universo das expressões artísticas, reside uma intrincada relação entre a ideia de expressão e o fluxo de energia criativa. Essa dinâmica é influenciada pela essência da arte como um meio de comunicar emoções, perspectivas e pensamentos. Ressalta-se essa ligação fundamental entre a fonte de energia criativa e o signo que a manifesta. A expressão artística transforma a força interior em formas concretas, tornando tangíveis diversas intenções e experiências:

A idéia de expressão está intimamente ligada a um nexos que se pressupõe existir entre uma *fonte de energia* e um *signo* que a veicula ou a encerra. Uma força que se exprime e uma forma que a exprime. (Bosi, 1991, p. 50).

Essa ligação é particularmente evidente na conexão entre os afetos vividos e os movimentos do corpo nas artes performáticas, como o canto, a dança e as pantomima, onde os sentimentos e emoções são expressos quase simultaneamente traduzidos nos gestos corporais. No entanto, ainda segundo o autor, quando transitamos para as artes visuais, como a pintura, essa conexão se estende através de uma janela temporal mais ampla e complexa. Na pintura, principalmente em abordagens estilizadas ou abstratas, o hiato entre a emoção vivida e o gesto da mão que executa a obra é acentuado. A imagem fixada na tela torna-se um testemunho não apenas do *pathos*<sup>3</sup> do pintor, mas também da sua ótica, seu modo de ver o mundo, que é enriquecido por suas experiências históricas e sua relação com a natureza e os objetos circundantes.

---

<sup>3</sup> Termo grego – numa obra de arte, se refere à sua expressividade de sentimentos poderosos e apaixonados, com certa perda do equilíbrio clássico

Esse contraste entre diferentes formas de expressão artística revela uma dicotomia interessante. Enquanto algumas formas, como o canto e a dança, são capazes de imediatamente incorporar os afetos vividos nos movimentos corporais, as artes visuais como a pintura apresentam um intervalo que permite a incorporação de uma gama mais ampla de influências e perspectivas, enriquecendo assim a expressão. O olhar do pintor, sua visão única e historicamente situada, torna-se um elemento intrínseco da obra, transcendendo a mera representação e adicionando camadas de significado e contexto.

Esse dinamismo entre a materialização instantânea de emoções no corpo e a interpretação filtrada do olhar do artista na pintura ressalta a riqueza e complexidade das expressões artísticas. Através de diversos meios, artistas moldam a experiência humana em formas que transcendem o tempo e comunicam não apenas emoções, mas também histórias, visões de mundo e relações humanas com a realidade circundante.

Nesse contexto das artes, a perspectiva de explorar experimentos de pensamento é uma abordagem intrigante e enriquecedora. Vasarely por exemplo, um artista associado à arte óptica e cinética, questionou as percepções tradicionais da forma e identidade das obras de arte, abrindo novos horizontes para a exploração estética:

No caso das outras artes, seria possível imaginar experimentos-de-pensamento análogos à proposta de Vasarely, a fim de mostrar como mudanças nos critérios de identidade de suas obras poderiam influir (e, portanto, como os critérios de identidade existentes influem) sobre o modo como o artista concebe aquilo que faz, tendo, assim, relevância para a estética. (Wollheim, 1994, p. 152).

Analogamente, em outras formas de expressão artística, a aplicação de experimentos imaginativos que desafiam os critérios convencionais de identidade pode ter profundas implicações. Consideremos a música, por exemplo. Poderíamos imaginar experimentos de pensamento que questionem as estruturas tradicionais de composição, tonalidade e harmonia podem desencadear abordagens inovadoras na criação musical. Isso não apenas exploraria novas sonoridades, mas também ofereceria aos artistas uma nova lente através da qual eles concebem e expressam suas composições, subvertendo expectativas e desafiando convenções estabelecidas.

Esses experimentos não só têm relevância para a estética, mas também podem expandir os horizontes da criatividade, questionando o *status quo* e permitindo que os artistas percorram territórios inexplorados. Ao desafiar os critérios de identidade existentes, os artistas são impulsionados a considerar novos aspectos de suas obras, revelando camadas mais profundas de significado e conexão com o público.

Além destas distintas formas de expressão artística, é importante notar como as artes visuais e as performáticas muitas vezes interagem e se complementam. Enquanto as artes performáticas, como o canto e a dança, têm a capacidade singular de imediatamente traduzir emoções em movimentos corporais, as artes visuais, especialmente a pintura, oferecem uma abordagem mais sutil e contemplativa.

Segundo Bosi (1991), é notório que a riqueza da experiência humana transcende os limites de qualquer forma única de expressão. Para ilustrar essa observação, podemos considerar os cartazes utilizados para promover espetáculos teatrais ou filmes. Esses cartazes, muitas vezes elaborados com destreza artística, atuam como uma ponte entre o mundo performático e o visual. Eles não apenas fornecem informações práticas, mas também empregam elementos visuais para capturar o espírito da performance, transmitindo ao público potenciais sentimentos e atmosfera.

Por outro lado, a relação recíproca também é evidente. A dança, por exemplo, pode ser inspirada por pinturas que evocam emoções ou narrativas profundas. As artes visuais frequentemente capturam momentos de emoção, histórias e paisagens culturais que, por sua vez, podem servir como fontes de inspiração para performances e coreografias. Os artistas performáticos podem explorar uma pintura para extrair sua essência e transformá-la em movimento.

Essa sinergia entre as artes visuais e as performáticas amplia o impacto emocional e intelectual da arte como um todo. A interação entre o imediatismo das artes performáticas e a reflexão prolongada das artes visuais enriquece a experiência artística, proporcionando uma tapeçaria complexa de interpretações e emoções. Assim, o relacionamento interdisciplinar entre essas formas de expressão ressalta a profunda ligação da criatividade humana e a maneira pela qual diferentes

linguagens artísticas dialogam para contar histórias e explorar a diversidade de experiências humanas.

A trajetória da arte é caracterizada por diversas metamorfoses e movimentos que moldaram a expressão artística ao longo dos séculos. Nesse sentido, torna-se relevante analisar como alguns movimentos artísticos moldaram as manifestações dos artistas da época e como suas criações se converteram em veículos de representação de emoções, ideias e eventos do período. Adorno corrobora com esse entendimento e destaca que a influência e a apropriação entre diferentes ramos artísticos podem resultar em interpretações díspares, indicando que tais interações não são meros pretextos, mas sim processos complexos que refletem as aspirações do público e da cultura circundante:

Quando um ramo artístico procede segundo a receita de outro, sendo eles muito diferentes pelo conteúdo e pelos meios de expressão, quando o elo dramático da soap opera no rádio se transforma numa ilustração pedagógica do mundo por meio do qual se resolvem dificuldades técnicas, dominadas jams nos pontos culminantes da vida do jazz, ou quando a “adaptação” experimental de uma frase de Beethoven se faz segundo o mesmo esquema da de um romance de Tolstói em um filme, o recurso aos desejos espontâneos do público torna-se um pretexto inconsistente. (Adorno, 2023, p. 09).

Entre esses movimentos que moldaram a expressão artística ao longo dos séculos, destaca-se o Renascimento, o Maneirismo, o Realismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e a Pop Art, que marcaram uma ruptura com as convenções tradicionais e abriram novas possibilidades de expressão. Por conta disso, entendemos a importância de analisar como estes movimentos artísticos influenciaram a forma que os artistas da época se manifestavam e como suas obras se tornaram veículos de representação dos sentimentos, ideias e acontecimentos de sua época. Além de que, ao explorarmos neste projeto, essa temática das apropriações no âmbito artístico, é fundamental abordarmos a discussão histórica que envolve esse aspecto nos determinados movimentos.

O Renascimento foi um movimento cultural que se desenvolveu na Europa entre 1300 e 1650, no final da Idade Média e na Idade Moderna. Embora o termo sugira que a Europa teria assistido a um súbito reviver dos ideais da cultura greco-romana, durante o período medieval, o interesse pelos autores clássicos não desapareceu:

Na verdade, o Renascimento significou muito mais do que o simples reviver da cultura clássica: nesse período, ocorreram, no campo das artes plásticas, da literatura e das ciências, inúmeras realizações que superaram essa herança. O ideal do humanismo foi, sem dúvida, o móvel de tais realizações e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. (Proença, 2011, p. 92).

O humanismo pode ser entendido como a valorização do ser humano e da natureza em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média. Tanto na arquitetura como na pintura e na escultura, o artista do Renascimento buscou expressar a racionalidade e a dignidade do ser humano. A arte renascentista se destacou pela representação realista do mundo, pela perspectiva e pelo uso da luz e sombra para criar ilusões de profundidade.

Em adicional, de acordo com Cortelazzo (2012), o Renascimento, e até o Realismo também, foram períodos de intensa transformação artística, nos quais diversos artistas buscavam uma representação mais fiel da realidade e exploravam novas técnicas e temáticas. No Renascimento, por exemplo, a admiração pelas obras gregas e romanas impulsionou estudos minuciosos, incluindo esboços, desenhos e até dissecação de cadáveres, visando superar a arte da Antiguidade Clássica. Nesse contexto, o homem e suas descobertas científicas ganharam destaque, refletindo uma visão antropocêntrica do mundo. Artistas como Leonardo da Vinci contribuíram significativamente para o desenvolvimento desse movimento. Da Vinci, conhecido por suas habilidades polivalentes e seu domínio das técnicas artísticas, trouxe uma abordagem científica para a arte, buscando capturar a natureza e a anatomia humana com precisão.

A arte renascentista foi além da representação exclusiva de cenas religiosas, contrariando a ideia equivocada comumente difundida. Embora tenha rompido com a tradição medieval, a arte do século XV ainda abordava temas religiosos, ao mesmo tempo em que explorava eventos do mundo secular. Um exemplo notável é a investigação da mitologia grega, que passou a servir como fonte temática e inspiração para as novas expressões artísticas da época (Cortelazzo, 2012). Em destaque Michelangelo Buonarroti, cujas obras grandiosas, como a pintura da Capela Sistina e a escultura de David, representaram um marco na expressão artística e na representação do corpo humano. Sua contribuição para o Renascimento trouxe uma nova dimensão à arte, combinando beleza estética e

emoção intensa. Esse espírito investigativo e a busca por uma representação mais fiel da realidade permitiram que a arte do Renascimento se tornasse uma forma de expressar os sentimentos e ideias daquele momento histórico.

Vemos uma vez mais como se tornou importante para o artista mostrar os sentimentos de suas figuras. [...] Vemos uma vez mais como se tornou importante para o artista mostrar os sentimentos de suas figuras. (Gombrich, 2000, p. 195).

Também foi um período de grande efervescência cultural e artística na Europa, momento em que os artistas buscavam inspiração nas artes clássicas da Grécia e Roma antigas. O tratado de Alberti, por exemplo, marcou o início de uma atitude crítica em relação à Antiguidade Clássica e foi considerado o precursor dos tratados renascentistas verdadeiramente eruditos, explica Panofsky (2001).

Um dos principais artistas do Renascimento foi Leonardo da Vinci. Ele foi um artista completo, que se destacou não apenas na pintura, mas também na escultura, arquitetura, engenharia e ciência. Suas obras são conhecidas por sua beleza e perfeição técnica, destacando-se como um artista versátil, transcendendo os limites da pintura. Sua genialidade se manifesta de maneira notável na Mona Lisa, uma obra-prima que perdura como uma das mais importantes da história da arte. O que torna Da Vinci verdadeiramente criativo é a maneira como ele incorpora o sfumato em suas pinturas, uma técnica que utiliza transições suaves entre as cores e tons, conferindo uma qualidade etérea e misteriosa às suas criações. Essa abordagem única não é apenas um aspecto técnico, mas uma fonte rica de inspiração criativa. Da Vinci usa essa técnica para criar uma atmosfera envolvente, onde as fronteiras entre luz e sombra se fundem suavemente, permitindo que as expressões do retratado se desdobrem de maneira sutil e intrigante. Sua abordagem inovadora não apenas redefiniu os padrões estéticos de sua era, mas estabeleceu um precedente duradouro na história da pintura.

As pinturas também refletiam os valores culturais e estilísticos da época da música renascentista. A pintura renascentista foi marcada pelo retorno ao classicismo, com ênfase na representação precisa da anatomia humana e na busca pela perspectiva e proporção ideais. No entanto, destaca-se que este retorno não é um mero resgate de convenções antigas, mas sim uma renovação que traz consigo um novo olhar sobre os temas daquele tempo. O Renascimento teve um grande

impacto na arte ocidental e influenciou muitos outros movimentos artísticos que surgiram posteriormente. O Barroco, por exemplo, foi um movimento artístico que surgiu no século XVII e se caracterizou pelo uso exagerado de ornamentos e pela dramaticidade das obras. Um exemplo vívido dessa quebra provocativa das convenções clássicas no movimento barroco é a obra *Lute-Player* do renomado artista Caravaggio (Figura 1). Nesta pintura, Caravaggio desafia a busca pela representação idealizada ao retratar o tema clássico de um músico de uma maneira surpreendentemente realista e visceral. Em vez de seguir a tradição renascentista de suavizar as imperfeições e idealizar a figura humana, Caravaggio opta por uma abordagem mais ousada e inconvençãoal. A dramaticidade da cena é intensificada pela iluminação contrastante, que cria uma atmosfera de profundidade e destaque, jogando com sombras e luz de maneira única. O músico, em vez de posar de maneira estática e idealizada, é representado de uma forma mais natural e dinâmica.

Figura 1 – *Lute-Player* por Caravaggio (1595-1596)



Fonte: Disponível em:

<[www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/31511](http://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/31511)>. Acesso em: 18 nov. 2023

Ao quebrar com a estética clássica e introduzir elementos realistas e provocativos, Caravaggio mostra essa quebra da forma como os artistas abordam temas tradicionais. No contexto da música renascentista, que frequentemente buscava harmonia e equilíbrio, a obra destaca-se como uma expressão ousada que transcende as fronteiras das artes visuais. O Barroco, através de obras como essa,

torna-se uma revolução visual e sonora que transcende as fronteiras do convencional, redefinindo a arte e sua capacidade de emocionar e provocar.

Ao longo dos séculos, a arte continuou a evoluir e a se transformar. A influência do Renascimento sobre a expressão artística não apenas redefiniu abordagens técnicas e temáticas, mas também introduziu uma perspectiva antropocêntrica, na qual o homem e suas descobertas científicas foram elevados.

O Maneirismo, por sua vez, foi um movimento artístico e cultural que se desenvolveu na Europa no final do Renascimento, principalmente durante o século XVI, embora suas origens possam ser rastreadas no início desse século. Eco (2008) discorre que esse movimento artístico que floresceu no final do Renascimento e início do Barroco, representa uma notável mudança na concepção da arte e na abordagem aos elementos do passado. A transição do Renascimento para o Maneirismo pode ser vista como uma resposta à rigidez das normas clássicas que dominaram o período anterior.

O movimento renascentista foi caracterizado pela busca da imitação das harmonias da natureza e pela perfeição estética como visto anteriormente. Artistas representavam essa busca pelo "belo" através da imitação precisa e real. No entanto, com o surgimento do Maneirismo, houve uma reviravolta na maneira como a arte era concebida e se caracteriza por uma estilização mais complexa e elaborada, afastando-se da busca direta pela reprodução naturalista e inspirando-se de elementos renascentistas para criar uma estética única e intrigante

O Maneirismo marcou o início de uma abordagem mais expressiva e subjetiva da arte. Os artistas maneiristas, dominados pela inquietação e pela "melancolia", não se voltaram mais para a imitação do belo, mas sim para o expressivo. Eles começaram a explorar a teoria do engenho, onde a ideia interior concebida pela mente do artista se tornou uma manifestação do divino. A deformação artística foi justificada como uma recusa à simples imitação das regras estabelecidas:

O maneirista tende à subjetivação da visão: enquanto a perspectiva monocular dos renascentistas visava à reconstrução de uma cena como se fosse vista por um olho matematicamente objetivo, o artista maneirista dissolve a estrutura do espaço clássico [...] (Eco, 2008, p. 169).

Esse movimento representou uma escolha do expressivo sobre o belo, com uma tendência ao bizarro, extravagante e disforme, como por exemplo a obra O

inverno (figura 2) de Giuseppe Arcimboldo. Essa mudança na abordagem artística não se limitou apenas à estética, mas também influenciou a forma como temas como a beleza feminina e os defeitos humanos eram representados. As imperfeições, antes consideradas desvios da norma, passaram a ser vistas como elementos de interesse e estímulos voluptuosos. Isso foi um precursor de movimentos posteriores, como o Romantismo e o Decadentismo, que também exploraram a beleza na feiura.

Figura 2 – O Inverno por Giuseppe Arcimboldo (1563)



Fonte: Disponível em: <<https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010064967>>. Acesso em: 07 set.

2023

Portanto, este foi um movimento que desafiou as convenções estabelecidas do Renascimento, inaugurando uma era de expressão artística mais subjetiva e emotiva. Ele ilustra como os movimentos artísticos podem se apropriar e reinterpretar elementos do passado para se transformar em algo completamente novo e inovador, marcando assim uma importante transição na história da arte.

Já com o Realismo, as possibilidades de expressão artística se expandiram ainda mais. Artistas passaram a realizar estudos e esboços, preocupando-se cada vez mais com a representação fiel da natureza. Gustave Courbet, considerado o pai

do movimento realista, destacou-se por retratar a vida cotidiana e a classe trabalhadora com uma abordagem honesta e detalhista, Para Argan (1996) "Courbet quer viver a realidade como ela é, nem bela e nem feia [...]". Sua obra *Um Enterro em Ornans* desafiou as convenções acadêmicas da época ao retratar a simplicidade e a autenticidade da vida rural.

Entende-se a relação entre arte e possibilidades de expressão, se revelando de forma profunda no Renascimento e Realismo. Esses movimentos artísticos inauguraram uma nova forma de manifestação, rompendo com as convenções tradicionais e permitindo que os artistas explorassem temas diversos e representassem a realidade de maneira mais fiel, como por exemplo na obra do pintor brasileiro Almeida Junior, *O Violeiro* (figura 3). Com o estudos minuciosos, investigações temáticas e uma abordagem mais realista, a arte se tornou um veículo poderoso para expressar os sentimentos, ideias e acontecimentos de sua época.

Figura 3 – O Violeiro por Almeida Junior (1899)



Fonte: Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/o-violeiro-the-guitar-player-almeida-junior/QwEK8L0OIq25SA?hl=pt-br>. Acesso em: 07 set. 2023

Compreender as possibilidades de expressão na arte é fundamental para uma análise mais abrangente da própria humanidade. Ao explorar a relação entre arte e possibilidades de expressão, podemos obter *insights* valiosos sobre os contextos históricos, as transformações sociais e as mentalidades de diferentes épocas. O Renascimento e o Realismo são apenas pontos de partida nessa jornada, mas suas

influências perduram até os dias de hoje, moldando a forma como a arte é concebida, produzida e consumida, abrindo portas para uma compreensão mais profunda da arte em todas as suas formas e possibilidades.

Entretanto, movimentos como o Dadaísmo já entram em um campo mais aprofundado do termo apropriação. Surgido durante a Primeira Guerra Mundial, representou uma revolta contra as convenções tradicionais da arte, filosofia e moral. Durante esse período, artistas e intelectuais de diversas nacionalidades se exilaram em Zurique, Suíça, devido à oposição ao conflito. Proença (2011) observa que eles buscavam expressar suas decepções com o fracasso das ciências, religião e filosofia em evitar a devastação que se abatia sobre a Europa. A origem do nome *Dadá* foi escolhido aleatoriamente pelo poeta Tristan Tzara e significa "cavalo" em francês infantil, simbolizando a perda de sentido da arte devido à irracionalidade da guerra. Compreender o Dadaísmo envolve reconhecer sua natureza revolucionária, que se conecta diretamente às apropriações e inspirações dos movimentos artísticos em relação ao passado. Os dadaístas foram radicais em seu desejo de romper com as convenções estabelecidas e tradições artísticas, o que resultou em uma abordagem profundamente inovadora:

Dessa forma, os dadaístas propunham que a criação artística se libertasse das amarras do pensamento racionalista e sugeriam que ela fosse apenas o resultado do automatismo psíquico, selecionando e combinando elementos ao acaso. (Proença, 2011, p. 268).

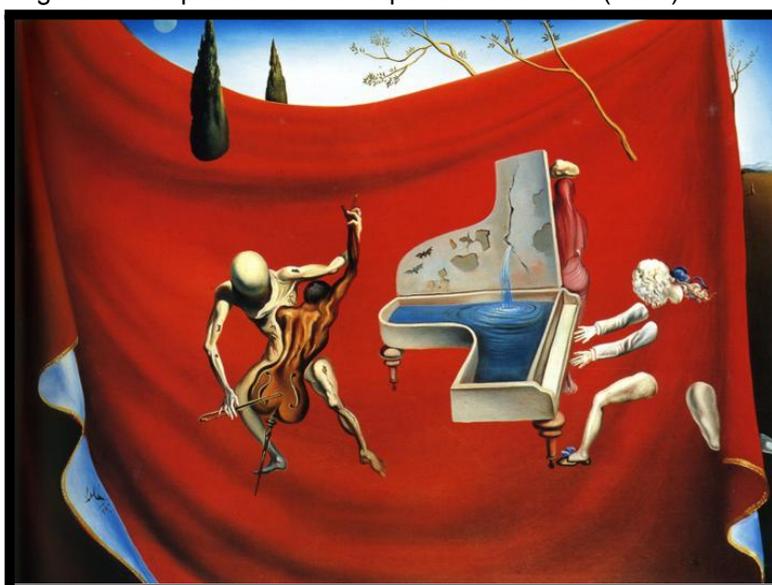
Vale ressaltar que o movimento não estava apenas preocupado com a expressão plástica; ele também buscava a sátira e a crítica aos valores tradicionais que, apesar de serem aparentemente prezados, foram responsáveis pelo caos na Europa. Os dadaístas acreditavam que muitos atos humanos eram automáticos e independentes de razões lógicas, o que influenciou sua abordagem na criação artística.

Além disso, o Dadaísmo desempenhou um papel fundamental na evolução da arte, pois suas ideias sobre automatismo psicológico e a rejeição da lógica inspiraram o surgimento do Surrealismo em 1924, na qual associava a criação artística ao automatismo psíquico puro, negando a razão, a moral e a preocupação estética. Nesse contexto, as obras criadas nada deviam à razão lógica do

consciente. Ao contrário, eram as manifestações absurdas e ilógicas, como imagens de sonhos e alucinações, que produziam as criações artísticas mais interessantes.

Artistas surrealistas frequentemente representavam aspectos da realidade com um toque de Realismo, mas combinados a elementos dissociados, resultando em conjuntos irrealis, ainda destaca a autora. Salvador Dalí, um dos pintores surrealistas mais conhecidos, desenvolveu a ideia de desacreditar na realidade enquanto pintava. Suas obras, como Orquestra Vermelha (figura 4), são famosas por suas representações absurdas e ilógicas.

Figura 4 – Orquestra Vermelha por Salvador Dali (1957)



Fonte: Disponível em: <<https://www.wikiart.org/en/salvador-dali/music-the-red-orchestra-1>>. Acesso em: 07 set. 2023

O Dadaísmo e o Surrealismo, com sua ênfase na liberdade criativa e na quebra das convenções estabelecidas, exemplifica como os movimentos artísticos frequentemente se apropriam do passado, rejeitam ou subvertem suas normas e ideais e, assim, moldam o curso da arte contemporânea. Com foco no automatismo psicológico e na crítica aos valores tradicionais, o Dadaísmo influenciou diretamente o Surrealismo, abrindo caminho para uma forma de expressão artística que explorava o irracional e o ilógico. O Surrealismo continuou essa exploração, criando obras que desafiavam a lógica e a realidade percebida. Esses movimentos artísticos demonstram como a apropriação e a inspiração do passado podem moldar o curso da arte contemporânea, permitindo que os artistas explorem novas fronteiras da criatividade.

Podemos perceber então que a expressão artística é um vasto território de exploração, onde os criadores constantemente testam diferentes técnicas para dar vida às suas visões. Esse contexto histórico e suas apropriações artísticas fornecem um terreno fértil para a compreensão das dinâmicas de influência e transformação entre o passado e o presente. À medida que avançamos em nosso estudo, também exploraremos movimentos subsequentes, e como enriquecemos nossa análise das apropriações e a maneira pela qual os artistas reimaginaram e moldaram o legado cultural em constante evolução. Assim, consideramos essencial investigar como essas abordagens históricas continuam a ecoar na complexa interação entre a arte e a cultura contemporâneas.

## 2.2. SOBRE ARTE E AS APROPRIAÇÕES

Com esse diálogo entre passado e presente, podemos enriquecer nosso olhar sobre a arte contemporânea e sua relação com a expressão, o consumo e o mercado musical. É fundamental reconhecer que os movimentos artísticos se apropriam uns dos outros ao longo do tempo, resultando em transformações e evoluções significativas, como já vimos anteriormente, o Realismo de 1850 pode diferir do realismo de 1915, quando o Dadaísmo emergiu como um movimento artístico disruptivo. Contudo, o Dadaísmo, por sua vez, fazia uso de objetos e obras da sua atualidade também, como forma de expressão. Essa dinâmica pode ser chamada de apropriação, e dialogava entre diferentes movimentos artísticos contribui para uma compreensão mais abrangente da arte contemporânea e suas interações com o universo da música, consumo e mercado.

Adentrando no termo apropriação, a palavra pode ter vários significados dependendo de seu contexto. Na circunstância deste TCC, apropriação se refere à ação ou efeito de apropriar, de tomar algo para si, de se apossar. Isso envolve a adaptação de uma ideia ou a adequação de algo para um propósito específico. Um compilado de fragmentos, espólios, que resulta em um novo contexto.

Apropriação incorpora o mundo social ao seu redor, definindo elementos que se tornam parte de sua natureza, através de novas conexões. A apropriação, como um processo de internalização de ações sociais, é fundamentalmente um processo de aprendizagem:

O termo apropriação refere-se ao processo por meio do qual o ser humano interioriza/apreende o mundo social, suas objetivações, simbolismos, significados, valores, ações e esquemas mentais, tornando-os seus, isto é, tornando-os parte integrante de seu psiquismo, de sua natureza (o que implica dizer também parte de seu corpo, por meio das novas conexões neurais). O processo de apropriação, enquanto processo de interiorização de ações e objetivações sociais, é um processo educativo (de aprendizagem) por excelência. (Benedett, 2009, p. 81).

Já para Machado (2022) o termo apropriação pode ser conduzido para lados diferentes, contudo será muito bem aplicado no contexto deste trabalho, os conceitos de homenagem e visibilização:

[...] uma apropriação pode ser uma homenagem ou um plágio, pode ser uma visibilização ou um apagamento, conforme os valores e jogos de poder nela demonstrados. (Machado, 2022, p. 192).

No contexto da arte e da criação, a apropriação muitas vezes se refere ao uso de elementos pré-existentes, como textos, imagens ou ideias, em novas obras. Isso pode envolver a recontextualização desses elementos, a combinação deles de novas maneiras, ou a reinterpretação deles através de uma nova perspectiva.

Benjamin (2018) discute a ideia de autenticidade na arte. Ele introduz o conceito de “aura”, que se refere à singularidade e à autenticidade de uma obra de arte. Segundo o autor, a aura de uma obra de arte está ligada à sua presença no tempo e no espaço da obra. No entanto, com a reprodução técnica das obras de arte, essa aura pode ser perdida. Mesmo que a imitação seja perfeita, a aura - a existência única da obra original - não existe mais na reprodução. Isso levanta questões interessantes sobre a autenticidade e a propriedade na era da reprodutibilidade técnica.

A abordagem de Kleon (2013) sobre a apropriação criativa é altamente relevante para a compreensão do processo de criação, especialmente quando aplicada ao contexto de apropriação utilizada neste TCC. O autor destaca que a criatividade não surge de forma isolada, mas é alimentada pela combinação de diversas influências e inspirações. A ideia de “roubar” que ele apresenta não se refere a uma cópia direta, mas sim à prática de coletar e recombinar ideias existentes, transformando-as em algo novo e singular.

Reconhecer as fontes de inspiração e dar crédito apropriado é crucial. Atribuir adequadamente as influências contribui não apenas para a integridade da obra, mas

também para o enriquecimento da mensagem expressada. Ao aplicar essa perspectiva, é possível explorar como a apropriação de conceitos e ideias preexistentes não apenas enriquece o conteúdo, mas também demonstra uma abordagem criativa.

O movimento artístico Dadaísmo foi extremamente provocador e extremista, buscando desafiar as convenções artísticas estabelecidas:

O Dada foi, sem dúvida, o mais polêmico e radical dos movimentos de Arte Moderna. Tratava de criar uma série de ações, poemas, objetos, imagens que eram motivados pela ideia de anti-arte, ou seja, as próprias noções de arte eram alvo de ataque dos artistas dadaístas. Um dos lendários locais que abrigaram e motivaram as práticas artísticas “non-sense” propostas pelo Dada era o Cabaré Voltaire. (Argan, 1996, p. 353).

Utilizando técnicas de apropriação e colagem, eles exploravam objetos cotidianos e materiais encontrados para criar novas obras de arte. Um exemplo marcante desse movimento é *A Fonte* (1917), representado na figura 5, uma obra atribuída a Marcel Duchamp que escandalizou o público ao desafiar as convenções artísticas e questionar a definição de obra de arte.

A apropriação artística desempenhou um papel fundamental no movimento dadaísta, desafiando as ideias já existentes sobre originalidade, autoria e valor artístico. Em 1919 Duchamp também criou *L.H.O.O.Q.*<sup>4</sup> (figura 5), uma releitura da *Mona Lisa* com bigode, utilizando a técnica da apropriação para questionar as convenções estéticas e o valor da originalidade na arte. O artista reproduziu em tamanho reduzido da *Mona Lisa* e adicionou um bigode desenhado com lápis, além de inscrever as letras *L.H.O.O.Q.* na parte inferior da imagem. Com essa intervenção aparentemente simples, Duchamp desafiou as convenções estéticas e questionou o valor da originalidade na arte (Kowalski, 2021).

---

<sup>4</sup> A sigla pronuncia a frase francesa "Elle a chaud au cul", que significa "Ela tem um rabo quente" (tradução nossa).

Figura 5 – A Fonte (1917) e L.H.O.O.Q. (1919)



Fonte: Montagem feita pela autora. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/en/marcel-duchamp>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Estas obras são consideradas uma forma de *ready-made*, um termo cunhado pelo próprio artista para descrever objetos comuns do cotidiano que são transformados em obras de arte por meio de uma mudança de contexto. Duchamp desafiou a noção de autoria e questionou a importância da habilidade técnica ao transformar um ícone da arte em uma composição humorística e subversiva.

Ready-mades podem escarnecer da elevação que os circuitos artísticos impunham a si mesmos, incorporar uma proposta de manipulação e recontextualização da própria história do objeto enquanto pronto, instigando o artista ao não construir, mas a reivindicar através de sua vontade o status de obra de arte provocando a essência da arte. O ready-made explora o paradoxo de que todo o objeto exposto por um artista numa galeria se torna arte. Duchamp examinou a forma com que um objeto poderia torna-se algo raro conforme fosse acrescido de algum detalhe pessoal [...]. (Litting, 2015, p. 37).

A técnica da colagem foi amplamente utilizada pelos dadaístas. Ao combinar fragmentos de diferentes fontes, eram criadas composições artísticas que desafiavam as expectativas do público e subvertiam as convenções estéticas. A influência das apropriações artísticas do Dadaísmo pode ser percebida até os dias de hoje na arte contemporânea. A prática de apropriação continua sendo explorada por muitos artistas, que utilizam elementos e referências encontradas em diferentes contextos para criar novas obras. A apropriação permite questionar a autoria, a originalidade e a autenticidade, levantando discussões sobre a cultura do remix, do plágio e da recontextualização na arte (Litting, 2015).

Além do Dadaísmo, outros movimentos artísticos revolucionaram a concepção da arte. A Pop Art, por exemplo, tendo como representantes artistas como Andy Warhol e Roy Lichtenstein. O movimento questionou a distinção entre a arte de elite e a cultura popular, estimulando uma reflexão crítica sobre o consumismo e a sociedade de consumo. Essa corrente artística se apropriou da cultura popular e dos ícones da mídia de massa, utilizando imagens de produtos comerciais, celebridades e elementos da cultura popular em suas obras:

[...] Pop Art, um movimento artístico que se iniciou nos anos 1950 no Reino Unido e alcançou a maturidade na década de 1960 nos Estados Unidos. Entre as diversas características que críticos de arte e comentadores sugerem como essenciais para enquadrar um trabalho ou um artista como parte do movimento Pop estão presentes o uso de imagens existentes da cultura de massa que já foram processadas em duas dimensões (preferencialmente emprestadas da publicidade, da fotografia, das histórias em quadrinhos e de outros produtos da cultura de massa), e um mergulho em áreas de gosto popular e kitsch previamente consideradas fora dos limites da arte. (Livingstone, 1990 *apud* Kowalski, 2021, p. 10).

Esses movimentos artísticos, incluindo o Dadaísmo e a Pop Art, representaram uma quebra com as tradições e convenções estabelecidas, revolucionando a forma como a arte era concebida e explorando novas possibilidades criativas. Eles trouxeram uma abordagem experimental, desafiadora e provocativa, buscando romper com as normas estabelecidas e expandir os limites da arte contemporânea. A prática da apropriação continua a influenciar e desafiar os artistas contemporâneos, incentivando a reinterpretação, reapropriação e ressignificação de elementos visuais e conceituais em suas obras, como por exemplo a obra de Andy Warhol (figura 6), na qual ele se apropria artisticamente e reinterpreta os detalhes de pinturas renascentistas (Sandro Botticelli, *Birth of Venus*, 1482).

Figura 6 – *Details of Renaissance Paintings* por Andy Warhol (1984)



Fonte: Disponível em:

<[https://www.allposters.com/-sp/Details-of-Renaissance-Paintings-Sandro-Botticelli-Birth-of-Venus-1482-1984-pink-Posters\\_i14418516\\_.htm?UPI=F8L1EC0&sOrigID=29184](https://www.allposters.com/-sp/Details-of-Renaissance-Paintings-Sandro-Botticelli-Birth-of-Venus-1482-1984-pink-Posters_i14418516_.htm?UPI=F8L1EC0&sOrigID=29184)>. Acesso em: 07 set. 2023

Falando nestas manifestações artísticas e suas apropriações, a indústria cultural também desempenha um papel significativo, pois muitas vezes ela se apropria de elementos culturais, como estilos musicais, imagens visuais e narrativas, transformando-os em produtos comerciais. Essa apropriação pode simplificar e diluir a autenticidade das expressões culturais originais, tornando-as mais acessíveis ao público em massa. Ela é um fenômeno complexo que tem um impacto profundo na sociedade contemporânea. Observamos como a indústria cultural reflete na sociedade, sua relação com os movimentos artísticos e como influencia outros aspectos da vida social, como a economia e o mercado.

Theodor W. Adorno foi um filósofo, sociólogo e compositor alemão do século XX e um dos principais membros da Escola de Frankfurt. A indústria cultural é explicada por Adorno (2023) e seu colega Max Horkheimer para descrever a comercialização e padronização da cultura na era moderna. Ela engloba uma ampla gama de formas de entretenimento e arte, incluindo cinema, rádio, televisão, música popular, literatura de massa e muito mais. Essas formas de cultura são produzidas em massa, com o objetivo de atingir um público amplo e maximizar o lucro. A indústria cultural, por meio de suas proibições, estabelece sua própria linguagem, enquanto perpetua a autoridade do passado, restringindo a inovação e promovendo um jargão reconhecido pelos produtores e reprodutores com entusiasmo:

A indústria cultural, mediante suas proibições, fixa positivamente - como a sua antítese, a arte de vanguarda - uma linguagem sua, com uma sintaxe e um léxico próprios. A necessidade permanente de efeitos novos, que permanecem todavia ligados ao velho esquema só faz acrescentar, como regra supletiva, a autoridade do que já foi transmitido, ao qual cada efeito particular desejaria esquivar-se. Tudo o que surge é submetido a um estigma tão profundo que, por fim, nada aparece que já não traga antecipadamente as marcas do jargão sabido, e não se demonstra, à primeira vista, aprovado e reconhecido. Mas os matadores - produtores ou reprodutores - são os que usam esse jargão com tanta facilidade, liberdade e alegria. (Adorno, 2023, p. 17).

Vários efeitos profundos na sociedade são traçados por esse conceito. Primeiramente, ela promove a padronização e a homogeneização da cultura. A busca por lucros leva à produção de conteúdo que é frequentemente simplificado, estereotipado e destinado a agradar à maioria. Isso resulta na perda da diversidade cultural e na marginalização de formas de arte menos comerciais.

Além disso, a indústria cultural muitas vezes promove valores e ideais superficiais, perpetuando estereótipos e promovendo o consumo desenfreado. Os produtos culturais são frequentemente projetados para distrair o público e mantê-lo passivo, impedindo o pensamento crítico e a reflexão profunda.

A relação entre a indústria cultural e os movimentos artísticos é complexa. Adorno (2023) observa que a indústria cultural frequentemente apropria-se de elementos de movimentos artísticos radicais, como o expressionismo e o Dadaísmo, transformando-os em produtos comerciais. Isso resulta em uma distorção da intenção original desses movimentos, tornando-os mais palatáveis para o público em geral, mas ao mesmo tempo esvaziando-os de seu significado subversivo.

A noção de estilo autêntico e “estética pura” na indústria cultural é ilusória. Na cultura de massa, o estilo frequentemente reflete uma uniformidade e isso promove um dano da diversidade. Adorno também sugere que os verdadeiros grandes artistas não são aqueles que seguem um estilo puro e perfeito, mas aqueles que usam o estilo como um meio de expressar o sofrimento e a negatividade da experiência humana, desafiando assim a superficialidade da cultura de massa:

O conceito de estilo autêntico se desmascara, na indústria cultural, como o equivalente estético da dominação. A ideia do estilo como coerência puramente estética é uma fantástica retrospectiva dos românticos. Na unidade do estilo, não só do medievo cristão como também do Renascimento, manifesta-se a estrutura cada vez diferente do poder social em que o universal restava enclausurado, e não a obscura experiência dos dominados. Os grandes artistas nunca foram os que encarnaram o estilo no

modo mais puro e perfeito, mas sim aqueles que acolheram na própria obra o estilo como rigor, caminho da expressão caótica do sofrimento, o estilo como verdade negativa. (Adorno, 2023, p. 19).

Por outro lado, os artistas muitas vezes são forçados a comprometer sua visão artística em busca de sucesso comercial na indústria cultural. Isso pode levar à diluição de sua obra e à perda de sua autenticidade artística.

A indústria cultural também é uma força poderosa na economia contemporânea. Ela gera tantas tendências resultando em novos empregos em várias áreas, desde a produção de conteúdo até a publicidade e o marketing. Apesar das críticas, ela é uma indústria com fortes poderes sobre os consumidores e influência na sociedade, se estendendo por todo o processo social, afetando profundamente a cultura popular e as percepções das pessoas:

Não obstante, a indústria cultural permanece a indústria do divertimento. O seu poder sobre os consumidores é mediado pela diversão que, afinal, é eliminada não por um mero diktat, mas sim pela hostilidade, inerente ao próprio princípio do divertimento. Uma vez que a encarnação de todas as tendências da indústria cultural na carne e no sangue do público se faz mediante o processo social inteiro, a sobrevivência do mercado, nesse setor, opera no sentido de intensificar aquelas tendências. (Adorno, 2023, p. 27).

Além disso, movimenta bilhões de dólares em receitas anualmente. No entanto, essa lucratividade muitas vezes vem à custa da qualidade artística e do conteúdo significativo. A cultura de massa promovida também influencia o comportamento de consumo. A publicidade e o marketing são usados para criar desejos e necessidades nos consumidores, frequentemente levando a gastos excessivos e à acumulação de bens materiais.

A interligação entre a cultura industrial, as artes visuais e o mercado consumista é um fenômeno complexo e profundamente enraizado na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a técnica de apropriação emerge como um elemento central que transcende as fronteiras dessas áreas, moldando e influenciando constantemente umas às outras.

A indústria cultural, como apontada anteriormente, é um gigante que movimenta o mercado econômico anualmente. No entanto, essa lucratividade nem sempre está alinhada com a qualidade artística e o conteúdo significativo. Muitas

vezes, a cultura de massa promovida pela indústria cultural pode ser acusada de priorizar o entretenimento superficial em detrimento da profundidade artística.

O mercado consumista, por sua vez, é fortemente impulsionado pela indústria cultural. A publicidade e o marketing desempenham um papel essencial na criação de desejos e necessidades dos consumidores. Através de estratégias cuidadosamente planejadas, as empresas usam a cultura popular e as tendências para influenciar o comportamento de consumo. Isso muitas vezes resulta em gastos excessivos e na acumulação de bens materiais, perpetuando um ciclo de consumo desenfreado.

Para Mascarello (2021), a publicidade visual desempenha um papel fundamental nesse cenário. Ela se expressa por meio de textos e imagens, e é nesse ponto que suas conexões com as artes visuais se tornam evidentes. Os criadores de publicidade frequentemente buscam inspiração nas artes para suas criações. As fronteiras entre a criação publicitária e as artes visuais são tão tênues que muitas vezes se mesclam e se confundem. Isso ocorre porque ambos os campos compartilham o sistema de signos como meio de expressão.

A compreensão da influência da arte sobre os seres humanos é essencial para entender por que a publicidade, a indústria cultural e o mercado consumista estão tão interligados com a atividade artística. Paviani (1987 *apud* Mascarello, 2021, p. 50), aponta que a arte atende a uma necessidade humana profunda de expressão e comunicação. Ela não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um meio pelo qual as pessoas buscam equilibrar-se com a natureza e a sociedade. Não é meramente uma diversão, mas sim uma necessidade intrínseca de se expressar e interagir com o mundo. Ela é uma forma de comunicação que transcende a informação objetiva e conceitual, permitindo que os seres humanos se conectem uns com os outros por meio de experiências compartilhadas.

A interligação entre a cultura industrial, as artes visuais e o mercado consumista é um fenômeno complexo que molda nossa sociedade contemporânea de maneira profunda e multifacetada. A técnica de apropriação emerge como o fio condutor que une essas áreas, demonstrando como elas estão intrinsecamente ligadas e influenciam umas às outras.

Percebemos que os movimentos artísticos do passado tiveram um impacto duradouro na cultura contemporânea. A apropriação artística é um reflexo da

necessidade humana intrínseca de se expressar, comunicar e interagir com o mundo que nos cerca. Ela transcende fronteiras e proporciona um terreno fértil para a inovação, a crítica e a reflexão. À medida que a cultura industrial, as artes visuais e o mercado consumista continuam a evoluir, essa interconexão complexa permanecerá como uma força motriz que molda nossa compreensão da arte contemporânea e sua influência na sociedade.

### 2.3. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO MERCADO MUSICAL

Falando nesse contexto cultural e principalmente artístico, em momento nos deparamos com o aspecto musical. A música também desempenhou um papel revolucionário, agregando uma dimensão mais liberal e inovadora à arte. A partir desses movimentos, a arte se tornou um meio de transmitir as emoções e refletir os acontecimentos sociais, culturais e políticos da época. Como forma de expressão artística, a música tem uma longa história que remonta aos tempos mais antigos da humanidade. Discute-se a capacidade da música de provocar sentimentos desde a época de Platão, onde em sua obra *A República*, descreve sua observação dos traços morais em indivíduos a partir da experiência musical (Rocha; Boggio, 2013).

O surgimento da música é um conceito que se desenvolveu ao longo do tempo, com base na evolução da sociedade e nas formas de apreciação e compreensão da arte. Desde os primórdios da humanidade, as comunidades utilizavam a música como uma forma de comunicação e expressão emocional. Ao longo da história, a música assumiu diferentes formas e estilos, refletindo as diversas culturas e períodos de tempo. Das antigas tradições musicais dos povos indígenas e folclore tradicional até a música clássica, popular, contemporânea e experimental, a música abrange uma ampla gama de expressões e gêneros.

O reconhecimento da música como a quarta arte está associado ao conceito de "arte total" ou *Gesamtkunstwerk* cunhado por Richard Wagner, compositor alemão do século XIX. Wagner acreditava que a música poderia englobar todas as formas de arte, incluindo teatro, poesia, dança e artes visuais, criando uma experiência artística completa e unificada.

[...] sobre o fato de que as quatro artes, chamadas de Arte do Som da Palavra, da Música, da Mímica e da Dança, terem a possibilidade de fluírem em conjunto. No entanto, esta possibilidade é baseada em um comando que existe em toda a arte que esforça para formar uma GESAMTKUNSTWERK

(OBRA DE ARTE-TOTAL) por parte de todas as formas de Arte. (Trahdorff, 1827 *apud* Souza, 2022, p. 17).

Com isso, a considerada quarta arte se mostra uma poderosa forma de manifestação artística que envolve a combinação de elementos sonoros, como ritmo, melodia, harmonia e timbre, para criar uma expressão emocional e estética. É uma linguagem universal que transcende as barreiras culturais e linguísticas, conectando as pessoas em níveis profundos e intuitivos. Segundo Rocha; Boggio (2013) uma das características fundamentais da música é a sua capacidade de evocar emoções e despertar sentimentos no ouvinte. Mediante as combinações sonoras e da organização dos elementos musicais, os compositores e intérpretes podem transmitir uma ampla gama de emoções, como alegria, tristeza, serenidade, raiva, entre outras.

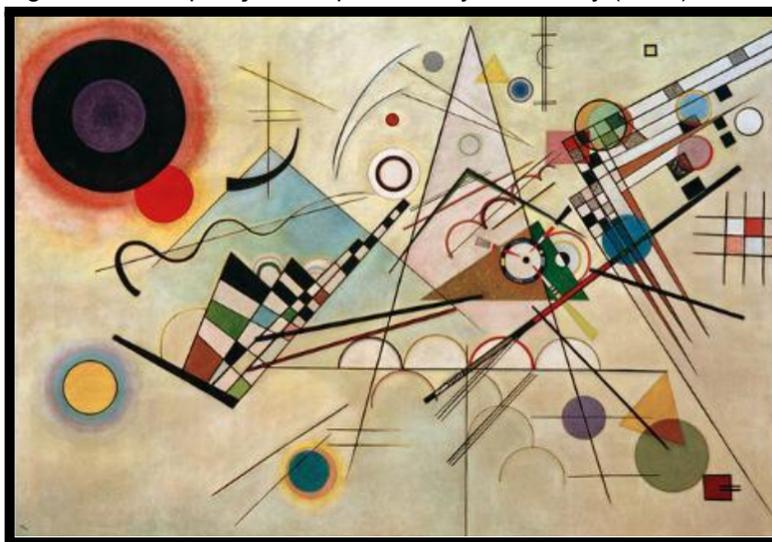
Ao adentrarmos mais profundamente sobre a arte sonora, podemos entender também sobre como as artes visuais entendem e expressa essa sonoridade. Essa expressão artística do som no contexto das artes visuais é uma tarefa desafiadora, uma vez que o som é uma experiência sensorial auditiva e não visual. A dificuldade em expressar visualmente e imagetivamente a sonorização reside no fato de que os elementos sonoros, como timbre, ritmo, melodia e harmonia, são intangíveis e não podem ser diretamente representados em uma superfície visual. No entanto, artistas pioneiros como Wassily Kandinsky desempenharam um papel fundamental na exploração dessa convergência entre som e imagem.

Kandinsky, um renomado pintor russo, foi um dos primeiros a abordar a ideia de "pintura musical" ou "arte sonora" em sua obra. Segundo Argan (1996), ele acreditava que a cor e a forma podiam ser usadas para transmitir a mesma emotividade e abstração encontradas na música. Kandinsky viu a arte como uma linguagem universal que poderia transcender a representação figurativa e alcançar uma expressão mais pura e espiritual. Acreditava-se que cores específicas poderiam evocar respostas emocionais semelhantes às experimentadas ao ouvir música. Por exemplo, ele associava o azul profundo ao som de um violino e o vermelho ao som de uma trombeta. Essa sincronia entre cor e som era uma tentativa de criar uma experiência sinestésica, onde diferentes sentidos se fundem.

Um dos trabalhos mais famosos de Kandinsky que exemplifica essa abordagem é a pintura "Composição VIII" (figura 7), na qual é uma explosão de

cores e formas abstratas que se movem pela tela de maneira dinâmica e caótica. A pintura parece pulsar de energia e ritmo, e muitos a veem como uma representação visual de uma sinfonia musical abstrata.

Figura 7 – Composição VIII por Wassily Kandinsky (1923)



Fonte: Disponível em:

<[https://www.allposters.com/-sp/Composition-VIII-1923-Posters\\_i13064583\\_.htm?UPI=F7S0P30](https://www.allposters.com/-sp/Composition-VIII-1923-Posters_i13064583_.htm?UPI=F7S0P30)>.  
Acesso em: 07 set. 2023

Até os dias de hoje, outros artistas continuaram a explorar a interseção entre som e imagem de maneiras diversas. Alguns trabalham com instalações audiovisuais, vídeos e projeções, buscando criar experiências sinestésicas mais imersivas. A relação entre som e imagem nas artes visuais continua sendo um campo fértil de exploração.

Moles (1978) afirma que a civilização contemporânea é marcada por uma profusão avassaladora de imagens, que desempenham um papel preeminente na nossa cultura e no ambiente artificial que nos rodeia. O advento da fotografia, do jornal, do cartaz, do cinema e da televisão representou uma transformação significativa na forma como percebemos e interagimos com o mundo visual. No entanto, essas inovações técnicas do século XIX, embora tenham revolucionado a produção e disseminação de imagens, não parecem ter alterado fundamentalmente a nossa relação intrínseca com elas.

Neste contexto, surge a reflexão sobre o papel central dessas imagens na configuração da nossa cultura. Elas não são meramente representações visuais, mas sim elementos que moldam ativamente a nossa compreensão do mundo. Em um ambiente saturado de imagens, as questões sobre a qualidade e a veracidade

das representações visuais tornam-se cruciais. A discussão sobre a autenticidade e a manipulação de imagens, amplificada pela tecnologia digital, torna-se um tema de debate constante na nossa sociedade.

Além disso, é relevante considerar como outros fenômenos sociais, como o desenvolvimento da civilização automobilística, impactam a nossa percepção da imagem pública. A mobilidade moderna cria novos espaços de visualização e, conseqüentemente, novos desafios para a nossa relação com as imagens.

É interessante observar que, dentro desse vasto universo de imagens, existe uma distinção fundamental entre imagens fixas e imagens móveis. As imagens fixas são consideradas a expressão mais pura do mundo das imagens. Elas nos permitem um contato mais objetivo, onde podemos detalhar ou negligenciar elementos, prolongando sua influência na nossa memória.

Por outro lado, as imagens móveis, como as encontradas no cinema, na televisão e neste caso nos videoclipes também, impõem um tempo externo ao espectador. A experiência de assistir a um filme é semelhante ao contato com outros seres, pois o tempo da narrativa cinematográfica se impõe sobre o nosso próprio tempo. Essa imposição temporal afeta profundamente a nossa relação com a imagem, tornando-a mais efêmera em comparação com a imagem fixa.

Em suma, Moles (1978) afirma que a civilização contemporânea é caracterizada pelo domínio avassalador das imagens e como isso molda nossa percepção do mundo e nossa interação com ele. As questões de autenticidade, manipulação e saturação visual são desafios constantes que nossa sociedade enfrenta. Além disso, a distinção entre imagens fixas e móveis destaca a complexidade da nossa relação com o mundo das imagens, afetando diretamente nossa maneira de absorver e processar informações visuais.

Os músicos e compositores têm a capacidade de explorar uma variedade de estilos, técnicas e estruturas musicais, criando obras únicas e distintas. Com experimentação, inovação e domínio técnico, os artistas musicais expandem os limites da expressão musical e criam novas possibilidades nessa dimensão visual. A expressividade imagética da música envolve elementos como figurinos, performances, shows, cenários, videoclipes, fotografias e imagens promocionais, posters, logotipos, identidades visuais, capas de álbuns, entre muitas outras

possibilidades. Esses elementos visuais contribuem para a construção de uma imagem e marca artística, ajudando a transmitir a mensagem e o estilo do artista.

Os figurinos e performances são componentes essenciais, pois agregam dimensão visual à música. Figurinos cuidadosamente projetados e performances teatrais não apenas complementam a música, mas também a tornam memorável e impactante. Os shows ao vivo, com cenários elaborados, iluminação e efeitos visuais, criam uma atmosfera que envolve o público de forma emocional, expandindo a experiência musical para além do som.

Os videoclipes são narrativas visuais que aprofundam a compreensão da música. Eles possibilitam que os artistas contem histórias, transmitam conceitos e criem uma identidade visual única para suas músicas. Segundo Corrêa (2007), nos anos 1980, surgiu o termo videoclipe para descrever a prática de criar composições visuais a partir de diversos trabalhos e imagens, muitos deles da mídia de massa. Inicialmente, os videoclipes eram rápidos e instantâneos, concebidos como ferramenta de divulgação musical com prazo de validade (Figura 8). Eles se destacavam por imagens frenéticas, sem a necessidade de seguir uma narrativa linear. O foco era vender a música por meio da justaposição de imagens. No entanto, ao longo do tempo, os videoclipes evoluíram para oferecer um pacote completo, combinando música e imagem do artista. Hoje, os videoclipes podem apresentar construções narrativas mais elaboradas, tanto lineares quanto não lineares, desafiando a ideia inicial de justaposição de imagens como uma bricolagem.

Figura 8 – Videoclipe Help! - The Beatles (1965)



Fonte: Montagem feita pela autora. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=2Q\\_ZzBGPdqE](https://www.youtube.com/watch?v=2Q_ZzBGPdqE)>. Acesso em: 18 nov. 2023

As fotografias e imagens promocionais desempenham um papel vital na construção da imagem do artista, sendo utilizadas em materiais promocionais e nas redes sociais para criar uma estética visual distinta.

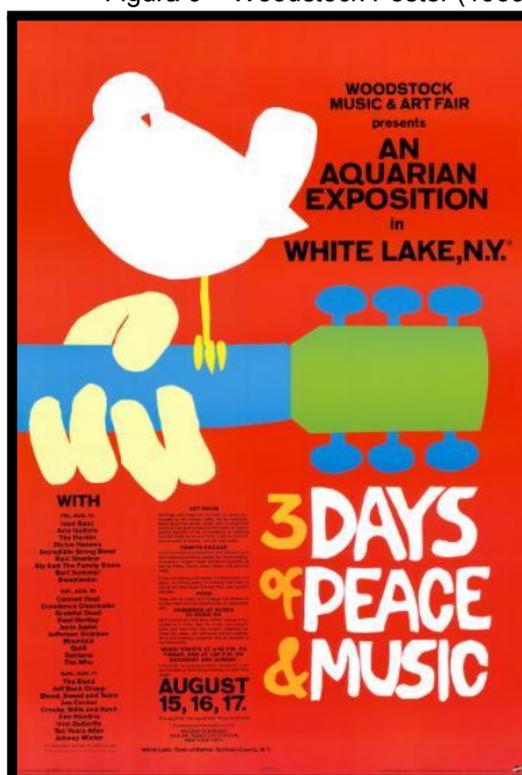
Segundo Ruskowski (2019), as fotografias e imagens promocionais são uma parte crucial do marketing musical na era digital. Elas desempenham um papel vital na construção da imagem do artista, sendo utilizadas em materiais promocionais e nas redes sociais para criar uma estética visual distinta. Essa estética visual ajuda a definir a marca do artista e a se conectar com os fãs em um nível mais profundo. As imagens podem transmitir a personalidade do artista, o estilo musical, e até mesmo a mensagem que eles querem passar através de sua música.

No contexto onde as relações sociais são mediadas por imagens, a importância dessas fotografias e imagens promocionais não pode ser subestimada. Elas são uma parte integral da experiência conectada e complementar que os artistas devem considerar ao explorar o potencial comercial dos usuários mais engajados: os fãs. A conexão entre o marketing musical e a construção da imagem do artista através de fotografias e imagens promocionais é intrínseca e vital para o sucesso na indústria da música na era digital. A imagem visual de um artista se torna uma extensão de sua música, e uma ferramenta poderosa para engajar e reter a atenção dos fãs (Ruskowski, 2019).

Logotipos e identidades visuais são elementos reconhecíveis que reforçam a marca do artista. As capas de álbuns, por sua vez, são a primeira impressão visual que os ouvintes têm de um lançamento musical, transmitindo temas, estilo e atmosfera que enriquecem a compreensão da música.

Além disso, os posters de shows e eventos são objetos artísticos por direito próprio. Eles são anúncios visuais que capturam a essência de um evento e convidam o público a participar. Um exemplo notável é o pôster do Woodstock, (figura 9) realizado em 1969, que se tornou um ícone cultural da era hippie e da música dos anos 1960. Esse pôster, com sua imagem simples, mas impactante de uma pomba branca pousada em uma guitarra, transmitia a mensagem de paz, amor e música que o festival representava.

Figura 9 – Woodstock Poster (1969)



Fonte: Disponível em:

<[https://www.allposters.com/-sp/Woodstock-Posters\\_i5129968\\_.htm?UPI=F31YB40](https://www.allposters.com/-sp/Woodstock-Posters_i5129968_.htm?UPI=F31YB40)>. Acesso em: 07 set. 2023

Por meio do uso de linguagens, a identidade visual da música pode evocar emoções, criar atmosferas e estabelecer uma conexão visual com o público. Esta linguagem irá aparecer em forma de signos, que é algo que fará a representação de um objeto. Ele só poderá ser chamado e signo se carregar consigo esse poder de representar algo além dele, fazendo uma substituição. Por isso, outra definição para semiótica proposta por Santaella é "A ciência dos signos" (Santaella, 1983).

Muitas vezes, a identidade visual é usada como uma extensão da narrativa da música. Por exemplo, um álbum conceitual<sup>5</sup> pode ser acompanhado por uma arte gráfica que conta uma história visualmente, complementando as temáticas e mensagens presentes nas letras das músicas.

A identidade visual também desempenha um papel crucial na promoção e comercialização da música. Capas de álbuns e imagens promocionais são frequentemente utilizadas como ferramentas de marketing, atraindo a atenção do público e despertando o interesse pelo trabalho musical (Janotti, 2003). Além disso,

<sup>5</sup> Segundo Bet (2021), um álbum conceitual é um formato na indústria fonográfica que se afasta da ideia de um álbum como uma coleção de canções variadas. Em vez disso, torna-se uma obra narrativa, com uma sequência de canções individuais que giram em torno de um único tema. Cada faixa geralmente expressa um aspecto diferente ou parte de um conceito principal e muitas vezes conta a história de um ou mais personagens, reais ou fictícios. No álbum conceitual, as músicas estabelecem relações entre si e com o design de suas capas, mantendo uma correspondência semântica entre a imagem e o conteúdo sonoro. Por isso, pode ser visto como uma estratégia de legitimação cultural no universo da música.

uma identidade visual coesa e reconhecível pode contribuir para a construção de uma base de fãs leal e engajada, pois cria uma identificação visual que reflete a personalidade e estética do artista.

Assim, a música transcende o aspecto sonoro ao incorporar uma dimensão visual por meio da sua identidade visual. Por meio de elementos visuais cuidadosamente elaborados, os artistas musicais conseguem complementar e enriquecer a experiência musical, transmitindo mensagens, evocando emoções e estabelecendo conexões visuais com o público.

Os elementos visuais desempenham um papel vital na promoção da música, na criação de uma conexão duradoura entre os artistas e seu público, e na transformação da música em uma experiência completa e envolvente que transcende os limites do som. Na presente pesquisa, vale ressaltar que o tópico relacionado às capas de álbuns detém uma significativa importância e, portanto, será objeto de uma análise mais detalhada e aprofundada no capítulo seguinte.

### 3. ROCK CLÁSSICO ALÉM DO SOM: A RELEVÂNCIA DAS CAPAS DOS ÁLBUNS MUSICAIS

No vasto mundo da música, o termo Rock Clássico soa como o eco poderoso de uma época que foi além da diversão simples, transformando-se em uma força cultural revolucionária. Para compreender esse fenômeno, é crucial mergulhar na fascinante história que antecedeu sua consolidação. Desde os anos 1930, *Rock'n roll* estava associado ao vigoroso movimento de barcos, evoluindo para ser o lema de um gênero musical que se destacaria pela energia e dinamismo. Derivado de diversas influências musicais, resultando numa fusão de gêneros que refletia as transformações sociais pós-guerra.

À medida que o *Rock'n roll* se afirmava nos EUA, uma diferença no comportamento e gosto cultural dos jovens em relação aos pais começava a surgir. O *Rock'n roll* desencadeou uma subversão na indústria musical, levando grandes gravadoras a buscar talentos em pequenas gravadoras. Para os jovens, era uma forma de expressar descontentamento com padrões morais e sociais.

Explorando a trajetória do Rock Clássico, deparamo-nos com um aspecto fundamental na indústria musical: as capas de álbuns. Muitas vezes subestimadas, revelam-se como peças de comunicação visual que vão além do simples envoltório de discos, refletindo transformações culturais, tecnológicas e artísticas.

A música testemunhou uma evolução notável, da era analógica aos serviços de *streaming*. As capas de álbuns, introduzidas por Alex Steinweiss em 1939, desencadearam uma revolução estética e comercial. Antes simples e funcionais, tornaram-se obras de arte que estabeleciam uma conexão única entre o ouvinte e a música. Os anos 1940 marcaram a introdução dos LPs, permitindo exploração artística das capas. A relação entre a capa do álbum e a imagem do artista evoluiu, transformando músicos em ícones. As capas não apenas protegiam os discos, mas também os transformavam em objetos de arte.

Os desafios dos anos 1980, com o CD e os videoclipes, alteraram a dinâmica visual. O *streaming* trouxe novos desafios, com capas visualizadas em miniaturas digitais. As capas de álbuns transcenderam sua função original, tornando-se testemunhas visuais da evolução musical, cultural e tecnológica. O design de capas continua a desempenhar um papel crucial na comunicação artística, refletindo a essência da música e estabelecendo conexões significativas com os ouvintes.

Em um vibrante cenário da década de 1960, o Rock emergiu como uma força cultural dominante, não apenas moldando a paisagem musical, mas também influenciando profundamente a sociedade. No epicentro desse movimento, a televisão, cinema e indústria fonográfica desempenharam papéis catalisadores, impulsionando o crescimento notável do mercado musical. Nesse contexto, as capas de álbuns de Rock emergiram como espaços cruciais de mediação, desempenhando um papel significativo na construção da identidade visual do gênero.

As capas de discos são também objetos de memória (Noronha, 2020), durando como uma linguagem de signos diversos, preservando o impacto do ato comunicativo que desencadeavam. Exemplos icônicos, como as capas de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* dos Beatles e *Nação Nordestina* de Zé Ramalho, ilustram como a arte da capa de álbum vai além de uma simples embalagem, tornando-se um veículo para a expressão cultural e um diálogo entre diferentes formas de arte e identidade.

Essa interconexão entre música, arte, especialmente através do design, e cultura revela concepções e produções colaborativas que deixaram uma impressão marcante ao longo das gerações, destacando a relevância desses álbuns para a indústria fonográfica. O ato de consumir produtos midiáticos não é apenas uma transação comercial, mas uma forma de posicionamento que transforma esses produtos em objetos culturais, articulando produção e reconhecimento em níveis global e local. Essa dinâmica cultural contemporânea reflete uma experiência multifacetada, acompanhada de desafios emocionais e instabilidades, mas que, ao mesmo tempo, possibilita uma riqueza de significados e posicionamentos individuais na sociedade. O indivíduo, como consumidor, desempenha um papel crucial nesse processo. Ao escolher consumir certos produtos midiáticos, o indivíduo está se posicionando dentro de um contexto cultural específico. Essa escolha pode ser influenciada por uma variedade de fatores, incluindo preferências pessoais, identidade cultural e influências sociais, podendo ter um impacto significativo na forma como o indivíduo se vê e como é visto pelos outros. Eles podem ajudar a formar a identidade do indivíduo, influenciar suas opiniões e crenças, e moldar suas interações com o mundo ao seu redor.

### 3.1. O QUE É ROCK CLÁSSICO?

A história do termo *Rock'n roll* é fascinante e revela uma conexão surpreendente com o mundo muito antes do gênero musical emergir como uma força cultural. Vindo do idioma inglês, *Rock'n roll* surge da expressão *rock and roll*, que traduzido de forma rasa significa “sacudir e rolar”, um eufemismo muitas vezes usado para se referir à sexo, mas também foi usado com em outros momentos:

[...] a expressão “Rock'n roll” já havia marcado presença nas paradas de sucesso vinte anos antes de Bill Harley, em 1934, com uma composição de Richard Whiting desse nome, incluída na trilha do filme *Transatlantic Merry-Go-Round*, [...]. No contexto deste filme, “rock'n roll”, literalmente “balançar e rolar”, refere-se ao comportamento de barcos e navios sobre as águas. (Mugnaini, 2007, p.18-20).

Essa metáfora náutica, que inicialmente denotava o movimento vigoroso e oscilante dos barcos, acabou por se tornar um lema para um gênero musical que, duas décadas depois, iria literalmente fazer o mundo "balançar e rolar". Quando o *Rock'n roll* como gênero musical começou a se consolidar, ele trouxe consigo a energia, o dinamismo e a agitação que remetem à sua origem na expressão usada para descrever o movimento vigoroso dos navios. O fato de o termo ter sido associado ao movimento e à agitação dos barcos nos oferece uma interessante perspectiva sobre por que o nome *Rock'n roll* foi associado a um gênero inicialmente tão dançante e agitado.

Foi então que, no mesmo ano em que Elvis Presley balançava os quadris ao som do *Rock Around The Clock*, uma revolução musical estava prestes a tomar o mundo de assalto. O *Rock'n roll* não se contentou em ser apenas um gênero musical; tornou-se um fenômeno cultural, uma força irreverente e irresistível que desafiou convenções e transcendeu fronteiras (Mugnaini, 2007).

Figura 10 – Performance de Elvis Presley



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2023

Embora tenha sido derivado do *Blues* norte-americano, o gênero lutou por muito tempo trazendo referências sutis de todos os lados para formar um estilo próprio: escala pentatônica do *Blues*, improvisação do Jazz, marcação insistente das marchas militares, sutilezas rítmicas da rumba e do baião, a meliosidade da canção italiana, sequências harmônicas de compositores eruditos diversos, efeitos sonoros acústicos ou eletrônicos da música de vanguarda, percussão africana, instrumentos típicos de países como Índia e Japão (Mugnaini, 2007).

O documentário *A História do Rock'n' Roll - O Rock 'n' Roll Explode*, 1995 destaca que o gênero emergiu nos anos 1950 através da fusão de gêneros musicais dos negros com o *country and western* dos brancos pobres das áreas rurais. Essa junção, realizada por músicos negros e brancos do sul dos Estados Unidos, deu origem a um novo estilo musical que refletia as transformações sociais da era pós-guerra.

Mugnaini (2007) discorre que a natureza prática e pragmática dos Estados Unidos, um país que se tornou mestre em imitar, reproduzir e divulgar cultura global, deu à luz ao *Rock'n roll*. Os EUA conquistaram não pela força bruta, mas por meio de artefatos culturais que se espalharam pelo mundo, desde o cinema de Hollywood

até o Jazz e o *Rock'n roll*. No entanto, simplificar essa história do surgimento do Rock seria um erro, pois é uma criação coletiva que se formou não apenas nas mãos de figuras icônicas como Bill Haley e Elvis Presley, mas também em artistas contemporâneos como Ike Turner, Chuck Berry e Big Mama Thornton. O *Rock'n roll* já ecoava antes mesmo de ganhar sua denominação, uma síntese única de *Blues*, Jazz e outros estilos que moldaram seu som distintivo.

Pode-se dizer que a verdadeira era do *Rock'n roll* começou 1955, quando *Rock Around The Clock* iniciou seu reinado nas paradas musicais. Contudo, este sucesso não foi a única razão para o surgimento do Rock. Foi a centésima martelada em uma série de influências que moldaram esse fenômeno musical. O gênero surgiu gradativamente ao longo das décadas com diversos artistas e referências diferentes:

Nenhuma invenção de sucesso, talvez nem mesmo a roda, pode ser atribuída a uma única pessoa. Muita gente boa se esquece disso e simplifica demais a história do *rock 'n' roll*, como se ele simplesmente tivesse sido criado do nada por Bill Harley e Elvis Presley. Na verdade, muitos outros artistas contemporâneos a eles, incluindo Ike Turner, Chuck Berry, Joe Turner, "Big Mama" Thornton – para não falar em artistas que podem ser considerados *proto-roqueiros* como Robert Johnson -, chegam ao mesmo resultado sonoro, cada um fazendo sua própria síntese de blues, jazz e outros estilos. (Mugnaini, 2007, p.2).

No entanto, foi com o surgimento do *Rock'n roll* como fenômeno de massa nos Estados Unidos, que uma clara diferença entre o comportamento e o gosto cultural dos jovens brancos em relação aos de seus pais começou a se manifestar. A marca registrada do Rock é a batida rítmica, conhecida como *beat*, uma pulsação que ecoa através das décadas. Interessada em divulgar essa nova e jovem tendência musical de forma atrativa ao público, a indústria cultural norte-americana aproveitou o grande sucesso da banda The Beatles e rotulou o segundo álbum da banda britânica como *electrifying big-beat performances*, solidificando ainda mais o papel do ritmo como elemento central do *Rock'n roll*. A partir disso, visualmente o estereótipo do roqueiro começou a se formar, com camisetas, calças jeans, jaquetas de couro e topetes, refletindo uma rebeldia independente que se tornou a imagem arquetípica do Rock. "Se eu fosse definir o *Rock'n roll*, seria liberdade e rebeldia." (*Rock 'n' roll Explode*, 1995).

Segundo Friedlander (2006 *apud* Rochedo, 2013, p.71), é possível identificar cinco marcos essenciais na evolução histórica do Rock internacional. O primeiro marco, compreendendo o período de 1954 a 1955, refere-se à explosão do *Rock'n roll* clássico. O segundo marco ocorreu entre 1963 e 1964, e é conhecido como a invasão inglesa. O terceiro marco, abrangendo o período de 1967 a 1972, é reconhecido como a era de ouro do Rock, caracterizado pelo desenvolvimento sincrônico de artistas de diversos gêneros, englobando tanto a primeira invasão inglesa quanto o surgimento de virtuosos da guitarra. O quarto marco, situado entre 1968 e 1969, refere-se à explosão do *Hard Rock*. Por fim, o quinto marco, ocorrido de 1975 a 1977, destaca-se como a explosão do *punk*. Esses momentos representam intervalos cruciais na história do *Rock'n roll*, no entanto, não implicam que determinados gêneros tenham surgido exclusivamente nesses períodos, mas sim que assinalam o momento em que cada um emergiu e ganhou proeminência.

Segundo Silva (2015), com o aumento do poder aquisitivo dos negros e brancos pobres, eles passaram a ter acesso a instrumentos musicais e puderam criar sua própria música. Garagens em todo o sul do país se tornaram espaços de experimentação e produção musical. Além disso, as transformações tecnológicas, como a guitarra eletrificada, a popularização do vinil e os veículos de divulgação, como rádios e TVs, desempenharam um papel crucial na disseminação do *Rock'n roll* como cultura de massas.

O sucesso do Rock causou uma subversão na indústria musical, levando as grandes gravadoras a buscarem talentos em pequenas gravadoras do interior. Para os jovens brancos de classe média, a cultura do Rock se tornou uma forma de expressar seu descontentamento com os padrões morais e sociais de uma sociedade profundamente racista e conservadora:

O sucesso alcançado pelo *rock and roll* causa uma subversão no esquema das grandes gravadoras, que agora são obrigadas a recorrer às pequenas gravadoras do interior para “descobrir” novos talentos e potencializá-los mercadologicamente. Do ponto de vista dos jovens brancos de classe média, a cultura promovida pelo *rock and roll* seria uma forma de também eles mostrarem seu descontentamento com os padrões morais e sociais a que eram submetidos em uma sociedade profundamente racista e conservadora. (Silva, 2015, p.238).

Além disso, destaca-se a importância de determinados artistas ao longo dessa trajetória do Rock Clássico. Figuras já mencionadas anteriormente como Ike

Turner, Chuck Berry, "Big Mama" Thornton, Elvis Presley e The Beatles, mas também outras figuras musicais como Little Richard, Jerry Lee Lewis, Jimi Hendrix, Bob Dylan, The Clash, Led Zeppelin, entre outros, desempenharam um papel excepcional no estabelecimento e no sucesso do Rock clássico tal como o conhecemos hoje (Friendlander, 2006 *apud* Rochedo, 2013, p. 72).

Mas afinal, o que é o Rock Clássico? O termo refere-se a um período específico e a um estilo dentro do gênero do Rock. Geralmente, abrange o período entre o início da década de 1960 e o final da década de 1970. Esse período foi marcado por uma série de mudanças significativas na música popular, tanto em termos de estilo quanto de atitude. Nessa época o cenário musical testemunhou uma explosão de inovação e expressão. Essas bandas consideradas ícones, transcenderam os limites da música para se tornarem porta-vozes de questões culturais e políticas. Esse movimento se consolidou como uma força poderosa, transformando a paisagem musical e cultural.

Segundo Luz (2019), o termo Rock Clássico foi cunhado por estações de rádio americanas na década de 1980, referindo-se à programação que evoluiu do formato *Album-Oriented Rock*. Essa categoria musical abraçava bandas que não apenas alcançavam sucesso comercial, mas também se destacavam como inovadoras, cada uma contribuindo com sua singularidade e estilo adornado.

Um marco significativo para o Rock Clássico foi o *Summer of Love* em 1967, quando mais de 100 mil pessoas se reuniram no bairro de *Haight-Ashbury*, em São Francisco. A autora afirma que esse festival foi mais do que uma celebração musical; foi uma resposta aos tempos sombrios, onde as bandas tinham a liberdade de expressar suas músicas de protesto sem temer a censura das rádios ou expulsões de locais, uma realidade comum na época. As músicas anti-guerra desse período variavam de melancólicas e comovedoras a enfurecidas e sarcásticas, refletindo os sentimentos da sociedade diante dos conflitos. Essas bandas não eram apenas músicos; eram agentes de mudança, questionando e desafiando o status quo.

A liberdade pregada por essas bandas não se limitava apenas à música; ela permeava todos os aspectos da vida. O Rock Clássico não apenas permitia que as pessoas ouvissem suas músicas favoritas, mas também encorajava a liberdade de

expressão e a rejeição de rótulos. O Summer of Love inspirou os jovens a serem quem quisessem ser, a vestirem-se como desejavam, mas, acima de tudo, a serem livres em seus pensamentos, questionando tudo o que contradizia suas convicções.

O Rock Clássico, com suas músicas pulsantes e letras carregadas de significado, tornou-se o veículo perfeito para essa revolta melódica. Um exemplo destas letras profundas e melodias vibrantes, é a música *Under Pressure* produzida em parceria do artista David Bowie e da banda Queen. Em poucos versos, os artistas expressam a pressão que sentem no atual momento da sociedade em que viviam:

And loves dares you to change our way of  
Caring about ourselves  
This is our last dance  
This is our last dance  
This is ourselves  
Under pressure.<sup>6</sup> (David Bowie; QUEEN, 1981, tradução nossa).

Nery ressalta esse profundo significado da letra da música:

A música, aliada à dança, é retratada como um dos valores da juventude, usado no combate às pressões do mundo adulto. Através dela, era possível ser quem quisesse pessoalmente e profissionalmente, a última e única chance de se expressar livremente, inclusive corporalmente e sexualmente, mostrando uma forma de estar no mundo. Como também, constitui-se enquanto um instrumento de lutas sociais e de ultrapassagem de identidades fixas, sobretudo, as de gênero impostas e pressionadas por uma sociedade contemporânea. (Nery, 2020, p.39716).

As bandas desse movimento não apenas criaram músicas atemporais, mas também moldaram uma geração que buscava autonomia e liberdade, não apenas na música, mas em todos os aspectos da vida. O Rock Clássico, mais do que um gênero musical, tornou-se um símbolo de resistência e uma trilha sonora para a revolução cultural.

### 3.2. CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS: ARTE, CULTURA, COMUNICAÇÃO E CONSUMO

Paralelamente à análise histórica da origem e popularização do *Rock'n roll*, emerge um aspecto de relevância considerável que merece atenção: a comercialização do gênero pela indústria musical. Ao abordar a comunicação

<sup>6</sup> *And loves dares you to change our way of / Caring about ourselves / This is our last dance / This is our last dance / This is ourselves / Under pressure.*

comercial deste gênero, destaca-se um elemento que assume proporções significativas nesse contexto, indo além das expectativas convencionais: as capas de álbuns musicais.

Para compreender a importância das capas de álbuns musicais, é fundamental contextualizar a evolução da gravação musical. Desde os primórdios da gravação, que remontam ao cilindro fonográfico de Edison em 1877, até a era digital atual, que abraça serviços de *streaming* de música, como o Spotify, a música passou por uma transformação tecnológica notável.

Segundo Noronha (2020), em um período de 143 anos de gravação musical, a indústria testemunhou inovações que moldaram a forma como a música é consumida e experimentada. Emile Berliner introduziu o disco de 78 rotações por minuto (rpm) em 1890, oferecendo uma alternativa ao cilindro fonográfico. Posteriormente, surgiram o LP em 1948 e o single de 45 rpm em 1949, que permitiram a gravação de mais músicas em um único disco. As fitas cassete ganharam popularidade em 1963, seguidas pelo CD em 1982 e pelo mundo digital em 1993, com o lançamento do primeiro MP3 e do primeiro iPod em 2001. Essas inovações tecnológicas redefiniram a forma como a música era produzida, distribuída e consumida.

No entanto, é importante notar que, em meio a essas mudanças tecnológicas, as capas dos álbuns musicais também passaram por uma evolução significativa, ela representou um avanço essencial para a indústria musical, desempenhando um papel indispensável não apenas no âmbito técnico, mas também no campo artístico e de consumo.

A capa de álbum, como a conhecemos hoje, foi introduzida por Alex Steinweiss em 1939, publicitário e artista gráfico, quando ele trabalhava para a editora Columbia Records (Noronha, 2020). Até então, as capas dos discos eram simples e funcionais, feitas de papel ou cartolina castanha, principalmente para proteger o conteúdo, eram pouco trabalhados visualmente, representado abaixo na figura 11. “O rótulo indicava o nome do artista e das músicas, compositores, estilo musical, o número de catálogo, alguma informação complementar e o logo da gravadora. Ainda segundo o pesquisador, em alguns casos especiais era produzido rótulos com foto do artista. Tais informações tinham, primeiramente, objetivos comerciais de identificação para o público.” (Pereira, 2017, p. 22).

Figura 11 – Disco de vinil 78 rpm com envelope



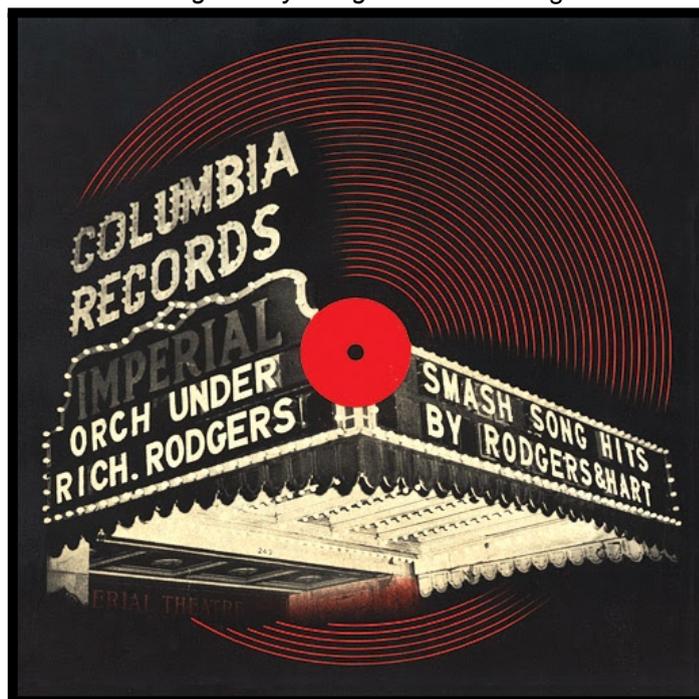
Fonte: Disponível em: <<https://www.coisaantigaleiloes.com.br/peca.asp?id=8754167>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Na década de 1930, lojas especializadas exclusivamente em discos não eram comuns, e a venda desse produto estava longe de ser tão difundida por conta da falta de apelo comercial. A indústria musical estava em constante evolução, e os discos, embora presentes, ainda não eram o centro do comércio musical:

“Pela falta de um apelo visual, os álbuns de discos eram armazenados como livros em uma estante, expondo a lombada e ocultando aquela que era sua maior superfície. Estes álbuns eram, com frequência, expostos em lojas de eletrodomésticos, junto aos aparelhos fonográficos que reproduziam os discos”. (Rezende, 2012 *apud* Bett, 2021, p. 18).

Por isso, a influência de Alex Steinweiss nas capas de álbuns musicais não pode ser subestimada. Com a criação da capa pioneira do primeiro disco conceitual, *Smash Song Hits by Rodgers & Hart* (figura 12), Steinweiss, não apenas introduziu a ideia de usar capas ilustrativas para os discos, mas também questionou as possibilidades gráficas e a relação entre o visual e o musical. Essa capa apresentava uma embalagem ilustrada graficamente e trazia comentários sobre as músicas em seu interior e verso.

Figura 12 – Capa do Disco *Smash Song Hits by Rodgers & Hart Design* de Alex Steinweiss (1932)



Fonte: Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/capa-do-álbum-smash-song-hits-by-rodgers-hart/RgHzl8HBrbYrgw?hl=pt-PT>. Acesso em: 29 set. 2023

Os álbuns com capas projetadas por Steinweiss eram caracterizadas por elementos ilustrativos e tipográficos, criando uma fusão única entre arte e música. Elas rapidamente alcançaram um sucesso comercial superior aos álbuns com embalagens convencionais. Diante desse êxito, Steinweiss desenvolveu o que viria a se tornar o padrão da indústria fonográfica. (Evans, 2016 *apud* Silva E., 2018, p. 40). O uso das capas ilustrativas não apenas protegia os discos, mas também os transformava em objetos de arte e tornava parte integrante do conteúdo musical, estabelecendo uma relação única entre o ouvinte e a música. As capas passaram a ser elementos visuais que contribuíram para a experiência de audição da música.

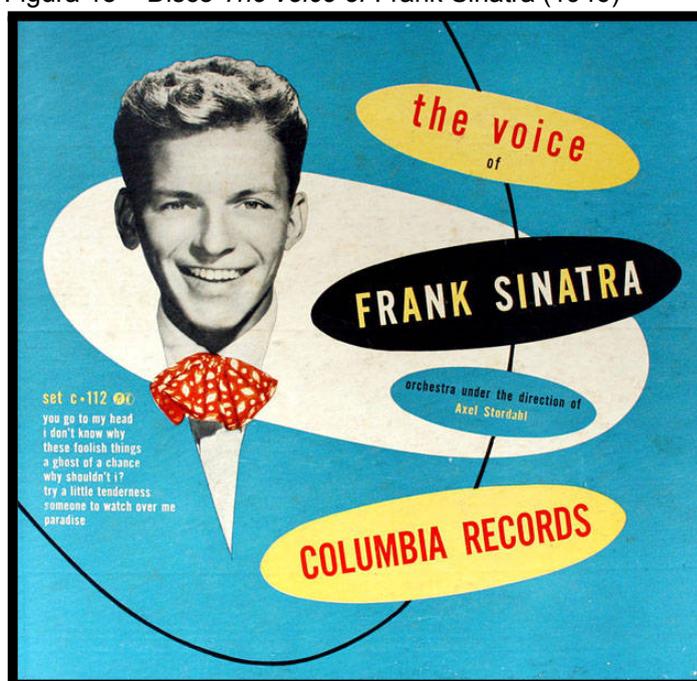
Em apenas seis meses, as vendas dos álbuns com capas projetadas experimentaram um crescimento impressionante de quase novecentos por cento, estabelecendo a gravadora Columbia como líder destacada frente às suas concorrentes, Decca e Victor.

Por isso a introdução dos LPs na década de 1940 marcou um momento importante na evolução das capas de álbuns. Os LPs tinham maior capacidade de armazenamento de música, permitindo álbuns mais longos com cerca de 40 minutos de música por lado, abrindo espaço para uma exploração mais profunda das capas

de álbuns, com artistas gráficos e designers aproveitando essa oportunidade para criar obras memoráveis. Aos poucos elas se tornaram telas para a expressão criativa, e os designers começaram a experimentar com elementos visuais que complementavam a música, com a capa desempenhando um papel fundamental na comunicação do conceito e da atmosfera do álbum.

Com o avanço neste sistema de divulgação, os artistas passaram a ser retratados como ícones de beleza e carisma em programas de TV e revistas, e essa imagem era refletida nas capas dos discos. Contudo as canções populares geralmente se destacavam por suas letras românticas. No entanto, no início da era do LP, não havia uma representação visual abrangente e profunda deste tema específico ainda. Um exemplo disto podem ser os primeiros discos de Frank Sinatra, antes de começar a pensar em um conteúdo estratégico, eles não apresentavam uma conexão coesa entre a capa e as músicas, nem entre as próprias músicas. As capas dos álbuns apresentavam um design gráfico e tipografia cuidadosamente elaborados, combinados com uma fotografia do intérprete. Exemplificado na figura 13, essas capas forneciam informações como o nome do artista, o título do álbum e a gravadora (Pereira, 2014).

Figura 13 – Disco *The voice of Frank Sinatra* (1946)



Fonte: Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/40598-frank-sinatra-lbuns>>. Acesso em: 18 nov. 2023

A indústria fonográfica, então, reconheceu rapidamente o potencial visual das capas de álbuns como ferramenta estratégica de marketing, capaz de estabelecer uma conexão imediata com o público e influenciar sua percepção sobre a música.

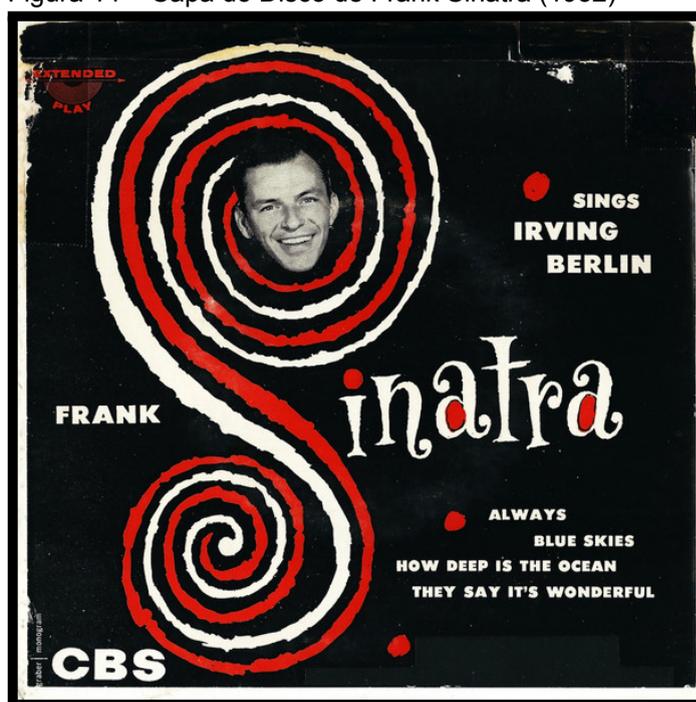
Em 21 de junho de 1948, a Columbia Records (associada da Columbia Broadcasting System, gigante da indústria de telecomunicações estadunidense) lançou publicamente em evento aberto à imprensa sua nova mídia de gravação e reprodução de áudio: o disco de longa duração (long-play, o LP de 33 1/3 rotações por minuto). Esta nova mídia que resultou de anos de pesquisa e foi objeto de uma corrida de aperfeiçoamentos técnicos [...]. (Pereira, 2014, p. 22).

Em um ensaio de Walter Benjamin (1955 *apud* Pereira, 2017, p. 25), o autor nos mostra novas possibilidades no aprofundamento desta mudança fonográfica. De maneira resumida, o autor explica que podemos considerar que o desenvolvimento do LP impulsionou a ideia de álbum musical, onde as faixas musicais são organizadas em uma sequência e acompanhadas por imagens, como capa, contracapa e encarte. O álbum musical, assim como um filme, possui características semelhantes em relação à sua criação e produção. Ele tem um valor de exposição importante, sendo amplamente consumido e significativo para a coletividade. Em resumo, o álbum de música está intimamente ligado à indústria cultural, pois é um produto dela.

A relação entre essa ideologia e o álbum musical tornou-se prontamente aparente, e pode-se perceber essa técnica sendo cada vez mais utilizada rapidamente. Na década de 1950, os LPs já haviam alcançado uma ampla popularidade, e os diferentes gêneros musicais começaram a empregar essa técnica de forma estratégica, estabelecendo conexões visuais que representavam as características distintivas de cada gênero e seu público-alvo. De acordo com Pereira (2014) no caso da música erudita, é comum encontrar capas que reproduzem fotografias do regente ou da orquestra, além de pinturas clássicas. Por outro lado, no âmbito da música popular, as capas costumam retratar de forma simples e objetiva o artista, buscando estabelecer uma conexão imediata com o público. Já nos discos de Jazz, as capas podem apresentar reproduções de pinturas abstratas, motivos geométricos coloridos ou retratos dos músicos, refletindo a natureza inovadora e vanguardista desse gênero musical. Além disso, surgem as coletâneas, que reúnem canções de diferentes artistas e têm suas capas elaboradas de forma a ilustrar o tema abordado.

Também mencionado por Noronha (2020), observa-se que em 1950, os singles de 7 polegadas também passaram a desempenhar um papel importante na indústria da música, especialmente na música pop. Esses singles geralmente continham apenas uma ou duas músicas de cada lado e tinham capas distintas. As capas dos singles de 7 polegadas começaram a adotar elementos visuais que refletiam a cultura pop da época. Muitas dessas capas eram marcadas por escolhas visuais que incorporavam o estilo informal associado à música pop. Algumas delas até faziam referências a histórias em quadrinhos e campanhas publicitárias, criando uma estética única. Um exemplo de evolução disso é a música *Irving Berlin* de Frank Sinatra (figura 14), na qual agora, apresentava uma abordagem humorística em que a imagem da capa não estava diretamente relacionada à música, mas o estilo caricatural do artista estabelecia essa conexão intimista e divertida com o ouvinte.

Figura 14 – Capa do Disco de Frank Sinatra (1952)



Fonte: Disponível em:

<<https://www.discogs.com/release/13262285-Frank-Sinatra-Frank-Sinatra-Sings-Irving-Berlin/image/SW1hZ2U6Mzg4MzcwMzI=>>. Acesso em: 29 set. 2023

Em suma, as capas dos LPs funcionam como ferramentas comerciais de comunicação visual, adaptando-se às preferências estéticas e expectativas do público-alvo de cada gênero musical, e desempenham um papel crucial na promoção e comercialização dos discos.

A partir desse ponto, surge a discussão sobre o processo de design aplicado às capas de álbuns, abrindo caminho para a exploração da abordagem do design dentro do contexto artístico. Segundo Demo (2018, p. 8):

As capas de álbuns e seus encartes são formas de expressão artísticas, porém elas surgem da necessidade de comunicar de forma visual conceitos e ideias que foram primariamente desenvolvidos de maneira sonora. De certa maneira essas criações passam por um processo de design, esse projeto é um esforço para mostrar como o design pode ser abordado no meio de criação artística.

Os projetos de design para capas de discos envolvem uma fabricação que ocorre por meio de encontros, trocas e fusões artísticas e culturais entre os envolvidos. Essa fabricação é orientada por um processo chamado de empatia criativa, caracterizado pela construção mútua e participativa. Esse processo acompanha práticas coletivas.

Músicos, artistas gráficos, fotógrafos e produtores compartilham histórias sobre capas de discos brasileiros icônicos, revelando seu significado ideológico e a força de suas imagens, apresentando comentários de extrema importância no documentário *Arte na Capa*:

O fotógrafo pernambucano Carlos da Silva Assunção Filho, mais conhecido como Cafi, afirma no documentário que “o produto disco é uma obra coletiva, e não somente musical: a capa também faz parte dessa obra coletiva”; a cantora Maria Bethânia menciona que uma obra musical não se trata de partes separadas, pois entende que “tudo é uma coisa só” e o músico pernambucano Lenine comenta que “antes de ter as canções do disco, tem a imagem do que seria o disco”. Na continuação, o designer Gringo Cardia explica que a capa de um disco serve para mostrar o que tem no “interior” da obra, em suas suas canções, e, de acordo com o designer “não obrigatoriamente precisa mostrar o conteúdo sonoro do que está presente nas composições, mas, de alguma maneira, deve possuir a mesma poesia do que ali está sendo cantado”. (*Arte na capa*, 2015 *apud* Silva E., 2018, p. 84).

As considerações expostas nos depoimentos indicam a interdependência da capa de um disco com a obra musical, evidenciando que ela faz parte integral do projeto musical em sua totalidade. Esses testemunhos são de relevância significativa, pois proporcionam ao público uma compreensão dos processos de produção de capas no Brasil e no mundo, revelando suas trajetórias e narrativas poéticas de criação.

Noronha (2020) menciona a colaboração duradoura entre designers gráficos e editoras musicais, desempenhando um papel crucial na evolução das capas de álbuns, resultando em linhas gráficas icônicas que definiram estilos musicais e tendências culturais. Grandes nomes como David Stone Martin, Burt Goldblatt e Reid Miles influenciaram o design gráfico no Jazz, enquanto Alton Kelley, Aubrey Powell, Roger Dean, Stanley Mouse, Storm Thorgerson e Wes Wilson deixaram sua marca no Rock Progressivo e Psicodélico. *Wes Wilson* contribuiu para capas de álbuns de bandas como The Grateful Dead e Jefferson Airplane. Alton Kelley e Stanley Mouse, também foram designers influentes, criando cartazes para artistas como Jimi Hendrix e fazendo parte do grupo Big Five dos designers psicodélicos dos anos 1960. Eles desempenharam um papel fundamental na contracultura da época.

Já na virada dos anos 1980, dois acontecimentos marcantes sacudiram o cenário da indústria musical, tendo um profundo impacto na maneira como a música era visualmente interpretada: o lançamento do *Compact Disc*, ou CD, e o surgimento explosivo dos videoclipes. Em 1982, os Estados Unidos receberam o primeiro CD, fruto da colaboração entre a Philips e a Sony. Este novo formato representou uma diminuição drástica no espaço disponível para a representação visual, reduzindo-o para cerca de 12 centímetros, ou aproximadamente 5 polegadas em cada lado.

Essa mudança revolucionária na mídia musical exigiu uma revisão completa na concepção das embalagens, que passaram a adotar predominantemente um formato plástico. Os designers encararam esse desafio inovador em seus projetos, tendo que se adaptar ao novo tamanho e formato do CD. A evolução desse formato acompanhou de perto as mudanças no cenário musical. As capas dos álbuns começaram a incorporar uma fusão cheia de influências artísticas, sociais e políticas, criando uma profunda ligação entre o músico e o designer (Noronha, 2020). Pode-se perceber essa mudança de estilos no desenvolvimento do design de capas de álbuns com o exemplo do álbum musical 1 (figura 15), conhecido como The Beatles 1, da banda britânica. O álbum que foi lançado em 2000, é uma coletânea que contém 27 singles da banda.

Figura 15 – Capa do CD 1 de The Beatles (2000)



Fonte: Disponível em:

<<https://ukstore.thebeatles.com/collections/cd/products/1-2015-cd-dvd>>. Acesso em: 18 nov. 2023

Estes dois acontecimentos abriram as portas para uma profusão de elementos visuais. Isso provocou uma divisão na comunidade de designers, com alguns resistindo às mudanças enquanto outros as abraçavam de todo o coração. Na busca por soluções inovadoras na representação visual da música, o campo do design musical evoluiu, sempre mantendo firme a conexão essencial entre o aspecto visual e a própria essência da música. O formato musical encolheu consideravelmente com o advento da fita cassete em 1963 e do CD em 1982. Esses novos formatos permitiram a portabilidade da música, especialmente com a introdução do *Walkman* em 1979 e do *Discman* em 1983, ambos patenteados pela Sony.

Noronha (2020) explica que as significativas transformações não se detinham aí; nos primeiros anos do século XXI, a indústria musical foi submetida a um conjunto abrangente de atualizações tecnológicas. Ainda segundo a autora, os CDs alcançaram aproximadamente 900 milhões de vendas em 2000, mas em 2007, as vendas de singles digitais ultrapassaram 819 milhões, enquanto as vendas de CDs despencaram para 500 milhões.

Os primeiros mp3 players exibiam apenas o nome da música e do artista em suas telas, inicialmente sem cores e sem imagens das capas dos álbuns. Somente em outubro de 2004, com o iPod Photo, a quarta versão do player da Apple, as capas de álbuns em cores foram incorporadas, independentemente do tamanho da tela. No entanto, o pequeno iPod Shuffle permaneceu uma exceção.

Em 2009 o iTunes diferenciou e introduziu o conceito do iTunes LP, permitindo a associação de álbuns a conteúdo visual, como vídeos e imagens, uma oportunidade explorada por grandes artistas como Chemical Brothers e Lady Gaga. Já em 2008, o Spotify entrou no mercado como uma resposta à pirataria e se tornou a aplicação de *streaming* de música mais popular. De acordo com Noronha (2020), estatísticas de 2019, o Spotify tinha 248 milhões de ouvintes e 124 milhões de assinantes em novembro daquele ano, superando plataformas concorrentes como Pandora e Apple Music.

Para a área do design gráfico, a era do *streaming* musical trouxe consigo uma série de desafios visuais. Os designers expressaram opiniões divergentes, alguns acreditando em um futuro para o design de álbuns, enquanto outros consideraram o *streaming* como uma inevitabilidade. Noronha (2020), menciona que alguns designers, como Tom Hingston, com trabalhos para Rolling Stones, Nick Cave and The Bad Seeds e Gnarl's Barkley, a adaptação ao ambiente digital era essencial, tornando as capas de álbuns icônicas mesmo em miniaturas no Amazon ou nas prateleiras de supermercados. No entanto, outros como Johnny Clayton viu a mudança para o mundo digital como uma falência gráfica, questionando o papel das capas de álbuns em um cenário dominado por miniaturas no Spotify.

A jornalista Elissa Stolman, reconheceu a necessidade de adaptação das capas digitais, que, apesar das diferenças em relação às capas físicas, ainda precisavam transmitir uma identidade:

“[...] Hoje em dia, é mais importante ter um símbolo ou logotipo que possa ser duplicado e proliferado em muitas mídias diferentes, desde capas de discos a folhetos, camisetas e reprodutores SoundCloud?”<sup>7</sup> (Stolman, 2014 *apud* Noronha, 2019, p.56, tradução nossa).

A simplicidade, a tipografia e o uso inteligente do espaço negativo e positivo passaram a ser fundamentais. Jeri Heiden, designer gráfica que trabalhou com diversas capas de álbuns como para a cantora Neil Young, celebrou as

<sup>7</sup> “[...] These days, it’s more important to have one symbol or logo that can be duplicated and proliferated across many different media, from record sleeves to flyers to t-shirts and SoundCloud players?”

oportunidades oferecidas pela era digital, onde a música pode ser acompanhada por vídeos e outras formas de conteúdo visual. Para ela, a evolução tecnológica é uma chance de explorar novos horizontes (Noronha, 2020). Ainda segundo a autora, Joe Perez, outro designer contemporâneo, destacou a importância das cores, texturas e da relação entre espaço negativo e positivo em um mundo onde a maioria das pessoas consome arte através de dispositivos móveis e computadores. Ele reconheceu a crescente importância da experiência visual nos dispositivos digitais.

Noronha (2020) relata que em 2019, o Spotify lançou uma resposta criativa para enfrentar os desafios impostos pela limitação das capas de álbuns em formato digital: o Spotify Canvas. Essa inovadora funcionalidade concedeu à música uma dimensão visual dinâmica, permitindo que os artistas criassem e exibissem seus próprios visuais em loop na visualização *Now Playing*. O Spotify Canvas ocupava integralmente a tela, frequentemente apresentando gifs extraídos de videocliques, pequenos clipes de vídeo do artista e outras expressões visuais inventivas. Embora as opiniões sobre essa abordagem tenham sido diversas, tornou-se evidente que o *streaming* de música apresenta não apenas desafios visuais e limitações, mas também abre portas para oportunidades criativas empolgantes tanto para artistas quanto para designers.

“O streaming não destruiu a necessidade da capa do álbum. Tornou-o mais importante. A arte do álbum não é mais apenas a imagem na capa do seu disco. Faz parte da sua marca online. A música sempre será a representação definitiva do seu projeto, mas ainda há um elemento visual no streaming que é crucial para o sucesso. 317 bilhões de músicas foram transmitidas em 2015. Isso significa que a arte do álbum também apareceu 317 bilhões de vezes.”<sup>8</sup> (Seydel, 2016 *apud* Noronha, 2020, p.57, tradução nossa).

A transformação na indústria musical e o avanço tecnológico moldaram significativamente o design de capas de álbuns, forçando os designers a se adaptarem a um novo cenário visual, onde o formato digital e a representação em miniatura desempenham um papel crucial na experiência do ouvinte.

---

<sup>8</sup> “Streaming didn’t destroy the need for album art. It made it more important. Album art isn’t just the picture on the front of your record anymore. It’s part of your online brand. The music will always be the ultimate representation of your project but there is still a visual element to streaming that is crucial for success. 317 billion songs were streamed in 2015. That means that album art popped up 317 billion times as well.”

### 3.3. ROCK CLÁSSICO E ÁLBUNS MUSICAIS: A FORÇA DE SUAS CAPAS

No cenário efervescente da década de 1960, o Rock emergiu como uma força cultural inigualável, moldando não apenas a paisagem musical, mas também influenciando profundamente a sociedade e a mídia. Nesse contexto dinâmico, a imprensa se revelou uma peça fundamental, agregando fãs da música jovem, lançando artistas e catalisando interesses no mercado. Bruck; Vargas (2007), destacam como exemplo uma figura brasileira, Carlos Imperial, cujo papel multifacetado transcendia o mero universo musical.

Imperial não era apenas um compositor, mas também um empresário visionário, apresentador de programas de rádio e TV, e um conector entre os fãs do Rock e as fontes de informação, promoções e eventos. Seus programas, tanto no rádio quanto na televisão, e sua coluna "O Mundo é dos Brotos" na Revista do Rádio, foram cruciais na definição conceitual e material do espaço da música jovem. Imperial não apenas moldou o gosto musical da juventude, mas também estabeleceu um novo padrão de sucesso, criando uma crença coletiva na identidade e potencial dessa forma de expressão.

Como mediador cultural, Imperial não apenas se preocupava com os aspectos artísticos, mas também com a construção do mercado cultural juvenil. Ele reconhecia a necessidade de distinção na nova leva de artistas, encorajando a busca por elementos que transformassem a idade em um marcador social de diferença. A atenção voltada para o comportamento, repertório e, crucialmente, para a aparência, prenunciava a crescente importância da dimensão visual da música, uma evolução natural com a incorporação do Rock à televisão (Bruck; Vargas, 2007).

A televisão, uma das principais mídias da época, desempenhou um papel catalisador na face imagética do Rock e da Jovem Guarda. Antes mesmo do surgimento do programa "Jovem Guarda" (figura 16) na TV Record em 1965, outros programas já preenchiam as grades de programação de diversas emissoras.

Figura 16 – Programa Jovem Guarda (1965)



Fonte: Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2022/07/o-que-foi-a-jovem-guarda/>>. Acesso em: 18 nov. 2023

O cinema também contribuiu, seja explorando o Rock como tema central ou apresentando números musicais de artistas renomados. A indústria fonográfica, impulsionada pelo sucesso comercial do Rock, experimentou um crescimento notável, refletido em dados impressionantes apresentados por pesquisadores como Ortiz, Paiano e Vicente:

O que chama a atenção imediatamente ao analisarmos os números do mercado fonográfico nacional, de 1966 a 1976, é o crescimento acumulado de 444,6% no período, para uma época em que o crescimento acumulado do PIB foi de 152% [...]. Os anos de 1967 e 68 apresentam crescimento percentual significativo [...]. [...] Para se ter um termo de comparação com outras áreas similares, o mercado de livros cresceu 260% de 1966 a 1976, e as revistas 68,9% de 1965 a 1975 (Paiano, 1994 *apud* Bruck; Vargas, 2007, p. 5-6).

Esses números demonstram inequivocamente a magnitude da influência do Rock na indústria musical. As capas de discos, por sua vez, emergiram como espaços cruciais de mediação, tornando-se vitrines visuais constantemente expostas nas lojas e desempenhando um papel significativo na construção da identidade visual do Rock.

Para Bruck; Vargas (2007), o entendimento de Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano, sobre representação como a produção de sentido pela linguagem serve como alicerce para explorar a influência das capas de álbuns musicais de Rock na indústria fonográfica. Representar, segundo Hall, é colocar um construto em linguagem, um conjunto de signos organizados para referenciar ou indicar fenômenos, objetos ou conceitos dentro de um contexto cultural compartilhado. O processo de significação se desdobra em dois sistemas interligados: representações mentais e sistemas de linguagem. As primeiras associam conceitos a coisas percebidas, enquanto as segundas organizam esses conceitos em linguagens para construir sentido:

Qualquer som, palavra, imagem ou objeto que funcionem como signos, que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema. (Hall, 2016 *apud* Bruck; Vargas, 2007, p. 6).

No caso das capas de álbuns, as imagens dos artistas tornam-se parte do processo de representação figurativa do corpo jovem nos anos 1960, desafiando padrões conservadores e construindo memória visual.

A cultura é um amplo espaço onde textos interagem para modelar linguagens e construir significados. As capas dos LPs estão imersas nesse universo, estabelecendo vínculos com diversos aspectos culturais, como design, moda, dança, história em quadrinhos e televisão. Essas traduções são cruciais na dinâmica típica dos textos na cultura midiática da época, contribuindo para a construção de representações abstratas do Rock, do corpo, da rebeldia e do dinamismo da cultura jovem.

Ainda segundo os autores, na esfera do consumo, as capas dos LPs são mais do que embalagens efêmeras; são discursos visuais e táteis que apresentam o produto ao consumidor. Como observado anteriormente, o design dessas capas, como um texto cultural, compõe sentidos relacionados ao disco, à música, ao movimento cultural e ao artista. Elas se tornam espaços privilegiados de construção de representações visuais compartilhadas e recodificadas pelos ouvintes-consumidores.

Para Noronha (2020), as capas de discos, nesse contexto, são objetos de memória. Elas não são apenas embalagens descartáveis, mas artefatos que se desdobram no tempo, acumulando camadas de significação. São documentos que

indicam possíveis representações, resgatando o ato comunicativo do passado e reconectando-o ao presente. Essas capas duram no tempo como signos e linguagem, preservando o impacto do ato comunicativo que desencadeavam.

Na experiência de trabalhar com projetos que envolvem o encontro do design com a música e com as artes visuais para criação de capas de discos percebemos a importância destas etapas de criação e das técnicas de design que eram estudadas e utilizadas para a criação artística de uma capa de álbum musical, e a partir disso começa-se a visualizar o surgimento de ícones do design de discos. Destacam-se os álbuns *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos britânicos The Beatles, e *The Velvet Underground & Nico*, lançados em 1967, representados na figura 17, respectivamente. A capa do primeiro apresentava um cenário meticulosamente elaborado em escala real, contendo uma coleção de personalidades mundialmente conhecidas, selecionadas pelos membros da banda. Esse projeto visual foi realizado pelo casal Jann Haworth e Peter Blake, e se tornou um ícone emblemático do design de capas de discos. Por sua vez, o segundo álbum, conhecido como "o álbum da banana", teve seu projeto gráfico concebido por Andy Warhol e apresentava uma capa com um adesivo destacável, indicando antecipadamente o que ainda estava por vir em termos de criatividade nas capas de discos. (Silva, E., 2018).

Figura 17 – Capa dos álbuns *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e *The Velvet Underground & Nico* (1967)



Fonte: Montagem feita pela autora. Disponível em:  
<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.  
Acesso em: 14 jun. 2023

Ao observarmos emblemáticas capas como a do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* dos Beatles da figura 17, mergulhamos na complexidade da representação visual. Uma colagem de rostos famosos, uma sinfonia de cores

vibrantes, cada detalhe é cuidadosamente orquestrado. A função estética aqui é evidente, mas também encontramos camadas de significado simbólico e epistêmico. Os rostos não são meros adereços, são fragmentos de influências que moldaram os Beatles. É uma memória visual, um mosaico de referências que ganha vida quando o ouvinte mergulha na música.

Num paralelo intrigante, encontramos a capa do álbum *Nação Nordestina* (figura 18) de Zé Ramalho, uma ode às suas raízes. Numa paródia do *Sgt. Pepper's*, Ramalho recria o cenário, substituindo ícones globais por figuras nordestinas. Para Ohira (2005), nesse caso, a função simbólica atinge um novo patamar, transformando a capa em um alfabeto visual da identidade nordestina. O simbolismo agora reside na troca de elementos, uma árvore torna-se uma bananeira, Marilyn Monroe transforma-se em Elba Ramalho. Cada substituição é um ato simbólico que ressoa com a cultura e a história da região.

Figura 18 – Capa do álbum *Nação Nordestina* (2000)



Fonte: Disponível em:

<<https://www.amazon.com.br/Nacao-Nordestina-Zé-Ramalho/dp/B00004TW20>>. Acesso em: 02 out. 2023

A paródia de Zé Ramalho não se limita à mera imitação; ela é uma reinterpretação, um diálogo visual entre o global e o local. Os elementos simbólicos presentes na capa original dos Beatles são agora transpostos para um contexto

regional, dando-lhes uma nova camada de significado. Ao fazer isso, Ramalho não apenas presta homenagem à obra que o inspirou, mas também apropria-se dela para contar uma história única, ancorada nas tradições e personalidades do Nordeste.

Essa relação de paródia vai além da superfície visual; ela penetra no âmago da comunicação artística. Ao observar a capa de "Nação Nordestina" ao lado da original, somos convidados a contemplar não apenas as semelhanças visuais, mas as diferenças marcantes que revelam uma narrativa cultural única. É um exemplo vivo de como a arte da capa de álbum pode ser mais do que uma simples embalagem; pode ser um veículo para a expressão cultural e um diálogo entre diferentes formas de arte e identidade.

Exemplos como esses evidenciam o surgimento de concepções e produções colaborativas que deixaram uma marcante impressão ao longo das gerações. Essas expressões artísticas emergiram do encontro de ideias afins, estabelecendo uma conexão empática e compartilhando referências culturais, filosóficas e artísticas. Além disso, esses exemplos ressaltam a relevância do consumo desses álbuns na indústria fonográfica, desempenhando um papel crucial no êxito dessa técnica artística e midiática.

O ato de consumir produtos midiáticos é uma forma de posicionamento que os transforma em objetos culturais. Assim, a abordagem da cultura midiática pode ser efetuada a partir de objetos culturais que articulam tanto a produção como o reconhecimento de produtos que circulam em níveis global e local. (Janotti, 2003, p. 11).

As identidades individuais permanecem conectadas a valores específicos que capacitam as pessoas a encontrar significado em suas vidas. No entanto, atualmente, os processos envolvidos nesse sentido são variados, resultando em diferentes formas de posicionamento para cada indivíduo. Essa diversidade não implica na perda de um ponto central ou na desintegração da sociedade, mas sim em um rearranjo que possibilita uma experiência multifacetada, acompanhada de desafios emocionais e instabilidades decorrentes dessa vivência policêntrica.

#### 4. APROPRIAÇÕES DO ROCK CLÁSSICO: CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS NA INDÚSTRIA CULTURAL

Neste capítulo, apresenta-se uma análise detalhada de capas de cinco álbuns de Rock Clássico, buscando revelar os significados e as influências que carregam envolvendo seus aspectos visuais. Para isso, é utilizado cinco categorias de análise, explicadas previamente na metodologia, que abrangem diferentes dimensões da produção e da recepção dessas capas: *Apropriação Apaixonada*, *Apropriação Formal*, *Apropriação Antenada*, *Apropriação Midiatizada* e *Apropriação Consumista*. Cada uma dessas categorias permite desvendar aspectos relevantes a fim de compreender o papel que desempenham na construção da identidade visual dos músicos e na comunicação de mensagens implícitas ou explícitas.

A metodologia adotada nesta análise é fundamentada em teorias relevantes de autores consagrados no campo dos estudos visuais, da significação e das discussões que envolvem a cultura e o consumo. Joly (2002), Santaella; Nöth (2001), Pietroforte (2007), Barros; Duarte (2006), Benjamin (2018), Adorno (2023) e Lipovetsky (2007) são os principais referenciais teóricos que embasam a abordagem metodológica da pesquisa. Cada autor oferece perspectivas distintas, que vão desde a análise semiótica até a crítica da cultura de massa, proporcionando uma base sólida para a investigação das capas selecionadas.

Ao longo deste capítulo, iremos nos aprofundar nas nuances das *fanarts*, que expressam a criatividade e a admiração dos fãs pelos músicos e bandas; exploraremos as escolhas estilísticas do design gráfico, que conferem personalidade e originalidade à capa de álbum musical; desvendaremos as interseções entre música e indústria da moda, que refletem as tendências e os estilos da época; será percebido a presença midiática, que contribuem no alcance e a visibilidade do álbum; e serão aprofundadas as implicações da cultura de consumo em torno da capa de álbum.

Ao aliar a teoria à prática, esta análise visa não apenas descrever visualmente as capas, mas também oferecer interpretações profundas que conectam o material visual a contextos culturais e sociais mais amplos. Este capítulo não é apenas uma análise estática das imagens, mas sim uma incursão dinâmica no terreno fértil onde a música, a imagem/arte e a cultura se entrelaçam.

#### 4.1. ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE

A análise de conteúdo com foco em categorização é, inicialmente, a abordagem escolhida para organizar a avaliação dos materiais apresentados. Para atingir os objetivos estabelecidos, que estão relacionados à indústria cultural, foram identificadas previamente, de forma exploratória, cinco categorias consideradas relevantes nesse contexto. Essas categorias são: *Apropriação Apaixonada*, *Apropriação Formal*, *Apropriação Antenada*, *Apropriação Midiatizada* e *Apropriação Consumista*. Com a aplicação dessas categorias, busca-se classificar e examinar os conteúdos de forma sistemática, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos temas abordados e suas interações.

Ao desempenharem um papel significativo na indústria cultural, as *fanarts*, nas quais serão abordadas na categoria *Apropriação Apaixonada*, representam manifestações criativas dos fãs em resposta a obras existentes, refletindo não apenas a paixão e dedicação dos admiradores, mas também proporcionando *insights* sobre a recepção e interpretação pessoal, expandindo o universo das peças originais.

Em um contexto similar de influência cultural, na categoria *Apropriação Formal*, percebe-se que o design gráfico emerge como ferramenta essencial na comunicação visual. Adequando a percepção das produções através de capas de álbuns, posters de filmes, logotipos de marcas e interfaces de jogos, o design gráfico contribui para o sucesso comercial e a aceitação do público, consolidando-se como uma categoria crucial para análise em questão.

Alinhada a essas expressões visuais, a indústria da moda desempenha um papel fundamental na expressão cultural e na indústria como um todo. As escolhas de vestuário em filmes, séries ou jogos, e as tendências lançadas por celebridades, não apenas afetam a estética, mas também moldam, de certa forma, a identidade cultural. Ao analisar a indústria da moda no contexto cultural, surgem valiosos *insights* sobre como essas escolhas podem se tornar símbolos culturais, influenciando as percepções do público.

Transitando para o âmbito da mídia, que serve como veículo central na disseminação e influência cultural, a análise da veiculação midiática é crucial. Essa discussão não se limita apenas à forma como filmes, programas de televisão, música e outros conteúdos são apresentados e distribuídos, mas também abrange a

compreensão das estratégias de marketing, canais de distribuição e impacto na audiência, fundamentais para entender o alcance cultural e a relevância de uma capas de álbuns na sociedade contemporânea.

Entrelaçando-se com essas dinâmicas, a indústria do consumo está diretamente ligada à forma como os produtos culturais são comercializados e absorvidos pelo público. A avaliação de padrões de consumo, comportamento do consumidor e o impacto econômico das produções culturais complementa a compreensão global da dinâmica cultural, sendo vital para uma análise abrangente do sucesso e da sustentabilidade das obras ao longo do tempo.

Essa estratégia de categorização auxilia na análise ao oferecer uma estrutura clara e organizada para examinar os diferentes aspectos relacionados à indústria cultural. Cada categoria selecionada representa uma área específica de interesse e contribui para uma compreensão mais abrangente do fenômeno em estudo: as capas de álbuns musicais. Dessa forma, é possível identificar padrões, tendências e relações entre conteúdos, permitindo uma análise mais precisa, profunda e fundamentada. A utilização dessas categorias estabelecidas previamente também facilita a comparação e a interpretação dos resultados, proporcionando uma base sólida para a elaboração das conclusões.

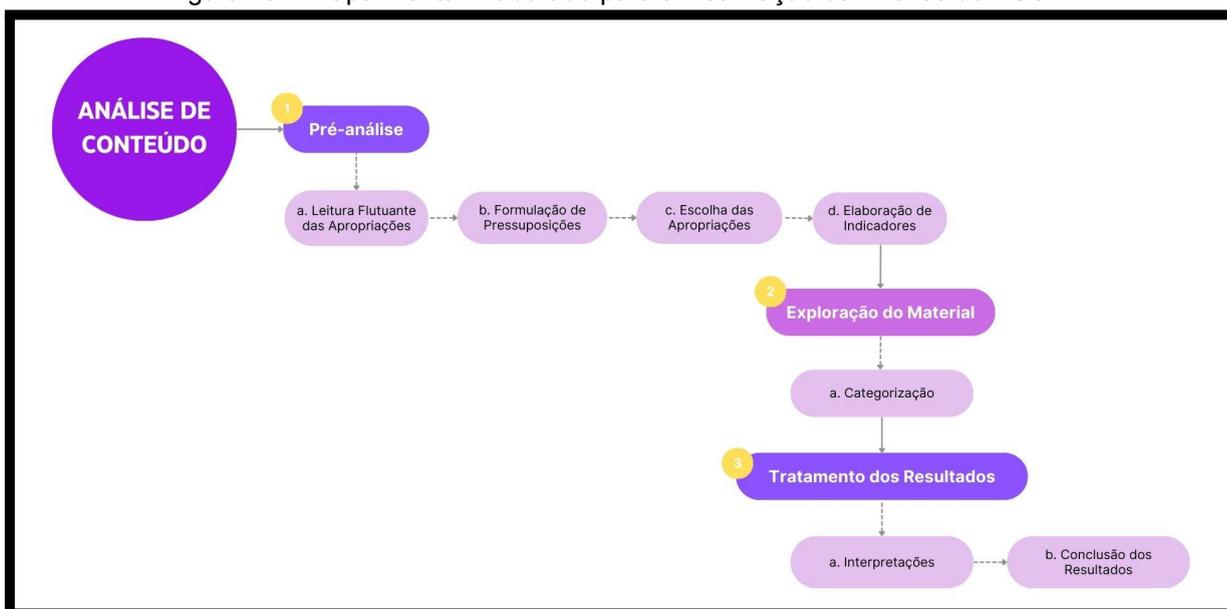
Em complemento à seleção prévia das categorias, durante o processo de pesquisa bibliográfica, foi possível identificar traços distintivos em determinados álbuns emblemáticos no âmbito do Rock Clássico. Como resultado, foram escolhidas cinco capas de álbuns que irão desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento do estudo, e serão posteriormente apresentadas. À cada categoria será atribuída uma única capa de álbum musical, evitando-se duplicidade. É relevante ressaltar que a atribuição de uma capa específica a uma determinada categoria, não implica necessariamente que sua relevância se restrinja exclusivamente a esse segmento. Torna-se possível perceber conexões e interações entre as categorias, permitindo uma abordagem mais abrangente e interdisciplinar. No entanto, a delimitação das categorias se mostra essencial para a organização e compreensão dos resultados, proporcionando uma estrutura sólida para a condução da proposta.

A abordagem metodológica escolhida para a análise das capas de álbuns de Rock Clássico e suas apropriações na indústria cultural é fundamentada em uma

adaptação realizada pela estudante do método proposto por Bardin (2011), como já explicado na metodologia. A escolha por esse método específico se deve à sua eficácia reconhecida na análise de conteúdo, proporcionando uma estrutura sólida para explorar as complexidades das apropriações imagéticas no contexto cultural contemporâneo.

Ao adaptar o método proposto por Bardin (2011), ilustrado na figura 08, buscou-se uma abordagem mais específica e direcionada ao objeto de estudo em questão, ilustrado na Figura 19. A leitura flutuante das apropriações, inicialmente apresentada por Bardin, ganha uma nova dimensão ao ser aplicada diretamente às capas de álbuns de Rock Clássico. Essa etapa permite uma imersão direcionada e profunda nas variadas formas de apropriação presentes envolvendo as capas dos álbuns, proporcionando uma compreensão mais rica e contextualizada.

Figura 19 – Mapa Mental Elaborado para a Realização da Análise do TCC



Fonte: elaborada pela estudante (2023) através de fontes de Bardin (2011).

A inversão na ordem entre a formulação de pressuposições e a escolha dos documentos busca potencializar a identificação dos pontos cruciais de análise. Ao formular pressuposições antes da seleção das apropriações, a estudante pôde direcionar sua atenção para aspectos específicos que emergem como mais relevantes, possibilitando uma análise mais precisa e significativa.

A escolha das apropriações, por sua vez, representa um momento de seleção criteriosa, destacando três instâncias que se destacam como particularmente significativas. Essa abordagem visa concentrar a análise nas apropriações mais

expressivas, permitindo uma compreensão mais aprofundada de seu impacto na cultura contemporânea.

A elaboração de indicadores contribui para a organização coesa das ideias, fornecendo uma estrutura clara para a análise subsequente. Esses indicadores orientam a estudante na interpretação das apropriações, garantindo uma abordagem sistemática e consistente ao longo do processo.

Na exploração do material, a categorização desempenha um papel central, permitindo a contextualização das apropriações dentro de categorias predefinidas. Essa abordagem facilita a análise abrangente das diferentes formas de apropriação, enquanto a decisão de não realizar uma subcategorização reflete a compreensão de que a categorização principal é suficientemente abrangente para abordar os elementos essenciais da análise.

A adaptação personalizada do método de Bardin (2011) proporciona uma estrutura robusta e flexível para a análise das capas de álbuns de Rock Clássico, permitindo uma compreensão mais aprofundada das apropriações imagéticas e de seu impacto na indústria cultural contemporânea.

A importância de ter teorias base que sustentem a análise das capas de álbuns de Rock Clássico e suas apropriações na indústria cultural é fundamental para proporcionar uma estrutura conceitual sólida e orientar a interpretação dos resultados. Nesse contexto, a escolha de sete grandes autores renomados contribui para uma abordagem abrangente e multifacetada. A interseção dessas teorias proporciona uma base teórica robusta para a análise, permitindo uma compreensão mais profunda das complexidades culturais e estéticas presentes nas capas de álbuns de Rock Clássico.

A obra de Joly (2002) oferece um arcabouço teórico essencial para a compreensão da mensagem visual fixa, explorando sua presença em diversas formas artísticas, incluindo cinema, artes plásticas, publicidade e elementos literários de caráter imagético. Essa abordagem ganha destaque ao conectar-se à análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico, incorporando as categorias previamente mencionadas.

No contexto da análise de conteúdo com categorização, a obra de Bardin (2011), emerge como um guia fundamental, ressaltando a importância da compreensão da relação imediata entre palavra e imagem. Essa relação, conforme

defendido por Joly (2002), visa uma complementaridade, nunca uma exclusão, alinhando-se diretamente à abordagem de categorização na análise de capas de álbuns. É crucial examinar como elementos visuais e conceituais se entrelaçam, contribuindo para a construção da mensagem cultural transmitida pelas capas.

É oferecido um caminho estruturado que pode ser correlacionado à organização da análise de capas de álbuns. Questiona-se o que é uma imagem, uma pergunta fundamental estendida, que questiona o papel visual e conceitual que as capas de álbuns musicais desempenham na representação da música e da identidade da banda. O desafio e a importância da análise da imagem destacados conectam-se com a abordagem de categorização da análise de capas de álbuns. O entendimento dos métodos de análise se torna crucial para extrair significados profundos dessas representações visuais. Seguindo de uma discussão sobre imagens publicitárias, como ela estabelece uma ponte para a análise das capas de álbuns no âmbito da indústria da moda e da veiculação midiática. As capas muitas vezes incorporam elementos publicitários, visando não apenas representar musicalidade, mas também vender uma imagem e um estilo de vida associados à banda.

Joly (2002) aborda a relação entre imagem e palavras em termos de complementaridade, oferecendo uma perspectiva valiosa para a análise de capas de álbuns, onde a interação entre elementos visuais e textuais desempenha um papel crucial na transmissão da mensagem cultural. A autora não apenas aprofunda a compreensão teórica da análise de imagem, mas também fornece um enquadramento conceitual sólido que pode ser aplicado de maneira sinérgica à análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico, enriquecendo a compreensão das interações nas categorias identificadas.

Seguindo a linha imagética, temos uma obra indispensável de Santaella; Nöth (2001). Santaella, proeminente pesquisadora brasileira em Comunicação e Semiótica, desempenha um papel fundamental na ampliação do entendimento da imagem e apresenta uma abordagem teórica e analítica robusta, enraizada nas ideias do renomado semioticista Charles S. Peirce.

Os pilares peirceanos destacados por Santaella (1983), como clareza e distinção, pragmatismo, concepção da realidade e dedicação à lógica, fornecem um

sólido alicerce teórico para a análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico dentro das categorias selecionadas.

Os autores exploram cognição, semiótica e mídia e estabelecem uma base conceitual que se integra organicamente à abordagem da análise de capas de álbuns. Eles abordam a desafiadora tarefa de submeter a imagem ao exame analítico, um obstáculo também evidente na análise de capas de álbuns, e refuta teorias que postulam a irredutibilidade das imagens ao discurso verbal. Os temas filosóficos explorados, tais como verdade, representações mentais, mediação tecnológica, intervenção das mídias e complexas relações entre imagem e linguagem verbal, encontram eco na análise de capas de álbuns, onde a interação entre elementos visuais e conceituais é crucial.

Destaca-se uma atenção especial a pontos-chave, como a imagem como representação visual e mental. Este conceito é de suma importância ao analisar apropriações de capas de álbuns, onde a representação visual é essencial para a interpretação dos elementos visuais e a conexão com teorias de representação e semiótica. A discussão em torno da Semiótica da Imagem explora teorias que buscam fundamentar uma ciência geral da imagem. Esta discussão é diretamente relevante para a análise de capas de álbuns, onde a semiótica desempenha um papel crucial na interpretação dos elementos visuais e conceituais presentes.

Ao integrar as reflexões dos autores com a estrutura de categorização e análise de capas de álbuns, proposta neste trabalho, o entendimento das interações nas categorias identificadas é ampliado. Esta interseção enriquece a análise de conteúdo, fornecendo uma base teórica sólida para compreender as dinâmicas culturais presentes nas apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico.

Pietroforte (2007) oferece uma abordagem esclarecedora sobre a semiótica visual, que se conecta de maneira intrínseca à análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico. A semiótica visual, explorada pelo autor, destaca o estudo de como as imagens transmitem significados. Isso é particularmente relevante ao analisar as capas de álbuns, onde elementos visuais como cores, formas e linhas são cuidadosamente selecionados para comunicar ideias e evocar emoções específicas. A compreensão desses elementos torna-se crucial ao categorizar e analisar as apropriações visuais presentes nessas capas.

A introdução da semiótica por Pietroforte (2007) oferece uma perspectiva única. Essa abordagem destaca a geração de significado através da tensão entre diferentes elementos semânticos. Ao aplicar essa lente à análise de capas de álbuns, pode-se examinar como a tensão semântica é construída visualmente e como ela contribui para a complexidade e riqueza da mensagem transmitida.

A aplicação desses conceitos à análise de textos visuais, é diretamente relevante para a análise de apropriações de capas de álbuns. Ao explorar temas como as relações entre imagem e música, as conversões de categorias semânticas, o enquadramento e a manipulação do ponto de vista, entre outros, Pietroforte (2007) fornece uma estrutura analítica robusta que pode ser alinhada à categorização das apropriações presentes nas capas de álbuns.

Assim, ao organizar as análises, a estrutura fornecida por Pietroforte (2007) oferece uma base sólida para a categorização e compreensão das apropriações visuais nas capas de álbuns de Rock Clássico, enriquecendo a análise de conteúdo e proporcionando uma abordagem mais profunda e significativa do material visual.

Barros; Duarte (2006) emerge com uma obra de referência essencial para pesquisadores, tanto iniciantes quanto experientes, oferecendo um guia abrangente sobre a condução de pesquisas na área de comunicação. Ao explorar os principais pontos abordados no livro, podemos estabelecer conexões valiosas entre os métodos e técnicas propostos pelos autores e a análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico, bem como as categorias deste TCC.

Os diversos recursos metodológicos explorados, como análise de conteúdo, análise de imagem na mídia e pesquisa na internet, fornecem uma rica variedade de ferramentas que podem ser incorporadas na análise de capas de álbuns. Cada um desses métodos pode oferecer perspectivas únicas sobre as diferentes dimensões das apropriações visuais.

Ao integrar as metodologias propostas por Barros; Duarte (2006) à estrutura de análise de apropriações de capas de álbuns, a pesquisa ganha uma base sólida e abrangente. A análise de conteúdo com categorização, encontra respaldo nos métodos sugeridos pelos autores, ampliando a compreensão das interações culturais presentes nas apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico.

Benjamin (2018), em um ensaio seminal, lança luz sobre as transformações fundamentais que a reprodução técnica introduz no campo da arte, especialmente

no contexto do cinema e da fotografia. Ao explorar os conceitos de reprodutibilidade técnica, perda da aura e as implicações políticas associadas, o autor oferece uma base teórica valiosa para conectar com a análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico e as categorias.

Benjamin (2018) argumenta que a obra de arte sempre foi reprodutível, mas a reprodução técnica representa uma mudança significativa ao longo da história. A xilogravura na Idade Média é citada como um exemplo precursor, marcando o início da técnica reprodutiva. Este ponto ressoa na análise de capas de álbuns, onde a reprodução técnica desempenha um papel central na disseminação das obras visuais.

A noção de "aura", introduzida pelo autor, refere-se à singularidade e autenticidade de uma obra de arte. Na análise de apropriações de capas de álbuns, a diluição da aura torna-se evidente à medida que elementos visuais são reproduzidos e reinterpretados. A perda da presença única no tempo e espaço vai de encontro com a forma como as capas de álbuns podem ser replicadas e distribuídas globalmente.

A transformação na percepção da arte é outro ponto crucial. O autor sugere que a reprodução técnica altera a relação do público com a arte, tornando-a mais acessível e democrática. Essa mudança na percepção é evidente na análise de capas de álbuns, onde a acessibilidade global das obras visuais é uma característica distintiva.

No aspecto político, explora-se as implicações da reprodutibilidade técnica para a propaganda, especialmente no cinema. Ao aplicar essa análise à veiculação midiática nas capas de álbuns, percebemos como elementos visuais podem ser utilizados para transmitir mensagens políticas, culturais ou comerciais.

Integrar as ideias de Benjamin (2018) à estrutura de análise de conteúdo com categorização deste TCC oferece uma perspectiva enriquecedora. A compreensão das dinâmicas entre *fanarts*, design gráfico, indústria da moda, veiculação midiática e indústria do consumo em apropriações de capas de álbuns é aprimorada pela consideração das transformações introduzidas pela reprodutibilidade técnica na obra de arte.

Adorno (2023), uma figura proeminente da Escola de Frankfurt, dedicou-se a criticar a degradação cultural imposta pelo capitalismo e, em especial, pelas forças

que transformam a cultura em uma mercadoria. Sua obra *Indústria Cultural e Sociedade* é um marco na análise das influências da lógica de mercado sobre a produção, distribuição e consumo de arte. Ele cunhou o termo Indústria Cultural em parceria com Max Horkheimer, destacando como os meios de comunicação de massa moldam e comercializam a cultura na sociedade capitalista. Esta perspectiva se torna crucial ao conectar com a análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico, onde a influência da indústria cultural se reflete na produção e disseminação de obras visuais.

A distinção feita pelo autor entre cultura de massa e indústria cultural é essencial para a compreensão da dinâmica cultural contemporânea. Enquanto a cultura de massa surge organicamente do povo, com suas nuances regionais e sem a intenção comercial, a indústria cultural impõe padrões repetitivos com o propósito de criar uma estética comum voltada ao consumismo. Essa distinção lança luz sobre como as apropriações de capas de álbuns podem ser influenciadas tanto por expressões culturais autênticas quanto por padrões mercadológicos.

A análise sobre a transformação da arte em mercadoria também ressoa na investigação das capas de álbuns. Sua argumentação de que a lógica do mercado permeia todas as esferas culturais, moldando a produção, o formato e o consumo de obras de arte, destaca a relevância de considerar como as apropriações de capas de álbuns são afetadas por essas forças.

Ao abordar a crítica de Adorno (2023) à cultura de consumo, a análise das apropriações de capas de álbuns pode explorar como as técnicas, a cultura e o consumo se entrelaçam. O conceito de indústria cultural, oferece um arcabouço teórico valioso para compreender as complexidades das relações entre *fanarts*, design gráfico, indústria da moda, veiculação midiática e indústria do consumo nas capas de álbuns de Rock Clássico.

Lipovetsky (2007) proporciona uma análise perspicaz da sociedade contemporânea, marcada pelo hiperconsumo. Essa obra é uma peça crucial ao conectar-se com a análise de apropriações de capas de álbuns de Rock Clássico, pois explora as dinâmicas do consumo, das necessidades hedonistas e da busca incessante pela felicidade.

O autor caracteriza a atualidade como a "sociedade do hiperconsumo", onde a existência se baseia cada vez mais na perspectiva de troca e mercadoria. Este

cenário é refletido nas apropriações de capas de álbuns, onde o consumo visual é uma parte intrínseca da experiência cultural. Ele define o hiperconsumo como a valoração extrema de coisas leves, prazeres imediatos e estilo de vida fitness, elementos que podem ser identificados nas representações visuais das capas de álbuns de Rock Clássico.

É destacado o papel do capitalismo de consumo nessa sociedade, onde a produção de bens, serviços, mídia e lazer é direcionada para proporcionar uma felicidade aparentemente paradoxal. Ao conectar essa análise com a pesquisa de capas de álbuns, é possível explorar como as representações visuais são moldadas e comercializadas para alimentar as necessidades de consumir, promovendo uma "mercantilização" das aspirações culturais.

A visão do autor sobre a transição do modo fechado para um universo infinito de chaves da felicidade destaca a mudança de paradigma na sociedade, evidenciando a ideia do "turbo-consumidor" por Lipovetsky (2007). Esse conceito sugere não apenas um consumo em massa, mas uma hiperindividualização do consumo, um fenômeno que pode ser investigado nas apropriações de capas de álbuns, onde as escolhas individuais e a expressão pessoal são incorporadas visualmente.

O contraste entre a exibição da felicidade hedonista e os sentimentos subjacentes de insegurança pode ser explorado visualmente nas representações artísticas. Essa análise adiciona uma camada complexa à compreensão das imagens das capas dos álbuns, revelando as tensões entre a busca pela felicidade e as ansiedades inerentes à sociedade do hiperconsumo.

#### 4.2. APRESENTAÇÃO DAS CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS

Adentramos agora na apresentação das capas selecionadas, que representam momentos emblemáticos no cenário musical. Como mencionado anteriormente foram escolhidas 5 capas de álbuns emblemáticos para o contexto do Rock Clássico e da indústria cultural.

O primeiro que iremos apresentar é a capa do álbum *Queen II* (figura 20), da banda Queen, composta por Freddie Mercury, Brian May, John Deacon e Roger Taylor, possui uma história marcante no cenário do Rock, sendo reconhecida como uma das mais influentes e icônicas de todos os tempos. Ao longo de sua trajetória, o

Queen conquistou uma legião de fãs devido à sua música inovadora, apresentações enérgicas e letras cativantes (Bohemian Rhapsody, 2018).

Figura 20 – Capa dos álbuns *Queen II* (1974)



Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/artista-recria-capas-iconeas-do-rock-com-o-isolamento-social-necessario-de-beatles-queen-veja/>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Lançado em 1974, o álbum musical *Queen II* é uma obra-prima que captura a essência da banda britânica que viria a se tornar uma lenda. O álbum captura a essência artística, visual e estética da banda, assumindo uma relevância especial. Caracterizado por uma sonoridade épica e teatral, o álbum adotou uma abordagem conceitual, dividindo-se em duas partes distintas, conhecidas como "Lado Branco" e "Lado Preto", uma temática que também se manifestou na concepção da capa do álbum.

Segundo Nery (2020), a capa de *Queen II*, concebida pelo renomado fotógrafo Mick Rock, é uma obra de arte visualmente impactante que reflete não apenas a estética da banda, mas também o contexto cultural da época. Nela, os membros da banda são retratados em poses dramáticas e elaboradas, exibindo maquiagens exuberantes e trajes extravagantes. Essa imagem transmite um sentido de teatralidade e grandiosidade, refletindo a estética teatral e *Glam Rock* que o Queen estava desenvolvendo naquele período.

Para compreender plenamente a capa, é fundamental contextualizá-la dentro do cenário dos anos 1970. A década estava impregnada de experimentação artística e social, refletindo movimentos como o *Glam Rock*.

O *Glam Rock*, ou *Glitter Rock*, foi um movimento musical que floresceu principalmente durante os primeiros anos da década de 1970, oferecendo uma estética visualmente extravagante e uma abordagem teatral à música Rock. Este estilo não apenas influenciou a cena musical, mas também deixou uma marca indelével na moda, na cultura pop e na atitude geral da época. Era principalmente conhecido por sua exuberância, moda extravagante, maquiagem brilhante e performances teatrais. Ainda segundo Nery (2020), o movimento celebrava a androginia e desafiava as normas de gênero, com artistas muitas vezes desafiando as expectativas convencionais de masculinidade e feminilidade. Isso criou um espaço onde a expressão individual e a experimentação eram aplaudidas.

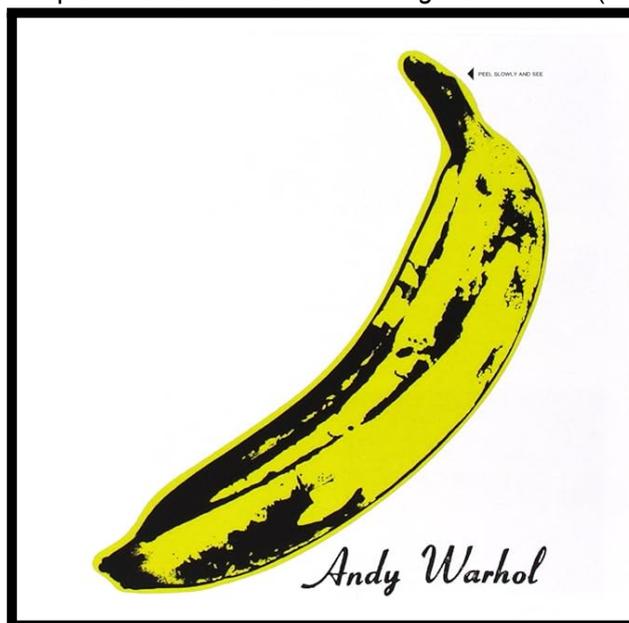
Musicalmente, o *Glam Rock* incorporou elementos de *rock'n roll*, música pop, e até mesmo toques de música clássica, criando uma fusão única de estilos. As letras muitas vezes eram lúdicas, e as performances ao vivo eram espetaculares, com artistas vestidos em roupas extravagantes e fazendo uso extensivo de maquiagem e adereços. O *Glam Rock* não era apenas sobre música; era um movimento da indústria cultural que desafiava as normas sociais e promovia a autoexpressão. Além disso, o impacto visual do *Glam Rock* teve um efeito duradouro na moda e na estética da música pop, influenciando gerações subsequentes de artistas.

Foi então que a banda Queen, liderada por Freddie Mercury, incorporou esses elementos do *Glam Rock* em sua música e apresentações, contribuindo assim para a rica tapeçaria do gênero e se destacou como uma força inovadora nesse cenário. Por esse motivo, o *Glam Rock* é influente na abordagem teatral e na estética visual da capa do álbum *Queen II*.

A capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* (figura 21), é importante por apresentar uma peculiaridade em relação à sua identificação formal. Segundo Gonçalves (2011), o disco, lançado em 12 de março de 1967, não possui um título específico ou informações explícitas sobre a banda, mas foi popularmente denominado como "o disco da banana", criada pelo famoso artista pop Andy Warhol, que também atuou como produtor e mentor da banda. A capa consiste em uma

imagem de uma banana amarela sobre um fundo branco. Ao descascar a casca da banana, o consumidor revelava uma banana rosa por baixo. A ideia de Warhol era criar uma capa interativa e provocativa, que sugerisse uma analogia sexual e desafiasse as convenções da indústria fonográfica. A capa se tornou um ícone da contracultura e da estética underground, sendo reproduzida e parodiada inúmeras vezes

Figura 21 – Capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* (1967)



Fonte: Disponível em:

<<https://www.warhol.org/exhibition/the-velvet-underground-nico-scepter-studio-sessions/>>. Acesso em: 03 nov. 2023

*The Velvet Underground* é uma banda norte-americana de Rock formada em Nova York no final da década de 1960. Reconhecida por sua abordagem experimental e vanguardista, a banda era composta por Lou Reed, John Cale, Sterling Morrison e Maureen Tucker. O álbum *The Velvet Underground & Nico* contou também com a participação da cantora alemã Nico, que foi imposta por Warhol como uma forma de aumentar o apelo comercial da banda. O álbum apresenta uma sonoridade inovadora e temas controversos, como drogas, sadomasoquismo e violência urbana.

Embora não tenham alcançado grande sucesso comercial em seu período ativo, o legado da banda cresceu ao longo dos anos, influenciando inúmeras gerações de músicos e sendo reconhecida como uma das mais importantes e influentes bandas do Rock experimental e artístico. (Gonçalves, 2011)

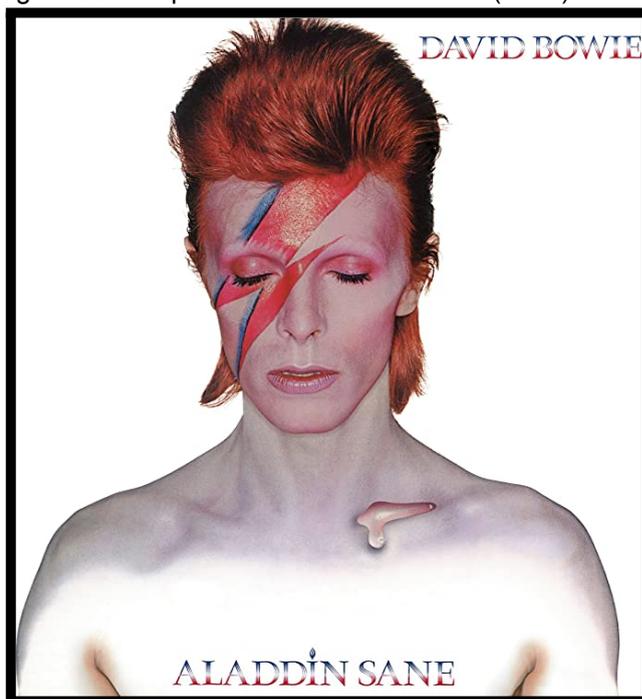
Em *Moonage Daydream* (2022), vemos David Robert Jones, figura proeminente na indústria musical, foi um artista multifacetado, atuando como cantor, compositor, ator e produtor musical de origem britânica. Reconhecido como o "Camaleão do Rock", Bowie era notório por sua habilidade excepcional de se reinventar constantemente, alterando sua imagem pessoal e estética. Sua estreia no cenário musical ocorreu em 1969, com a notável repercussão comercial da canção *Space Oddity*, que alcançou o quinto lugar nas paradas do Reino Unido, evidenciando seu talento e abrindo caminho para uma carreira musical de sucesso.

No ano de 1972, em meio ao contexto da disseminação do movimento *Glam Rock*, David Bowie ressurgiu na indústria fonográfica por meio de um álbum de caráter conceitual, acompanhado de um alter ego alienígena denominado Ziggy Stardust. Dotado de uma persona extravagante e andrógina, Bowie interpreta com maestria os sucessos musicais como *Starman*:

Eu estava tentando criar uma ideia que expandisse a ideia de rock. Então assumi essa forma alienígena com Ziggy. Eu me baseei em conceitos japoneses. Naquele período particular do início dos anos 70 nós sabíamos tão pouco sobre o Japão, pouco era conhecido no ocidente. Ainda nos parecia uma sociedade alienígena. Mas era uma sociedade alienígena humana. Então uma conexão humana era muito mais possível do que, por exemplo, com Marte (Bowie, 2004 *apud* Silva, 2019, p.31).

Já no surgimento do álbum *Aladdin Sane*, este personagem já não fazia mais parte da personalidade artística de David Bowie, mas ele ainda usou Ziggy como inspiração para a capa.

O álbum *Aladdin Sane* (figura 22) marca um momento crucial na carreira do icônico músico britânico David Bowie. Lançado em 1973 pela RCA Records, o sexto álbum de estúdio de Bowie sucedeu o enorme sucesso de *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* e marcou o início de sua trajetória como um autêntico astro do Rock. O título do álbum, um jogo de palavras com *A Lad Insane*, revela a natureza intrigante e, por vezes, enigmática das composições de Bowie.

Figura 22 – Capa do álbum *Aladdin Sane* (1973)

Fonte: Disponível em:

<<https://www.amazon.com.br/DAVID-BOWIE-ALADDIN-SANE/dp/B0106UFD4G>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Ao examinar a capa original do álbum, destaca-se a presença icônica de David Bowie sem camisa, com um raio colorido pintado no rosto, uma lágrima delicadamente posicionada em sua clavícula, os olhos fechados e a boca levemente entreaberta. Em contraste, a estampa apresenta um padrão repetitivo de elementos laranja sobre um fundo preto, incluindo raios, planetas, microfones, guitarras, notas musicais e foguetes. O raio colorido no rosto de Bowie emerge como um ícone representativo da persona *Aladdin Sane*, enquanto a lágrima pode ser interpretada como um índice de vulnerabilidade ou tristeza. Na estampa, os raios assumem o papel de ícones que representam *Aladdin Sane*, enquanto os elementos musicais e espaciais se tornam símbolos que evocam a música de Bowie e a narrativa de *Ziggy Stardust*.

A capa original do álbum reflete um momento em que Bowie enfrentava desafios ao lidar com sua crescente fama, enquanto a estampa celebra a música e a persona de Bowie, integrando elementos que remetem à sua narrativa e estilo distintos. Ambas as imagens empregam o raio como elemento visual-chave para representar *Aladdin Sane*. Contudo, enquanto a capa do álbum adota uma

abordagem realista com a imagem de Bowie, a estampa opta por uma abordagem mais abstrata e simbólica, adicionando camadas de significado e interpretação.

Para Silva E. (2018), a persona de *Aladdin Sane*, embora tecnicamente fosse um novo personagem, representou uma evolução de Ziggy Stardust em termos de aparência e personalidade. O caminho traçado por Bowie nesse álbum é, de certa forma, uma continuação da narrativa e estética iniciadas com Ziggy Stardust. A capa do álbum tornou-se uma das imagens mais icônicas do artista. Essa representação visual destaca a habilidade de Bowie em se reinventar e criar imagens poderosas que transcendem a música em si. David Bowie criou e adotou várias personas, cada uma com sua própria estética e sonoridade únicas. *Aladdin Sane*, descrito por Bowie como "Ziggy vai à América", reflete as observações feitas pelo músico durante sua turnê americana de 1972.

Nirvana, uma banda de Rock formada em Aberdeen, Washington, nos Estados Unidos, em 1987. Seus membros fundadores eram Kurt Cobain (vocalista e guitarrista), Krist Novoselic (baixista) e Dave Grohl (baterista). A banda alcançou grande sucesso e popularidade durante a década de 1990, sendo considerada uma das principais representantes do movimento grunge (Kurt Cobain: Montage of Heck, 2015).

Com letras sinceras e músicas enérgicas, o Nirvana trouxe uma abordagem única ao Rock, combinando elementos do *punk*, do *indie* e do *metal*. Seu álbum de maior destaque, *Nevermind* (1991), ilustrado na figura 23, catapultou-os para o estrelato mundial. O sucesso do álbum e o carisma de Cobain fizeram do Nirvana uma das bandas mais influentes da época (Bernardo, 2021).

Figura 23 – Capa do álbum *Nevermind* (1991)

Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.

Acesso em: 07 mai. 2023

Este álbum foi o segundo trabalho da banda norte-americana, disponibilizado ao público em 24 de setembro de 1991. De acordo com dados da emissora britânica BBC, estima-se que cerca de 26 milhões de unidades do disco tenham sido comercializadas em todo o mundo. Apesar do encerramento prematuro do grupo, ocorrido somente três anos após o lançamento de *Nevermind* devido ao suicídio do vocalista Kurt Cobain, o debate em torno da relevância desta obra, tanto no âmbito musical como além dele, continua vigente (Aquino, 2008).

A capa original do álbum lançado em 1991, apresenta uma imagem de um bebê mergulhado em uma piscina e tentando alcançar uma nota de dólar pendurada em um anzol. A imagem, criada pelo fotógrafo Kirk Weddle, rapidamente se tornou icônica e se associou à imagem do Nirvana. A capa original é frequentemente interpretada como uma crítica à cultura do consumismo e alienação. (Banulescu, 2020)

A capa também foi vista como uma provocação aos padrões morais e estéticos da indústria fonográfica, que buscava tornar os produtos musicais mais palatáveis e rentáveis. A capa de *Nevermind* inspirou diversas associações e paródias, tanto de fãs quanto de artistas, que recriaram a imagem com diferentes elementos, como animais, celebridades, personagens fictícios e objetos. Pra Aquino

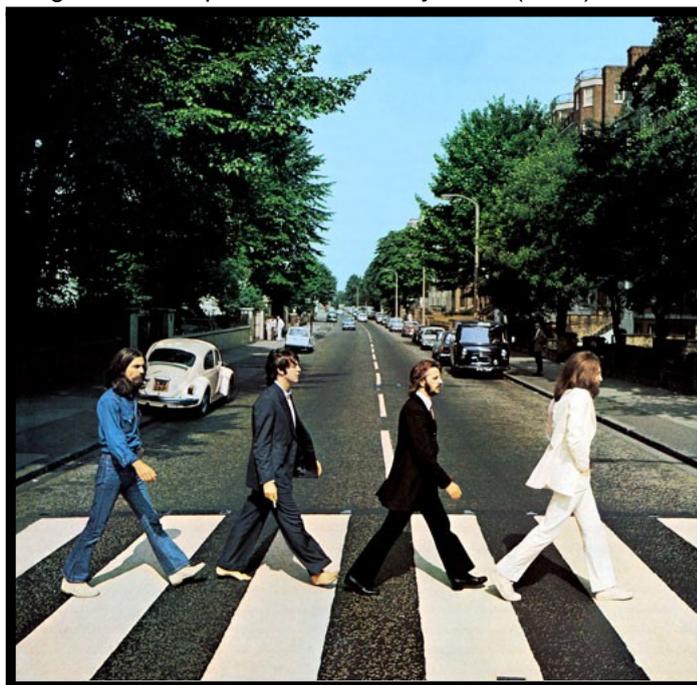
(2008), a capa de *Nevermind* se tornou um símbolo da contracultura e da rebeldia, refletindo o espírito e o som da banda.

A banda britânica The Beatles, considerada uma das mais influentes e revolucionárias da história da música popular, foi formada em Liverpool em 1960. O grupo era composto por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. Ao longo de sua carreira, os Beatles conquistaram fama mundial e deixaram um legado duradouro na indústria musical (The Beatles, 2022).

Segundo *Discovery Publicações* (2021), a história da icônica banda britânica The Beatles tem sido amplamente explorada ao longo do tempo, com pouco a acrescentar, dado que seus feitos musicais são tão abrangentes e diversos que sempre há algo a ser lembrado. A música dos Beatles permanece viva e presente, constantemente reavaliada com reedições de suas obras, novas gravações e até mesmo o surgimento de bandas diretamente influenciadas por eles. Embora o último álbum do grupo, *Let It Be*, tenha sido lançado em 1970, ou seja, há quatro décadas, uma eternidade no universo musical, especialmente considerando a volatilidade e efemeridade da indústria atual.

No final de 1962, os Beatles fizeram sua primeira aparição nas paradas de sucesso com o lançamento do single *Love Me Do*. Poucos meses depois, em fevereiro de 1963, a banda fez uma aparição na televisão para promover o single *Please Please Me*, cujo sucesso foi o estopim de uma onda que se espalharia pelo mundo. Para o grande público, tudo relacionado aos Beatles era diferente e revolucionário. Em primeiro lugar, eles substituíram a figura do artista solo pelo quarteto, o que trouxe uma nova dinâmica ao cenário musical. Além disso, eles ousaram ostentar cabelos compridos, desafiando os padrões estabelecidos. A música em si, enraizada no gênero conhecido como *beat* e anteriormente restrita a Liverpool, soava completamente nova para o resto do mundo. (Discovery Publicações, 2021)

A capa do que vinha ser um dos últimos álbuns da banda, *Abbey Road* (figura 24), ganha destaque importante neste TCC, visto que além de lendária e necessária para a discussão, também se encaixa perfeitamente no gênero de indústria de consumo e duas facetas dentro do ramo mercadológico. A capa alcançou uma aura mítica não apenas entre os fãs da banda, mas também entre um público mais amplo, indiferente ao sucesso dos quatro membros dos Beatles.

Figura 24 – Capa do álbum *Abbey Road* (1969)

Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.

Acesso em: 14 jun. 2023

No entanto, a fotografia da capa transcende a simples imagem dos músicos atravessando uma rua em Liverpool. Em termos representacionais, observamos quatro homens que são músicos e personalidades do cenário do Rock Britânico e mundial. Apesar de suas diferenças, essas figuras masculinas de pele branca, na faixa dos trinta anos, exibem um aspecto bem vestido. É possível notar que Paul McCartney está descalço, segurando um cigarro em sua mão direita. Seus cabelos são longos e três deles estão usando barba, um costume comum na década de 1960, especialmente entre a cultura hippie. (Martins, 2014)

Na fotografia (figura 15), eles são vistos atravessando a rua com uma atitude aparente de indiferença, profissionalismo e orgulho por suas conquistas na carreira. O cenário é a icônica *Abbey Road*, que empresta seu nome ao álbum, localizada nas proximidades dos estúdios da EMI, onde a banda estava gravando o disco. A cena retrata carros estacionados, veículos em movimento, algumas pessoas nas calçadas, árvores, iluminação pública, fachadas de edifícios e um céu azul. A representação presente na imagem pode ser caracterizada como uma narrativa não transitiva direcional, uma vez que os participantes estão conectados por um vetor e também porque não é possível determinar para onde eles estão olhando.

#### 4.2.1. APROPRIAÇÃO APAIXONADA: *QUEEN II* E AS FANARTS

A dualidade representada na capa pode ser vista como uma interpretação glamourosa da complexidade musical que caracterizava o movimento. Cada lado representa um membro da banda, destacando a individualidade deles. Essa abordagem simboliza não apenas a diversidade musical do *Queen*, mas também a complexidade de suas personalidades e relações.

O álbum é dividido em dois lados: o “Lado Branco”, é composto por canções emotivas e reflexivas escritas por Brian May, e o “Lado Negro” é composto por canções de temáticas mais obscuras e fantasiosas escritas por Freddie Mercury.

A escolha do preto e branco, além de criar uma imagem visualmente impactante, também reflete a dualidade intrínseca à música do Queen. Suas composições muitas vezes mesclavam elementos pesados e suaves, sombrios e luminosos. Essa divisão visualmente nítida entre os lados preto e branco, possibilita que cada faceta visualize um membro da banda, criando uma simetria visual que ressoa ao longo da composição. Elementos como os imponentes mantos, as posturas distintas dos membros e o contraste marcante entre os tons preto e branco são fundamentais na construção dessa obra visual.

Com interpretações realizada à luz das teorias de Santaella; Nöth (2001), Joly (2002) e Pietroforte (2007), pode-se entender que a capa do álbum *Queen II*, com sua iluminação dramática e poses teatrais, pode ser vista como um signo que comunica a dualidade do álbum, bem como a teatralidade e o dramatismo que são marcas registradas da música do Queen.

Ao explorar os signos presentes na capa, observamos que as imagens de cada integrante se tornam ícones, representando fielmente suas características físicas individuais. A escolha deliberada dos tons contrastes do preto e branco reflete a própria natureza da música do *Queen*, que habilmente mistura elementos sonoros pesados e suaves, e também nas personalidades distintas de seus membros. As posições e gestos adotados pelos membros, por sua vez, funcionam como índices, indicando elementos das personalidades e dos papéis que desempenham na banda. A interpretação desses signos revela significados profundos. A separação visual dos membros destaca suas individualidades singulares, simbolizando como cada um contribui de maneira única para a harmonia geral da banda. Os gestos dramáticos e poses adotadas na composição não apenas

reforçam a estética, mas também capturam a essência teatral que caracteriza as performances marcantes do Queen, uma característica intrínseca ao movimento *Glam Rock*.

A simetria cuidadosamente planejada na composição não é apenas esteticamente agradável, mas também reforça o princípio presente na música da banda, refletindo a harmonia musical coesa do álbum, transcendendo a mera representação visual. É uma obra rica em simbolismo e significado, onde a dualidade, simetria e teatralidade não apenas servem como elementos artísticos, mas também encapsulam a essência intrínseca da música e da personalidade cativante do *Queen*.

A análise semiótica proporciona uma compreensão mais profunda, revelando camadas de significado que enriquecem a experiência da obra e contextualizam a complexidade da banda dentro do cenário cultural em que se destacaram. Contudo, a capa do álbum musical *Queen II* se destaca também como uma representação marcante da banda e de sua identidade visual singular, nela percebe-se que a influência do teatro e do cinema na capa do álbum transcende simplesmente a música, elevando-a a uma obra de arte impregnada de sofisticação e drama. Os membros da banda não apenas posam, mas encarnam personagens, adotando poses e expressões que evocam o esplendor do palco e a magia do cinema. Nesse contexto, é intrigante explorar a ligação entre a capa e a icônica atriz alemã Marlene Dietrich, cuja presença magnética e estilo único deixaram uma marca indelével na história do entretenimento.

A pose adotada pelos membros da banda, com corpos inclinados, olhares penetrantes, expressões dramáticas e a aura de confiança e mistério, ressoa poderosamente com a atitude e o carisma característicos de Marlene Dietrich que era conhecida por sua presença magnética no palco e na tela. Considerada um símbolo da mulher vamp, sua influência estendeu-se para além do cinema, moldando a estética de uma era. A conexão entre a pose da capa e o estilo de Dietrich, primordialmente em cenas do filme *O Expresso de Shanghai* (Figura 25), adiciona uma camada de sofisticação, conferindo à imagem uma sensação de prestígio e elegância. Essa conexão não é apenas uma homenagem à atriz, mas uma fusão de influências que enriquece a narrativa visual da capa.

Figura 25 – Marlene Dietrich em O Expresso de Shanghai (1932)



<[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marlene\\_Dietrich\\_in\\_Shanghai\\_Express\\_%281932%29\\_by\\_Don\\_English.png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marlene_Dietrich_in_Shanghai_Express_%281932%29_by_Don_English.png)>. Acesso em: 14 jun. 2023

A presença de Dietrich na criação da capa destaca a intertextualidade presente na indústria cultural, onde diferentes formas de arte se entrelaçam e se influenciam. Ao prestar homenagem a uma figura do cinema clássico, o Queen não apenas adiciona uma dimensão cinematográfica à sua obra, mas também solidifica a capa como um símbolo duradouro na história do *Rock Clássico* e do design de capas de álbuns.

Assim, a capa deste álbum musical transcende sua função puramente estética. Ela se torna uma celebração da interseção entre música, teatro, cinema e moda, encapsulando o *zeitgeist*<sup>9</sup> de uma época em que a expressão artística ultrapassou fronteiras e criou uma experiência visual e sonora única. A conexão com Marlene Dietrich adiciona não apenas uma camada de prestígio, mas também uma ponte entre diferentes formas de arte, solidificando a capa como uma peça central na rica tapeçaria da cultura pop.

Ao conectar a presença magnética de Marlene Dietrich com a icônica obra visual do álbum musical *Queen II*, a capa não apenas ganha uma camada adicional de prestígio, mas também estabelece uma ponte intrigante entre diferentes formas de arte. Com sua composição distintiva dividida entre os retratos dos membros da

<sup>9</sup> Termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos

banda, apresenta uma estética que transcende simplesmente a música, tornando-se uma expressão visual marcante. Essa fusão de elementos visuais e referências culturais cria uma conexão mais ampla com a fusão de diferentes formas de arte, solidificando a capa deste álbum musical como uma peça central e influente na rica tapeçaria da cultura pop. A presença de Marlene Dietrich não apenas enriquece a estética da capa, mas também eleva seu significado, transformando-a em um ponto de convergência para apreciadores de música, cinema e arte em geral.

Essa interseção entre música, cinema e cultura pop cria uma base sólida para explorarmos as inúmeras apropriações e interpretações que surgiram na esfera das *fanarts*. A capa do *Queen II*, com sua estética única, tornou-se um terreno fértil para a expressão criativa dos fãs. A influência de ícones de fora da área musical adiciona uma camada de complexidade à narrativa visual, atraindo artistas a reinterpretarem e expandirem essa história visual. *Fanarts* que emergiram dessa interação cultural não apenas celebram a originalidade da capa, mas também se tornam testemunhas da interconexão entre os fãs e a obra original.

Ao explorar as *fanarts* inspiradas na capa do *Queen II*, mergulhamos em um universo onde a expressão individual se entrelaça com a influência cultural. Essas criações não apenas perpetuam a relevância da capa original, mas também ampliam seu impacto, destacando como a indústria cultural é alimentada pela participação ativa e criativa dos fãs. A capa do *Queen II*, assim, transcende os limites do álbum para se tornar um ícone mutável, enriquecido pelas interpretações e contribuições constantes de uma comunidade de admiradores dedicados.

Mas para abordar a influência da *fanart* no âmbito artístico, é primordial compreender, inicialmente, sua origem etimológica e histórica. Assim, este primeiro segmento busca, a partir da explicação de conceitos relacionados à cultura participativa do fã - *Fanmades*, *Fanzines*, *Fanfics*, *Fanvids* e *Fanarts* - fundamentar a consolidação histórica da *fanart*. Posteriormente, é necessário estabelecer os contextos nos quais essas produções de fãs encontram espaço para existir e se disseminar, seja fisicamente ou virtualmente. Ao compreender a cultura participativa do fã e os termos associados, torna-se possível não apenas assimilar a *fanart* em profundidade, mas também iniciar discussões sobre suas potencialidades latentes.

Segundo Almeida; Becker (2020), *Fanart* ou *Fan Art* é uma expressão em inglês significando Arte de Fã. Considerando a etimologia dessa expressão,

inicialmente temos a palavra inglesa *Fan*, que tem sua origem na abreviação de *Fanact*, derivado do latim *Fanaticus* (fanático). Inicialmente relacionada a um contexto religioso, a palavra fanático evoluiu para significar admirar excessivamente ou ter uma obsessão por algo ou alguém. O termo Fã é usado atualmente para descrever aquele que tem interesse, admiração e afeição por algo ou alguém.

A palavra *Art*, assim como fã, tem origem latina e corresponde ao termo grego *tékne*, que significa técnica, habilidade ou capacidade de criar algo. Portanto, *fanarts* referem-se a produções artísticas feitas por fãs, baseadas em elementos ou itens de uma obra já existente. Em outras palavras, um fã utiliza um objeto de inspiração para criar uma composição artística, seja como referência ou inspiração.

*Fanarts* são produções artísticas feitas por fãs, utilizando elementos de uma obra existente como inspiração. Isso envolve criar composições artísticas referenciando ou inspirando-se em objetos específicos. A cultura do fã é explorada através das *fanmades*, que englobam diversas formas de manifestação, sendo a *fanart* uma delas. A fonte de inspiração para *fanarts* é praticamente ilimitada, já que indivíduos podem tornar-se fãs por motivos pessoais, resultando em expressões diversas. Cada objeto de inspiração oferece seu próprio universo criativo, desde personagens e cenários até ideias e narrativas, como filmes que proporcionam uma gama de referências.

Já o termo *fandom* serve para representar a coletividade de fãs que engloba uma variedade de atividades e interações em torno do objeto de interesse compartilhado. Segundo Miranda (2009), o sistema *fandom* representa uma revolução na interação com a literatura, transformando a leitura em uma experiência ativa e coletiva na era virtual. O novo leitor, nascido nesse contexto, busca participar ativamente de comunidades online, definindo seu próprio cânone e estabelecendo novas regras para a apreciação da obra literária. Este fenômeno digital abrange diversas manifestações literárias, desde a produção de textos até a crítica e a criação artística, sendo aplicável a diferentes campos, como a indústria musical.

O conceito de *fandom* destaca-se pela formação de comunidades ao redor de obras específicas, onde o consumo é essencialmente criativo. O papel do fã é crucial nesse sistema, composto geralmente por um público jovem não especializado, mas capaz de selecionar obras com critérios próprios. Essas comunidades surgem espontaneamente no ciberespaço, não sendo controladas pela

academia, e seus membros não são apenas consumidores passivos, mas também ativos na produção artística, compartilhando suas criações online.

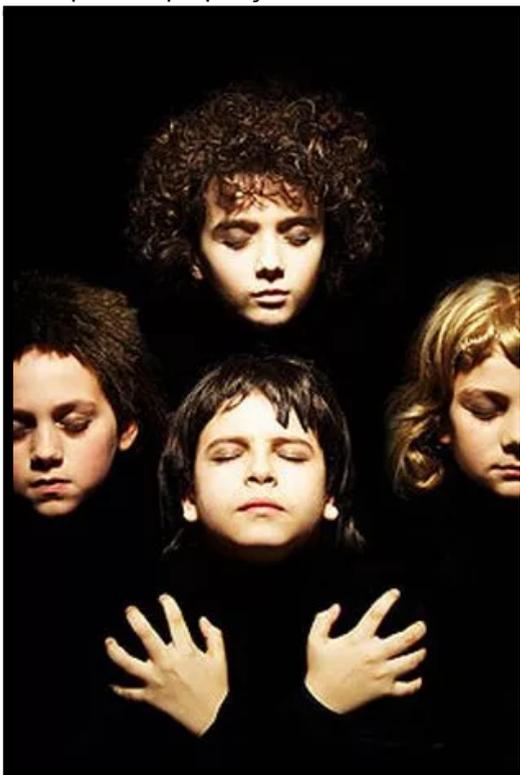
No processo de formação dos *fandoms*, nota-se uma subjetivação inicial seguida pela sistematização dessas comunidades. Elas surgem da convergência de imaginários de fãs de uma mesma obra, promovendo a identificação entre textos, imagens e vídeos produzidos pelos participantes. Essas comunidades são percebidas como laboratórios criativos, acessíveis e acolhedores, distanciando-se do contexto comercial e aproximando-se de um ambiente de seminário, onde ideias podem ser germinadas e compartilhadas de forma gratuita.

O *fandom* representa uma forma inovadora de interação com a indústria cultural, permitindo uma atualização da arte para formação de novos fãs com hábitos e expectativas diferentes.

O impacto do sistema *fandom* destaca o surgimento de um fã ativo, coletivizado e participativo. O *fandom* representa uma forma democrática e aberta de manifestação valorativa, desafiando os modelos tradicionais e contribuindo para a reconfiguração da indústria cultural na era digital.

Além de participar da comunidade, o fã também busca se expressar como indivíduo, mostrando sua identidade e criatividade por meio de suas *fanarts*. As *fanarts* são uma forma de homenagear e reinterpretar a obra original, acrescentando elementos pessoais, como traços, cores, estilos e até mesmo personagens próprios. O fã pode se sentir representado dentro do *fandom* ao ver sua *fanart* reconhecida e apreciada pelos outros membros, podendo até se tornar uma referência dentro da comunidade com *fanarts* que inclua-o como indivíduo de destaque em sua arte, como no exemplo da figura 26, na qual mostra-se uma recriação da icônica capa do álbum feita por crianças. As *fanarts* também podem gerar novas interações e debates, ampliando o universo da obra e atraindo novos fãs.

Figura 26 – Exemplo de apropriação do indivíduo em fanarts



<<https://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/the-beatles-and-queens-most-famous-album-205649>>. Acesso em: 06 nov. 2023

Miranda (2009) explica que o *fandom*, como um organismo espontâneo e receptivo, abraça uma diversidade de elementos que convergem em torno de uma obra específica escolhida pela audiência dentro de uma comunidade dedicada. O processo inicia-se com a decisão consciente de novos fãs de se unirem a essa comunidade, considerando afinidades com a obra, personagens específicos ou até mesmo o artista ou ídolo associado.

A partir dessa escolha, os fãs determinam o tipo de relação que desejam manter dentro da comunidade e como irão participar. Alguns optam por interações nos fóruns, compartilhando e debatendo assuntos relacionados, enquanto outros expressam sua paixão por meio de criações imagéticas, como desenhos, montagens e vídeos, resultando em *fanarts* e *fanvideos*. Essas expressões, essencialmente produzidas para o ambiente virtual, podem transcender para uma dimensão performática, buscando reconhecimento no mundo real por meio de eventos como encontros de cosplay e festivais.

Esses eventos são documentados e compartilhados nas comunidades ou em plataformas de vídeo, como YouTube e *Dailymotion*, proporcionando uma disponibilidade imediata que permite a participação de fãs ao redor do mundo. Isso

promove uma inclusão espontânea e amplia a participação pública na obra, gerando maior engajamento no *fandom*. A autora observa o desenvolvimento e a expansão desses gêneros do *fandom* tanto dentro quanto fora do ciberespaço, destacando como as expressões criativas dos fãs estão ganhando espaço e influência.

Nesta análise, focalizaremos as *fanarts* como expressões gráficas do *fandom*, abrangendo desenhos, artes digitais, colagens, vídeos e outras formas artísticas. Definimos *fanart* especificamente como desenhos, artes digitais e pinturas criadas dentro e para o *fandom*.

*Fanarts* têm liberdade para explorar várias possibilidades. Fãs podem recriar elementos sob sua perspectiva, reinterpretar a obra, adicionar narrativas ou explorar múltiplos universos. São produções específicas baseadas ou originadas em uma fonte de inspiração, motivadas pelos laços afetivos do fã com a obra, explica Almeida; Becker (2020).

É crucial considerar o objeto de inspiração não apenas como um objeto de estudo para as realizações artísticas, mas como uma força inspiradora que instiga a criação. O objeto é mais do que uma fonte de referência; é uma força que gera vínculos afetivos. Nessa relação entre fã e obra original, surgem motivações que impulsionam a criação de *fanarts*. Como indicado por Nicolau; Rezende (2014 *apud* Almeida; Becker, 2020, p.16), o objetivo é "construir, consumir e ter mais daquilo que foi oferecido pelo produto" para que seu conteúdo não se esgote. Portanto, as produções de fãs são alternativas significativas para manter os fãs conectados aos objetos de inspiração, mesmo quando a narrativa ou a franquia de um produto chega ao fim.

Ainda segundo os autores, no processo criativo, os fãs expressam sua devoção de diversas formas, explorando o universo e as narrativas existentes sob suas perspectivas, traços e percepções pessoais. É crucial ressaltar que os fãs têm plena consciência de que suas criações não pretendem "superar" a obra original. Suas ações são impulsionadas pela conexão afetiva com a obra e pelo desejo de permanecer imersos na atmosfera proporcionada por ela.

Para Miranda (2009), uma característica única da *fanart* é a capacidade dos fãs encomendarem desenhos, remunerando esses artistas que produzem trabalhos personalizados. No contexto do *fandom*, a *fanart* assume uma dimensão comercial, onde aqueles sem habilidades de desenho podem encomendar ilustrações,

enquanto os artistas lucram com suas habilidades, atendendo às solicitações específicas dos fãs.

Nesse contexto, é fundamental compreender que os fãs não buscam competir ou substituir a obra original ao produzirem conteúdo relacionado. Eles reconhecem seu papel como fãs e afirmam sua identidade como tal, procurando, por meio de suas criações, manter a obra original vibrante e em constante interação, explica Almeida; Becker (2020). Dessa maneira, as *fanmades* consolidam-se como expressões que derivam e ao mesmo tempo têm origem em uma obra preexistente, incorporando em sua estética e elementos identificações com a obra original da qual emanam.

Mesmo que uma produção de fã altere aspectos da obra original, seu objetivo não é dissociar-se desta última. Pelo contrário, busca enriquecer e ampliar a experiência do fã com a obra, mantendo viva a chama da paixão e da interatividade com o material original.

Estabelece-se, portanto, uma relação simbiótica entre o fã e a obra original, na qual a produção de *fanart* é um meio de expressar afeto, admiração e criatividade. Jenkins (2009 *apud* Almeida; Becker, 2020, p. 18), em seus estudos sobre a cultura de fãs, considera esses fãs como "consumidores" ativos, destacando que são o segmento mais ativo do público das mídias. Eles recusam-se a ser meros receptores passivos de conteúdo, insistindo no direito de participar ativamente. Portanto, os fãs produtores personificam a chamada "Cultura Participativa", na qual deixam de ser simples consumidores para se tornarem criadores de conteúdo midiático a partir do original.

Cada artista escolhe técnicas que variam desde rabiscos em cadernos até métodos avançados como Photoshop, tablet e técnicas clássicas como bico de pena, aquarela e guache, afirma Miranda (2009). O *fandom* desafia a concepção convencional da indústria cultural, realizando uma "dobra barroca" que lança novos desafios e evidencia claramente a conscientização do fã sobre a importância da crítica ativa para democratizar o sistema. Esse fenômeno, apresentando-se como um novo sistema, destaca o *fandom*, conferindo-lhe visibilidade e respeito. Assim, inaugura-se uma nova era na experiência cultural, onde a crítica aliada à teoria deve estar atenta a esse fenômeno, reconhecendo sua contribuição na construção de uma forma efetiva de posse e participação nos bens culturais.

Após explorar os conceitos, definições e características das *fanmades* e seus elementos, assim como a relação entre o fã e o objeto de inspiração e as motivações por trás da criação, é relevante discutir agora os diferentes meios pelos quais os fãs podem se engajar para realizar suas produções.

Com a evolução das novas mídias, os consumidores assumiram o papel de produtores de conteúdo, participando ativamente com seus objetos de interesse. As *fanarts*, ao serem compartilhadas online, adquiriram diversas formas de expressão, desde ilustrar *fanfics* até serem encomendadas e até mesmo adquirirem valor monetário, afirma Almeida; Becker (2020).

Plataformas online, como o *DeviantART*, tornaram-se espaços fundamentais para a circulação e promoção de *fanarts*, possibilitando que os fãs compartilhem suas criações e participem ativamente em uma dinâmica de cultura participativa. Empresas de entretenimento, que antes resistiam à produção de fãs devido a questões de direitos autorais, agora reconhecem o valor das *fanmades* como uma forma eficaz de promover e manter o interesse em seus produtos. Exemplos como a campanha *#CNFANART* incentivam os fãs a criar e compartilhar suas *fanarts*.

Galerias físicas e eventos de fãs, como a CCXP, oferecem espaços para que artistas fãs exibam suas *fanarts*, consolidando-as como produtos artístico-culturais. Apesar de resistências em galerias tradicionais devido a questões de autoria, empresas estão se adaptando, criando galerias voltadas para produções de fãs, permitindo a exposição e até mesmo a comercialização dessas obras.

Essa mudança de atitude por parte das empresas reflete uma compreensão crescente do papel dos fãs na promoção e desenvolvimento de produtos culturais. Os autores explicam que a interação ativa dos fãs, especialmente por meio de suas criações, está se tornando um aspecto crucial para o sucesso e a evolução do mercado cultural, evidenciando a importância do engajamento participativo na era digital.

As *fanarts* desempenham um papel fascinante no contexto da indústria cultural, representando uma forma única de participação dos fãs na criação artística e na expansão do universo de obras populares. Em um cenário onde a indústria cultural muitas vezes define os padrões e produz conteúdo de massa, as *fanarts* surgem como uma expressão descentralizada e autêntica da criatividade dos fãs.

Enquanto a indústria produz o conteúdo principal, os fãs respondem de maneira ativa com apropriações, reinterpretando, remixando e expandindo essas narrativas por meio de suas próprias criações artísticas. Essa interação cria uma espécie de ecossistema criativo, onde a produção da indústria e a expressão dos fãs se complementam.

Além disso, as *fanarts* podem funcionar como uma forma de publicidade não convencional para as obras originais. Ao criar e compartilhar suas interpretações visuais de personagens e histórias, os fãs geram um *buzz*<sup>10</sup> em torno das obras que amam, contribuindo para a viralidade e o alcance cultural dessas criações. Esse engajamento ativo dos fãs pode servir como um impulso positivo para a popularidade e o sucesso contínuo da obra original.

Contudo, a relação entre *fanarts* e indústria cultural também apresenta desafios, principalmente no que diz respeito aos direitos autorais. As obras originais são propriedade intelectual de seus criadores ou das empresas que as produzem, e a criação de *fanarts* pode levantar questões legais. Alguns criadores e empresas veem essas expressões artísticas como uma forma de homenagem e promoção, enquanto outros podem ser mais rigorosos na proteção de seus direitos autorais.

No geral, as *fanarts* contribuem significativamente para a diversidade e a vitalidade da cultura popular. Elas destacam o poder da comunidade de fãs na construção e na evolução da narrativa cultural, desafiando a noção tradicional de que a criação de conteúdo é exclusivamente um domínio da indústria. Essa interação dinâmica entre criadores e fãs no contexto da indústria cultural reflete a natureza mutável e colaborativa da expressão artística contemporânea.

A capa do álbum *Queen II* emerge como uma escolha excepcional para uma análise de imagem conectada tanto com apropriações em *fanarts* quanto com a dinâmica da indústria cultural. Há diversas razões que respaldam essa escolha devido à sua iconografia única e à sua relevância no contexto artístico e comercial.

Em primeiro lugar, a iconicidade da imagem, capturada por Mick Rock, eleva-a a um status de reconhecimento instantâneo. Essa icônica representação dos membros da banda Queen transcende seu papel original na capa do álbum, sendo resgatada em momentos marcantes da carreira da banda, como nos videoclipes musicais de *Bohemian Rhapsody* e *One Vision* (Figura 27). Tal característica facilita

---

<sup>10</sup> Termo que representa burburinho, comentários, animação em torno de um assunto e agitação.

sua apropriação por fãs em suas próprias criações artísticas, transformando-a em um símbolo duradouro na cultura pop.

Além disso, a capa do álbum exemplifica a intrincada conexão com a indústria cultural. Concebida como parte de um produto comercial, a imagem transcende sua função inicial, tornando-se uma obra de arte valorizada independentemente do álbum. O ciclo criativo entre produção comercial e expressão artística é evidenciado pela reutilização da imagem em vídeos musicais e por sua apropriação frequente em *fanarts*, destacando a maleabilidade da indústria cultural na criação de significados renovados.

A potencial análise semiótica da capa do álbum revela-se particularmente intrigante. As poses dramáticas dos membros da banda, inspiradas em Marlene Dietrich em *Shanghai Express*, incorporam elementos simbólicos ricos em significado. Elementos como a iluminação e o fundo preto emergem como signos suscetíveis a interpretações aprofundadas, adicionando complexidade e profundidade à análise.

Por fim, a relevância histórica da capa do álbum *Queen II* a posiciona como um artefato que transcende sua estética visual. Criada em um momento específico na história da banda e do Rock, sua análise no contexto de sua época oferece *insights* valiosos sobre as dinâmicas culturais e sociais daquele período.

Assim, ao analisarmos a capa do álbum *Queen II*, não apenas desvendamos seus aspectos visuais e simbólicos, mas também exploramos sua intrínseca relação com a indústria cultural e sua constante reinvenção e reapropriação pela expressão criativa dos fãs. Essa interconexão ilustra a complexidade da cultura contemporânea, onde produção comercial, expressão artística e participação ativa dos fãs convergem de maneira multifacetada.

Figura 27 – Videoclipe *One Vision* (1985)

Fonte: Disponível em: <<https://youtu.be/-OGd4gplxQM?si=kb8g48Wy291uWNvu>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A importância da capa de *Queen II* para esta categoria de *fanarts* reside no fato de que ela se tornou um ícone para os fãs do *Queen*. Ao longo dos anos, a imagem da capa tem sido reproduzida e reinterpretada pelos fãs em diversas formas de expressão artística, como ilustrações, pinturas e até mesmo em performances de tributo. Essa interação criativa dos fãs com a capa do álbum demonstra o impacto duradouro que a arte de *Queen II* teve na cultura fanática que envolve a banda. Em destaque abaixo, na figura 28, uma reinterpretação da capa do álbum feita durante a pandemia do COVID-19, na qual foi encaixada no contexto de distanciamento social necessário para aquele momento.

Figura 28 – Exemplo de apropriação em *Fanarts*

Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/artista-recria-capas-icônicas-do-rock-com-o-isolamento-social-necessario-de-beatles-queen-veja/>>. Acesso em: 14 jun. 2023

A escolha da capa do álbum *Queen II* como uma das capas emblemáticas se conecta à categoria de *fanarts*, pois ela representa não apenas uma obra de arte visualmente impressionante, mas também serve como fonte de inspiração para os fãs, que encontraram maneiras criativas de expressar sua devoção à banda por meio de suas próprias manifestações artísticas.

Neste subcapítulo, apresentaremos análises detalhadas de três *fanarts* que exemplificam os aspectos discutidos anteriormente sobre o *fandom* e sua relação com a indústria cultural. A análise buscará identificar as características, as intenções e as influências de cada *fanart*.

A *fanart* em questão (Figura 29) é uma interpretação visualmente intrigante da capa do álbum *Queen II*, destacando elementos distintos enquanto adiciona uma camada única de significado. O contraste entre o fundo preto e a borda arco-íris confere à imagem uma estética vibrante e contemporânea, sugerindo uma abordagem criativa e pessoal à homenagem.

Figura 29 – Apropriação em *Fanarts - Is this the real life?*



Fonte: Disponível em: <<https://roomtery.com/products/is-this-the-real-life-tapestry>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A disposição central, replicando o retrato original da banda em formato de diamante, serve como um ícone reconhecível que imediatamente evoca a presença carismática dos membros do Queen. As estrelas circundantes, por sua vez, assumem o papel de índices, apontando para um domínio celestial ou onírico, aprofundando a experiência visual. A inserção da frase *Is this the real life?* adiciona uma dimensão simbólica, conectando-se diretamente à famosa letra de *Bohemian Rhapsody* e estabelecendo um diálogo intertextual entre a imagem e a obra musical.

As linhas marcantes, uma característica distintiva da *pop art*, são amplamente exploradas não somente nesta *fanart* como em diversas outras desta capa em questão (Figura 30), delineando com clareza os contornos dos retratos dos membros da banda presentes na capa original. Essa abordagem confere uma intensidade visual que não apenas homenageia o estilo da capa original, mas também amplifica a expressividade e a energia que a *pop art* procura capturar.

Figura 30 – Exemplos de *Pop Art* em *Fanarts* de *Queen II*



Fonte: Montagem feita pela autora. Disponível em:  
 <<https://www.deviantart.com/bennadn/art/Queen-WPAP-573896248>>  
 <<https://www.behance.net/gallery/22507741/Bohemian-Rhapsody>>  
 <<https://www.deviantart.com/gilar666/art/queen-QUOTES-782056524>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A paleta de cores diversificada e vibrante, outra característica emblemática da *pop arte*, é empregada de maneira audaciosa na *fanart*. Cores saturadas e contrastantes são utilizadas para realçar cada detalhe, criando uma atmosfera visual dinâmica e cativante. Essa escolha cromática não apenas evoca a estética da *pop art*, mas também insere uma dimensão contemporânea à capa, mantendo-a relevante e emocionante para uma audiência moderna.

Ao aplicar conceitos de semiótica à análise, percebe-se que a *fanart* utiliza signos visuais para construir significados adicionais, expandindo a experiência original da capa do álbum. Os ícones e índices presentes na obra fornecem

camadas de interpretação que vão além da mera representação visual, enriquecendo a narrativa simbólica.

Considerando a semiótica de Pietroforte (2007), a *fanart* revela a dimensão contínua do sentido por meio do contraste entre o fundo preto e a borda arco-íris. Essa tensividade contribui para a profundidade da interpretação, adicionando complexidade à experiência visual.

A *fanart*, ao reinterpretar a capa do *Queen II*, se encaixa na proposta de Joly (2002), desafiando a percepção tradicional, proporcionando uma nova abordagem à análise visual, expandindo a compreensão sobre os diferentes usos da palavra "imagem" e sua relação com a linguística e semiologia.

A *fanart*, ao reimaginar a capa do álbum, destaca a necessidade de uma ciência da imagem e contribui para esse campo em constante desenvolvimento. A relação entre signo e objeto na construção de imagens, conforme discutido por Santaella (1983), é evidente na *fanart*, especialmente na inserção de elementos semi-simbólicos.

No âmbito da indústria cultural, essa *fanart* destaca a natureza evolutiva da apreciação artística. Ao revisitar e reinterpretar uma capa de álbum icônica, os criadores da *fanart* participam ativamente na construção e reconstrução de significados culturais. Essa prática contribui para a continuidade do legado artístico, promovendo uma intertextualidade que transcende o tempo e as fronteiras originais da obra.

Em última análise, a *fanart* não apenas presta homenagem à capa do *Queen II*, mas também desafia e enriquece a percepção do espectador, destacando a importância da interpretação individual na apreciação da arte. Essa abordagem criativa ressalta a vitalidade da indústria cultural e a maneira como as obras podem ser constantemente reinterpretadas para permanecerem relevantes e inspiradoras ao longo do tempo.

Ao adentrarmos o domínio das *fanarts* que unem diversas comunidades de entusiastas e diferentes *fandoms* de distintas esferas da indústria cultural, analisamos a seguinte apropriação, documentada na figura 31, a qual ilustra de maneira intrigante essa confluência temática. O exemplo apresentados abaixo também se relaciona com a categoria *Apropriação Consumista* que será vista posteriormente, existindo essa conexão entre as categorias, como ressaltado ao início do capítulo, na qual por vezes se torna perceptível na análise.

Figura 31 – Apropriação em *Fanarts - Queen II* e LEGO

Fonte: Disponível em: <<https://musicapave.com/artes-visuais/capas-de-disco-feitas-de-lego/>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A *fanart* de LEGO da capa do álbum *Queen II* oferece uma abordagem única e lúdica para a representação visual da banda. Ao explorar os elementos visuais dessa obra, percebemos um close-up envolvente de quatro minifiguras LEGO, cada uma com cabelos pretos e rostos amarelos expressivos. As diferentes expressões faciais, que variam de triste a zangado, surpreso e neutro, adicionam uma dimensão emocional à composição, enquanto o fundo preto destaca vividamente as figuras.

Analisando os signos presentes, as minifiguras LEGO emergem como ícones que simbolizam os membros da banda Queen. Essas representações em miniatura proporcionam uma interpretação lúdica e acessível da icônica formação da banda. As diversas expressões faciais dessas figuras funcionam como índices, apontando para as diferentes personalidades e emoções dos membros da banda, enriquecendo assim a narrativa visual.

A interpretação dos significados subjacentes revela que esta *fanart* oferece uma nova perspectiva sobre a banda Queen. Ao manter alguns elementos visuais e signos da capa original, a obra adiciona uma camada de significado através do uso criativo das minifiguras. A abordagem lúdica sugere uma conexão mais descontraída

e intimista com a música do Queen, demonstrando a versatilidade da indústria cultural em se adaptar a diferentes formas de expressão.

No contexto da semiótica, essa *fanart* destaca a capacidade dos signos visuais de transcenderem a representação literal e evocarem uma gama mais ampla de emoções e associações. A escolha do LEGO como meio de expressão não apenas adiciona um toque de nostalgia e familiaridade, mas também cria uma ponte entre duas formas de cultura pop - a música do Queen e a marca LEGO.

Em síntese, a *fanart* de LEGO da banda Queen exemplifica a interação dinâmica entre a participação do fã e a indústria cultural. Ao oferecer uma nova perspectiva sobre a banda, essa obra destaca a influência crescente dos fãs na moldagem e redefinição da cultura popular, ao mesmo tempo em que levanta questões importantes sobre propriedade intelectual e direitos autorais.

A exemplo da *fanart* do Queen, a fusão de LEGO e bandas de Rock proporciona aos fãs uma maneira inovadora de expressar seu amor pela música. Ao recriar ícones musicais usando peças de LEGO, os admiradores podem prestar homenagem aos seus artistas favoritos enquanto participam de uma atividade lúdica e criativa.

Essa combinação de elementos não se restringe apenas a LEGO e bandas de Rock, estendendo-se a diversas áreas. Os entusiastas de filmes, por exemplo, podem recriar cenas icônicas utilizando bonecos de ação ou figuras de anime. Da mesma forma, os fãs de desenhos animados podem desenvolver artes que incorporam elementos de seus desenhos prediletos. Em cada caso, a *fanart* emerge como uma forma autêntica de expressão pessoal e contribuição ativa para a cultura do fã, como no exemplo abaixo (figura 32), que aborda três conteúdos diferentes ilustrados na inspiração da capa do álbum musical *Queen II*.

Figura 32 – Exemplos de união de *Fandons* em *Fanarts* de *Queen II*



Fonte: Montagem feita pela autora. Disponível em:

<[https://aminoapps.com/c/arte-anime124/page/blog/bocchi-the-rock-a-lo-queen/o3eo\\_erZuduD6aEzlp\\_pQ138qXwJ2YGDe5P5](https://aminoapps.com/c/arte-anime124/page/blog/bocchi-the-rock-a-lo-queen/o3eo_erZuduD6aEzlp_pQ138qXwJ2YGDe5P5)>

<<https://posterspy.com/posters/the-bad-batch-fan-art-poster-by-zyphrr44-inspired-by-queen-ii-album-cover/>> <<https://www.redbubble.com/i/poster/Queen-Ninja-Turtles-by-CreativeSpero/40464323.LVTDI>>.

Acesso em: 06 nov. 2023

Essas misturas criativas não apenas alimentam a paixão dos fãs, mas também podem ter um impacto significativo na indústria cultural. Ao gerar interesse renovado em marcas ou artistas consolidados, essas criações podem potencialmente resultar em aumentos nas vendas e streams. Além disso, a *fanart* pode servir como fonte de inspiração para o desenvolvimento de novos produtos ou mercadorias oficiais, baseados nas interpretações únicas e inovadoras dos fãs.

Em síntese, a *fanart* que combina diferentes elementos culturais destaca o papel cada vez mais ativo dos fãs na moldagem da cultura popular. Essas expressões criativas não apenas abrem portas para oportunidades inovadoras quando os fãs assumem o papel de criadores, mas também apresentam desafios intrigantes para artistas, marcas e a indústria cultural como um todo. O diálogo dinâmico entre fãs e a cultura que amam continua a evoluir, transformando a paisagem cultural de maneiras emocionantes e imprevisíveis.

Já na terceira *fanart* selecionada (figura 33), retrata Marlene Dietrich em poses icônicas, assemelhadas à capa do álbum *Queen II*. Iniciando a análise semiótica, deparamo-nos com uma representação visualmente intrigante e conceitualmente rica.

Figura 33 – Apropriação em *Fanarts - Queen II* e Marlene



Fonte: Disponível em:

<<https://www.deviantart.com/ludek-h-havel/art/Marlene-II-spoof-of-Queen-II-cover-415722350>>.

Acesso em: 06 nov. 2023

A identificação dos elementos visuais revela uma fotografia em preto e branco, na qual quatro figuras borradas adotam poses icônicas, dispostas em forma de diamante sobre um fundo preto. O texto "MARLENE II" em branco na parte superior da imagem adiciona um elemento textual à composição.

A análise dos signos aponta para as figuras como ícones que simbolizam os membros da banda Queen, destacando a intencionalidade por trás da escolha das poses icônicas, que se tornam índices evidentes da influência de Marlene Dietrich na capa original do álbum *Queen II*. O texto "MARLENE II" emerge como um símbolo que referencia não apenas a atriz, mas também estabelece uma ligação direta com o próprio álbum da banda.

Na interpretação dos significados, a *fanart* transmite uma homenagem eloquente aos membros do Queen, enquanto simultaneamente evidencia a conexão intrínseca com Marlene Dietrich. A sugestão de que a capa do álbum *Queen II* foi influenciada por Dietrich é reforçada pela pose icônica adotada pelas figuras e pelo texto "MARLENE II", proporcionando uma interpretação visualmente impactante dessa relação intertextual.

Concluindo, a *fanart* proporciona uma nova perspectiva à capa do álbum *Queen II*, destacando de maneira expressiva a influência de Marlene Dietrich. Ao capturar a intertextualidade entre a banda e a atriz, a obra não apenas reconhece e celebra essa conexão, mas também oferece uma interpretação visualmente rica e complexa. O potencial impacto na indústria cultural reside na capacidade dessa *fanart* em gerar novas formas de engajamento e apreciação tanto para a música do Queen quanto para o legado artístico de Marlene Dietrich. Essa representação visual transcende a mera homenagem, tornando-se uma expressão artística que enriquece a narrativa cultural ao oferecer uma nova camada de significado e interpretação.

Ao examinarmos a *fanart* que mescla a capa do álbum *Queen II* com a influência icônica de Marlene Dietrich, torna-se evidente como essa expressão artística não apenas transcende os limites da homenagem, mas também possui implicações significativas na indústria cultural. Esta fusão entre a estética do Queen e a presença marcante de Dietrich representa uma convergência de elementos culturais que pode moldar a forma como a música e a cultura são consumidas e interpretadas.

A intertextualidade presente na *fanart* cria uma narrativa visual complexa que pode ser percebida como uma forma de diálogo entre diferentes períodos e estilos culturais. Ao destacar a influência de Marlene Dietrich na capa original do *Queen II*, a *fanart* não apenas celebra a herança artística, mas também desencadeia uma reflexão sobre como as referências culturais podem se entrelaçar, influenciando e transformando-se mutuamente.

Essa interconexão entre a cultura pop, o Rock e a era clássica do cinema reflete a natureza dinâmica e fluida da indústria cultural. A *fanart* não está apenas reimaginando uma capa de álbum, mas está participando ativamente na criação de novas narrativas culturais. Esse fenômeno destaca o papel vital dos fãs como agentes ativos na construção e reconstrução da cultura popular.

A *fanart*, ao oferecer uma perspectiva visualmente impactante dessa intertextualidade, possui o potencial de influenciar a apreciação do público em relação tanto ao Queen quanto a Marlene Dietrich. Isso, por sua vez, pode ter ramificações na indústria cultural, estimulando o interesse renovado em ambas as entidades. O envolvimento ativo dos fãs na criação de conteúdo, como essa *fanart*, pode gerar uma demanda crescente por produtos oficiais, colaborações e experiências culturais que transcendem as fronteiras tradicionais.

Contudo, é crucial considerar as questões de propriedade intelectual e direitos autorais que emergem nesse contexto. A indústria cultural enfrenta o desafio de equilibrar a liberdade criativa dos fãs com a proteção dos direitos dos artistas originais. Essa tensão entre a expressão criativa e a propriedade intelectual é uma dinâmica essencial na interação entre os criadores amadores e a indústria cultural estabelecida.

Em resumo, a *fanart* que conecta o *Queen II* e Marlene Dietrich ilustra não apenas a influência recíproca entre diferentes manifestações culturais, mas também destaca o papel dos fãs como participantes ativos na criação e redefinição da cultura popular. Essa dinâmica não apenas molda a percepção dos consumidores, mas também apresenta oportunidades e desafios significativos para a indústria cultural, incentivando uma reflexão contínua sobre como a criatividade dos fãs pode contribuir para a evolução e a ressignificação do patrimônio cultural.

#### 4.2.2. APROPRIAÇÃO FORMAL: THE VELVET UNDERGROUND & NICO E O DESIGN GRÁFICO

Segundo Silva, E. M. (2018), a autoria do projeto gráfico da capa é atribuída a Andy Warhol, renomado artista da época, representada por uma imagem de uma banana, produzida por meio da técnica de serigrafia, com tonalidades amarelas e pretas. Ao lado da figura da banana, encontram-se as palavras *peel slowly and see*<sup>11</sup>, que revelam a existência de uma outra banana nas cores preta e rosa, bem como a assinatura do artista na parte inferior direita, detalhes representados na figura 34.

---

<sup>11</sup> Descasque devagar e veja (tradução nossa).

Figura 34 – Detalhes da capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* (1967)



Fonte: SILVA, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44190>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Percebe-se uma capa que reflete o estilo de trabalho de Andy, destacando toda a sua habilidade técnica e o conceito da pop art. Aqui, encaixam-se perfeitamente as características do movimento artístico, como o uso provocativo de um objeto comum do cotidiano. No entanto, a obra também foi objeto de debates sobre a alegação de conteúdo sexual, conforme apontado por Santana (2017 *apud* Silva E. M, 2018, p.51). Ele afirma que as questões sexuais sempre foram uma parte integrante da ideologia e expressão de Warhol, desde suas primeiras ilustrações nos anos 1940, durante seus dias de faculdade, até trabalhos como este, datado de 1967.

Warhol, conhecido por manter relações breves com parceiros, aborda em grande parte de sua obra a temática de sua sexualidade, como evidenciado também em vários de seus trabalhos cinematográficos. Assim como a banda, a importância reconhecida dessa capa só se solidificou ao longo dos anos. Inúmeras criações foram influenciadas pela icônica banana, que perdura como uma das imagens mais emblemáticas no universo da música e das artes de capas, mesmo décadas após sua concepção.

Andy e a banda se conheceram em um café e logo firmaram a parceria:

Nico era modelo e atriz, mas queria começar sua carreira de compositora e cantora. E em 1966, Warhol conhece os Velvet num café. A banda queria alguém que produzisse a gravação do seu primeiro disco, e Andy Warhol, que também estava à procura de uma banda para produzi-la, ficou interessado com a proposta, mas impôs a banda um único pedido: que sua nova amiga, a Nico, também participasse do disco: "Andy e Morrissey (amigo e assistente de trabalho) queriam a Nico no disco. A banda não gostou muito da ideia, mas aceitaram para não perder o contrato" (Dalton; Scherman, 2013 *apud* Silva, E. M., 2018 p. 48).

O álbum foi gravado em apenas uma semana, em um estúdio em Nova York, no mês de abril de 1966. A maior parte das faixas foi registrada ao vivo, em uma sessão de oito horas. O lançamento do álbum sofreu um considerável atraso de quase um ano devido à complexidade da produção da capa, que exigiu uma máquina especial para impressão. Esse atraso, por sua vez, resultou em um custo elevado para a produção do álbum.

Assim como a banda em questão, a relevância simbólica e cultural da capa em análise emergiu ao longo dos anos subsequentes. A notável representação visual da banana na capa do álbum inspirou uma série de trabalhos artísticos que, até os dias atuais, continua a ser reconhecida como uma das imagens mais distintas e proeminentes no âmbito da música e das artes gráficas de capas de álbuns (Silva, E. M., 2018).

Andy Warhol, o visionário artista por trás desta capa de álbum, também é o autor da icônica frase "No futuro todos serão mundialmente famosos por 15 minutos", transcendeu as fronteiras convencionais da arte ao se tornar uma figura proeminente na cultura pop. Warhol foi verdadeiramente um pioneiro multimídia, navegando pelas disciplinas da pintura, fotografia, vídeo e cinema antes mesmo da popularização do termo multimídia.

Barbosa (2010) explica que a exposição *Andy Warhol, Mr. America* na Estação Pinacoteca destaca não apenas sua maestria artística, mas também sua profunda influência no design gráfico. Warhol, originariamente reconhecido nos anuários de publicidade, emergiu como um dos mais célebres artistas comerciais de sua época. Sua notável exposição na *Ferus Gallery* em Los Angeles, onde apresentou as emblemáticas latas de sopas *Campbell*, marcou o início de uma revolução na arte e no design. De Moraes (2020) também destaca a contribuição significativa de Andy Warhol na inserção de objetos de uso cotidiano nas artes, especificamente na Pop Art elevando as embalagens de produtos comerciais

populares, como a Sopa de Tomate Campbell's e a Caixa de Sabão em Pó Brillo em 1962, à condição de arte.

Essa abordagem inovadora foi parte de um movimento mais amplo da Pop Art nos Estados Unidos, onde artistas como Roy Liechtenstein e Tom Wesselman também exploraram a estética do cotidiano.

Figura 35 – Revolução no design gráfico - Latas de Sopas Campbell de Andy Warhol



Fonte: Disponível em: <<https://www.warhol.org/lessons/campbells-soup-ode-to-food/>> e <<https://www.warhol.org/lessons/brillo-is-it-art/>>. Acesso em: 06 nov. 2023

Ainda segundo Barbosa (2010), a habilidade de Warhol em transitar entre a arte e a publicidade foi revolucionária. Ele incorporou técnicas de serigrafia e reprodução mecânica em suas obras, reduzindo a distância entre fotografia e pintura. Esse enfoque inovador não apenas desafiou as normas estabelecidas da arte "erudita" e "comercial" mas também deixou uma marca indelével no campo do design gráfico. Farthing (1950 *apud* de Moraes, 2020, p. 11) relata que o ano de 1962 foi crucial para a Pop Art, com exposições pioneiras que apresentaram obras como as reproduções em silkscreen de Warhol, incluindo a famosa Lata de Sopa Campbell. No entanto, essas obras foram inicialmente recebidas com incompreensão, destacando a ruptura radical que a *Pop Art* representou na época.

É interessante notar que essa interação positiva entre arte e design não é unilateral, pois também ocorre de forma inversa, do design para a arte. O designer italiano Achille Castiglioni é mencionado por De Moraes (2020) como um precursor nesse sentido. Ele demonstrou interesse nos objetos anônimos do cotidiano,

produtos que não ostentam assinaturas de designers profissionais. Castiglioni focou em itens como tesouras, martelos, guarda-chuvas e cadeiras dobráveis, destacando a importância funcional e social desses objetos comuns, cuja autoria muitas vezes é desconhecida.

Essa "contaminação positiva" entre arte e design reflete uma interconexão dinâmica, onde a estética do cotidiano, seja na forma de obras de arte de Warhol ou na apreciação de objetos anônimos por designers como Castiglioni, desafia as fronteiras convencionais entre essas disciplinas. Essa abordagem pioneira contribui para a evolução contínua do cenário artístico e de design, incentivando uma apreciação mais ampla e interdisciplinar da estética do mundo ao nosso redor.

Warhol, como um dos principais nomes do movimento *Pop Art*, incorporou elementos publicitários em suas obras, questionando a influência poderosa da indústria na vida cotidiana. Sua abordagem única ecoa não apenas na arte, mas também na comunicação visual e no design contemporâneo.

Ao explorar a exposição, os visitantes são imersos na explosão de cores e texturas que definem o estilo distintivo de Warhol. A hibridização visual é uma característica marcante de suas obras. A fusão entre arte e design, muitas vezes banalizada pela mídia, é uma faceta crucial da contribuição de Warhol para o cenário artístico e gráfico.

O paradoxo de Warhol é evidente em seu apelido *Mr. America* e na carnavalização da cultura de massa. Ele celebra ícones de poder e glamour americano, ao mesmo tempo em que critica o sonho americano e transforma o comum em extraordinário. Sua irreverência e questionamento constante de conceitos e convenções elevaram o consumo à categoria de arte.

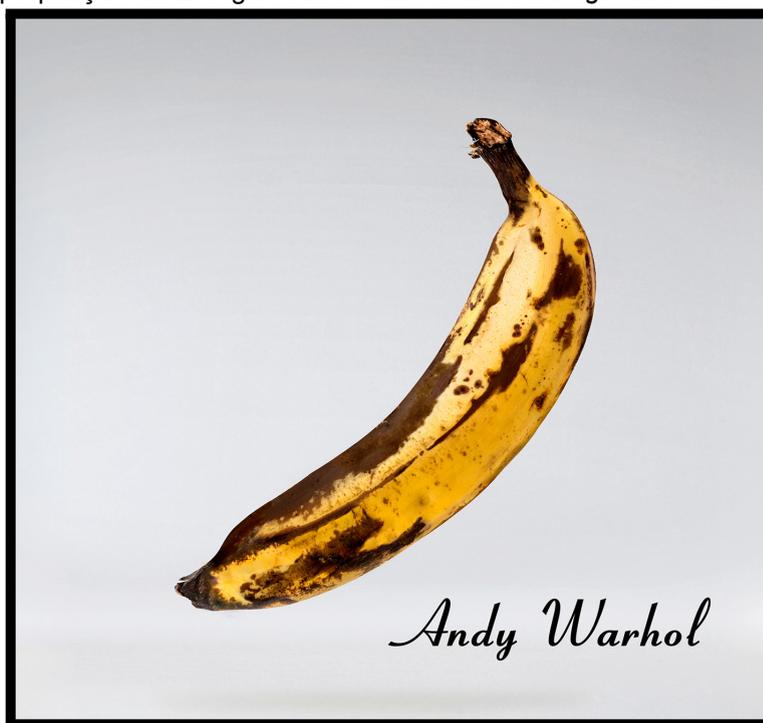
A influência de Warhol vai além de suas "15 minutos de fama", continuando a ecoar na sociedade contemporânea. Sua abordagem inovadora, tanto na arte quanto no design gráfico, desafiou paradigmas e abriu caminho para uma nova compreensão da relação entre arte, cultura e consumo. Enquanto a exposição "Andy Warhol, Mr. America" convida os espectadores a explorar sua complexidade, a questão persiste: quem foi Andy Warhol além do seu tempo, e como sua visão continua a moldar o futuro do design gráfico e da expressão artística.

A capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* destaca-se na categoria de design gráfico por sua estética marcante, sua abordagem criativa e interativa, e sua

conexão com a história e a cultura da música, além de representar a colaboração de um renomado artista visual, Andy Warhol, e uma banda de Rock experimentalmente vanguardista. Essa união entre arte visual e música proporciona uma interseção entre diferentes formas de expressão artística, reforçando o papel do design gráfico como uma ferramenta poderosa para transmitir ideias e conceitos.

Por meio da combinação de cores contrastantes, proporciona um impacto visual imediato, atraindo a atenção do espectador. A simplicidade da representação da banana, aliada à presença dos dizeres *peel slowly and see*, demonstra uma abordagem criativa e provocativa. Além disso, a escolha da técnica de *silkscreen* confere à imagem uma textura única e distintiva, adicionando profundidade e interesse visual, convidando o público a se envolver de forma interativa com a capa, instigando a curiosidade e estimulando uma experiência sensorial.

Iniciando a análise de uma apropriação criada pelo Designer Gráfico Flavio Albino juntamente com a Platinum FMD - estúdio do Rio de Janeiro que utiliza meios artísticos disponíveis para criações imagéticas -, que recriou a capa do álbum *The Velvet Underground & Nico*. Observamos nesta representação (Figura 36) fotorrealista uma banana em um fundo branco, assemelhando-se à capa original do álbum. Esta releitura apresenta nuances adicionais, como a tonalidade amarela da banana com manchas marrons, conferindo um nível de detalhe não presente na capa original. O texto "Andy Warhol" está posicionado em preto logo abaixo da banana, repetindo a disposição presente na capa original.

Figura 36 – Apropriação em Design Gráfico - *The Velvet Underground & Nico* realista

Fonte: Disponível em:

<[www.behance.net/gallery/146040217/Rock-ReCover-Project-THE-VELVET-UNDERGROUND-NICO](http://www.behance.net/gallery/146040217/Rock-ReCover-Project-THE-VELVET-UNDERGROUND-NICO)>. Acesso em: 03 nov. 2023

Ao aprofundar a análise desta releitura, podemos explorar como a escolha da banana como ícone central adiciona camadas de significado. Na semiótica proposta por Pietroforte (2007), a intensidade visual da banana, com suas tonalidades vívidas e manchas marrons, amplifica a experiência sensorial, evocando não apenas a simplicidade da arte pop, mas também uma sensação tátil e visual mais rica, além da possibilidade de interpretação mais literal ou realista da fruta.

O texto "Andy Warhol" funciona como um índice, apontando diretamente para o artista que concebeu a arte original da capa do álbum. A análise da imagem, conforme destacado por Joly (2002), revela que a apropriação vai além de uma simples reprodução da capa original. Ao desafiar a abordagem tradicional, introduzindo detalhes realistas e mantendo a disposição original do texto "Andy Warhol", a obra estimula uma análise mais profunda da interação entre imagem e palavra. A complementaridade entre a foto realista da banana e o índice representado pelo nome "Andy Warhol" estabelece uma conexão entre o visualmente palpável e a influência do artista na música e na arte.

A interpretação dos significados sugere que a banana continua a representar a simplicidade e a ousadia da arte pop de Andy Warhol, como na capa original. No

entanto, a abordagem foto realista pode adicionar uma camada de interpretação mais literal, oferecendo uma visão tangível e autêntica da banana. Ao comparar as imagens, observa-se que a apropriação mantém muitos dos elementos visuais e signos da capa original, preservando a simplicidade do design enquanto incorpora um nível adicional de detalhe e realismo. Essa adição de detalhes não só enriquece a estética visual, mas também pode sugerir uma abordagem contemporânea que busca explorar a relação entre a arte e a realidade de maneira mais intrínseca.

No contexto da semiótica da imagem de Santaella (1983), a representação visual e mental ganha complexidade. A banana, ao ser recriada com detalhes fotográficos, transcende sua natureza simbólica original, tornando-se uma representação da imaginação humana e da habilidade de reinterpretar ícones culturais de maneiras inovadoras.

Além disso, ao considerar o impacto na indústria cultural, a apropriação demonstra uma habilidade notável de manter a vitalidade de obras artísticas marcantes. Ao reimaginar a capa de um álbum icônico, a obra não apenas oferece uma nova experiência estética, mas também contribui para a conversa cultural em curso. A intertextualidade entre a obra original, a apropriação e o público cria um diálogo contínuo que ressoa com a natureza dinâmica e evolutiva da indústria cultural contemporânea.

Quanto ao impacto na indústria cultural, essa apropriação demonstra a vitalidade e a continuidade da influência de obras artísticas marcantes. Ao reimaginar e reinterpretar a capa de um álbum icônico, a apropriação contribui para a conversa cultural em curso, proporcionando uma experiência renovada para o público. Este processo de releitura não apenas mantém viva a relevância da obra original, mas também ressalta a capacidade da arte de transcender as fronteiras temporais e inspirar novas formas de expressão na indústria cultural contemporânea.

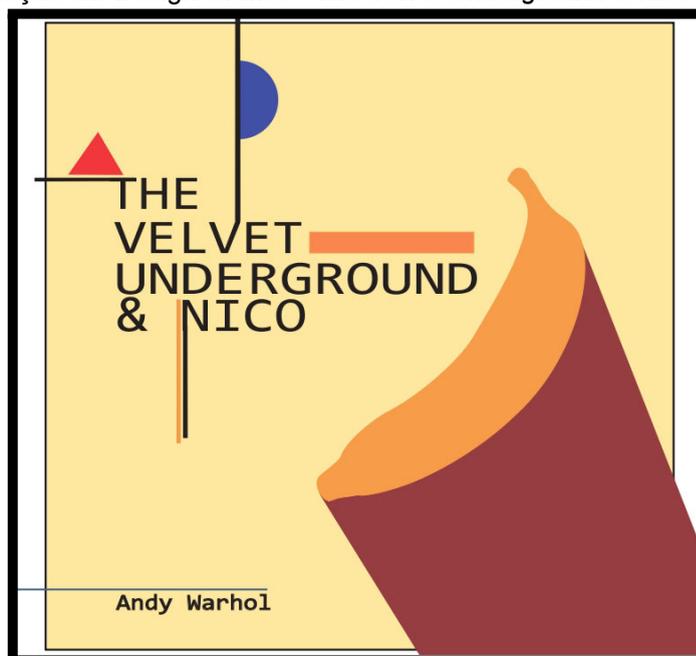
Essa apropriação surge como uma homenagem fascinante à capa original do álbum *The Velvet Underground & Nico*. Ao preservar elementos visuais e signos característicos, a obra oferece uma nova perspectiva por meio da representação foto realista da banana. Essa apropriação não apenas honra a influência duradoura do

álbum na música e na arte, mas também proporciona uma interpretação contemporânea que ressoa com o legado de Andy Warhol de inovação e ousadia.

A apropriação transcende a mera reprodução, enriquecendo a experiência visual e simbólica. A escolha da banana como ícone, a atenção aos detalhes fotográficos e a manutenção da disposição original colaboram para uma narrativa visual complexa. Ao aprofundar a análise sob a perspectiva de Pietroforte (2007), Joly (2002), e Santaella; Nöth (2001), destacamos não apenas a continuidade da influência de obras artísticas, mas também a capacidade da arte de provocar reflexão e reinvenção na indústria cultural contemporânea.

Ao explorar a apropriação da mesma capa porém agora em uma releitura feita por outra visão (figura 37), sob a influência da Bauhaus, que refere-se a uma escola de design, arte e arquitetura, que tem como objetivo integrar a arte, o artesanato e a tecnologia para criar uma abordagem holística do design, percebemos uma reinterpretação fascinante que transcende os limites da homenagem visual tradicional e atingindo diversas camadas do design gráfico. A escolha consciente do estilo Bauhaus<sup>12</sup> como base estilística revela uma intenção clara de inserir a obra em um contexto artístico que valoriza a simplicidade, funcionalidade e a harmonia entre formas.

Figura 37 – Apropriação em Design Gráfico - *The Velvet Underground & Nico* e o Bauhaus



Fonte: Disponível em:

<[www.behance.net/gallery/135041913/Releitura-The-Velvet-Underground-Nico](http://www.behance.net/gallery/135041913/Releitura-The-Velvet-Underground-Nico)>. Acesso em: 03 nov. 2023

<sup>12</sup> A Bauhaus foi uma instituição alemã pioneira no campo das artes, que se destacou como uma das mais influentes manifestações do Modernismo no design e na arquitetura. Ela tem a distinção de ser a primeira escola de design do mundo.

A identificação dos elementos visuais desta releitura destaca a segmentação da imagem em duas seções distintas: um círculo azul à esquerda e um triângulo vermelho à direita, sobre um fundo bege claro. O texto *The Velvet Underground & Nico* ocupa o centro, enquanto Andy Warhol se posiciona no canto inferior esquerdo, reforçando a relação íntima com o artista original. A adição de uma banana estilizada no lado direito introduz uma camada simbólica à obra, desafiando a interpretação convencional do ícone.

A análise semiótica desses signos revela uma abordagem abstrata e simbólica da banana, que, apesar de manter sua condição de ícone, incita uma reflexão mais profunda sobre a natureza da representação visual. A presença do texto Andy Warhol age como um índice, estabelecendo uma ligação direta com o criador da capa original e realçando a influência persistente de Warhol na obra e na indústria musical.

A interpretação dos significados não se limita à mera estética visual, estendendo-se para uma análise da música do *The Velvet Underground*. A utilização de formas geométricas e cores primárias, características marcantes da Bauhaus, sugere uma interpretação da música como algo simples, funcional e direto. Essa simbiose entre elementos visuais e a expressão musical reforça a riqueza de significados que uma obra de arte pode encapsular.

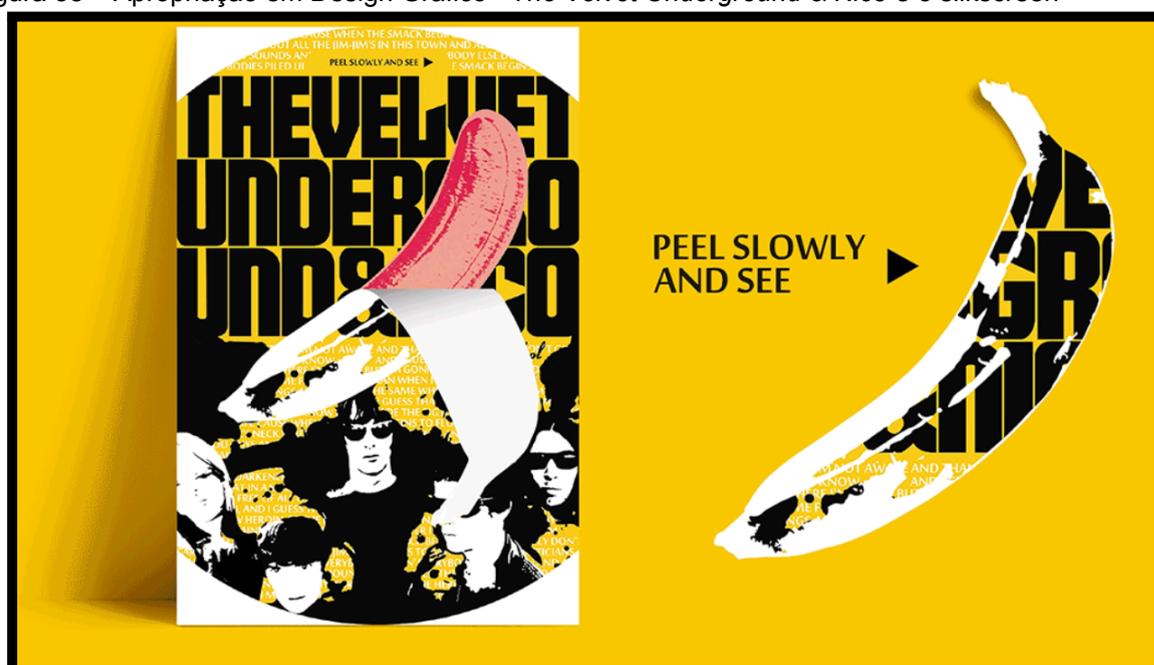
A comparação entre as imagens evidencia a inovadora abordagem da releitura, que mantém alguns dos signos da capa original enquanto os apresenta de maneira inédita. A estilização da banana e o uso de formas geométricas diferem significativamente do estilo pop art da capa original, promovendo uma nova perspectiva estética e simbólica.

Em conclusão, essa releitura propõe uma experiência multifacetada que vai além da estética visual. Ao incorporar princípios da Bauhaus, a obra não apenas homenageia, mas também reinventa, proporcionando uma interpretação contemporânea da música e da arte. O impacto na indústria cultural é evidente na capacidade da obra de provocar diálogos, desafiar normas estéticas e enriquecer a experiência do público, destacando o poder transformador da apropriação artística na evolução contínua do cenário cultural. A abordagem semiótica utilizada nesta análise, inspirada nos conceitos de Pietroforte (2007), Joly (2002), e Santaella; Nöth (2001), amplia a compreensão da complexidade subjacente à linguagem visual e ao

significado simbólico, proporcionando uma análise mais profunda e abrangente da obra em questão.

Ao examinarmos a imagem compartilhada em comparação com a capa original do álbum *The Velvet Underground & Nico*, destaco uma intrigante releitura empregando a técnica de silkscreen (figura 38). Vamos explorar os elementos visuais e os significados presentes, destacando também a influência da semiótica, conforme delineada pelos autores Pietroforte (2007), Joly (2002), e Santaella; Nöth (2001), e o impacto na indústria cultural.

Figura 38 – Apropriação em Design Gráfico - *The Velvet Underground & Nico* e o silkscreen



Fonte: Disponível em:

<[www.behance.net/gallery/111874313/VISUAL-DECONSTRUCTION-The-Velvet-Underground-Nico](http://www.behance.net/gallery/111874313/VISUAL-DECONSTRUCTION-The-Velvet-Underground-Nico)>.

Acesso em: 03 nov. 2023

Identificamos na imagem uma abordagem marcada pela predominância das cores preta e amarela, com uma casca de banana branca no centro. A técnica de silkscreen utilizada possibilita a revelação de uma foto preta e branca dos membros da banda ao descolar a casca da banana. Os textos *The Velvet Underground & Nico* e Andy Warhol estão posicionados estrategicamente, sendo o primeiro em grandes letras pretas na parte superior e o segundo em letras menores no canto inferior direito. O fundo amarelo é salpicado por pequenos textos brancos, e a representação estilizada dos membros da banda ocupa a parte inferior da imagem.

Ao adentrarmos na análise dos signos, a banana, embora mantenha seu status como ícone, apresenta uma representação estilizada que sugere uma

possível interpretação mais abstrata ou simbólica, alinhando-se com a semiótica de Pietroforte (2007). Os textos *The Velvet Underground & Nico* e Andy Warhol funcionam como índices, apontando diretamente para a banda e o álbum original que a arte representa, uma análise semelhante à proposta por Joly (2002) em sua abordagem da análise de imagem como desafio e métodos.

A imagem como um todo pode ser vista como um símbolo da contracultura e da experimentação musical característica do álbum *The Velvet Underground & Nico*, uma interpretação simbólica alinhada com a semiótica da imagem de Santaella (1983).

Na interpretação dos significados, a banana continua a representar a simplicidade e audácia da arte pop de Andy Warhol, mas a representação estilizada adiciona uma camada de abstração, um exemplo de semi-simbolismo conforme explorado por Pietroforte (2007). Os textos reforçam a conexão entre a imagem e a banda, destacando sua influência na música e na arte, conforme discutido por Joly (2002) em relação à interação entre imagem e palavra. A escolha de retratos em preto e branco pode sugerir uma sensação de nostalgia, referenciando a época de lançamento do álbum original, uma abordagem que se relaciona com a ciência da imagem de Santaella; Nöth (2001).

Ao compararmos as imagens, notamos que esta releitura mantém alguns dos mesmos signos, como a banana e os textos, mas os apresenta de maneira inovadora, com destaque para a vibrante paleta de cores e a técnica de silkscreen. A inclusão dos retratos adiciona uma nova dimensão, reforçando a conexão entre a imagem e a música do *The Velvet Underground & Nico*, ao mesmo tempo que oferece uma interpretação visual contemporânea.

Essa imagem, portanto, representa uma releitura fascinante e contemporânea da capa original. Ao manter alguns signos característicos, mas incorporar elementos visuais distintos, ela reflete os princípios do design gráfico moderno, uma análise em consonância com a semiótica da imagem de Santaella (1983).

Explorando a releitura da capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* pelo designer gráfico colombiano Duván Torres, é possível enxergar não apenas uma expressão artística singular, mas também uma reflexão crítica sobre a indústria cultural. A escolha de Torres em reimaginar uma obra tão icônica não é apenas uma

homenagem visual, mas um diálogo provocativo com a natureza comercial e padronizada da indústria cultural contemporânea.

A desconstrução da imagem original da banana, realizada de forma particularmente inovadora através da técnica de silkscreen, emerge como uma metáfora poderosa. Essa prática desafia a homogeneização de símbolos culturais e musicais, abrindo espaço para uma interpretação mais aberta e diversificada. A subversão da padronização é evidente na escolha consciente de elementos estilizados, demonstrando a capacidade do design gráfico de desafiar as expectativas e padrões estabelecidos pela indústria cultural.

A reinvenção estética proposta por Torres não é apenas uma resposta à cultura de consumo rápido, mas uma alternativa que promove a reflexão e a deliberação. Sua abordagem busca inovar em meio à produção em massa, sugerindo um caminho mais consciente e artístico que pode influenciar a maneira como o público consome e interage com a arte.

A contribuição para a identidade visual da banda é um aspecto significativo dessa releitura. Ao preservar elementos-chave da capa original, Torres mantém uma conexão com a tradição cultural, enquanto introduz uma narrativa visual contemporânea. Essa dualidade entre preservação e reinvenção contribui para uma identidade visual rica e dinâmica, influenciando a forma como a banda é percebida em diferentes contextos culturais.

A apropriação da capa do álbum não se limita à incorporação de elementos da cultura pop, mas sim a um diálogo crítico com a cultura de massas. Torres não apenas utiliza esses elementos, mas os questiona e reformula, demonstrando a capacidade do design gráfico de ser uma forma de expressão artística que desafia as expectativas convencionais.

Em conclusão, esta releitura vai além de uma expressão artística individual; ela se torna um ponto de discussão crucial sobre a natureza da indústria cultural. Ao refletir sobre a padronização, inovação estética, identidade visual e diálogo crítico com a cultura de massas, Contribui para uma reflexão crítica sobre o papel do design gráfico na contemporaneidade e na indústria cultural em constante evolução. Sua obra não é apenas uma expressão visual, mas também uma valiosa contribuição para o entendimento das complexidades e possibilidades da interseção entre música, arte e design na era contemporânea.

#### 4.2.3. APROPRIAÇÃO ANTENADA: ALADDIN SANE NA INDÚSTRIA DA MODA

A década de 1970 foi marcada por uma carreira brilhante de Bowie, que lançou álbuns aclamados como *Aladdin Sane* (1973) e *Diamond Dogs* (1974). Seu sucesso nos Estados Unidos foi solidificado com a colaboração com John Lennon na canção *Fame*, presente no álbum *Young Americans* (1975).

Ao longo de sua carreira, Bowie personificou personas notáveis, como *Ziggy Stardust*, *Aladdin Sane*, *Halloween Jack*, o *Thin White Duke*, e seu último personagem que fez aparições em videoclipes. Essas personas não apenas marcaram a história da música, mas também contribuíram para a transformação contínua e inovadora do próprio Bowie, solidificando seu legado como um verdadeiro pioneiro da reinvenção musical e visual.

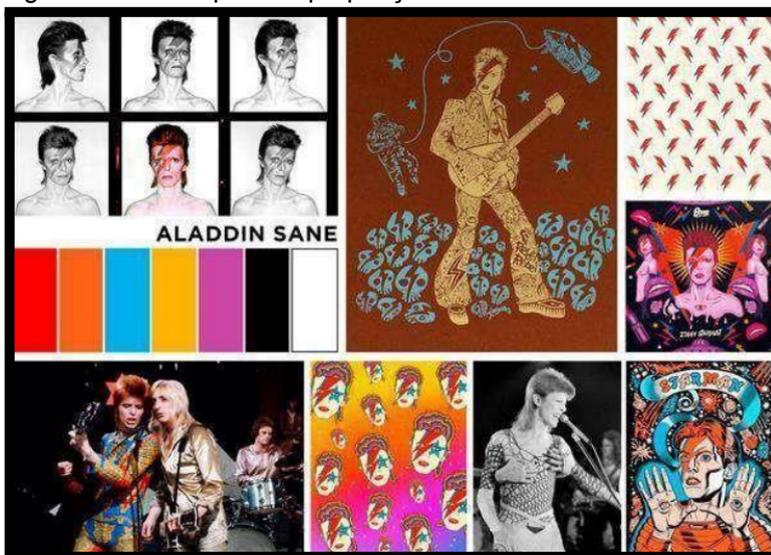
Em *Moonage Daydream* (2022) destaca-se a relação entre a música e o espetáculo publicitário por mostrar a importância estratégica da música na construção da marca de David Bowie, apresentando-o como um artista inovador que soube trabalhar sua imagem de forma estratégica, transformando seu nome em uma marca consolidada. Bowie utilizou efetivamente conceitos de branding para criar uma narrativa intergaláctica envolvente e um visual futurista para Ziggy Stardust. Este personagem, descrito como um ser de outro mundo, despertou a curiosidade do público e criou uma conexão emocional duradoura com os fãs. Bowie também foi capaz de adaptar sua persona para se adequar a diferentes cenários, por exemplo a passagem para a fase *Aladdin Sane* é explorada como uma tentativa de impulsionar a carreira de Bowie nos Estados Unidos, atraindo assim um público totalmente novo no mercado americano, utilizando apenas estratégias de promoção e branding da marca do cantor.

Esses personagens não só deram voz aos fãs de Bowie, mas também defenderam a liberdade individual. Bowie conseguiu eternizar a imagem do alienígena Ziggy Stardust na mente das pessoas, dando uma personalidade própria à sua marca e influenciando uma série de artistas futuramente. A capa do álbum *Aladdin Sane*, que mostra Bowie com uma maquiagem de raio sobre sua face, vista como uma de suas imagens mais icônicas, representa a dualidade mental e foi ideia do artista (Nanu, 2018 *apud* Silva, 2019, p.31). A criação icônica do artista David Bowie, conhecida como *Aladdin Sane*, desempenhou um papel significativo na

indústria da moda, estabelecendo um marco de relevância. A estampa *Aladdin Sane* é caracterizada por elementos distintos, como raios, que possuem um significado icônico na maquiagem central do personagem.

Além disso, elementos espaciais são utilizados para evocar a origem da persona Ziggy, juntamente com símbolos musicais e referências ao *Rock 'n roll*, destacando sua influência musical e um som mais pesado em relação ao seu antecessor. A estampa criada é composta por uma variedade de formas, sendo que os raios, presentes na maquiagem do personagem *Aladdin Sane*, preenchem a estampa de forma marcante, em conjunto com a figura do rosto do *Aladdin Sane*. Ademais, símbolos musicais, como notas, discos, microfone e violão, são incorporados, assim como elementos espaciais que representam a ideia de uma entidade de outro planeta. A presença do ícone representado com as mãos simboliza o Rock pesado, complementando a composição da estampa de maneira significativa. Exemplo figura 39:

Figura 39 – Exemplo de apropriação da indústria da moda



Fonte: SILVA, 2019 Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44205>>. Acesso em: 14 jun. 2023

A persona *Aladdin Sane*, desempenhou um papel significativo e influente na indústria da moda. A estampa icônica associada a essa persona transcendeu os limites da música. *Aladdin Sane* representou uma fusão de estilos e expressões artísticas e tornou-se um ícone, influenciando designers, estilistas e amantes da moda ao redor do mundo, inspirando capacidade de quebrar barreiras, permitindo que as pessoas expressassem sua individualidade de forma criativa e audaciosa.

Seu impacto duradouro na moda reforça seu status como uma figura influente e visionária na indústria cultural.

Bonadio; Prates (2016), em uma entrevista com Christopher Breward destaca a importância da cultura popular em sua abordagem sobre moda e identidade na Inglaterra. Sua influência, conforme mencionado na entrevista, remonta ao estudo das revistas femininas do século XIX, seguindo a tradição dos estudos culturais britânicos. Esse enfoque teórico, compartilhado com figuras como Stuart Hall e a Birmingham School of Cultural Studies, destaca a relevância das manifestações culturais na compreensão de aspectos políticos, culturais e sociais.

Segundo Emerenciano (2005), por se tratar de um produto da cultura material humana e capaz de envergar tantos significados, a cobertura corporal – incluindo aqui desde os enfeites até o vestuário propriamente dito – tem sido utilizado desde seu surgimento como instrumento de organização em várias sociedades. Serviu de alicerce para a manutenção de tradições, elementos distintivos de classes e funções sociais, símbolo para ritos de passagem, suporte para informações a respeito do indivíduo e do grupo a que pertence. O vestuário se tornou, em grande parte pelo seu caráter simbólico, a primeira materialização do fenômeno de Moda, juntamente com os costumes, que são a essência da cultura humana, as normas de convivência em sociedade, transmitidas ao longo das gerações.

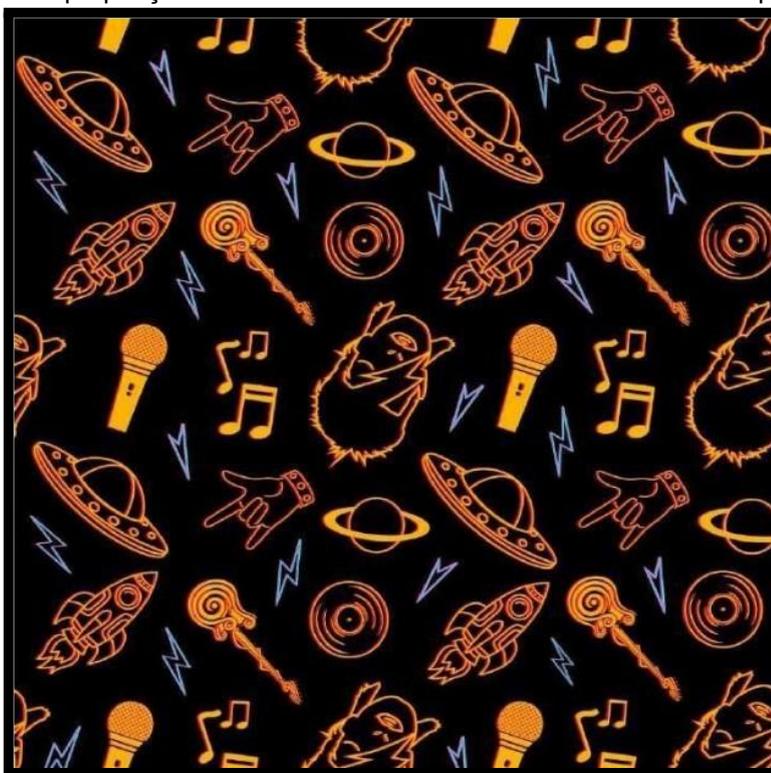
De acordo com Lipovetsky (1989 *apud* Emerenciano, 2005, p. 10), a sociedade de consumo se caracteriza por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista e materialista, etc. O fenômeno da Moda é estrutural nesta sociedade que teve sua formação no fim da Idade Média, com o início da era Moderna, e atingiu sua plenitude com os processos industriais de produção e o aprimoramento dos aspectos estéticos e técnicos dos produtos industrializados.

Ainda segundo a autora, com o surgimento da sociedade de consumo, surge um novo consumidor, mais exigente e que deseja obter mais do produto além de sua função básica. O design passou a ser parte integrante do processo de produção, cuidando não apenas da aparência dos produtos, assim como sendo um instrumento para aprimorá-lo em termos de qualidade técnica, funcionalidade e valores agregados além do monetário como a estética, simbolismo, semântica do produto,

que geram, indiretamente, um aumento do preço por diferenciá-lo dos demais concorrentes de mercado (Baxter, 1998 *apud* Emerenciano, 2005, p. 10).

A primeira apropriação que iremos avaliar é uma estampa em homenagem à persona *Aladdin Sane* (figura 40), um alter ego de *Ziggy Stardust*, inspirado na narrativa de um alienígena encantado pela Terra que se torna um *rockstar* aclamado. A estampa feita pela designer Silva (2019), incorpora elementos simbólicos, como raios, distintivos da maquiagem de *Aladdin Sane*, e elementos espaciais que remetem à origem de *Ziggy*. Símbolos musicais, como notas, discos, microfones e violões, são combinados com o ícone das mãos, representando o peso do Rock.

Figura 40 – Apropriação na Indústria da moda - *Aladdin Sane* e a estampa



Fonte: SILVA, 2019 Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44205>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A variedade de formas, incluindo raios e o rosto de *Aladdin Sane*, preenche a estampa de maneira expressiva. Cores retiradas do painel de inspiração, duplicadas para criar um efeito holográfico, destacam a dualidade inspirada na mente dualista do irmão esquizofrênico de David Bowie. Vetores, criados no Illustrator e Photoshop, fundamentam a composição.

Silva (2019), aplicando os princípios do desenho, destaca que a estampa segue os conceitos de repetição, forma, tamanho, cor e direção, e contraste (direção e posição). A repetição de elementos visuais ao longo do módulo e o uso do

contraste, com um background preto, amplificam o efeito holográfico. O sistema de *rapport*<sup>13</sup> adotado é o alinhado básico, permitindo a repetição completa ao longo dos eixos vertical e horizontal. A estampa busca harmonia e diversão, capturando a essência única da persona *Aladdin Sane* e sua conexão com a estética musical e visual de David Bowie.

Ao considerar a semiótica de Pietroforte (2007), percebe-se que a análise da estampa pode ser enriquecida ao explorar a dimensão contínua do sentido. A escolha dos elementos laranja sobre fundo preto na estampa pode ser interpretada por proporcionar uma experiência visual dinâmica que evoca emoções relacionadas à persona *Aladdin Sane* de Bowie. A interação entre os elementos visuais cria uma narrativa visual que se estende além do simples reconhecimento, envolvendo os espectadores em uma experiência estética.

A perspectiva de Joly (2002) sobre a análise da imagem como desafio e método pode ser aplicada à estampa, destacando a importância de compreender como os elementos visuais interagem para criar significado. A abordagem da estampa como um "quadro" visual permite uma análise mais detalhada das escolhas estilísticas da designer, evidenciando as intenções por trás da composição visual. Ao utilizar métodos semióticos, é possível desvelar as camadas de significado subjacentes à estampa, revelando como cada elemento contribui para a construção da mensagem visual.

A discussão de Santaella; Nöth (2001) sobre a ciência da imagem pode ser aplicada para contextualizar a estampa dentro do panorama mais amplo do campo imagético ou iconologia. Explorar os progressos das técnicas de reprodução por imagens pode lançar luz sobre as escolhas estilísticas da designer e como essas escolhas se relacionam com a evolução da produção visual contemporânea.

A abordagem dos autores à semiótica da imagem oferece uma estrutura teórica para analisar as relações entre signo e objeto na estampa. Ao explorar como os elementos laranja, raios, planetas e outros símbolos se relacionam com a persona *Aladdin Sane* de Bowie, podemos desvendar as complexas interações semióticas que contribuem para a construção da imagem. A relação entre imagem e linguagem verbal também pode ser explorada na estampa, identificando como os elementos visuais dialogam com conceitos musicais e narrativos associados a Bowie.

<sup>13</sup> Do francês, *rapporter*, que significa "criar uma relação", e resume muito bem o propósito desse conceito. A ideia, na prática, é estabelecer uma conexão com a outra pessoa.

A exploração de Santaella; Nöth (2001) sobre a representação visual e mental oferece *insights* valiosos ao considerar como a estampa não apenas reflete a realidade visual, mas também representa a interpretação mental do designer. Ao reconhecer que as imagens têm origens na mente daqueles que as produzem, podemos apreciar a estampa como uma manifestação não apenas da estética visual, mas também da interpretação subjetiva da persona de Bowie por parte do designer. Essa perspectiva adiciona profundidade à compreensão da estampa como uma expressão artística única e pessoal.

A abordagem de Joly (2002) sobre a relação entre imagem e palavras oferece uma lente interessante para analisar a estampa. Ao considerar como os elementos visuais interagem com conceitos linguísticos associados a Bowie, como sua narrativa musical e a persona *Ziggy Stardust*, podemos explorar a complementaridade entre a linguagem visual e verbal na construção da mensagem. A estampa se torna não apenas uma representação visual, mas uma narrativa simbólica que transcende os limites da linguagem puramente visual.

A estampa não é apenas uma expressão artística isolada; ela possui um vasto poder de aplicabilidade que transcende as fronteiras da moda e da música. Sua influência estende-se à esfera mais ampla da indústria cultural, moldando narrativas e inspirando diversas formas de expressão artística. Em primeiro lugar, a estampa torna-se uma forma de comunicação visual que pode ser incorporada em uma variedade de meios, desde roupas e acessórios até arte visual e decoração.

Além disso, a estampa carrega consigo uma carga simbólica rica, vinculada à história e à influência de David Bowie. Ao incorporar elementos como o raio no rosto, a estampa evoca não apenas a estética do álbum, mas também a rebelião artística e a inovação que Bowie representava. Esses símbolos podem ser interpretados e reinterpretados em diversas formas de arte, proporcionando uma base sólida para a expressão criativa.

Na esfera mais ampla da indústria cultural, a estampa tem o potencial de influenciar movimentos artísticos e tendências de moda. Sua versatilidade permite que ela seja integrada em diferentes contextos e, assim, contribua para a construção de uma estética cultural dinâmica e em constante evolução. Transcendendo seu papel inicial como homenagem a David Bowie, a estampa se torna uma ferramenta poderosa para a expressão cultural, um ponto de convergência entre arte, moda e

música que continua a inspirar e influenciar a paisagem cultural contemporânea. Sua aplicabilidade abrangente destaca o impacto duradouro que uma expressão artística singular pode ter na construção e na evolução da nossa identidade cultural coletiva.

Como já vimos anteriormente, as personas icônicas de David Bowie, transcendem os limites da música, deixando um legado duradouro não apenas na indústria musical, mas também na moda. A ousadia, inovação e expressão artística única dele influenciaram significativamente a estética da moda, deixando uma marca indelével que perdura até os dias de hoje.

Uma evidência clara dessa influência pode ser encontrada nas páginas da Vogue, uma das publicações de moda mais prestigiadas do mundo. Os exemplos apresentados abaixo também se relacionam com a categoria *Apropriação Midiatizada* que virá posteriormente, existindo essa conexão entre as categorias, como ressaltado ao início do capítulo, na qual por vezes se torna perceptível na análise. A capa da Vogue, muitas vezes um reflexo das tendências e influências dominantes na moda, apresentou Bowie e sua estética distintiva em mais de uma ocasião.

Figura 41 – Apropriação na Indústria da moda - *Aladdin Sane* na Vogue



Fonte: Disponível em:

<<https://vogue.globo.com/Shopping/noticia/2022/01/david-bowie-relembre-7-momentos-marcantes-da-carreira-do-artista.html>>. Acesso em: 06 nov. 2023

Duas capas em particular destacam-se como homenagens diretas à capa do álbum *Aladdin Sane*. Ao incorporar elementos como o simbólico raio no rosto e a ousadia visual característica de Bowie, essas capas da Vogue capturaram a essência única do ícone musical e a traduziram para o universo da moda.

As capas da Vogue estreladas por Kate Moss (figura 41) são verdadeiras homenagens impressionantes a David Bowie, evidenciando a profunda conexão entre moda, cultura pop e a influência duradoura do icônico cantor.

Na edição de maio de 2003 da Vogue UK, Moss surpreendeu o mundo da moda ao exibir em sua face a maquiagem distintiva do raio, icônica marca registrada de *Aladdin Sane*. Fotografada pelo renomado Nick Knight, a imagem não apenas capturou a maquiagem característica, mas também encapsulou a essência da persona de Bowie. Moss, ao incorporar a estética de *Aladdin Sane*, proporcionou uma representação direta e poderosa da influência duradoura do cantor.

Em 2012, na edição 923, Moss mais uma vez mergulhou no universo de Bowie ao imitar *Ziggy Stardust*, outro dos alteregos marcantes do artista. Embora os detalhes específicos dessa capa não estejam totalmente disponíveis, é claro que Moss continuou a prestar homenagem a Bowie, mantendo viva sua presença estilística na Vogue Paris.

Essas capas não são apenas registros visuais, mas testemunhos tangíveis do impacto eterno de David Bowie na indústria da moda e na cultura pop como um todo. Kate Moss, uma amiga próxima de Bowie, elevou essas representações para além de simples imagens de moda; elas se tornaram declarações de respeito e celebração pela singularidade e inovação que Bowie trouxe ao mundo.

Ao encarnar as personas de *Aladdin Sane* e *Ziggy Stardust*, Moss não apenas homenageou Bowie, mas também contribuiu para a preservação e propagação de sua influência estilística. Essas capas são momentos preciosos que transcendem o efêmero da moda, capturando a atemporalidade do impacto cultural de David Bowie e a maneira como sua presença continua a reverberar na indústria e na estética contemporâneas.

Essas interpretações na Vogue não são apenas uma reverência a Bowie, mas também um testemunho da sua influência duradoura na forma como enxergamos e abraçamos a moda. A capacidade de Bowie de desafiar normas e explorar fronteiras estilísticas continua a inspirar gerações de designers e fashionistas, moldando o cenário da moda de maneiras inesperadas e emocionantes.

Assim, a presença de Bowie nas capas da Vogue não é apenas uma celebração da sua estética ousada, mas também um reconhecimento do impacto duradouro que ele teve na indústria da moda. Bowie não apenas vestiu roupas; ele

as transformou em manifestações de sua expressão artística, moldando a narrativa da moda de maneira que poucos artistas conseguiram fazer. Sua influência na indústria da moda permanece viva e pulsante, continuando a inspirar e desafiar as fronteiras estilísticas como um verdadeiro camaleão da moda e da música.

Partimos então para a exploração da análise da capa da Vogue UK 2003, uma homenagem a David Bowie e sua persona *Aladdin Sane*, protagonizada por Kate Moss, incorporando os pontos-chave da análise de imagem.

Na capa, a supermodelo Kate Moss exibe a maquiagem distintiva do raio no rosto, uma clara homenagem à persona de David Bowie. A representação estilizada e artística captura a essência da influência de Bowie na moda e na cultura pop.

O raio desenhado no rosto de Kate Moss emerge como um ícone que representa *Aladdin Sane*, enquanto a própria presença de Moss se torna um símbolo de moda e estilo. A imagem transcende a mera representação visual, adquirindo significados simbólicos que ecoam a inovação e singularidade associadas a Bowie.

A capa da Vogue UK 2003 é mais do que uma representação estética; é uma homenagem profunda à duradoura influência de David Bowie na moda e na cultura pop. Kate Moss, ao personificar a estética de *Aladdin Sane*, contribui para a preservação e propagação desse legado inigualável.

Ambas as imagens, a capa original do álbum *Aladdin Sane* e a capa da Vogue UK, utilizam o raio como elemento visual-chave para representar *Aladdin Sane*. No entanto, a capa da Vogue UK adota uma abordagem estilizada, com Kate Moss incorporando a persona de Bowie de maneira mais artística e interpretativa do que a representação realista presente na capa do álbum.

A capa da Vogue UK 2003 é uma homenagem eficaz e estilizada a David Bowie, capturando não apenas a estética visual, mas também os significados simbólicos associados à persona do cantor. Essa análise ganha ainda mais profundidade ao considerar os conceitos imagéticos propostos no TCC.

A perspectiva de Joly (2002) sobre a análise da imagem destaca a importância de compreender como os elementos visuais interagem para criar significado. Esse método revela camadas de significado subjacentes à estampa, evidenciando como cada elemento da capa contribui para a construção da mensagem visual na apropriação.

A discussão de Santaella; Nöth (2001) sobre a ciência da imagem contextualiza a capa da Vogue UK dentro do panorama mais amplo da imagologia ou iconologia. Explorar os progressos das técnicas de reprodução por imagens lança luz sobre as escolhas estilísticas da capa, relacionando-as com a evolução da produção visual contemporânea e da apropriação na capa da Vogue, revelando métodos de reprodução para passar a mensagem de iconicidade da capa original de Bowie.

A abordagem de Santaella; Nöth (2001) à semiótica da imagem fornece uma estrutura teórica para analisar as relações entre signo e objeto na capa da Vogue UK. Ao explorar como os elementos visuais se relacionam com a persona *Aladdin Sane*, desvendamos as complexas interações semióticas que contribuem para a construção da imagem. A relação entre imagem e linguagem verbal também pode ser explorada, identificando como os elementos visuais dialogam com conceitos musicais e narrativos associados a Bowie. A exploração sobre a representação visual e mental oferece *insights* valiosos ao considerar como a capa da Vogue UK não apenas reflete a realidade visual, mas também representa a interpretação mental de Kate Moss. Ao reconhecer que as imagens têm origens na mente daqueles que as produzem, apreciamos a capa como uma manifestação não apenas da estética visual, mas também da interpretação subjetiva da persona de Bowie pela supermodelo. Essa perspectiva adiciona profundidade à compreensão da capa como uma expressão artística única e pessoal.

A influência icônica da capa do álbum *Aladdin Sane* não se limitou apenas ao universo da moda editorial, como evidenciado pela homenagem prestada por Kate Moss na capa da Vogue UK em 2003. Essa referência transcendente se estendeu ao cenário das passarelas, manifestando-se de maneiras distintas e cativantes. Um exemplo notável é a Coleção Pré Outono-Inverno 2015 da grife Emilio Pucci do renomado estilista de mesmo nome.

Ao explorar as criações deslumbrantes dessa coleção, somos imediatamente transportados para uma atmosfera boho e inspirada nos anos 1970, na qual o designer de moda responsável pela coleção, Peter Dundas, habilmente incorporou elementos emblemáticos da capa de *Aladdin Sane*. O raio, símbolo marcante da persona de Bowie, emerge como protagonista em diversos looks estampados, conferindo uma energia vibrante e uma conexão direta com a identidade visual do

álbum, foram selecionados 5 principais looks desta coleção (figura 42) que ilustram perfeitamente a influência de *Aladdin Sane*.

Figura 42 – Apropriação na Indústria da moda - *Aladdin Sane* na Coleção Emilio Pucci 2015



Fonte: Disponível em:

<<https://buyerandbrand.com.br/emilio-pucci-colecao-pre-outono-inverno-2015/>>. Acesso em: 06 nov. 2023

A aposta ousada em materiais como chamois e veludo, juntamente com a presença marcante da calça *flare* e listras verticais coloridas, remete não apenas à estética da década de 1970, mas também à ousadia e inovação que Bowie personificava. As estampas psicodélicas, em particular, capturam a essência do visual distintivo de *Aladdin Sane*, proporcionando uma experiência visual que transcende as simples tendências de moda.

A exuberância visual presente nos looks da Emilio Pucci não passa despercebida. Cores vibrantes, como rosa, preto, dourado e branco, estabelecem contrastes marcantes, destacando-se como verdadeiros pontos de destaque. As estampas psicodélicas, remissivas dos anos 1970, adicionam uma camada de complexidade visual, enquanto materiais como chamois e veludo contribuem para a riqueza de texturas e profundidade. A presença da calça *flare* e das silhuetas

características da década de 1970 não apenas complementam esteticamente, mas também ancoram os looks historicamente. O raio, símbolo intrínseco a *Aladdin Sane*, aparece de maneira marcante, seja como estampa ou bordado, estabelecendo uma ligação direta com a persona única de Bowie.

Esse ícone inconfundível de *Aladdin Sane*, o raio, desempenha um papel central nas peças, evocando diretamente a icônica capa do álbum. Cores, estampas e silhuetas atuam como indicadores vívidos da década de 1970, criando uma conexão autêntica com a evolução da moda. Embora as estampas psicodélicas não tenham uma relação causal com Bowie, elas se tornam símbolos interpretativos de sua inovação e audácia.

Mais do que simples vestimentas, esses looks constituem uma homenagem expressiva a David Bowie e sua marcante influência na moda. O raio, como símbolo, transmite uma mensagem de rebeldia e individualidade, enquanto as silhuetas e materiais provocam uma nostálgica imersão nos anos 1970. As estampas psicodélicas, como símbolos da criatividade e ousadia de Bowie, comunicam um espírito de liberdade intrínseco.

Tanto a capa de *Aladdin Sane* quanto os looks da coleção que se apropriou, incorporam o raio como elemento visual central. No entanto, enquanto a capa do álbum apresenta uma representação realista de Bowie, a coleção adota uma abordagem estilizada e interpretativa, transformando o raio em estampa ou bordado, elevando a expressão artística.

A perspectiva de Santaella (1983) sobre a semiótica da imagem fornece uma estrutura teórica robusta para analisar as relações entre signo e objeto na coleção da marca Emilio Pucci. Ao desvendar as complexas interações entre os elementos visuais e a persona, podemos compreender melhor a construção da imagem. A relação entre imagem e linguagem não verbal também se revela, identificando como os elementos visuais dialogam com conceitos musicais e narrativos associados a Bowie.

Ao explorar a interseção entre imagem e música, a compreensão da interpretação artística da coleção da Emilio Pucci se aprofunda, enriquecendo a análise do significado musical associado a Bowie e elevando a experiência estética de forma dinâmica e emotiva, alinhada ao personagem, conforme a abordagem de Pietroforte (2007).

A abordagem de Joly (2002) em relação à interseção entre imagem e palavras oferece uma lente intrigante para analisar a coleção de Pucci. Ao considerar a interação dos elementos visuais da apropriação, como as da persona de *Aladdin Sane*, a coleção transcende a mera representação visual, transformando-se em uma narrativa simbólica que ultrapassa os limites da linguagem puramente visual.

Essa intertextualidade entre a capa do álbum musical e a coleção de moda destaca a influência duradoura e multifacetada de David Bowie na moda. A estampa do raio serve como uma ponte entre o passado revolucionário e o presente estilizado, conectando gerações e reiterando a atemporalidade da estética bowieana, capturando a essência de sua influência na moda e na indústria cultural.

Distante da mera imitação, ela reinterpreta elementos visuais da capa original, mantendo uma conexão clara e temática. Essa fusão de elementos visuais não apenas presta homenagem ao legado do icônico cantor, mas também reafirma a capacidade da moda de transcender as fronteiras do tempo, transformando-se em uma expressão artística contínua e evolutiva.

#### 4.2.4. APROPRIAÇÃO MUDIATIZADA: *NEVERMIND*

O álbum teve um impacto significativo na veiculação midiática, tornando-se uma peça central na cultura popular e na mídia da época. O sucesso avassalador do álbum e, em particular, do single *Smells Like Teen Spirit*, fez com que o Nirvana ganhasse uma exposição massiva na mídia.

A veiculação midiática do álbum foi amplificada pela crescente popularidade dos videoclipes musicais na MTV e em outras emissoras de televisão. O vídeo de *Smells Like Teen Spirit* tornou-se um marco na história dos videoclipes, retratando uma performance energética da banda em um ambiente escolar caótico. Esse vídeo em particular foi amplamente transmitido e impulsionou ainda mais a exposição do Nirvana na mídia.

Para Berté (2014), a noção de gênero é presente na análise das mídias, acompanhada de qualificativos que a especificam, por exemplo, segundo o suporte midiático. Os gêneros jornalísticos, televisivos e radiofônicos são exemplos de gêneros que constituem um princípio de classificação. Entre as condições para uma teoria do gênero está o grau de generalidade, o modo de organização discursiva e o lugar de construção do sentido. Além dos videoclipes, o Nirvana também esteve

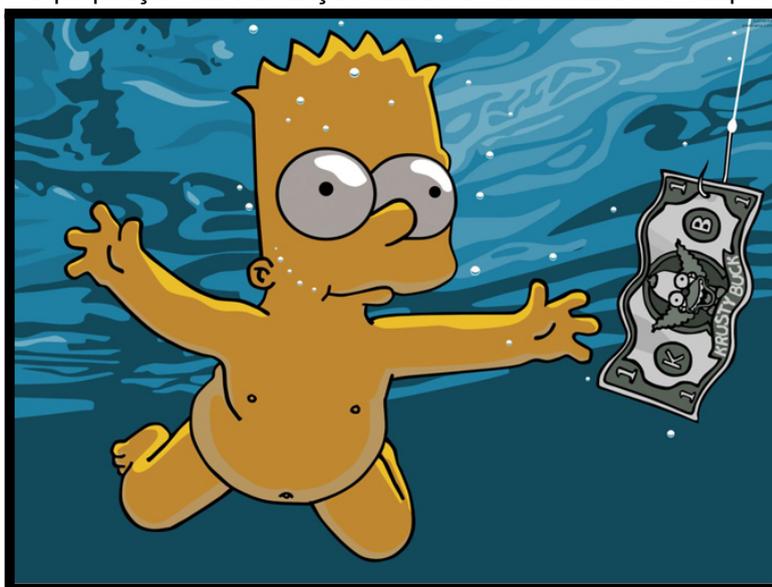
presente em entrevistas, programas de televisão, revistas e rádios. A personalidade carismática de Kurt Cobain e o impacto cultural do álbum fizeram com que o Nirvana fosse constantemente abordado e discutido pela mídia. O álbum *Nevermind* e o sucesso do Nirvana não apenas moldaram o cenário musical da época, mas também se tornaram um fenômeno midiático, sendo frequentemente referenciados e citados em diferentes contextos midiáticos, como mostrado no estudo feito por Aquino (2008).

A partir desse contexto, temos um exemplar de uma capa de álbum musical bastante emblemática, em que se torna viável a aplicação de uma análise em um caso de apropriação que se insere na categoria de veiculação midiática, a capa do álbum.

Desde o lançamento do álbum, a capa do *Nevermind* tem sido objeto de diversas releituras e paródias, sendo utilizada como uma forma de homenagem, crítica ou até mesmo para fins publicitários. Algumas dessas releituras, especialmente as que têm como objetivo criticar a cultura do consumo, procuram subverter a mensagem original da capa.

Além disso, a capa do *Nevermind* tem sido utilizada em diversas mídias, incluindo filmes, programas de televisão e anúncios publicitários. Por exemplo, a capa aparece em um episódio da série Os Simpsons (Figura 43).

Figura 43 – Apropriação em veiculação midiática - *Nevermind* nos Simpsons



Fonte: Disponível em:  
<[https://musica.uol.com.br/album/parodias\\_da\\_capa\\_do\\_nevermind\\_album.jhtm?abrefoto=2](https://musica.uol.com.br/album/parodias_da_capa_do_nevermind_album.jhtm?abrefoto=2)>. Acesso em: 07 mai. 2023

Este episódio de Os Simpsons intitulado *Bart Sells His Soul*, em que Bart é retratado nadando em uma piscina com a mesma pose do bebê da capa do *Nevermind*. A referência à capa do Nirvana foi uma maneira divertida e criativa de inserir um elemento culturalmente significativo em um programa de televisão popular, e reforçou a conexão entre a música e a cultura pop.

A utilização da imagem da capa de *Nevermind* em Os Simpsons repercutiu na mídia e gerou uma grande quantidade de publicidade para ambas as partes envolvidas. Fãs da banda e do programa de TV aplaudiram a referência, e a popularidade da imagem aumentou ainda mais como resultado.

Essas releituras e utilizações da capa demonstram a força da imagem na cultura popular e na indústria cultural. Elas também mostram como a capa pode ser reinterpretada e se tornar um elemento influente em outras formas de arte e de expressão cultural.

Além disso, a apropriação da capa por outros veículos midiáticos e pela indústria cultural gerou novas oportunidades de negócios e ajudou a manter o legado da banda viva. A imagem da capa foi licenciada para uso em uma variedade de produtos, incluindo camisetas, adesivos e pôsteres, e a popularidade da banda e da imagem da capa ajudou a impulsionar as vendas desses produtos.

Ao entrarmos na análise imagética da capa e da apropriação, percebemos que na capa original do álbum *Nevermind*, podemos identificar elementos visuais como um bebê nu nadando em água azul, um anzol com uma nota de um dólar presa a ele, e o nome da banda e do álbum em letras brancas sobre um fundo preto. Utilizando a semiótica proposta por Pietroforte (2007), na versão dos Simpsons, esses elementos são reinterpretados com Bart Simpson nu na água, um anzol com uma nota de um dólar com a cara de Krusty presa a ele, e o nome da banda e do álbum em letras amarelas sobre um fundo preto.

Ao analisar os signos presentes na imagem original, o bebê nu representa inocência e vulnerabilidade, a nota de um dólar simboliza dinheiro e ganância, o anzol indica perigo e manipulação, e o nome da banda e do álbum representa identidade e estilo musical. Na versão dos Simpsons, Bart Simpson representa rebeldia e humor, a nota de um dólar com a cara de Krusty simboliza entretenimento e hipocrisia, o anzol mantém sua representação cômica e irônica, e o nome da banda e do álbum ganha significado de referência e intertextualidade.

A abordagem de Joly (2022) sobre a análise da imagem, considerando a imagem como signo, destaca a importância de compreender a relação entre imagem e palavras. Na comparação das imagens, percebemos que os elementos visuais mantêm a sua função como signos, transmitindo significados de perigo, tentação e manipulação, mas com diferentes tons de seriedade e comicidade. O nome da banda e do álbum, em letras consistentes em tipo e tamanho, varia em cores e fundos, proporcionando nuances distintas de identidade e referência.

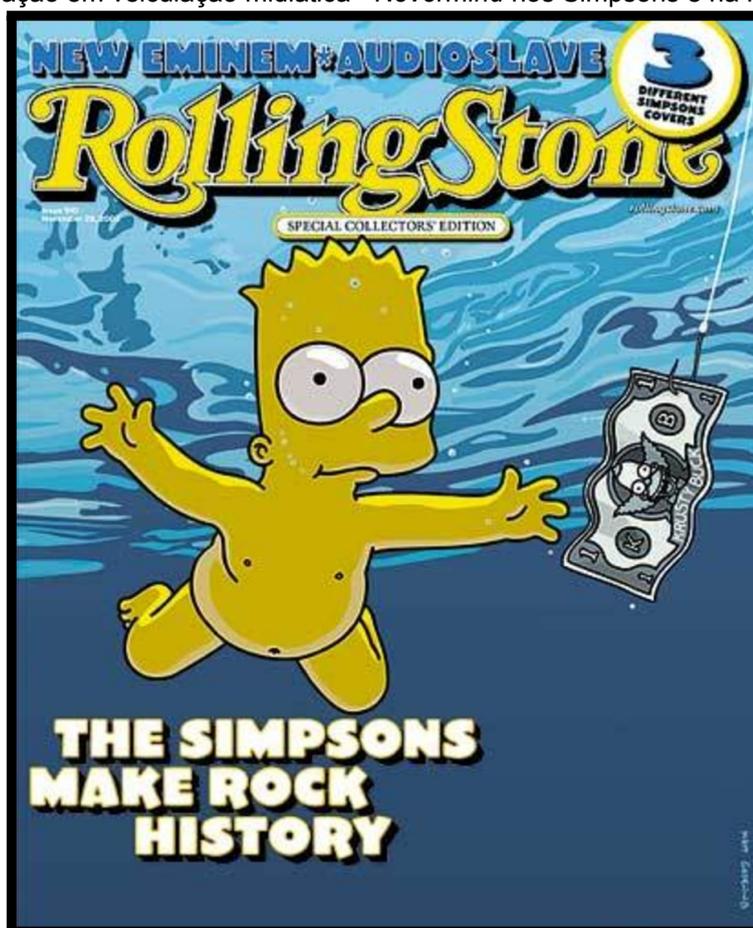
A interpretação dos significados nas duas imagens revela críticas distintas. A capa original critica a sociedade de consumo, destacando a exploração desde a infância e as falsas promessas de felicidade e sucesso. A imagem dos Simpsons, por sua vez, critica a indústria do entretenimento, evidenciando a manipulação de artistas e público com humor e ironia. Santaella; Nöth (2001), ao abordar a semiótica da imagem, discute as relações entre signo e objeto na construção de imagens. Na análise das duas imagens, observamos que elementos como o bebê nu, a nota de um dólar e o anzol mantêm sua função como signos, mas com significados reinterpretados. A interação entre a imagem original e a apropriação nos Simpsons evidencia a complementaridade entre a inteligência visual humana e a produção de imagens no contexto da cultura popular.

Na comparação das imagens, observamos elementos comuns, como a água, o anzol e a nota de um dólar, que mantêm seus significados de perigo, tentação e manipulação, mas com diferentes tons de seriedade e comicidade. O nome da banda e do álbum permanece consistente em tipo e tamanho de letra, mas varia em cores e fundos, transmitindo diferentes nuances de identidade e referência. As diferenças notáveis incluem a mudança nos elementos visuais do bebê e da nota de um dólar, que também alteram seus significados de inocência para rebeldia e de capitalismo para entretenimento. As cores e fundos do nome da banda e do álbum também variam de neutros para vibrantes, adicionando vivacidade e contraste às interpretações.

Ingressamos, a seguir, em uma análise adicional referente à mesma reinterpretação dos Simpsons, notadamente ressaltando uma apropriação de relevância ímpar da capa da revista Rolling Stone. Transcorridos mais de dez anos desde a divulgação do álbum *Nevermind*, Matt Groening, o visionário criador dos Simpsons, subscreveu uma paródia da notável fotografia que retrata um bebê em ardente perseguição a uma nota de dólar habilmente disposta em um anzol. O

desenho de Bart Simpson, sagazmente posicionado como protagonista no lugar do infante original, conquistou a proeminência ao ser destacado na capa da referida publicação. A imagem repercutiu tão interessantemente que na edição 910, de novembro de 2002, a revista Rolling Stone (figura 44) promoveu uma homenagem à icônica imagem inserindo-a no encarte.

Figura 44 – Apropriação em veiculação midiática - *Nevermind* nos Simpsons e na Rolling Stone



Fonte: Disponível em:

<<https://www.rollingstone.com/music/music-lists/rock-on-the-simpsons-39994/>>. Acesso em: 06 nov. 2023

Esta instigante incursão no âmbito artístico não apenas atesta a durabilidade e adaptabilidade cultural da obra original, mas também delinea a capacidade distintiva do meio televisivo em apropriar-se e reinterpretar imagens consagradas, conferindo-lhes novos significados intrínsecos ao contexto narrativo dos Simpsons. Tal fenômeno não só ilustra a resiliência e adaptabilidade do legado cultural, mas também fomenta uma reflexão sobre a interseção dinâmica entre a cultura popular e a produção midiática contemporânea.

A capa da Rolling Stone que apresenta a imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* demonstra o poder da mídia de criar e recriar

sentidos, de dialogar com diferentes públicos e contextos, e de influenciar a produção e o consumo cultural. A mídia, nesse caso, não é apenas um meio de transmissão de informações, mas também um agente de transformação e de interação social.

A imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* é um exemplo de como a mídia pode criar novos sentidos a partir de imagens já existentes, que possuem um significado cultural reconhecido. A imagem original, lançada em 1991, representa uma crítica à sociedade de consumo, que explora e manipula as pessoas desde a infância, oferecendo-lhes falsas promessas de felicidade e sucesso. A imagem dos Simpsons, representa uma crítica à indústria do entretenimento, que também explora e manipula artistas e espectadores, mas com humor e ironia. A imagem dos Simpsons também funciona como um anúncio publicitário, que utiliza o nome da banda e do álbum em letras amarelas sobre um fundo preto para chamar a atenção do público e criar uma associação entre o programa de TV e o estilo musical do Nirvana. Além disso, a imagem dos Simpsons estabelece uma relação de intertextualidade com a imagem original, que pressupõe um conhecimento prévio do público sobre a capa do álbum *Nevermind* e seu significado cultural.

A imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* é também um exemplo de como a mídia pode dialogar com diferentes públicos e contextos, adaptando-se às mudanças sociais e culturais. A imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum é ainda um exemplo de como a mídia pode influenciar a produção e o consumo cultural, gerando novas demandas e novas ofertas no mercado. A imagem original, lançada em 1991, foi um sucesso comercial e crítico, vendendo mais de 30 milhões de cópias e sendo considerada uma das melhores capas de todos os tempos. A imagem original também influenciou a produção musical, inspirando outros artistas e bandas a seguirem o estilo grunge. A imagem dos Simpsons, foi um sucesso de audiência e de repercussão, sendo exibida em mais de 60 países e sendo elogiada pela crítica e pelo público. A imagem dos Simpsons também influenciou o consumo cultural, estimulando o interesse pelo programa de TV, pela banda, pelo álbum e pela revista.

Então percebe-se que a apropriação da capa da Rolling Stone que apresenta a imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* se torna um exemplo incrível de como a veiculação midiática repercute sobre o assunto e como influencia na indústria cultural, mostrando a capacidade da mídia de criar e recriar sentidos, de dialogar com diferentes públicos e contextos, e de influenciar a produção e o consumo cultural. Para analisar a imagem da Rolling Stone que apresenta a imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind*, podemos utilizar os mesmos conceitos de semiótica, imagem protótipo, imagem e palavra, e semiótica da cultura que usamos para analisar a imagem dos Simpsons. No entanto, devemos considerar também as especificidades da imagem da Rolling Stone, que se trata de uma apropriação de uma apropriação, ou seja, de uma reinterpretação de uma reinterpretação.

A imagem da Rolling Stone que apresenta a imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* é um exemplo de como a mídia pode criar novos sentidos a partir de imagens já recriadas, que possuem um significado cultural reconhecido e ampliado. A imagem original, lançada em 1991, representa uma crítica à sociedade de consumo, que explora e manipula as pessoas desde a infância, oferecendo-lhes falsas promessas de felicidade e sucesso. A imagem dos Simpsons, representa uma crítica à indústria do entretenimento, que também explora e manipula artistas e espectadores, mas com humor e ironia. Além disso, a imagem dos Simpsons estabelece uma relação de intertextualidade com a imagem original, que pressupõe um conhecimento prévio do público sobre a capa do álbum e seu significado cultural.

A imagem da Rolling Stone, representa uma homenagem à imagem dos Simpsons, que por sua vez é uma homenagem à imagem original, reconhecendo o valor cultural e artístico das duas imagens. Esta apropriação também funciona como um anúncio publicitário, que utiliza o nome da revista e a manchete em letras amarelas e brancas sobre um fundo azul para chamar a atenção do público e criar uma associação entre a revista e o programa de TV. Além disso, a imagem da Rolling Stone estabelece uma relação de intertextualidade com a imagem dos Simpsons e com a imagem original, que pressupõe um conhecimento prévio do público sobre as duas imagens e seus significados culturais.

Portanto, a análise da imagem da Rolling Stone que apresenta a imagem dos Simpsons que se apropria da capa do álbum *Nevermind* revela uma complexidade de sentidos, que envolvem aspectos visuais, sonoros, linguísticos e culturais. A imagem da Rolling Stone não é apenas uma cópia ou uma homenagem à imagem dos Simpsons, mas uma reinterpretação crítica e criativa, que dialoga com o público e com a cultura.

A imagem da Rolling Stone também é uma apropriação de uma apropriação, que mostra a capacidade da mídia de criar e recriar sentidos, de dialogar com diferentes públicos e contextos, e de influenciar a produção e o consumo cultural.

Encerramos nossa análise com uma apropriação que suscitou considerações críticas. Em agosto de 2021, Spencer Elden, o indivíduo retratado como bebê na capa do álbum *Nevermind* do Nirvana quando contava com quatro meses de idade, interpôs um processo judicial contra a banda, alegando exploração sexual infantil. Elden sustentou que a imagem configurava pornografia infantil, resultando em danos permanentes para ele. Solicitou uma indenização de 150 mil dólares de cada um dos 15 réus, incluindo membros da banda, a viúva de Kurt Cobain, Courtney Love, e a gravadora responsável pelo lançamento e distribuição do álbum ao longo das últimas três décadas.

Elden afirmou não ter recebido pagamento pelo uso de sua imagem e que seus pais não concederam autorização para o direito de imagem. Além disso, expressou a percepção de que a representação o assemelhava a um profissional do entretenimento adulto, segurando uma nota de um dólar.

Contudo, em setembro de 2022, a justiça dos Estados Unidos determinou o arquivamento do processo, alegando que Elden demorou demasiado para alegar que o Nirvana o explorou sexualmente, uma vez que ingressou com a ação mais de 10 anos após ter conhecimento da capa. O juiz distrital Fernando Olguin destacou que Elden não poderia processar o Nirvana indefinidamente e que não apresentou alegações referentes a violações ocorridas quando menor de idade ou a lesões que constituíam a base da reivindicação dentro do período de dez anos subsequente à apresentação da ação<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Informação disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/08/25/bebe-do-nirvana-que-foi-capa-do-disco-nevermind-processa-banda-por-exploracao-sexual.ghtml>>, <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/justica-arquiva-processo-de-bebe-nu-em-cap-a-do-album-nevermind-do-nirvana/>>, <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/bebe-que-aparece-na-cap-a-de-nevermind-processa-nirvana-por-pornografia-infantil/>> e <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/05/pornografia-infantil-entenda-a-treta-com-a-cap-a-d-e-nevermind-do-nirvana.htm>>. Acesso em 06 nov. 2023

O clube de futebol português Rio Ave aproveitou-se da oportunidade gerada pela polêmica do processo de Spencer Elden em 2021 contra a banda Nirvana por conta da imagem do bebê nu na capa do álbum *Nevermind* e realizou uma releitura da capa do álbum com o bebê vestindo a camiseta do time (figura 45) e publicou em suas redes sociais, utilizando a chamada “Hey Nirvana, problema resolvido. Podem encontrar uma camisola oficial na nossa loja online.”

Figura 45 – Apropriação em veiculação midiática - *Nevermind* e o time de futebol Rio Ave



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/rioavefc/photos/a.369583993109629/4175338932534097/?type=3&theater>>. Acesso em: 07 nov. 2023

A publicação provocou reações diversas, com alguns comentários elogiando o senso de humor e outros criticando o teor. No entanto, o maior problema do clube foi a falta de direitos de imagem da capa do álbum para utilização na apropriação

Os elementos visuais presentes nas imagens do Rio Ave e da capa original do álbum *Nevermind* incluem um bebê com a camiseta do time nadando em água azul, um anzol com uma nota de um dólar presa a ele, e o nome da banda e do álbum em letras pretas.

Na análise dos signos, a imagem original do álbum *Nevermind* apresenta o bebê nu como ícone de inocência e vulnerabilidade, a nota de um dólar como símbolo de dinheiro e ganância, o anzol como índice de perigo e manipulação, e o nome da banda e do álbum como símbolo de identidade e estilo musical. Na imagem

do Rio Ave, o bebê com a camiseta do time representa fidelidade e paixão, a nota de um dólar mantém seu significado original, o anzol continua a simbolizar perigo e manipulação, e o nome da banda e do álbum é um símbolo de referência e intertextualidade. Ao aplicarmos a semiótica de Pietroforte (2007), podemos observar a transição desses elementos visuais, gerando novos sentidos e ampliando a interpretação da imagem. A análise de objetos de estudo explora a relação entre imagem e música, destaca-se na compreensão da capa original do álbum *Nevermind* e na análise da apropriação pelo Rio Ave.

A interpretação dos significados revela que a imagem original critica a sociedade de consumo, destacando a exploração desde a infância e as falsas promessas de felicidade e sucesso. Além disso, expressa a identidade e o estilo musical do Nirvana, caracterizados pelo descontentamento e rebeldia da juventude grunge. Por outro lado, a imagem do Rio Ave transmite uma homenagem à imagem original, reconhecendo seu valor cultural e artístico, enquanto expressa a fidelidade e a paixão pelo time de futebol.

Joly (2002), ao destacar a importância da análise da imagem como um desafio, incentiva uma compreensão mais profunda da complexidade desse processo. A imagem do Rio Ave, ao manter a fidelidade e paixão representadas pelo bebê com a camiseta do time, preserva significados simbólicos importantes. A interação de elementos como o anzol e a nota de um dólar, conforme o campo semântico proposto por Pietroforte (2007), contribui para a manutenção de uma continuidade semântica.

Ao comparar as imagens, observamos que a do Rio Ave mantém alguns elementos visuais e signos da original, como a água, o anzol e a nota de um dólar, mas introduz mudanças, principalmente no bebê, gerando novos sentidos. A imagem do Rio Ave não é apenas uma cópia, mas uma reinterpretação crítica e criativa que utiliza a polêmica do processo contra o Nirvana para criar uma associação entre o time de futebol e a banda. A imagem do Rio Ave estabelece uma relação de intertextualidade com a imagem original, pressupondo o conhecimento prévio do público sobre a capa do álbum *Nevermind* e seu significado cultural.

Santaella; Nöth (2001), ao discutir a ciência da imagem, destaca a importância de estudos vinculados à imagem. A apropriação do Rio Ave revela uma

reinterpretação crítica e criativa da capa original, proporcionando uma análise aprofundada sobre a construção de imagens no contexto da cultura popular.

Concluindo, a comparação das imagens destaca a capacidade da mídia em criar e recriar sentidos, dialogar com diferentes públicos e contextos, influenciar a produção e o consumo cultural, além de demonstrar que a imagem do Rio Ave é uma apropriação crítica e criativa da capa original do álbum *Nevermind*.

O impacto do álbum *Nevermind* da banda Nirvana foi extremamente significativo na veiculação midiática, com a banda sendo constantemente presente em várias mídias. O álbum e a banda se tornaram um fenômeno cultural, amplamente discutidos e divulgados pela imprensa da época, deixando um legado duradouro na história da música e na relação entre música e mídia.

#### 4.2.5. APROPRIAÇÃO CONSUMISTA: *ABBEY ROAD*

Como apresentamos no início do capítulo, The Beatles foi uma banda britânica formada em Liverpool em 1960, composta por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. Eles foram uma das bandas mais influentes e revolucionárias da história da música popular, conquistando fama mundial e deixando um legado duradouro na indústria musical. Um dos seus álbuns mais famosos foi *Abbey Road*, lançado em 1969, que tem uma capa icônica que mostra os quatro membros da banda atravessando uma rua em Liverpool. A cena é uma narrativa não transitiva direcional, pois os participantes estão conectados por um vetor e não é possível determinar para onde eles estão olhando.

Para Martins (2014), em sua análise, a imagem apresenta uma composição ampla em plano geral, adotando uma perspectiva de perfil que implica um distanciamento relativo ao observador. A modalidade da imagem é de alta fidelidade, refletindo uma representação fiel da realidade. Quanto à paleta de cores, predominam quatro tonalidades principais: azul, verde, branco e preto, sendo perceptível uma saturação mais pronunciada nas áreas adjacentes às calçadas e um brilho mais intenso em relação aos quatro participantes.

Há uma sensação de profundidade, permitindo a visualização de alguns detalhes, como os veículos, indivíduos e fachadas de edifícios. No que tange à dimensão composicional, observa-se que, em termos de valor informativo, os

participantes são posicionados centralmente e na parte inferior da imagem. Tal disposição sugere que eles ocupam a porção mais significativa da fotografia, fornecendo informações detalhadas. Além de também ser notável a existência de um contraste marcante entre os participantes e o restante do cenário, seja pela iluminação que incide sobre eles, pelo vestuário utilizado ou pela postura assumida.

A imagem dos quatro membros da banda caminhando na faixa de pedestres tornou-se um ícone que ultrapassou as barreiras da música e adentrou diferentes setores. Pode-se notar também a presença de uma memória coletiva, que se manifesta por meio da referência a figuras célebres e da busca de identificação com uma linhagem cultural:

[...] é possível perceber a inscrição de uma memória coletiva, a nomeação de figuras célebres e identificação com uma linhagem à qual se busca vínculo. Isso nos interessa na medida em que salienta que os procedimentos de consagração não são exclusivos da política oficial, e que seus mecanismos encontram contraparte na própria tradição da canção popular e nas práticas cotidianas dos passantes [...]. (Garcia; Públio; Santana, 2022, p. 4).

A capa do álbum *Abbey Road* dos Beatles é um exemplo de como uma imagem pode se tornar um ícone cultural, transcendendo seu contexto original e gerando múltiplas interpretações e aplicações, muito devido também à *Beatlemania*, um termo usado para descrever o frenesi dos fãs dos Beatles, principalmente garotas adolescentes, nos locais em que a banda se apresentava durante seus primeiros anos de sucesso. O termo também se refere ao forte interesse mundial pela banda. A *Beatlemania* começou em 1963, quando os Beatles lançaram singles como *Please Please Me*, *From Me to You* e *She Loves You*, que conquistaram as paradas de sucesso do Reino Unido e depois do mundo inteiro. A *Beatlemania* também gerou um fenômeno de hiperconsumo, ou seja, o consumo de bens além das necessidades e a pressão social para consumir esses bens, que eram percebidos como parte da identidade dos fãs.

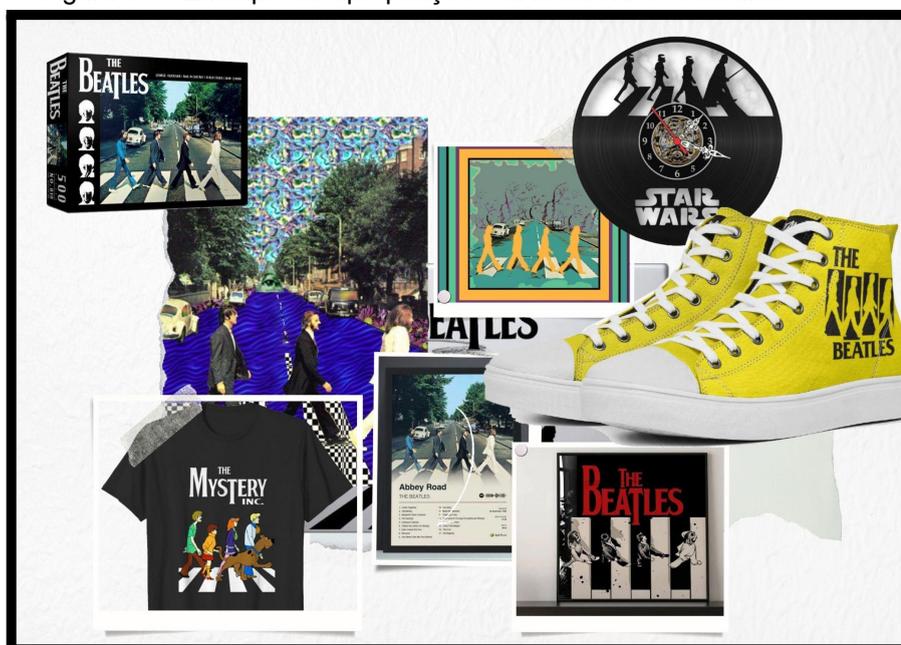
A fotografia simples, que mostra os quatro integrantes da banda atravessando uma faixa de pedestres em Londres na capa do álbum *Abbey Road*, foi concebida por Paul McCartney a partir de um esboço e realizada pelo fotógrafo Iain Macmillan em apenas dez minutos, com a ajuda de um policial que interrompeu o trânsito na

rua. A capa não trazia o nome da banda nem o título do álbum, apenas a imagem e o logotipo da Apple Records, a gravadora dos Beatles.

A capa também se tornou uma fonte de inspiração para diversos artistas, que a parodiaram ou homenagearam de várias formas. A capa influenciou a moda, o entretenimento, o lazer, a decoração e outras áreas da indústria do consumo, que exploraram a imagem dos Beatles como um símbolo de prestígio e criatividade. A figura 46 mostra alguns exemplos de produtos que usaram a capa como referência. Esses produtos eram avidamente comprados pelos fãs, que queriam expressar sua admiração e identificação com a banda.

A capa do álbum transcendeu sua função primordial como uma mera embalagem para um disco e adquiriu status de um produto cultural de impacto significativo. Sua imagem icônica exerceu influência em diversas outras esferas da indústria do consumo. Por conta da estética singular da capa, ela se transformou em um ponto de partida para uma ampla gama de possibilidades mercadológicas, ampliando seu alcance como um símbolo reverenciado e fonte de inspiração. Essa perpetuação do legado dos Beatles e da presença da capa do álbum como um ícone de adoração e criatividade é notável.

Figura 46 – Exemplo de apropriações na indústria do consumo



Fonte: Montagem elaborada pela estudante a partir de imagens disponíveis em: <<https://www.pinterest.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Lipovetsky (2007), aborda de maneira profunda o papel do consumo na contemporaneidade. Ele explora a dinâmica da busca incessante pelo bem-estar individual por meio do consumo hedonista, destacando a corrida pela felicidade e a

consequente sensação de desamparo diante da responsabilidade exclusiva pelo êxito ou fracasso pessoal.

Lipovetsky (2007) argumenta que, embora o consumo não seja gerador real de felicidade, muitas vezes proporciona satisfação ao hiperconsumidor. No entanto, cria-se uma situação que o autor nomeia como "felicidade paradoxal", caracterizada pela efemeridade, uma vez que se encerra com o término do próprio ato de consumir, deixando o hiperconsumidor perpetuamente insatisfeito.

A sociedade de hiperconsumo, conforme delineada por Lipovetsky (2007), é fundamentada na aquisição de uma ampla gama de produtos, desde dispositivos modernos até utensílios cotidianos. Os consumidores não buscam apenas bens materiais, mas também sensações, emoções e experiências, transformando o ato de consumir em uma fonte de prazer muitas vezes confundida com a verdadeira felicidade.

Lipovetsky (2007) descreve as duas primeiras fases do consumo. A primeira fase, iniciada em 1880 e encerrada com a Segunda Guerra Mundial, testemunha o desenvolvimento do comércio em larga escala, impulsionado por modernas infraestruturas de transporte e comunicação, que facilitam o transporte eficiente de mercadorias para fábricas e cidades.

A capa do álbum *Abbey Road* dos Beatles é um exemplo perfeito da sociedade de hiperconsumo que Lipovetsky (2007) descreve. A imagem icônica da banda atravessando a faixa de pedestres se tornou mais do que apenas uma capa de álbum - ela transcendeu sua função original e se tornou um produto cultural de impacto significativo.

Assim como o autor menciona, os consumidores buscam não apenas o produto em si, mas também as sensações, emoções e experiências associadas a ele. No caso de *Abbey Road*, os fãs não estavam apenas comprando um álbum, mas também uma parte da cultura dos Beatles e da história da música. A capa do álbum se tornou um símbolo de status, uma declaração de identidade e uma forma de se conectar com a banda e com outros fãs.

Além disso, a capa do álbum exemplifica a "felicidade paradoxal" que o autor menciona. Os fãs podem ter experimentado alegria e satisfação ao comprar o álbum e ao se conectar com a música e a cultura dos Beatles. No entanto, essa felicidade é efêmera - ela termina quando a música acaba, quando o álbum é guardado na

prateleira, ou quando o fã busca a próxima novidade cultural para consumir. Por isso sua influência cultural é um reflexo direto da sociedade de hiperconsumo. Ela ilustra como o consumo se tornou uma busca por emoções e experiências, e como essa busca pode levar a uma sensação de insatisfação constante.

Por isso afirma-se que a “felicidade paradoxal” associada a esta capa do álbum dos Beatles ultrapassou a barreira do consumo original (a música) de maneira significativa. A imagem icônica da banda atravessando a faixa de pedestres não apenas vendeu o álbum, mas também se tornou um símbolo cultural que gerou uma infinidade de novos produtos e itens de consumo como ilustrado anteriormente na figura xx. A capa do álbum foi reproduzida em inúmeros formatos e mídias, desde camisetas e pôsteres até canecas e capas de telefone. Cada um desses produtos oferece aos consumidores uma maneira de se conectar com a banda e expressar sua identidade como fã dos Beatles. No entanto, assim como Lipovetsky (2007) descreve, essa conexão é efêmera - ela termina quando o produto é usado, guardado ou substituído por algo novo.

A imagem da capa do álbum foi usada em diversas campanhas publicitárias e promocionais, tanto para promover outros produtos dos Beatles quanto para vender produtos e serviços não relacionados. Essas campanhas exploram a popularidade e o reconhecimento da imagem para atrair consumidores e criar uma associação positiva com a marca ou produto que está sendo promovido. Em todos esses casos, a “felicidade paradoxal” descrita por Lipovetsky (2007) está presente. Os consumidores buscam a felicidade através do consumo desses produtos, mas essa felicidade é sempre temporária e efêmera. A busca pela próxima novidade, pelo próximo produto que proporcionará essa sensação de conexão e satisfação, nunca termina.

Em análise à um caso real e extremamente interessante, temos uma apropriação da Land Rover, uma marca de carros de luxo inglesa, propriedade da Jaguar Land Rover, que lançou uma edição limitada do Range Rover Evoque em 15 de janeiro de 2015, inspirada na região noroeste de Londres, onde fica a *Abbey Road*, na qual possivelmente existe a faixa de pedestres mais famosa do mundo, devido à icônica capa do álbum dos Beatles. Esta edição especial (figura 47), chamada NW8 - que é o código postal da região de *Abbey Road* em Londres - foi limitada a apenas 1.000 unidades.

Figura 47 – Apropriação na indústria do consumo - *Abbey Road* e a Range Rover Evoque

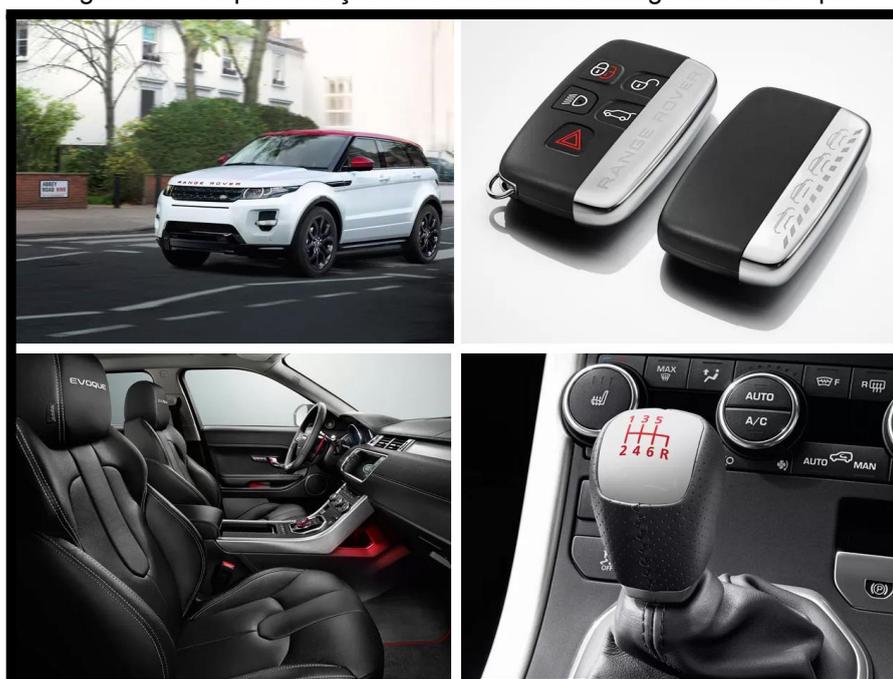


Fonte: Disponíveis em:

<[https://www.elmundo.es/album/motor/2015/01/15/54b7aaa9268e3ee8488b4581\\_3.html#](https://www.elmundo.es/album/motor/2015/01/15/54b7aaa9268e3ee8488b4581_3.html#)>. Acesso em: 06 nov. 2023.

O Range Rover Evoque NW8 apresenta vários detalhes exclusivos que remetem à famosa faixa de pedestres, incluindo representações nas chaves, bancos e soleiras das portas (figura 48). O modelo é vendido em alguns mercados, exclusivamente na cor branca com teto vermelho, e equipado com rodas de 20 polegadas.

Figura 48 – Representações nos detalhes da Range Rover Evoque



Fonte: Disponíveis em:

<<https://g1.globo.com/carros/noticia/2015/01/evoque-ganha-edicao-especial-inspirada-na-abbey-road.html>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

A edição limitada do Range Rover Evoque NW8, inspirada na *Abbey Road*, é um exemplo perfeito da “felicidade paradoxal” que Lipovetsky (2007) descreve. A Land Rover não apenas criou um veículo, mas também uma experiência de consumo que vai além do produto físico.

Os consumidores que compram o Range Rover Evoque NW8 não estão apenas comprando um carro, mas também uma parte da cultura dos Beatles e da história da música. A inclusão de detalhes exclusivos que remetem à famosa faixa de pedestres de *Abbey Road* nas chaves, bancos e soleiras das portas, proporciona aos consumidores uma conexão emocional com o produto, transformando o ato de dirigir em uma experiência cultural.

No entanto, assim como o autor argumenta, essa felicidade é efêmera. A satisfação de possuir o Range Rover Evoque NW8 pode ser temporária, pois a busca pelo próximo produto culturalmente significativo ou pela próxima experiência de consumo emocionalmente gratificante nunca termina, exemplificando a sociedade de hiperconsumo que Lipovetsky (2007) descreve, onde os produtos transcendem sua função original e se tornam ícones culturais, e onde a busca pela felicidade através do consumo leva a uma sensação de insatisfação constante, como neste caso da capa do álbum *Abbey Road* dos Beatles.

Adorno (2023) sustenta a tese de que a indústria cultural converte arte e cultura em mercadorias, desviando-as de suas funções originais de interpretação e crítica da realidade. No caso específico do Range Rover Evoque NW8, a Land Rover apropriou-se da imagem icônica da capa do álbum *Abbey Road* dos Beatles, utilizando-a como estratégia de marketing para promover a venda de seus veículos. Essa ação pode ser interpretada como um exemplar da forma como a indústria cultural transforma a arte em produto de consumo, minando sua capacidade crítica e reflexiva.

Pietroforte (2007), argumenta que a linguagem visual e a linguagem verbal podem trabalhar juntas para criar um “sintagma mais geral”, onde a distribuição figurativa pode ocorrer tanto através do verbal quanto do visual. No caso do Range Rover Evoque NW8, podemos ver essa interação entre o verbal e o visual. A Land Rover usou a imagem icônica da capa do álbum *Abbey Road* - um elemento visual - e a associou ao seu veículo - um produto verbalmente descrito. A imagem não

apenas representa a banda e sua música, mas também se tornou um símbolo da cultura dos anos 1960 e da cidade de Londres. Ao associar essa imagem ao Range Rover Evoque NW8, a Land Rover está criando uma conexão emocional com os consumidores, transformando o ato de dirigir em uma experiência cultural.

Portanto, a apropriação da capa do álbum *Abbey Road* pela Range Rover é também um exemplo de como a linguagem visual e a linguagem verbal podem trabalhar juntas para criar significado, conforme discutido por Pietroforte (2007) em seu trabalho sobre semiótica e linguagem visual.

Após meticulosa análise da significativa apropriação realizada pela Range Rover, adentramos um segmento igualmente influente e inexplicável para a esfera do consumo: as coleções de moda. Um exemplo paradigmático que merece destaque é a empreitada da marca americana Alice + Olivia, que, de maneira meticulosa, extraiu inspiração de todas as identidades visuais dos Beatles, amalgamando-as em uma coleção abrangente repleta de referências, destacando-se alguns visuais diretamente inspirados na icônica *Abbey Road*. Os exemplos apresentados abaixo também se relacionam com a categoria *Apropriação Antenada* que foi visto anteriormente, existindo essa conexão entre as categorias, como ressaltado ao início do capítulo, na qual por vezes se torna perceptível na análise.

A coleção é uma homenagem direta aos 50 anos do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, lançado em 1967, que é considerado um dos mais influentes e revolucionários da história da música. A coleção apresenta peças que remetem ao estilo psicodélico e colorido da capa do álbum, como jaquetas, camisas, camisetas, calças e acessórios, com estampas florais, geométricas e de instrumentos musicais.

Apesar da inspiração direta do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, e a marca Alice + Olivia não se limitou apenas a essa referência, mas buscou inspiração em diversas identidades visuais dos Beatles. A coleção abrange, assim, diversas fases e facetas da banda, que foi um ícone de estilo e de cultura ao longo de sua carreira. Um dos exemplos paradigmáticos que o texto menciona é o visual diretamente inspirado na icônica *Abbey Road*, a capa do último álbum gravado pelos Beatles,

A coleção da Alice + Olivia recria a cena com um vestido estampado com a imagem dos Beatles na faixa de pedestres (figura 49), que pode ser usado com uma

jaqueta jeans com o nome da banda bordado nas costas. A coleção também apresenta outras peças que fazem alusão à *Abbey Road*, como um casaco com a frase *Come Together*, que é o título da primeira música do álbum (figura 50).

Figura 49 – Apropriação na indústria do consumo - *Abbey Road* e o vestido da coleção Alice + Olivia



Fonte: Disponíveis em:

<<https://www.billboard.com/music/music-news/alice-olivia-beatles-limited-edition-collection-details-8030183/>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

Figura 50 – Apropriação na indústria do consumo - *Abbey Road* e as jaquetas da coleção Alice + Olivia



Fonte: Disponíveis em: <<https://www.maxima.pt/moda/detalhe/colecao-inspirada-nos-the-beatles>>.

Acesso em: 06 nov. 2023.

Esta coleção de moda desenvolvida pela marca americana Alice + Olivia, inspirada nos Beatles, estabelece uma conexão entre o legado histórico e a contemporaneidade, entre a manifestação cultural e o ato consumista. Essa empreitada utiliza uma profusão de signos que evocam a identidade visual da banda, enraizada como um ícone estilístico e cultural ao longo de sua trajetória. Os referidos signos podem ser categorizados em três tipologias, delineadas pela relação intrínseca entre o significante e o significado.

No âmbito dos ícones, deparamo-nos com signos que ostentam uma semelhança física com o objeto que simbolizam. A título exemplificativo, o vestido estampado com a imagem dos Beatles atravessando a faixa de pedestres consubstancia um ícone extraído da capa do álbum *Abbey Road*, consagrada como uma das mais notáveis e replicadas na história musical. Este signo ostenta um significado denotativo, literal e destituído de ambiguidades, ao reproduzir a cena original. Contudo, reverbera também um significado conotativo, subjetivo e intrinsecamente dependente do contexto, ao prestar homenagem à banda e evocar sentimentos de nostalgia, admiração e identificação nos admiradores.

Os símbolos, por sua vez, são signos desprovidos de semelhança física com o objeto que personificam, mas que são convencionados por uma regra ou norma social. Tomemos como exemplo a jaqueta jeans com o nome da banda bordado nas costas, um símbolo incontestável dos Beatles, cuja marca é uma das mais distintas e influentes globalmente. Este signo encerra um significado denotativo, identificando a banda pelo seu nome, mas também encapsula um significado conotativo, exprimindo um estilo de vida, uma atitude e uma personalidade correlatos aos Beatles.

Signos que estabelecem uma relação causal ou de contiguidade com o objeto que personificam são índices. A título exemplificativo, o casaco ostentando a frase *Come Together* constitui um índice da primeira música do álbum *Abbey Road*, uma das composições mais célebres e emblemáticas da banda. Esse signo detém um significado denotativo, aludindo ao título da música, mas também incorpora um significado conotativo, transmitindo uma mensagem de união, harmonia e paz, valores amplamente advogados pelos Beatles.

Consequentemente, a coleção Alice + Olivia manifesta-se como uma manifestação artística que se inspira em outra expressão artística, estabelecendo uma ligação intrínseca entre a música e a moda, entre o passado e o presente, entre

a cultura e o ato de consumir. Tal coleção se erige como um canal de comunicação que, mediante a utilização de signos visuais, exprime significados e emoções imbricados na esfera *beatleliana*, uma das bandas mais notórias e influentes da história musical. Representa, por conseguinte, uma homenagem e celebração do legado perene da banda, que subsiste vibrante e relevante na contemporaneidade.

A coleção da Alice + Olivia, portanto, é uma forma de homenagear os Beatles e de trazer de volta a sua música, a sua mensagem e o seu legado para os tempos atuais. A coleção é uma forma de arte que se inspira em outra forma de arte, criando uma conexão entre a moda e a música, entre o passado e o presente, entre a cultura e o consumo.

A banda The Beatles também foi homenageada pela marca de luxo Montblanc, empresa alemã de canetas e produtos do cotidiano, que lançou uma coleção especial de instrumentos de escrita inspirados na identidade visual do grupo. A coleção, chamada *Great Characters*, faz parte de uma série que celebra personalidades que marcaram a sua época com a sua arte, a sua criatividade e a sua influência. A coleção dos Beatles conta com três modelos de canetas, cada um deles baseado em um álbum icônico da banda *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, *Abbey Road* e *The Beatles*, também conhecido como *White Album*.

Neste texto, vamos nos concentrar no modelo inspirado no álbum *Abbey Road* (figura 51), a caneta inspirada é uma obra de arte que reproduz vários elementos da capa e da música dos Beatles. O corpo da caneta é feito de laca preta, que representa o asfalto da rua, e tem uma faixa branca que simboliza a faixa de pedestres. A tampa da caneta é feita de metal prateado, que representa o carro que aparece na capa, e tem o nome da banda gravado em relevo. O clipe da caneta é uma miniatura do famoso baixo Hofner de Paul McCartney, que ele usou em várias apresentações dos Beatles. A ponta da caneta é feita de ouro 18 quilates, e tem gravado o logotipo da Apple Records, a gravadora dos Beatles.

Figura 51 – Apropriação na indústria do consumo - *Abbey Road* e a caneta Montblanc



Fonte: Disponíveis em:

<<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2017/12/nova-colecao-da-montblanc-e-homenagem-que-faltava-aos-beatles.html>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

A caneta inspirada no álbum *Abbey Road* é uma edição limitada de apenas 1969 peças, em referência ao ano de lançamento do álbum. O preço da caneta é de aproximadamente R\$ 14.900 para o modelo tinteiro e de R\$ 13.500 para o modelo roller ball<sup>15</sup>. A caneta é uma forma de homenagear os Beatles e de celebrar o seu legado musical e cultural, que continua vivo e relevante até hoje. A caneta é uma forma de comunicação que utiliza signos visuais para expressar significados e sentimentos relacionados à banda, que foi uma das mais importantes e influentes da história. A caneta é uma forma de arte que se inspira em outra forma de arte, criando uma conexão entre a música e a escrita, entre o passado e o presente, entre a cultura e o consumo.

No âmbito perceptual, é evidente que a representação da caneta, inspirada na capa do álbum *Abbey Road*, reproduz elementos visuais característicos da capa original. Tais elementos incluem as cores preta, branca e azul, que remetem ao asfalto, à faixa de pedestres e ao céu, respectivamente. Além disso, a forma retangular da caneta evoca a estrutura do álbum, enquanto a presença de detalhes metálicos alude ao carro e ao baixo presentes na capa.

Vale ressaltar que a imagem da caneta incorpora elementos visuais adicionais, como o nome da banda, da marca, o logotipo da *Apple Records* e a inclusão de uma pedra preciosa, acréscimos destinados a identificar e valorizar o produto. Em termos descritivos, a análise revela que a imagem da caneta é composta por diversos signos, classificáveis em três categorias, conforme a relação entre o significante e o significado.

A faixa branca na caneta, assemelhando-se à faixa de pedestres na capa do álbum, é um ícone que reproduz fisicamente o objeto que representa. Este signo possui significado denotativo, literalmente replicando a forma da faixa, mas também carrega significado conotativo, evocando sentimentos de nostalgia, admiração e identificação nos fãs. O nome da banda e da marca gravados na tampa da caneta são símbolos convencionados pela regra social, representando os Beatles e a Montblanc. Este signo possui significado denotativo ao identificar a banda e a marca pelo nome, enquanto o significado conotativo expressa um estilo de vida, uma atitude e uma personalidade associados aos Beatles e à Montblanc. O clipe da caneta em forma de baixo Hofner é um índice de Paul McCartney, o baixista dos Beatles que frequentemente utilizava esse instrumento. Este signo denota o instrumento e o músico, enquanto conota mensagens de originalidade, criatividade e musicalidade associadas a Paul McCartney e aos Beatles.

Na esfera interpretativa, busca-se compreender os sentidos e efeitos gerados pela imagem da caneta nos interpretantes, considerando aspectos históricos, culturais e sociais. A representação da caneta emerge como uma forma de comunicação visual que expressa significados e sentimentos relacionados aos Beatles, homenageando e celebrando o legado duradouro da banda. Esta obra de arte transcende as fronteiras entre a música e a escrita, o passado e o presente, a cultura e o consumo. Além disso, a imagem da caneta assume um caráter publicitário ao visar atrair e seduzir consumidores potenciais, notadamente os fãs dos Beatles e apreciadores de produtos de luxo.

Portanto, a capa do álbum *Abbey Road* é um exemplo perfeito de como a “felicidade paradoxal” pode se manifestar na sociedade de hiperconsumo na indústria do consumo. Ela ilustra como um único produto cultural pode gerar uma infinidade de novos produtos e experiências de consumo, cada um oferecendo sua própria promessa efêmera de felicidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução deste trabalho trouxe consigo uma série de desafios que posteriormente foram essenciais para o aprofundamento e conclusão do mesmo. Inicialmente, delimitar um escopo preciso revelou-se um obstáculo, dada a amplitude do tema, visto que seria conectado um tema específico que é a indústria fonográfica, juntamente com o ramo imagético do design gráfico e exploração de um vasto campo na qual a indústria cultural está inserida, exigindo uma cuidadosa definição para evitar superficialidade ou excesso de complexidade.

Selecionar materiais de fontes relevantes e confiáveis mostrou-se um desafio crucial para este trabalho, visto que a análise trata de um assunto com uma gama de manifestações e expressões incontáveis, sendo cada uma importante à sua maneira, envolvendo análise crítica e integração coesa de ideias de diversas fontes.

Outro desafio significativo enfrentado durante a elaboração deste trabalho foi a seleção de cinco categorias específicas que representassem adequadamente a complexidade da indústria cultural. A natureza multifacetada das capas de álbuns do rock clássico tornou a escolha das categorias um processo minucioso, considerando a necessidade de abordar diferentes aspectos da interação entre arte, cultura e mercado musical. Cada categoria foi escolhida com base na sua capacidade de oferecer uma perspectiva única sobre as apropriações nas capas de álbuns, proporcionando uma análise abrangente. A escolha de cinco capas de álbuns musicais específicas para cada categoria representou um desafio adicional. Dada a versatilidade das obras e a sobreposição potencial entre categorias, foi essencial focar em elementos distintivos de cada capa, destacando características que as diferenciassem e as tornassem representativas da categoria escolhida. .

O investimento considerável de tempo na pesquisa e redação demandou uma gestão eficiente do cronograma do projeto de TCC1, o estabelecimento de prazos realistas e uma rotina de trabalho alinhada ao cotidiano profissional da estudante, assegurando a profundidade necessária na análise.

Assim, ao finalizar o presente estudo, partimos da questão norteadora proposta:

**Como manifestam-se as apropriações de capas de álbuns musicais emblemáticos, especialmente do subgênero rock clássico, a partir de suas diversas formas de consumo na sociedade contemporânea?**

Ao desbravar as apropriações das capas de álbuns musicais e sua influência na indústria fonográfica e no consumo, alcançamos resultados significativos que vão além da mera estética visual. Antes desse desfecho, a meticulosa organização dos capítulos, incorporando autores e teorias essenciais, construiu uma sólida base bibliográfica.

Relacionar a arte como ponto de partida para a expressão humana revelou-se vital. Expressões artísticas, ao longo das eras, não apenas refletiram emoções, mas desafiaram convenções. Dança e canto incorporam instantaneamente sentimentos, enquanto a pintura cria um hiato entre a emoção e o gesto, destacando a riqueza da arte na moldagem da experiência humana.

Explorar movimentos artísticos que derivam inspiração do passado resultou não apenas em inovações, mas em influências entre arte e mercado. Essa influência histórica ecoa na contemporaneidade, especialmente na música, onde a apropriação artística é uma técnica muito explorada pelo público. Essa técnica não apenas desafia noções de autenticidade, gerando discussões sobre apropriações e recontextualização na arte, mas também se torna parte integrante da indústria cultural.

No contexto musical, a expressão artística desempenha um papel vital na cultura e sociedade, refletindo emoções, eventos sociais, culturais e políticos. As capas de álbuns emergem como elementos cruciais de identidade visual, estabelecendo conexões visuais com o público e moldando a percepção do trabalho musical na cultura contemporânea. Contudo, esse processo não é unilateral. As apropriações nas capas, muitas vezes influenciadas pela indústria cultural, também se tornam agentes ativos na configuração dessa mesma indústria. O *looping* de influências entre a expressão artística, as apropriações nas capas e a indústria cultural cria uma dinâmica única, onde cada elemento alimenta e é alimentado pelo outro.

Essa jornada de pesquisa, vista no capítulo dois, destaca não apenas a importância das capas de álbuns como veículos de expressão artística, mas também como elementos-chave na promoção da música e na formação da identidade cultural. O *looping* constante entre a produção artística, suas apropriações e a indústria cultural evidencia a interconexão dinâmica que define o cenário musical contemporâneo.

Nesse amplo universo musical, foi explorado no terceiro capítulo, como o rock clássico ressoa como um eco poderoso de uma era transformadora, sendo mais do que apenas música, mas um lema que ecoa influências sociais e uma expressão de rebeldia jovem contra padrões estabelecidos.

No decorrer dessa viagem, destacou-se um elemento crucial na indústria musical: as capas de álbuns. Essas peças visuais, muitas vezes subestimadas, foram além de simples revestimentos para a proteção de discos: elas testemunharam e refletiram as mudanças culturais, tecnológicas e artísticas. Em meio a esse panorama vibrante, o rock não apenas moldou a experiência musical dos fãs, mas também deixou uma marca profunda na sociedade, com as capas de álbuns desempenhando um papel vital na construção da identidade visual do gênero.

Essas capas não são meras embalagens; são artefatos de memória, resistindo ao tempo e preservando o impacto do diálogo visual que iniciaram. Tornam-se veículos para a expressão cultural, conectando diferentes formas de arte e identidade.

A interconexão entre arte, música, cultura e comunicação através da mídia, revela colaborações marcantes, enfatizando a importância do consumo desses álbuns, suas apropriações e interpolações na indústria fonográfica. O ato de consumir produtos midiáticos transcende a transação comercial, transformando-os em objetos culturais que articulam produção e reconhecimento em níveis global e local. Essa dinâmica contemporânea reflete uma experiência rica, repleta de desafios emocionais e instabilidades, mas também oferece uma diversidade de significados e posicionamentos individuais na sociedade.

Na investigação das apropriações nas capas de álbuns do rock clássico, o trabalho delineou cinco categorias cruciais para representar a indústria cultural: fanarts, design gráfico, indústria da moda, veiculação midiática e indústria do consumo. A seleção cuidadosa de cinco capas de álbuns representativas em cada uma dessas áreas foi essencial para compreender a relevância dessas capas no subgênero rock clássico, indo além do aspecto sonoro.

Ao relacionar a contribuição dessas capas para a indústria cultural, o estudo revelou não apenas sua influência sobre o público e fãs, mas também sua capacidade de impulsionar outras formas de arte e expressão, como moda e design.

Além disso, evidenciou como essas peças transcenderam o âmbito artístico, transformando-se em objetos de consumo que impulsionam todo um mercado. Esse fenômeno não só moldou a experiência dos fãs, mas também teve um impacto significativo nas dinâmicas culturais, comunicativas e de consumo, destacando o papel central das capas de álbuns na construção da identidade dos artistas e na promoção dos álbuns no contexto do rock clássico.

A relação entre as apropriações de capas de álbuns musicais do subgênero rock clássico, e as múltiplas formas de consumo na sociedade contemporânea é profunda e abrangente. Essas peças transcendem o simples âmbito visual, tornando-se artefatos culturais que dialogam diretamente com as complexidades da sociedade contemporânea. Elas se inserem em diversas esferas de consumo, gerando uma rede intertextual que permeia a experiência cultural. A influência dessas apropriações vai além do consumo passivo, envolvendo os fãs como participantes ativos na construção e redefinição da cultura popular. Essa dinâmica não apenas reflete a influência e perspectiva dos consumidores, mas também cria oportunidades e desafios substanciais para a indústria cultural, proporcionando uma experiência cultural multifacetada que transcende fronteiras temporais e estilísticas.

A interação mútua entre diversas expressões culturais ressaltou o papel ativo dos fãs na formação e remodelagem da cultura popular. Essa dinâmica não apenas mostrou a influência e a perspectiva dos consumidores, mas também levou consigo oportunidades e desafios significativos para a indústria cultural. Isso estimulou uma reflexão sobre como a criatividade dos fãs pode ser uma força propulsora na evolução e redefinição do patrimônio cultural, evidenciando a importância da participação ativa na construção do cenário cultural contemporâneo.

Ao olharmos para a padronização, inovação estética, identidade visual e diálogo crítico com a cultura de massas, adentrou-se em uma reflexão perspicaz sobre o papel do design gráfico na contemporaneidade e na indústria cultural em constante transformação. As apropriações inspiradas nas capas de álbuns escolhidas transcenderam a mera expressão visual, constituindo-se como uma valiosa contribuição para a compreensão das complexidades e possibilidades da interseção entre música, arte e design na era contemporânea.

Já na indústria da moda, ressaltou-se a intertextualidade entre as capas dos álbuns musicais e a influência duradoura e multifacetada do rock clássico nesse

setor. As apropriações funcionaram e ainda seguem como uma ponte entre o passado revolucionário e o presente estilizado, conectando gerações e reafirmando a atemporalidade da estética e essência do subgênero musical. Na moda e na indústria cultural, isso reitera a capacidade da moda de transcender fronteiras, transformando-se em uma expressão artística contínua e evolutiva.

Já na veiculação midiática, releituras inspiradas no rock clássico, demonstram a habilidade da mídia em criar e recriar significados, estabelecer diálogos com diversos públicos e contextos, e influenciar a produção e o consumo cultural. Essas apropriações revelam uma complexidade de sentidos que abrangem aspectos visuais, sonoros, linguísticos e culturais. Elas não se limitam a serem meras cópias ou homenagens, mas representam uma reinterpretação crítica e criativa, estabelecendo um diálogo rico com o público e a cultura.

O rock clássico e obras inspiradas posteriormente na indústria do consumo surgiram como uma forma de comunicação visual expressando significados e emoções relacionados ao subgênero, celebrando seu legado duradouro. Essas obras de arte transcendem fronteiras entre música e escrita, passado e presente, cultura e consumo. Observou-se que elementos inspirados no rock clássico se amplificaram com os discursos de Lipovetsky (2007), e podem se manifestar na sociedade de hiperconsumo. Isso ilustra como um único produto cultural pode gerar uma variedade de novos produtos e experiências de consumo, cada um prometendo sua própria efemeridade de felicidade.

Ao concluir as análises, a estudante leva consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências que serão fundamentais para sua jornada profissional. Aprendeu-se não apenas conceitos teóricos sobre a indústria cultural relacionado ao tema que aprecia, design gráfico e Rock Clássico, mas também habilidades que podem ser aplicadas em diversas situações como técnicas de reprodução que acrescentarão nas suas produções profissionais e acadêmicas. Além disso, o estudo proporcionou a oportunidade de desenvolver o pensamento crítico além das barreiras da área de comunicação, entrando em áreas diversas que acrescentou uma bagagem de grande importância. Essas competências, juntamente com a paixão pela área de estudo, serão seus maiores ativos em sua futura carreira. O estudo não é apenas um fim em si mesmo, mas um meio para se preparar para os próximos desafios e oportunidades. Este estudo é muito mais do que apenas conhecimento; é uma base sólida para o futuro profissional da estudante.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

ARGAN, G.C. **A arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

AQUINO, Rafael. **Nervermind: Um momento de ruptura cultural**. 2008. 73 f. TCC (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1369>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ALMEIDA, Bárbara, BECKER, Danilo. **FANART: As Potencialidades da Cultura Participativa do Fã e sua Aplicabilidade em Sala de Aula**. 2020. 99 f. TCC (Licenciatura em Artes Visuais) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/64892209/FANART\\_As\\_Potencialidades\\_da\\_Cultura\\_Participativa\\_do\\_Fa\\_e\\_sua\\_Aplicabilidade\\_em\\_Sala\\_de\\_Aula.docx.pdf](https://www.academia.edu/download/64892209/FANART_As_Potencialidades_da_Cultura_Participativa_do_Fa_e_sua_Aplicabilidade_em_Sala_de_Aula.docx.pdf). Acesso em: 06 nov. 2023.

BANULESCU, Eduard. **The Making Of Nirvana - Nevermind**. Mesmer, 2020. E-book (60 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/making-Nirvana-Nevermind-Classic-alternative-ebook/dp/B086SYR1YC/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÅMÅŽÕÑ&keywords=The+Making+Of+Nirvana+-+Nevermind&qid=1686796103&s=digital-text&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/making-Nirvana-Nevermind-Classic-alternative-ebook/dp/B086SYR1YC/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&keywords=The+Making+Of+Nirvana+-+Nevermind&qid=1686796103&s=digital-text&sr=1-1). Acesso em: 14 jun. 2023

BARBOSA, Enio R. **Andy Warhol: um ícone do século XX**. Cienc. Cult.: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, [S.l.], V. 62, n.2, pp.38-44, 2010. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252010000200025](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200025). Acesso em: 06 nov. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Antonio, DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006. E-book (280 p.). Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522474400/pageid/230>. Acesso em 07 jul. 2023.

BENEDETT, Kátia. A psicopedagogia de Vigótski e a educação musical: uma aproximação. **Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina**, [S.l.], V.3, n. 3, p. 80-97, 2009. Disponível em: [https://desarquivo.org/sites/default/files/marcelina\\_03.pdf#page=69](https://desarquivo.org/sites/default/files/marcelina_03.pdf#page=69). Acesso em: 18 nov. 2023.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018. E-book (150 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/obra-arte-era-reprodutibilidade-tecnica-ebook/dp/B07F6FZX3V/ref=tmm\\_kin\\_swatch\\_0](https://www.amazon.com.br/obra-arte-era-reprodutibilidade-tecnica-ebook/dp/B07F6FZX3V/ref=tmm_kin_swatch_0). Acesso em 06 nov. 2023.

BERNARDO, Rui. **Nirvana: O espírito livre de Kurt Cobain**. São Paulo: Discovery Publicações, 2021. E-book (115 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Nirvana-Espirito-Cobain-Discovery-Publicações-ebook/dp/B09KHF1WNF/ref=sr\\_1\\_8?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÂMAŽŃÑ&crd=16GGU3PP2HRQX&keywords=NIRVANA&qid=1686715440&s=digital-text&sprefix=nirvana%2Cdigital-text%2C194&sr=1-8](https://www.amazon.com.br/Nirvana-Espirito-Cobain-Discovery-Publicações-ebook/dp/B09KHF1WNF/ref=sr_1_8?__mk_pt_BR=ÂMAŽŃÑ&crd=16GGU3PP2HRQX&keywords=NIRVANA&qid=1686715440&s=digital-text&sprefix=nirvana%2Cdigital-text%2C194&sr=1-8). Acesso em: 14 jun. 2023.

BERTÉ, Mauro M. **O gênero crítica de literatura de veiculação midiática na abordagem sociodiscursiva**. Resvista Linguagem em (Dis)curso, [S. l.], V. 14, n. 2, p. 401-424, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/4830278/O\\_gênero\\_crítica\\_de\\_literatura\\_de\\_veiculação\\_midiática\\_na\\_abordagem\\_sociodiscursiva](https://www.academia.edu/4830278/O_gênero_crítica_de_literatura_de_veiculação_midiática_na_abordagem_sociodiscursiva). Acesso em: 06 nov. 2023.

BETT, Vitória Eliza. **A representação da marca pessoal de artistas femininas na música pop: Uma análise de identidade visual em álbuns conceituais contemporâneos**. 2021. 167 f. TCC (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/9425>. Acesso em 02 out. 2023.

BONADIO, Maria C.; PRATES, Carlos E. **Sobre história da moda: entrevista com Christopher Beward**. dObra[s]: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], V. 9, n. 19, p. 164–171, 2016. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/458>. Acesso em: 06 nov. 2023.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BOWIE, David; QUEEN. **Under Pressure**. 1981 (3min17s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a01QQZyl-\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=a01QQZyl-_I) . Acesso em: 18 nov. 2023.

BRUCK, M.; VARGAS, H. Memória visual e representação do rock e da jovem guarda nas capas de discos LP (1959-1970). **E-Compós**, [S. l.], v. 23, 2020. DOI:

10.30962/ec.2007. Disponível em:  
<https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/2007>. Acesso em: 2 out. 2023.

CORRÊA, Laura. Breve história do videoclipe. **Intercom**: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, [S.l.], V.8, p. 1-15, 2007. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/r0058-1.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023

CORTELAZZO, Patricia. **A história da arte por meio de leituras e imagens**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012. E-book (150 p.). Disponível em:  
<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6460/pdf/1>. Acesso em 14 jun. 2023.

DE MORAES, Dijon. **Fenomenologia do design contemporâneo**. DATJournal: Design, Art and Technology, [S.l.], V. 5, n. 2, p. 7–24, 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.29147/dat.v5i2.188>. Acesso em: 06 nov. 2023.

DEMO, Augusto. **CONTRA: Construindo a Identidade Visual de Um Álbum Musical**. 2018. 62 f. TCC (Graduação em Design) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192140>. Acesso em: 14 jun. 2023.

DISCOVERY PUBLICAÇÕES. **Os Fenomenais Beatles - Histórias, Revelações, Discografia Completa**. São Paulo: Discovery Publicações, 2021. E-book (83 p.). Disponível em:  
[https://www.amazon.com.br/Fenomenais-Beatles-Revelações-Discografia-Publicações-ebook/dp/B09L59L3RL/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÂMĂŽŃ&crd=S1VK1V2AMBH1&keywords=Os+fenomenais+Beatles&qid=1686802926&srefix=os+fenomenais+beatle%2Caps%2C215&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Fenomenais-Beatles-Revelações-Discografia-Publicações-ebook/dp/B09L59L3RL/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÂMĂŽŃ&crd=S1VK1V2AMBH1&keywords=Os+fenomenais+Beatles&qid=1686802926&srefix=os+fenomenais+beatle%2Caps%2C215&sr=8-1). Acesso em 14 jun. 2023.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

EMERENCIANO, Juliana. **A Comunicação através das Roupas: Uma Compreensão do Design de Moda além da Superficialidade**. Revista Design em Foco, [S. l.], V. II, n. 1, p. 9-25, 2005. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66120102>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FLICK, Uwe, **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: ARTMED, 2009. E-book (182 p.). Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?id=1OmZGR6Wz6sC&lpg=PA7&ots=-T6lfJx87e&dq=Qualidade%20na%20pesquisa%20qualitativa%20flick&lr&hl=pt-BR&pg=PA7#v=onepage&q=Qualidade%20na%20pesquisa%20qualitativa%20flick&f=false>. Acesso em 14 jun. 2023

GARCIA, Luiz, PÚBLIO, Leonardo, SANTANA, Isaac. Esquina com Abbey Road: a música popular como patrimônio cultural entre lugares, mídias e cidades. **MusiMid: Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia**, [S.l.], V. 3, n. 1, p. 48-61, Nov. 2022. Disponível em: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/86>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. São Paulo: Editora LTC, 2000. E-book (673 p.). Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788521636670/epubcfi/6/46%5B%3Bvnd.vst.idref%3Dchapter15%5D!/4>. Acesso em: 14 jun. 2023.

JANOTTI, Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda, 2003. E-book (103 p.). Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=kCLyV-Fj\\_6YC&lpg=PA3&dq=Rock%20cl%C3%A1ssico%20e%20%C3%A1lbuns%20musicais%3A%20a%20for%C3%A7a%20de%20suas%20capas&lr&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kCLyV-Fj_6YC&lpg=PA3&dq=Rock%20cl%C3%A1ssico%20e%20%C3%A1lbuns%20musicais%3A%20a%20for%C3%A7a%20de%20suas%20capas&lr&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false). Acesso em 14 jun 2023

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2002.

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Digital, 2013. E-book (156 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Roube-como-artista-dicas-criatividade-ebook/dp/B00EJN2NHM/ref=sr\\_1\\_1?crid=3JK7S6QP3G7XD&keywords=roube+como+um+artista&qid=1700346827&s=digital-text&srefix=roube+como+um%2Cdigital-text%2C534&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/Roube-como-artista-dicas-criatividade-ebook/dp/B00EJN2NHM/ref=sr_1_1?crid=3JK7S6QP3G7XD&keywords=roube+como+um+artista&qid=1700346827&s=digital-text&srefix=roube+como+um%2Cdigital-text%2C534&sr=1-1). Acesso em: 18 nov. 2023.

KÖCHE, José C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 30.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KOWALSKI, Bruno. **A imagem cinematográfica devorada pela pintura**. 2021. 62 f. TCC (Graduação em Departamento de Audiovisuais e Publicidade) - Universidade de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/30849>. Acesso em 14 jun. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

LITTING, Sabrina. **Reflexões sobre a apropriação de objetos na arte contemporânea**. 2015. 125 f. Trabalho de Qualificação de curso (Pós-graduação em Linha de pesquisa em estudos de história, Teoria e crítica de arte) - Universidade

federal do Espírito Santo. Vitória, 2015. Disponível em:  
<https://core.ac.uk/download/pdf/161365289.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LUZ, Stan Léa Fernandes Da. **Rock 'n' roll SOUL: Criação de uma família de joias inspiradas no classic rock**. 2019. 42 f. TCC (Bacharelado em Design de Produto) - Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em:  
<https://bdm.unb.br/handle/10483/23036>. Acesso em 02 out. 2023.

MACHADO, Fábio. Alguns processos de apropriação artística em quadrinhos. **Revista Cajueiro: Ciência Da Informação E Cultura Da Leitura**, [S.l.], V.4, n. 1, p. 190-217, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Cajueiro/article/view/19068>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MASCARELLO, Rafael André. **Criação publicitária em tempos de cibercultura: usos da linguagem em busca da sensibilização do consumidor**. 2021. 134 f. TCC (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/9424>. Acesso em 07 set. 2023

MIRANDA, Fabiana M. **O Fandom como Sistema Literário: uma análise crítica do texto na Era da Reapropriação virtual**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7506>. Acesso em: 06 nov. 2023.

MOLES, Abraham. **O Cartaz**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

MUGNAINI, Ayrton. **Breve história do rock**. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

NERY, Emília. Juventude, ansiedade, libertação e história - Um estudo a partir de "Under Pressure" de Queen & David Bowie (1982). **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], V. 6, n. 6, p.39710-39720, Jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-494>. Acesso em: 14 jun. 2023.

NORONHA, Sofia Pinto de Oliveira Lucena. **Cover Art na era do streaming: Mutabilidade e Redefinição**. 2020. 81 f. Mestrado (Mestrado em Design de Comunicação) - Escola Superior de Artes e Design. Senhora da Hora, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35147>. Acesso em 02 out. 2023

OHIRA, Alice T. A Imagem como Elemento de Comunicação: Análise da Imagem em Capas de Obras Musicais. **Cadernos da Escola de Comunicação UniBrasil**, [S. l.], n. 03, p. 142-150, Jan-Dez 2005. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/1935/1513>. Acesso em 02 out. 2023.

PANOFSKI, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

PEREIRA, Filipe. **A capa nos álbuns de rock dos anos 60/70**. 2014. 92 f. TCC (Bacharelado em história da arte) - Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114643>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PEREIRA, Filipe. **Cinco vezes Vanusa-expressões em capas de álbuns musicais**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em artes visuais) - Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173813>. Acesso em: 14 jun 2023.

PIETROFORTE, Antonio V. S. **Análise do Texto Visual: A Construção da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2007. E-book (113 p.). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1229/pdf/0>. Acesso em 06 nov. 2023

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi**, [S. l.], n. 27, p. 132-140, Jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992013000100012>. Acesso em: 14 jun. 2023

ROCHEDO, Aline, Um olhar sobre o livro, Rock and Roll: Uma História Social. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], n. 13, p. 71-75, Jul. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2672/2305>. Acesso em: 14 jun. 2023

RUSKOWSKI, Júlia. **O Produto Eterno: Estratégias de comunicação no mercado musical póstumo**. 2019. 84 f. TCC (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/200313>. Acesso em 18 nov. 2023.

SANTAELLA, Lúcia, **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SILVA, Emerson. **O ESPÍRITO DO SOM: Encontros entre design, música e artes visuais no projeto gráfico de capas de disco**. 2018. 148 f. Dissertação (Pós graduação em artes visuais) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4418>. Acesso em: 14 jun 2023.

SILVA, Emanuely Mylena. **O “DISCO DA BANANA”- Uma análise histórico-artística da obra de Andy Warhol**. 2018, 69 f. TCC (Graduação Núcleo de design e comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44190>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SILVA, Wlisses. It's only rock'n'roll: um breve relato de uma revolução cultural. **Muiraquitã**, [S.l.], V.3, n. 2, p. 229-253, Dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/210932.3.2-13>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SOUZA, Airan. **Gesamtkunstwerk: o desenvolvimento de um processo criativo artístico, coletivo e polimático**. São Paulo: Editora Dialética, 2022. E-book (192 p.). Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&id=MhZkEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Gesamtkunstwerk&ots=kcG1a1tVVf&sig=qAw6FKhXyo9dvJ\\_vYP52cLBO-kl#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=MhZkEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Gesamtkunstwerk&ots=kcG1a1tVVf&sig=qAw6FKhXyo9dvJ_vYP52cLBO-kl#v=onepage&q&f=false). Acesso em 14 jun. 2023.

WOLLHEIM, Richard. **A arte e seus objetos**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1994.

## DISCOGRAFIA

**BOHEMIAN Rhapsody**. Direção: Bryan Singer. Produção: 20th Century Fox. Reino Unido: 20th Century Fox, 2018. Star+

**KURT Cobain: Montage of Heck**. Direção: Brett Morgen. Produção de HBO Documentary Films e Universal Pictures. Estados Unidos: HBO, 2015. HBO

**MOONAGE Daydream**. Direção: Brett Morgen. Produção: HBO Documentary Films. Estados Unidos: Universal Pictures, 2022. Prime Video

**ROCK 'n' Roll Explode.** Direção: Andrew Solt. Produção: Ted Haines, Quincy Jones, Robert B. Meyrowitz, Jeffrey Peisch e Andrew Solt. Estados Unidos: Prime Time Entertainment Network, 1995. YOUTUBE.

**THE Beatles: Get Back.** Direção: Peter Jackson. Produção de Apple Corps e WingNut Films. Reino Unido: Disney+, 2022. Disney+

**APÊNDICE I - PROJETO**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ALESSANDRA FELDMANN DE OLIVEIRA**

**CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS DE ROCK CLÁSSICO:  
ENTRE ARTE, CONSUMO E APROPRIAÇÕES NA ATUALIDADE**

Caxias do Sul

2023

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**ALESSANDRA FELDMANN DE OLIVEIRA**

**CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS DE ROCK CLÁSSICO:  
ENTRE ARTE, CONSUMO E APROPRIAÇÕES NA ATUALIDADE**

Projeto de TCC apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Ivana Almeida da Silva

Caxias do Sul

2023

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do Álbum <i>Dark Side Of The Mood</i> (1973) .....	07
Figura 2 – Exemplo de apropriação na indústria do consumo .....	08
Figura 3 – Capa do álbum <i>Nevermind</i> (1991) .....	22
Figura 4 – Exemplo de apropriação em veiculação midiática.....	23
Figura 5 – <i>A Fonte</i> (1917) e <i>L.H.O.O.Q.</i> (1919) .....	28
Figura 6 – Disco de vinil 78 rpm com envelope .....	34
Figura 7 – Capa dos álbuns <i>Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band</i> e <i>The Velvet Underground &amp; Nico</i> (1967) .....	38
Figura 8 – Mapa mental análise de conteúdo .....	40
Figura 9 – Capa dos álbuns <i>Queen II</i> (1974).....	42
Figura 10 – Marlene Dietrich em <i>O Expresso de Shanghai</i> (1932) .....	43
Figura 11 – Exemplo de apropriação em <i>Fanarts</i> .....	44
Figura 12 – Detalhes da capa do álbum <i>The Velvet Underground &amp; Nico</i> (1967) ..	45
Figura 13 – Capa do álbum <i>Aladdin Sane</i> (1973) .....	47
Figura 14 – Exemplo de apropriação da indústria da moda .....	48
Figura 15 – Capa do álbum <i>Abbey Road</i> (1969) .....	52
Figura 16 – Exemplo de apropriações na indústria cultural .....	53

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Cronograma para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso em 2023/4.....	56
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. TEMA.....</b>	<b>11</b>
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	11
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>4. QUESTÃO NORTEADORA.....</b>	<b>16</b>
<b>5. OBJETIVOS.....</b>	<b>17</b>
5.1 OBJETIVO GERAL.....	17
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>7. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>25</b>
7.1 ARTE E MERCADORIA: APROPRIAÇÕES, CONSUMO E MERCADO MUSICAL 25	
7.2 ROCK CLÁSSICO ALÉM DO SOM: A RELEVÂNCIA DAS CAPAS DOS ÁLBUNS MUSICAIS.....	31
7.3 APROPRIAÇÕES DO ROCK CLÁSSICO: CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS NA INDÚSTRIA CULTURAL.....	39
<b>8. ROTEIRO DE CAPÍTULOS.....</b>	<b>54</b>
<b>9. CRONOGRAMA.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Uma obra sonora é uma forma de manifestação que se encontra de maneiras diferentes na vida das pessoas, no mundo inteiro, envolvendo som, cultura, emoções, afetos e motivações. A música assume uma posição de relevância indiscutível em nossas vidas, influenciando nossas emoções, percepções e interações sociais. Embora a natureza exata de seu impacto na evolução humana permaneça um campo de estudo em constante investigação, a sua presença contínua ao longo da história e sua capacidade de transcender barreiras culturais atestam sua importância como forma de expressão artística e veículo de comunicação. “Embora não se saiba, ao certo, o papel evolutivo desempenhado por ela, não se pode negar sua importância em nossas vidas, dada sua onipresença, independente da cultura em que está inserida.” (ROCHA, BOGGIO, 2013, p.132). Apesar disso, a música está presente em diversas culturas e em diferentes momentos da vida, como trabalho, lazer, religião, educação e saúde, desde a infância até a velhice.

Em sua essência, a melodia é uma **arte** na qual usa como base o som e suas vibrações, que se propaga através de ondas sonoras. Já a música como meio expressivo, utiliza-se de notas musicais, letras, versos, estrofes, partituras e várias outras formas de transmiti-la para outras pessoas. A partir disso vislumbra-se as diversas representações gráficas de fenômenos sonoros que podem existir, tão importantes quanto a própria melodia, pois elas dão significado e expressão às emoções contidas na música. O uso destas representações gráficas como meio de expressão vem sendo utilizado desde os primórdios pelo ser humano para se comunicar e relacionar. Desde um passado remoto, como a famosa arte rupestre, que marcou a Pré-História, até vasos gregos, quadros marcantes de artistas, ilustrações em revistas e jornais e muitas outras, as imagens são produções simbólicas importantes, especialmente na atual sociedade. Uma destas produções, e que aqui pretende-se destacar, envolve a música: é a **capa de álbum musical**.

Aos poucos as peças gráficas nas capas dos discos musicais despertaram o interesse de um público ouvinte, pois ali se encontram elementos além de informação sobre músicas, a serem observados. Envolvem também originalidade e criatividade do artista em questão. Com o passar do tempo, os álbuns musicais passam a fazer parte de uma grande indústria, que movimenta o **consumo** a partir da elaboração de suas capas artísticas. Cantores e bandas então utilizam essa

oportunidade a partir de uma ordenação estético-formal de elementos textuais e não textuais, como forma de apelo para transmitir sinais, duplos sentidos, ou mensagens em relação à essência musical de um álbum lançado. Entrando em um gênero musical específico, o **rock clássico** surgiu no final da década de 1950 nos Estados Unidos e misturou outros gêneros musicais como o *blues*, o *country* e o *gospel*, teve como principais expoentes artistas como Chuck Berry, Elvis Presley e Little Richard. A partir dos anos 1960, o crescimento da indústria fonográfica e a popularização dos discos de vinis permitiram uma maior criatividade na **arte** das capas de álbuns, tornando-as uma espécie de cartão de visita dos artistas, muitas vezes criando até vínculos afetivos entre o eles e o ouvinte, aproveitando essa popularidade crescente, diversas bandas clássicas do gênero investiram fortemente em suas **capas de álbuns musicais**, tornando-as uma forma de expressão artística além do conteúdo sonoro.

O melhor exemplo que podemos ter é o álbum *The Dark Side of the Moon* (Figura 1) da banda Pink Floyd, lançado em 1973, considerada uma das mais icônicas e influentes da história da música.

Figura 1 – Capa do Álbum *The Dark Side Of The Moon* (1973)



Fonte: Disponível em:  
<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.  
Acesso em: 23 abr. 2023

Essa capa apresenta uma imagem que se tornou emblemática e reconhecida mundialmente, além de se tornar um dos discos mais vendidos de todos os tempos, tendo ficado nos rankings da Billboard 200<sup>1</sup> por 950 semanas subsequentes. A influência da capa deste álbum na **indústria cultural** é evidente até hoje, além de ser considerada um “divisor de águas” para a história da estética em **capas de álbuns musicais**. A imagem do prisma triangular<sup>2</sup> é frequentemente referenciada em obras de **arte**, moda, design gráfico e publicidade, como o exemplo na figura 2, na qual retrata uma postagem feita pela empresa Polenguinho, inspirada na capa da banda Pink Floyd citada acima. Além disso tornou-se um símbolo da cultura jovem no período, associando frequentemente a imagem do prisma à psicodelia, ao rock progressivo e à cultura dos anos 1970.

Figura 2 – Exemplo de apropriação na indústria do consumo



Fonte: Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/economia/polenguinho-explica-post-apos-polemica-nas-redes-sociais/>>.

Acesso em: 23 abr. 2023

Visto este cenário, as **capas de álbuns musicais** do gênero **rock clássico** passaram a ocupar um papel de grande destaque na década de 1970, conquistando espaço também como objeto de **arte**, mas principalmente como peça chave para a promoção de artistas e bandas, visto que também eram fundamentais como meio de informação e comunicação. A partir de sua elaboração, as bandas podiam transmitir ao público informações importantes como o nome do álbum, o nome dos integrantes, a lista das faixas musicais e outras informações relevantes. Além disso, as capas muitas vezes incorporaram elementos visuais que fazem referência ao conteúdo das músicas, ajudando a criar um vínculo entre a obra musical e sua apresentação visual. Nesse sentido, as peças visuais dos álbuns musicais se tornaram uma ferramenta importante para a promoção de artistas e bandas no

mercado fonográfico, ajudando a construir a identidade visual de cada artista e a diferenciá-los em meio à concorrência.

Com o tempo, foram surgindo **apropriações**<sup>2</sup> destas capas emblemáticas feitas por fãs, marcas e pela mídia, gerando uma série de releituras que permitiram por sua vez refletir a relação entre música, cultura visual e **consumo**. Desde a criação de uma imagem icônica e variantes, muitas vezes associadas a diferentes estilos de vida, as capas de álbuns serviram não apenas para promover a música, mas também para vender uma imagem, um ideal e novas facetas no setor comercial.

O sucesso destas obras visuais foi acompanhado pelo crescimento da indústria da música e do design gráfico, que começaram a trabalhar juntas na criação de produtos que atendessem às necessidades de um público cada vez mais exigente. A publicidade e veiculação midiáticas passam a utilizar referências visuais dos álbuns, assim, a conexão entre as duas indústrias e o **consumo** se torna uma via de mão dupla, na qual a música inspira a formação de imagens icônicas que por sua vez se tornam elementos importantes na **indústria cultural**.

Pelo que é problematizado até aqui, essa evolução de uma simples arte gráfica para uma capa de álbum musical parece permitir a entrada de uma circulação midiática, possibilitando a produção de designs gráficos que merecem ser estudados mais a fundo. A veiculação midiática, o design gráfico, a indústria da moda e do **consumo** foram alguns dos campos que se apropriaram desse rico universo de referências visuais, criando um vínculo entre **arte** e comunicação.

A partir do que é exposto, pretende-se verificar de que forma as capas selecionadas se tornaram ícones culturais e influenciaram a estética de outras produções artísticas e comerciais, fazendo surgir questionamentos como: de que maneira as **apropriações** geraram influência suficiente para serem criados novos produtos no mercado, com base em uma estética visual? A partir da futura análise busca-se também compreender se existe relação entre a contribuição das releituras para a perpetuação da imagem e do legado das obras originais, dos artistas envolvidos e até do próprio gênero **rock clássico**, percebendo a influência e o impacto duradouro dessas capas na sociedade e como elas são apropriadas pela **indústria cultural** ao longo do tempo, bem como na construção de uma identidade visual representativa no âmbito do marketing cultural.

Nesse contexto, é fundamental analisar a forma que essas capas de álbuns provavelmente atingiram públicos com diversos estilos de vida e com diferentes visões sendo projetadas em **apropriações** com novos sentidos e significados e que isso possa ter propagado para chegar em outros públicos, a ponto de proporcionar maior reconhecimento ao álbum a partir desta variável. Pretende-se compreender as possíveis associações entre **arte**, **consumo** e comunicação que se estabelecem a partir da relação com as **capas de álbuns musicais** emblemáticas do gênero **rock clássico** e a **indústria cultural**, revelando talvez a sua importância e permanência, tornando-os clássicos atemporais.

**1.1 PALAVRAS-CHAVE:** Capa de álbum musical; indústria cultural; apropriação; arte; consumo; rock clássico.

## **2. TEMA**

Consumo da arte na atualidade a partir das capas de álbuns musicais.

### **2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

As capas de álbuns musicais do gênero rock clássico e suas apropriações diversas na sociedade atual, na busca das associações entre arte, consumo e comunicação a partir de uma abordagem em torno da indústria cultural.

### 3. JUSTIFICATIVA

A música, de fato, desempenha um papel significativo na vida de inúmeras pessoas. Até mesmo crianças embarcam em uma jornada de descoberta musical, explorando diferentes gêneros e canções a partir de vivência na família e na escola. A música tem o poder de divertir, distrair e alegrar, proporcionando momentos de prazer e descontração. Além disso, em momentos de adversidade e turbulência, a música se torna um refúgio, uma fonte de felicidade. Ela tem a capacidade de descomplicar, unir pessoas e criar memórias duradouras que se entrelaçam com os momentos vividos. A música é uma linguagem universal que transcende barreiras e conecta corações, trazendo consigo a promessa de alegria e união.

Acompanhando este significado e originalidade, surge a curiosidade de desmistificar e compreender as imagens que compõem a capa de um álbum musical. Ao iniciar essa jornada de exploração, a estudante desde criança percebe que as representações presentes nas capas de álbuns musicais carregam profundos e variados sentidos, muitas vezes se transformando em críticas sociais cuidadosamente construídas visualmente. Essa descoberta desperta o fascínio da estudante desde então, que se depara com a ideia de que as capas dos álbuns musicais são verdadeiros portadores de mensagens simbólicas. Intrigada e encantada com a possibilidade de temática, ela decide unir sua admiração pela parte gráfica dos álbuns musicais com seu interesse pela comunicação e a publicidade. Assim, surge a ideia de explorar as representações e apropriações presentes nas capas dos álbuns musicais, investigando os diferentes significados que podem emergir desse universo visual.

Movida pela vontade de compreender como as capas dos álbuns musicais se tornam veículos de comunicação visual, a aluna decide mergulhar nesse tema e aprofundar seus estudos. Ela busca entender como as representações e apropriações presentes nessas imagens influenciam a percepção do público, como constroem narrativas visuais e como estabelecem conexões emocionais com os ouvintes.

Durante a fase inicial de pesquisa exploratória, foram encontrados diversos projetos que despertaram grande interesse e inspiraram a definição do tema deste trabalho. Entre eles, destaca-se o trabalho da aluna de publicidade da UCS, Vitória Eliza Bett, intitulado "A Representação da Marca Pessoal de Artistas Femininas na

Música Pop: Uma análise de identidade visual em álbuns conceituais contemporâneos" (2020). Este estudo se concentra na análise de como o álbum conceitual pode representar a marca pessoal de artistas pop contemporâneos por meio da identidade visual.

Além disso, o trabalho do estudante de moda da UTFPR, Talles Henrique Alves Ferreira, intitulado "A Interferência do Rock Clássico na Sociedade Pós-moderna" (2015), também teve uma influência significativa. Esse estudo abordou questões relacionadas à inovação do vestuário, trazendo referências do rock clássico e explorando a influência desse gênero musical na sociedade contemporânea.

Esses estudos foram fontes de inspiração para o desenvolvimento do projeto em questão, acrescentando perspectivas interessantes e adicionando outros olhares para o assunto. A partir dessas referências, surgiu a ideia de explorar as apropriações visuais no contexto do rock clássico. A expressão artística por meio dessas releituras é uma prática que vem se tornando comum em vários contextos culturais, mas que também está fortemente presente em capas de álbuns musicais, se tornando um hábito interessante na sociedade contemporânea. Essa forma de expressão pode ajudar no engajamento e repercussão de algum grupo ou movimento, além de gerar novas formas de expressão cultural e até mesmo novos produtos de consumo. É importante destacar a influência dessas capas na cultura pop, no consumo e na comunicação, e como isso pode gerar novas oportunidades em diversas áreas.

Um dos exemplos que podem ser citados é o álbum de 1967 *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* da banda The Beatles, que além de uma capa de álbum muito curiosa ao se olhar, também foi considerada uma peça de arte pop moderna, que definiu e inspirou toda a era da música.

A análise das releituras de capas de álbuns revela uma riqueza de discussões acerca da importância dessas obras na história da música e da cultura popular. Além de explorar as relações entre arte e música, essas releituras evidenciam como a música pode influenciar e ser influenciada por outras manifestações culturais. Vislumbra-se a conexão visual na experiência do ouvinte, reconhecendo que os elementos gráficos desempenham um papel crucial e complementar à melodia. Nesse sentido, os clipes musicais são um exemplo emblemático dessa conexão

entre o mundo visual e sonoro, evidenciando como a cultura visual se torna um apoio essencial para a música, transcendendo as barreiras linguísticas.

Os clipes musicais, em particular, têm a capacidade de traduzir a mensagem e a atmosfera de uma música em uma narrativa visual, complementando e ampliando o significado da melodia. Por meio de imagens, cenários, coreografias, figurinos e efeitos visuais, os clipes são capazes de contar histórias, transmitir emoções e envolver o público de uma forma ainda mais impactante. Essa fusão entre música e imagem cria uma experiência multisensorial, que estimula não apenas a audição, mas também a visão, tornando-se uma forma de expressão artística completa.

Nesse contexto, a análise das releituras também proporciona *insights* valiosos sobre como a cultura visual e a arte podem ser estrategicamente utilizadas na publicidade e no marketing. A partir da inspiração na identidade visual das capas originais, novos produtos de consumo podem ser desenvolvidos, abrangendo até mesmo um público antes não alcançado. É possível que exista um grupo de consumidores que tenha sido atraído para determinado álbum musical por meio de uma releitura, em vez de ter tido contato com o conteúdo original. Essa dinâmica evidencia a influência da cultura visual na forma como nos aproximamos da música e como a arte se torna um canal de comunicação poderoso, capaz de ampliar o alcance e o impacto das obras musicais.

A valorização do espaço da capa de álbum musical e a necessidade de atualizações que considerem a evolução da história cultural são aspectos fundamentais a serem abordados. A escola de Frankfurt, no século XX, trouxe consigo uma abordagem crítica e reflexiva sobre a música e sua relação com a sociedade. Segundo os pensadores dessa escola, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, a música não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um reflexo das condições sociais, políticas e econômicas de determinado período histórico.

Com base em sua teoria da indústria cultural, a escola de Frankfurt questionou a massificação e a padronização da música na sociedade moderna, destacando como a cultura de massa, incluindo a música popular, pode manipular e alienar as massas. Eles enfatizaram a importância da música autêntica e da arte

como uma forma de resistência e libertação do controle imposto pela indústria cultural.

Ao refletirmos sobre o conceito de música proposto pela escola de Frankfurt, percebemos um olhar atualizado para esse fenômeno artístico hoje, quase um século depois. A visão da Escola de Frankfurt sobre a música destacava a influência da indústria cultural e a padronização na música popular. Na atualidade, vemos uma indústria fonográfica altamente comercializada, mas também com expansões sobre seu conceito, como a democratização da produção musical, incorporando novas influências, gêneros e formas de expressão. A música continua sendo um meio de expressão cultural e influência, mas suas formas e contextos evoluíram para se adaptar às transformações sociais e tecnológicas. As capas dos álbuns musicais se tornaram uma manifestação visual dessa evolução, representando não apenas o conteúdo sonoro, mas também transmitindo mensagens, conceitos e identidade artística.

Nesse contexto, é essencial explorar como as capas de álbuns e a cultura visual se conectam com as transformações sociais e as necessidades do público contemporâneo. O consumo de música e a apreciação estética estão intrinsecamente ligados, e as capas dos álbuns desempenham um papel relevante na maneira como nos relacionamos com a música. Ao compreendermos as mudanças na percepção da música ao longo do tempo, podemos identificar novas possibilidades de criação, inovação e conexão com diferentes públicos, permitindo uma experiência musical mais ampla e diversificada.

O estudo das releituras de capas de álbuns musicais abrange várias áreas, como a indústria musical, o design gráfico, a moda, a cultura popular e a publicidade/consumo. Ao analisá-las e reinterpretá-las, é possível ampliar o mercado musical, estimular a criatividade em designers gráficos e inspirar novas tendências. Além disso, as releituras proporcionam uma conexão entre a música, a cultura visual e as referências culturais, enriquecendo o repertório coletivo e promovendo diálogos sobre identidade e estética. Essa abordagem também pode ser aplicada estrategicamente na publicidade e no consumo, atraindo novos públicos e gerando oportunidades de negócios. Nesse sentido, essas releituras podem trazer uma perspectiva contemporânea que dialoga com as questões levantadas pela Escola de Frankfurt sobre a manipulação e a alienação na cultura de massa.

#### **4. QUESTÃO NORTEADORA**

De que forma manifesta-se as apropriações de capas de álbuns musicais emblemáticos, especialmente do gênero rock clássico, a partir de suas diversas formas de consumo na sociedade contemporânea?

## 5. OBJETIVOS

### 5.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o papel das capas de álbuns musicais no subgênero rock clássico como forma de expressão artística e sua influência na cultura pop e marketing cultural.

### 5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as relações entre arte e mercadoria, analisando como as apropriações culturais e o consumo estão presentes nesse contexto, compreendendo as possibilidades de expressão artística e sua relação com o mercado musical.
- Explorar a relevância das capas dos álbuns musicais no gênero rock clássico, além do aspecto sonoro, examinando como essas capas se tornam elementos significativos na experiência dos fãs, considerando as relações entre arte, cultura, comunicação e consumo nesse contexto específico.
- Investigar as apropriações das capas de álbuns musicais do gênero rock clássico, analisando como essas releituras refletem e contribuem para a indústria cultural, compreendendo o papel das capas na construção da identidade dos artistas e na promoção dos álbuns, bem como sua influência na comunicação e no consumo.
- Relacionar a contribuição entre as capas de álbuns musicais selecionadas para a indústria cultural, explorando como elas influenciaram outras formas de arte e expressão, tais como moda, design gráfico, veiculação midiática e como essas peças se tornam objetos de consumo em diferentes formas no mercado.

## 6. METODOLOGIA

A importância do planejamento adequado na pesquisa científica é indiscutível, e de acordo com Köche (2012), é preciso também ter em mente que a adaptabilidade nas estratégias podem incentivar ideias e aprimoramento da condução da pesquisa visando alcançar o objetivo proposto da melhor forma.

A flexibilidade deve ser a característica principal do planejamento da pesquisa, de tal forma que as estratégias previstas não bloqueiem a criatividade e a imaginação crítica do investigador. A investigação não deve estar em função das normas, mas em função do seu objetivo que é buscar a explicação para o problema investigado. (KÖCHE, 2012, p. 121)

Dentre as organizações das pesquisas científicas, o projeto fará uso também da pesquisa qualitativa, adequada para investigar fenômenos complexos e subjetivos, como as relações entre arte, cultura e consumo, e permite a compreensão em profundidade dos dados coletados. Segundo Flick (2009), é possível observar uma ampla variedade de procedimentos metodológicos e programas conceituais e epistemológicos na pesquisa qualitativa. Dessa forma, não se pode mais associar essa abordagem a apenas um ou dois métodos específicos, já que existem diferentes programas com origens, intenções e estratégias distintas para realização da pesquisa.

Com base nisso, a pesquisa em questão apresentará natureza básica, e seu objetivo é exploratório qualitativo, ou seja, tem como intuito descrever e analisar de maneira aprofundada as relações entre as capas de álbuns musicais e a indústria cultural, investigando como elas influenciaram outras formas de arte e expressão cultural. Ainda segundo o autor, a relevância das descobertas e a reflexividade dos procedimentos também são consideradas como critérios centrais na pesquisa qualitativa:

O objetivo da pesquisa está, então, menos em testar aquilo que já é bem conhecido (por exemplo, teorias já formuladas antecipadamente) e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas. Além disso, a validade do estudo é avaliada com referência ao objeto que está sendo estudado, sem guiar-se exclusivamente por critérios científicos teóricos, como no caso da pesquisa quantitativa. Em vez disso, os critérios centrais da pesquisa qualitativa consistem mais em determinar se as descobertas estão embasadas no material empírico, ou se os métodos foram adequadamente selecionados e aplicados, assim como na relevância das descobertas e na reflexividade dos procedimentos. (FLICK, 2009, p. 24)

Segundo Paviani (2013, p. 76) “[...] a análise consiste em definir conceitos, estabelecer categorias, codificações, tabulações, dados estatísticos, generalizações de dados, relações entre variáveis, etc.”

Para que seja possível compreender a relação entre as capas de álbuns musicais selecionadas e sua contribuição para a cultura pop, bem como explorar como elas influenciaram outras formas de arte e expressão cultural, será necessário o uso de uma abordagem metodológica adequada.

Nesse sentido, a pesquisa adotará o método de análise de conteúdo, que conforme Bardin (2011), se apresenta como uma ferramenta adequada para a análise de materiais diversos, como imagens, textos e outras formas de comunicação. Esse método permite a identificação de temas, categorias e padrões recorrentes nos dados, além de permitir a análise das relações entre eles, e permitirão uma análise mais aprofundada das informações.

. Assim, por meio da aplicação desse método, será possível compreender de forma mais aprofundada a contribuição das capas de álbuns musicais do subgênero rock clássico para a cultura pop e sua influência em outras formas de arte e expressão cultural.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2011, p. 147)

De acordo com os objetivos específicos e os dados coletados serão selecionadas as categorias, a fim de realizar uma análise minuciosa e organizada. A categorização é um processo fundamental na análise de conteúdo, pois permite a organização e classificação dos dados obtidos em diferentes classes ou grupos. Essas categorias podem ser definidas a priori, com base em possibilidades, ou emergir dos dados coletados durante a pesquisa. A autora destaca que a categorização deve ser um processo sistemático e rigoroso, garantindo a confiabilidade e a validade dos resultados obtidos na pesquisa. Assim, as categorias selecionadas serão utilizadas como base para a análise dos dados coletados, permitindo um estudo mais aprofundado das relações entre as capas de álbuns musicais selecionadas e sua contribuição para a indústria cultural.

A pesquisa em questão tem como objetivo compreender e explorar, por meio também da análise semiótica, como as capas de álbuns musicais e suas apropriações influenciaram outras formas de arte e expressão cultural. Nesse sentido, além da análise das capas em si, serão considerados os signos presentes nas artes originais e nas apropriações, buscando compreender o seu impacto e significado dentro do contexto cultural. Essa abordagem será muito importante, visto que para Barros e Duarte (2006, p. 206), a semiótica explora a dinâmica de produção dos signos, os padrões inferenciais do pensamento e sua relação com a realidade de referência segundo a interpretação de terceiros:

A semiótica norte-americana, surgida a partir da obra do filósofo e lógico Charles Sanders Peirce (1839-1914), trabalha com o modo de produção do signo, os esquemas inferenciais do raciocínio (dedução, indução, abdução) e seu vínculo com a realidade referencial, dada pela mediação do “interpretante”.

Para isso, serão utilizadas variadas fontes de coleta de dados, buscando informações que permitam uma análise ampla e aprofundada do tema.

Essa coleta de dados será realizada por meio de pesquisas bibliográficas, que permitirão identificar tendências, influências e contribuições que essas capas tiveram na cultura pop. Além disso, também serão coletados dados da internet, incluindo blogs, redes sociais, sites, entre outros, para levantar materiais como apropriações/*fanarts* feitas pelo público das capas de álbuns selecionadas. Este será um recurso importante para o levantamento de materiais a serem utilizados no projeto.

Segundo Barros e Duarte (2006), para se obter melhores resultados nos processos de busca na *Web*, é importante conhecer a estrutura e os recursos disponíveis nessa imensa biblioteca digital. Isso inclui compreender a organização da Internet, seu tamanho, o funcionamento dos mecanismos de busca e as características de cada buscador. Além disso, é essencial saber elaborar um plano de busca, pois a Internet está em constante mudança e as características dos sistemas de busca podem ser alteradas. No entanto, o conhecimento sobre como desenvolver um plano de busca permanecerá eficaz.

Existem algumas maneiras de facilitar ainda mais e organizar esse processo, as duas abordagens principais são: os diretórios e os mecanismos de busca. Os diretórios organizam os sites em categorias e subcategorias, permitindo uma busca mais estruturada. Já os mecanismos de busca utilizam algoritmos para indexar e classificar as informações presentes na Web:

Devido à imensa oferta de informação na Web e à crescente dificuldade dos usuários em localizar informações que desejam, surgiram também os sistemas de busca especializados, voltados para áreas específicas, como medicina, direito, biologia, ciências sociais, documentos científicos etc. (BARROS; DUARTE, 2006, p. 152)

Os resultados de uma busca na Web são classificados e apresentados com base na relevância, utilizando um método específico de cada mecanismo de busca. Cada sistema de busca possui seu próprio algoritmo de classificação, que leva em consideração diversos fatores, como palavras-chave, popularidade do site, relevância do conteúdo, entre outros. Esses algoritmos são constantemente aprimorados e atualizados pelos desenvolvedores para oferecer resultados mais precisos e satisfatórios aos usuários.

Dentre as categorias que serão utilizadas na análise de conteúdo, estão a indústria do consumo, a indústria da moda, as veiculações midiáticas, o design gráfico e as *fanarts*. Essas categorias permitirão avaliar diferentes aspectos relacionados às capas de álbuns, incluindo a forma como elas são consumidas pelo público, como são utilizadas pela indústria da moda, como são veiculadas pelos meios de comunicação, entre outros.

Destaca-se a importância da categorização na análise de conteúdo, permitindo uma organização mais clara e objetiva dos dados coletados, podendo identificar tendências e padrões que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Além disso, a categorização permite uma análise mais sistemática e profunda dos dados coletados, o que pode gerar insights importantes para a pesquisa. (BARDIN, 2011)

Um aspecto importante a ser considerado na pesquisa é a coleta de materiais de apropriações feitas por veículos midiáticos sobre esses álbuns específicos. Isso permitirá avaliar o impacto dessas capas no mercado da música, bem como a

influência que elas tiveram na criação de novos produtos. Serão coletados dados sobre como a publicidade e a indústria do consumo estão se apropriando de forma positiva dessas capas visuais para gerar novos produtos no mercado. Nesse sentido, a pesquisa também terá como objetivo identificar tendências de consumo relacionadas às capas de álbuns, bem como as características visuais que mais chamam a atenção do público. Será realizada uma análise minuciosa das capas selecionadas, buscando identificar padrões e elementos que tenham se destacado ao longo do tempo, bem como as influências que elas exerceram em outros artistas e em outras formas de arte.

A partir desse contexto, temos um exemplar de uma capa de álbum musical bastante emblemática, em que se torna viável a aplicação de uma breve análise em um caso de apropriação que se insere na categoria de veiculação midiática, a capa do álbum *Nevermind* da banda Nirvana (Figura 3).

Figura 3 – Capa do álbum *Nevermind* (1991)



Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.

Acesso em: 07 mai. 2023

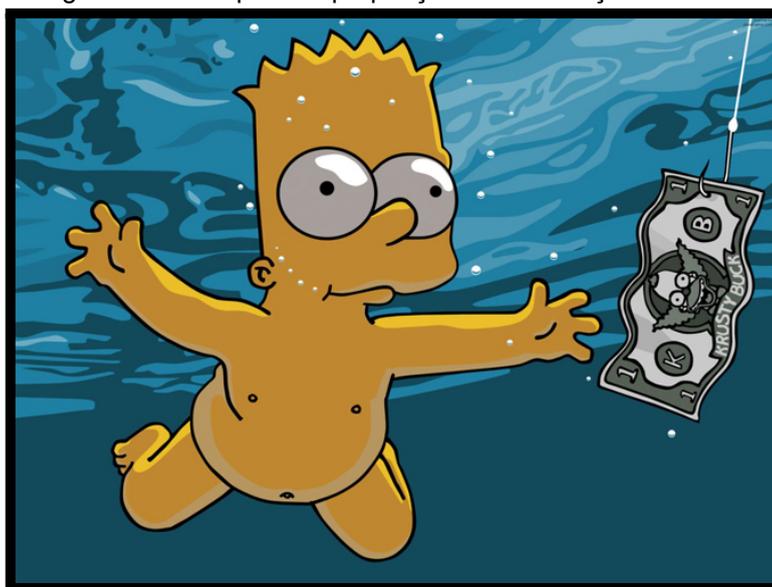
A capa original do álbum *Nevermind*, lançado em 1991, apresenta uma imagem de um bebê mergulhado em uma piscina e tentando alcançar uma nota de dólar pendurada em um anzol. A imagem, criada pelo fotógrafo Kirk Weddle,

rapidamente se tornou icônica e se associou à imagem do Nirvana. A capa original é frequentemente interpretada como uma crítica à cultura do consumismo e alienação. (BANULESCU, 2020)

Desde o lançamento do álbum, a capa do Nevermind tem sido objeto de diversas releituras e paródias, sendo utilizada como uma forma de homenagem, crítica ou até mesmo para fins publicitários. Algumas dessas releituras, especialmente as que têm como objetivo criticar a cultura do consumo, procuram subverter a mensagem original da capa.

Além disso, a capa do Nevermind tem sido utilizada em diversas mídias, incluindo filmes, programas de televisão e anúncios publicitários. Por exemplo, a capa aparece em um episódio da série Os Simpsons (Figura 4).

Figura 4 – Exemplo de apropriação em veiculação midiática



Fonte: Disponível em:

<[https://musica.uol.com.br/album/parodias\\_da\\_capa\\_do\\_nevermind\\_album.jhtm?abrefoto=2](https://musica.uol.com.br/album/parodias_da_capa_do_nevermind_album.jhtm?abrefoto=2)>. Acesso em: 07 mai. 2023

Este episódio de Os Simpsons intitulado *Bart Sells His Soul*, em que Bart é retratado nadando em uma piscina com a mesma pose do bebê da capa do Nevermind. A referência à capa do Nirvana foi uma maneira divertida e criativa de inserir um elemento culturalmente significativo em um programa de televisão popular, e reforçou a conexão entre a música e a cultura pop.

A utilização da imagem da capa de Nevermind em Os Simpsons repercutiu na mídia e gerou uma grande quantidade de publicidade para ambas as partes

envolvidas. Fãs da banda e do programa de TV aplaudiram a referência, e a popularidade da imagem aumentou ainda mais como resultado.

Essas releituras e utilizações da capa do Nevermind demonstram a força da imagem na cultura popular e na indústria cultural. Elas também mostram como a capa pode ser reinterpretada e se tornar um elemento influente em outras formas de arte e de expressão cultural.

Além disso, a apropriação da capa por outros veículos midiáticos e pela indústria cultural gerou novas oportunidades de negócios e ajudou a manter o legado da banda viva. A imagem da capa foi licenciada para uso em uma variedade de produtos, incluindo camisetas, adesivos e pôsteres, e a popularidade da banda e da imagem da capa ajudou a impulsionar as vendas desses produtos.

Deste modo, podemos perceber como esta apropriação da capa de Nevermind em Os Simpsons teve um impacto significativo na indústria cultural. A imagem se tornou um ícone da cultura pop e ajudou a manter o legado da banda viva, enquanto gerava novas oportunidades de negócios e aumentava a visibilidade tanto do programa de TV quanto da banda.

## 7. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 7.1 ARTE E MERCADORIA: APROPRIAÇÕES, CONSUMO E MERCADO MUSICAL

A história da arte é permeada por transformações e movimentos que moldaram a expressão artística ao longo dos séculos. Entre esses momentos de mudança, destaca-se o Renascimento e o Realismo, que marcaram uma ruptura com as convenções tradicionais e abriram novas possibilidades de expressão. Por conta disso, entendemos a importância de analisar como estes dois movimentos artísticos influenciaram a forma que os artistas da época se manifestavam e como suas obras se tornaram veículos de representação dos sentimentos, ideias e acontecimentos de sua época.

De acordo com Cortelazzo (2012), o Renascimento e o realismo foram períodos de intensa transformação artística, nos quais diversos artistas buscavam uma representação mais fiel da realidade e exploravam novas técnicas e temáticas. No Renascimento, por exemplo, a admiração pelas obras gregas e romanas impulsionou estudos minuciosos, incluindo esboços, desenhos e até dissecação de cadáveres, visando superar a arte da Antiguidade Clássica. Nesse contexto, o homem e suas descobertas científicas ganharam destaque, refletindo uma visão antropocêntrica do mundo. Artistas como Leonardo da Vinci contribuíram significativamente para o desenvolvimento desse movimento. Da Vinci, conhecido por suas habilidades polivalentes e seu domínio das técnicas artísticas, trouxe uma abordagem científica para a arte, buscando capturar a natureza e a anatomia humana com precisão.

A arte renascentista foi além da representação exclusiva de cenas religiosas, contrariando a ideia equivocada comumente difundida. Embora tenha rompido com a tradição medieval, a arte do século XV ainda abordava temas religiosos, ao mesmo tempo em que explorava eventos do mundo secular. Um exemplo notável é a investigação da mitologia grega, que passou a servir como fonte temática e inspiração para as novas expressões artísticas da época (CORTELAZZO, 2012). Em destaque Michelangelo Buonarroti, cujas obras grandiosas, como a pintura da Capela Sistina e a escultura de David, representaram um marco na expressão artística e na representação do corpo humano. Sua contribuição para o Renascimento trouxe uma nova dimensão à arte, combinando beleza estética e

emoção intensa. Esse espírito investigativo e a busca por uma representação mais fiel da realidade permitiram que a arte do Renascimento se tornasse uma forma de expressar os sentimentos e ideias daquele momento histórico.

Vemos uma vez mais como se tornou importante para o artista mostrar os sentimentos de suas figuras. [...] Vemos uma vez mais como se tornou importante para o artista mostrar os sentimentos de suas figuras. (GOMBRICH, 2000, p. 195)

Com o realismo, as possibilidades de expressão artística se expandiram ainda mais. Artistas passaram a realizar estudos e esboços, preocupando-se cada vez mais com a representação fiel da natureza. Gustave Courbet, considerado o pai do movimento realista, destacou-se por retratar a vida cotidiana e a classe trabalhadora com uma abordagem honesta e detalhista. Para Argan (2008) "Courbet quer viver a realidade como ela é, nem bela e nem feia [...]". Sua obra *Um Enterro em Ornans* desafiou as convenções acadêmicas da época ao retratar a simplicidade e a autenticidade da vida rural.

Entende-se a relação entre arte e possibilidades de expressão, se revelando de forma profunda no Renascimento e Realismo. Esses movimentos artísticos inauguraram uma nova forma de manifestação, rompendo com as convenções tradicionais e permitindo que os artistas explorassem temas diversos e representassem a realidade de maneira mais fiel. Com o estudos minuciosos, investigações temáticas e uma abordagem mais realista, a arte se tornou um veículo poderoso para expressar os sentimentos, ideias e acontecimentos de sua época. Compreender as possibilidades de expressão na arte é fundamental para uma análise mais abrangente da própria humanidade. Ao explorar a relação entre arte e possibilidades de expressão, podemos obter *insights* valiosos sobre os contextos históricos, as transformações sociais e as mentalidades de diferentes épocas. O Renascimento e o realismo são apenas pontos de partida nessa jornada, mas suas influências perduram até os dias de hoje, moldando a forma como a arte é concebida, produzida e consumida, abrindo portas para uma compreensão mais profunda da arte em todas as suas formas e possibilidades.

Com esse diálogo entre passado e presente, podemos enriquecer nosso olhar sobre a arte contemporânea e sua relação com a expressão, o consumo e o mercado musical. É fundamental reconhecer que os movimentos artísticos se apropriam uns dos outros ao longo do tempo, resultando em transformações e evoluções significativas. Por exemplo, o realismo de 1850 pode diferir do realismo de 1915, quando o dadaísmo emergiu como um movimento artístico disruptivo. O dadaísmo, por sua vez, não seria o que é se não tivesse se apropriado do realismo presente em outras formas de expressão. Essa dinâmica de apropriação e diálogo entre diferentes movimentos artísticos contribui para uma compreensão mais abrangente da arte contemporânea e suas interações com o universo da música, consumo e mercado.

O Dadaísmo foi um movimento artístico que surgiu durante a Primeira Guerra Mundial, em Zurique, Suíça, e se espalhou por diversas cidades europeias e em Nova York, na qual seus artistas buscavam subverter as normas tradicionais da arte, desafiando a sociedade, política e cultura da época. Segundo Argan (2008, p. 353), o movimento artístico Dada foi extremamente provocador e extremista, buscando desafiar as convenções artísticas estabelecidas:

O Dada foi, sem dúvida, o mais polêmico e radical dos movimentos de Arte Moderna. Tratava de criar uma série de ações, poemas, objetos, imagens que eram motivados pela ideia de anti-arte, ou seja, as próprias noções de arte eram alvo de ataque dos artistas dadaístas. Um dos lendários locais que abrigaram e motivaram as práticas artísticas “non-sense” propostas pelo Dada era o Cabaré Voltaire.

Utilizando técnicas de apropriação e colagem, eles exploravam objetos cotidianos e materiais encontrados para criar novas obras de arte. Um exemplo marcante desse movimento é *A Fonte* (1917), representado na figura 5, uma obra atribuída a Marcel Duchamp que scandalizou o público ao desafiar as convenções artísticas e questionar a definição de obra de arte.

A apropriação artística desempenhou um papel fundamental no movimento dadaísta, desafiando as ideias já existentes sobre originalidade, autoria e valor artístico. Em 1919 Duchamp também criou *L.H.O.O.Q.* (figura 5), uma releitura da *Mona Lisa* com bigode, utilizando a técnica da apropriação para questionar as convenções estéticas e o valor da originalidade na arte. O artista reproduziu em tamanho reduzido da *Mona Lisa* e adicionou um bigode desenhado com lápis, além

de inscrever as letras L.H.O.O.Q. na parte inferior da imagem. Com essa intervenção aparentemente simples, Duchamp desafiou as convenções estéticas e questionou o valor da originalidade na arte (KOWALSKI, 2021).

Figura 5 – A Fonte (1917) e L.H.O.O.Q. (1919)



Fonte: Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/marcel-duchamp/>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Estas obras são consideradas uma forma de *ready-made*, um termo cunhado pelo próprio artista para descrever objetos comuns do cotidiano que são transformados em obras de arte por meio de uma mudança de contexto. Duchamp desafiou a noção de autoria e questionou a importância da habilidade técnica ao transformar um ícone da arte em uma composição humorística e subversiva.

Ready-mades podem escarnecer da elevação que os circuitos artísticos impunham a si mesmos, incorporar uma proposta de manipulação e recontextualização da própria história do objeto enquanto pronto, instigando o artista ao não construir, mas a reivindicar através de sua vontade o status de obra de arte provocando a essência da arte. O ready-made explora o paradoxo de que todo o objeto exposto por um artista numa galeria se torna arte. Duchamp examinou a forma com que um objeto poderia torna-se algo raro conforme fosse acrescido de algum detalhe pessoal [...]. (LITTING, 2015, p. 37)

A técnica da colagem foi amplamente utilizada pelos dadaístas. Ao combinar fragmentos de diferentes fontes, eram criadas composições artísticas que desafiavam as expectativas do público e subvertiam as convenções estéticas. A influência das apropriações artísticas do dadaísmo pode ser percebida até os dias de hoje na arte contemporânea. A prática de apropriação continua sendo explorada por muitos artistas, que utilizam elementos e referências encontradas em diferentes contextos para criar novas obras. A apropriação permite questionar a autoria, a

originalidade e a autenticidade, levantando discussões sobre a cultura do remix, do plágio e da recontextualização na arte. (LITTING, 2015)

Além do dadaísmo, outros movimentos artísticos revolucionaram a concepção da arte. A Pop Art, por exemplo, tendo como representantes artistas como Andy Warhol e Roy Lichtenstein. O movimento questionou a distinção entre a arte de elite e a cultura popular, estimulando uma reflexão crítica sobre o consumismo e a sociedade de consumo. Essa corrente artística se apropriou da cultura popular e dos ícones da mídia de massa, utilizando imagens de produtos comerciais, celebridades e elementos da cultura popular em suas obras:

[...] Pop Art, um movimento artístico que se iniciou nos anos 1950 no Reino Unido e alcançou a maturidade na década de 1960 nos Estados Unidos. Entre as diversas características que críticos de arte e comentadores sugerem como essenciais para enquadrar um trabalho ou um artista como parte do movimento Pop estão presentes o uso de imagens existentes da cultura de massa que já foram processadas em duas dimensões (preferencialmente emprestadas da publicidade, da fotografia, das histórias em quadrinhos e de outros produtos da cultura de massa), e um mergulho em áreas de gosto popular e kitsch previamente consideradas fora dos limites da arte. (LIVINGSTONE, 1990 apud KOWALSKI, 2021, p. 10)

Esses movimentos artísticos, incluindo o dadaísmo e a Pop Art, representaram uma quebra com as tradições e convenções estabelecidas, revolucionando a forma como a arte era concebida e explorando novas possibilidades criativas. Eles trouxeram uma abordagem experimental, desafiadora e provocativa, buscando romper com as normas estabelecidas e expandir os limites da arte contemporânea. A prática da apropriação continua a influenciar e desafiar os artistas contemporâneos, incentivando a reinterpretação, reapropriação e ressignificação de elementos visuais e conceituais em suas obras.

A música também desempenhou um papel revolucionário, agregando uma dimensão mais liberal e inovadora à arte. A partir desses movimentos, a arte se tornou um meio de transmitir as emoções e refletir os acontecimentos sociais, culturais e políticos da época. Como forma de expressão artística, a música tem uma longa história que remonta aos tempos mais antigos da humanidade. Discute-se a capacidade da música de provocar sentimentos desde a época de Platão, onde em sua obra *A República*, descreve sua observação dos traços morais em indivíduos a partir da experiência musical (ROCHA, BOGGIO, 2013).

O surgimento da música é um conceito que se desenvolveu ao longo do tempo, com base na evolução da sociedade e nas formas de apreciação e compreensão da arte.

Desde os primórdios da humanidade, as comunidades utilizavam a música como uma forma de comunicação e expressão emocional. Ao longo da história, a música assumiu diferentes formas e estilos, refletindo as diversas culturas e períodos de tempo. Das antigas tradições musicais dos povos indígenas e folclore tradicional até a música clássica, popular, contemporânea e experimental, a música abrange uma ampla gama de expressões e gêneros.

O reconhecimento da música como a quarta arte está associado ao conceito de "arte total" ou "Gesamtkunstwerk" cunhado por Richard Wagner, compositor alemão do século XIX. Wagner acreditava que a música poderia englobar todas as formas de arte, incluindo teatro, poesia, dança e artes visuais, criando uma experiência artística completa e unificada.

[...] sobre o fato de que as quatro artes, chamadas de Arte do Som da Palavra, da Música, da Mímica e da Dança, terem a possibilidade de fluírem em conjunto. No entanto, esta possibilidade é baseada em um comando que existe em toda a arte que esforça para formar uma GESAMTKUNSTWERK (OBRA DE ARTE-TOTAL) por parte de todas as formas de Arte. (TRAHNDORFF 1827 apud SOUZA, 2022, p. 17)

Com isso, a considerada quarta arte se mostra uma poderosa forma de manifestação artística que envolve a combinação de elementos sonoros, como ritmo, melodia, harmonia e timbre, para criar uma expressão emocional e estética. É uma linguagem universal que transcende as barreiras culturais e linguísticas, conectando as pessoas em níveis profundos e intuitivos. Segundo Rocha e Boggio (2013) uma das características fundamentais da música é a sua capacidade de evocar emoções e despertar sentimentos no ouvinte. Mediante as combinações sonoras e da organização dos elementos musicais, os compositores e intérpretes podem transmitir uma ampla gama de emoções, como alegria, tristeza, serenidade, raiva, entre outras.

Além de suas qualidades emocionais, a música também possui uma dimensão estética. Assim como outras formas de arte, a música pode ser apreciada pela sua beleza, complexidade e originalidade. Os músicos e compositores têm a capacidade de explorar uma variedade de estilos, técnicas e estruturas musicais,

criando obras únicas e distintas. Com experimentação, inovação e domínio técnico, os artistas musicais expandem os limites da expressão musical e criam novas possibilidades na dimensão visual. A identidade visual na música envolve elementos como capas de álbuns, logotipos, fotografias promocionais, vídeos musicais e cenários de palco. Esses elementos visuais contribuem para a construção de uma imagem e marca artística, ajudando a transmitir a mensagem e o estilo do artista.

Por meio do uso de linguagens, a identidade visual da música pode evocar emoções, criar atmosferas e estabelecer uma conexão visual com o público. Esta linguagem irá aparecer em forma de sinais. O signo é algo que fará a representação de um objeto. Ele só poderá ser chamado e signo se carregar consigo esse poder de representar algo além dele, fazendo uma substituição. Por isso, outra definição para semiótica proposta por Santaella é "A ciência dos signos" (SANTAELLA, 1983).

Muitas vezes, a identidade visual é usada como uma extensão da narrativa da música. Por exemplo, um álbum conceitual pode ser acompanhado por uma arte gráfica que conta uma história visualmente, complementando as temáticas e mensagens presentes nas letras das músicas. A identidade visual também desempenha um papel crucial na promoção e comercialização da música. Capas de álbuns e imagens promocionais são frequentemente utilizadas como ferramentas de marketing, atraindo a atenção do público e despertando o interesse pelo trabalho musical (JANOTTI, 2003). Além disso, uma identidade visual coesa e reconhecível pode contribuir para a construção de uma base de fãs leal e engajada, pois cria uma identificação visual que reflete a personalidade e estética do artista.

Assim, a música transcende o aspecto sonoro ao incorporar uma dimensão visual por meio da sua identidade visual. Por meio de elementos visuais cuidadosamente elaborados, os artistas musicais conseguem complementar e enriquecer a experiência musical, transmitindo mensagens, evocando emoções e estabelecendo conexões visuais com o público.

## 7.2 ROCK CLÁSSICO ALÉM DO SOM: A RELEVÂNCIA DAS CAPAS DOS ÁLBUNS MUSICAIS

O *rock 'n' roll*, vindo do idioma inglês, surge da expressão *rock and roll*, que traduzido de forma rasa significa "sacudir e rolar", um eufemismo para sexo.

Embora tenha sido derivado do *blues* norte-americano, o gênero lutou por muito tempo trazendo referências sutis de todos os lados para formar um estilo próprio: escala pentatônica do *blues*, improvisação do *jazz*, marcação insistente das marchas militares, sutilezas rítmicas da rumba e do baião, a meliosidade da canção italiana, sequências harmônicas de compositores eruditos diversos, efeitos sonoros acústicos ou eletrônicos da música de vanguarda, percussão africana, instrumentos típicos de países como Índia e Japão... (MUGNAINI, 2007).

O rock 'n' roll foi um gênero que surgiu gradativamente ao longo das décadas com diversos artistas e referências diferentes:

Nenhuma invenção de sucesso, talvez nem mesmo a roda, pode ser atribuída a uma única pessoa. Muita gente boa se esquece disso e simplifica demais a história do *rock 'n' roll*, como se ele simplesmente tivesse sido criado do nada por Bill Harley e Elvis Presley. Na verdade, muitos outros artistas contemporâneos a eles, incluindo Ike Turner, Chuck Berry, Joe Turner, "Big Mama" Thornton – para não falar em artistas que podem ser considerados *proto-roqueiros* como Robert Johnson -, chegam ao mesmo resultado sonoro, cada um fazendo sua própria síntese de blues, jazz e outros estilos. (MUGNAINI, 2007, p.2)

No entanto, foi com o surgimento do *rock and roll* como fenômeno de massa nos Estados Unidos, que uma clara diferença entre o comportamento e o gosto cultural dos jovens brancos em relação aos de seus pais começou a se manifestar. "Se eu fosse definir o Rock and roll, seria liberdade e rebeldia.", assim representado no documentário A História do Rock 'n' Roll - O Rock 'n' Roll Explode, 1995. O *rock and roll* emergiu nos anos 1950 através da fusão do *rhythm and blues* dos negros com o *country and western* dos brancos pobres das áreas rurais. Essa junção, realizada por músicos negros e brancos do sul dos Estados Unidos, deu origem a um novo estilo musical que refletia as transformações sociais da era pós-guerra.

Segundo Friedlander (2006 apud ROCHEDO, 2013, p.71), é possível identificar cinco marcos essenciais na evolução histórica do rock internacional. O primeiro marco, compreendendo o período de 1954 a 1955, refere-se à explosão do *rock and roll* clássico. O segundo marco ocorreu entre 1963 e 1964, e é conhecido como a invasão inglesa. O terceiro marco, abrangendo o período de 1967 a 1972, é reconhecido como a era de ouro do rock, caracterizado pelo desenvolvimento sincrônico de artistas de diversos gêneros, englobando tanto a primeira invasão inglesa quanto o surgimento de virtuosos da guitarra. O quarto marco, situado entre

1968 e 1969, refere-se à explosão do *hard rock*. Por fim, o quinto marco, ocorrido de 1975 a 1977, destaca-se como a explosão do *punk*. Esses momentos representam intervalos cruciais na história do rock and roll, no entanto, não implicam que determinados gêneros tenham surgido exclusivamente nesses períodos, mas sim que assinalam o momento em que cada um emergiu e ganhou proeminência.

Além disso, o autor ressalta a importância de determinados artistas ao longo dessa trajetória do rock clássico. Figuras como *Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Elvis Presley, The Beatles, Jimi Hendrix, Bob Dylan, The Clash, Led Zeppelin*, entre outros, desempenharam um papel excepcional no estabelecimento e no sucesso do rock clássico tal como o conhecemos hoje (FRIENDLANDER, 2006 apud ROCHEDO, 2013).

Segundo Silva (2015), com o aumento do poder aquisitivo dos negros e brancos pobres, eles passaram a ter acesso a instrumentos musicais e puderam criar sua própria música. Garagens em todo o sul do país se tornaram espaços de experimentação e produção musical. Além disso, as transformações tecnológicas, como a guitarra eletrificada, a popularização do vinil e os veículos de divulgação, como rádios e TVs, desempenharam um papel crucial na disseminação do *rock and roll* como cultura de massas.

O sucesso do rock causou uma subversão na indústria musical, levando as grandes gravadoras a buscarem talentos em pequenas gravadoras do interior. Para os jovens brancos de classe média, a cultura do rock se tornou uma forma de expressar seu descontentamento com os padrões morais e sociais de uma sociedade profundamente racista e conservadora:

O sucesso alcançado pelo *rock and roll* causa uma subversão no esquema das grandes gravadoras, que agora são obrigadas a recorrer às pequenas gravadoras do interior para “descobrir” novos talentos e potencializá-los mercadologicamente. Do ponto de vista dos jovens brancos de classe média, a cultura promovida pelo *rock and roll* seria uma forma de também eles mostrarem seu descontentamento com os padrões morais e sociais a que eram submetidos em uma sociedade profundamente racista e conservadora. (SILVA, 2015, p.238)

Paralelamente à análise histórica da origem e popularização do *rock and roll*, emerge um aspecto de relevância considerável que merece atenção: a comercialização do gênero pela indústria musical. Ao abordar a comunicação

comercial deste gênero, destaca-se um elemento que assume proporções significativas nesse contexto, indo além das expectativas convencionais: as capas de álbuns musicais.

A indústria fonográfica reconheceu rapidamente o potencial visual das capas de álbuns como ferramenta estratégica de marketing, capaz de estabelecer uma conexão imediata com o público e influenciar sua percepção sobre a música.

Em 21 de junho de 1948, a Columbia Records (associada da Columbia Broadcasting System, gigante da indústria de telecomunicações estadunidense) lançou publicamente em evento aberto à imprensa sua nova mídia de gravação e reprodução de áudio: o disco de longa duração (long-play, o LP de 33 1/3 rotações por minuto). Esta nova mídia que resultou de anos de pesquisa e foi objeto de uma corrida de aperfeiçoamentos técnicos [...]. (PEREIRA, 2014, p.22)

O surgimento do LP na metade do século XX representou um avanço essencial para a indústria musical, desempenhando um papel indispensável não apenas no âmbito técnico, mas também no campo artístico e de consumo. Antes do surgimento do LP, os discos comercializados eram pouco trabalhados visualmente, representado abaixo na figura 6. “O rótulo indicava o nome do artista e das músicas, compositores, estilo musical, o número de catálogo, alguma informação complementar e o logo da gravadora. Ainda segundo o pesquisador, em alguns casos especiais era produzido rótulos com foto do artista. Tais informações tinham, primeiramente, objetivos comerciais de identificação para o público.” (PEREIRA, 2017, p. 22).

Figura 6 – Disco de vinil 78 rpm com envelope



Fonte: Disponível em: <<https://www.coisaantigaleiloes.com.br/peca.asp?Id=8754167>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Em um ensaio de Walter Benjamin (1955 apud PEREIRA, 2017, p. 25), o autor nos mostra novas possibilidades no aprofundamento desta mudança fonográfica. De maneira resumida, o autor explica que podemos considerar que o desenvolvimento do LP impulsionou a ideia de álbum musical, onde as faixas musicais são organizadas em uma sequência e acompanhadas por imagens, como capa, contracapa e encarte. O álbum musical, assim como um filme, possui características semelhantes em relação à sua criação e produção. Ele tem um valor de exposição importante, sendo amplamente consumido e significativo para a coletividade. Em resumo, o álbum de música está intimamente ligado à indústria cultural, pois é um produto dela.

A relação entre essa ideologia e o álbum musical tornou-se prontamente aparente, e pudemos perceber essa técnica sendo cada vez mais utilizada rapidamente. Na década de 1950, os LPs já haviam alcançado uma ampla popularidade, e os diferentes gêneros musicais começaram a empregar essa técnica de forma estratégica, estabelecendo conexões visuais que representavam as características distintivas de cada gênero e seu público-alvo. De acordo com Pereira (2014) no caso da música erudita, é comum encontrar capas que reproduzem fotografias do regente ou da orquestra, além de pinturas clássicas. Por outro lado, no âmbito da música popular, as capas costumam retratar de forma simples e objetiva o artista, buscando estabelecer uma conexão imediata com o público. Já nos discos de jazz, as capas podem apresentar reproduções de pinturas abstratas, motivos geométricos coloridos ou retratos dos músicos, refletindo a natureza inovadora e vanguardista desse gênero musical. Além disso, surgem as coletâneas, que reúnem canções de diferentes artistas e têm suas capas elaboradas de forma a ilustrar o tema abordado. Em suma, as capas dos LPs funcionam como ferramentas comerciais de comunicação visual, adaptando-se às preferências estéticas e expectativas do público-alvo de cada gênero musical, e desempenham um papel crucial na promoção e comercialização dos discos.

Com o avanço do sistema de divulgação da indústria musical, os artistas passaram a ser retratados como ícones de beleza e carisma em programas de TV e revistas, e essa imagem era refletida nas capas dos discos. Contudo as canções populares geralmente se destacavam por suas letras românticas. No entanto, no

início da era do LP, não havia uma representação visual abrangente e profunda deste tema específico. Os primeiros discos de Frank Sinatra, por exemplo, não apresentavam uma conexão coesa entre a capa e as músicas, nem entre as próprias músicas. As capas dos álbuns apresentavam um design gráfico e tipografia cuidadosamente elaborados, combinados com uma fotografia do intérprete. Essas capas forneciam informações como o nome do artista, o título do álbum e a gravadora. (PEREIRA, 2014).

Já no ano de 1939, na Alemanha, ocorreu uma quebra desse padrão, com a criação da capa pioneira do primeiro disco conceitual, *Smash Song Hits by Rodgers & Hart*, por Alex Steinweiss, publicitário e artista gráfico contratado pela gravadora Columbia. Essa capa inovadora apresentava uma embalagem ilustrada graficamente e trazia comentários sobre as músicas em seu interior e verso. Os álbuns com capas projetadas por Steinweiss rapidamente alcançaram um sucesso comercial superior aos álbuns com embalagens convencionais. Diante desse êxito, Steinweiss desenvolveu o que viria a se tornar o padrão da indústria fonográfica. (EVANS, 2016 apud SILVA, E., 2018, p. 40). A partir desse momento, a introdução de conceitos de identidade visual nos projetos gráficos de discos começou a desempenhar um papel crucial na mediação entre a música e o público, fortalecendo a expressão das intenções de cada obra. Em apenas seis meses, as vendas dos álbuns com capas projetadas experimentaram um crescimento impressionante de quase novecentos por cento, estabelecendo a gravadora Columbia como líder destacada frente às suas concorrentes, Decca e Victor.

A partir desse ponto, surge a discussão sobre o processo de design aplicado às capas de álbuns, abrindo caminho para a exploração da abordagem do design dentro do contexto artístico. Segundo Demo (2018, p. 8):

As capas de álbuns e seus encartes são formas de expressão artísticas, porém elas surgem da necessidade de comunicar de forma visual conceitos e ideias que foram primariamente desenvolvidos de maneira sonora. De certa maneira essas criações passam por um processo de design, esse projeto é um esforço para mostrar como o design pode ser abordado no meio de criação artística.

Os projetos de design para capas de discos envolvem uma fabricação que ocorre por meio de encontros, trocas e fusões artísticas e culturais entre os envolvidos. Essa fabricação é orientada por um processo chamado de empatia

criativa, caracterizado pela construção mútua e participativa. Esse processo acompanha práticas coletivas.

Músicos, artistas gráficos, fotógrafos e produtores compartilham histórias sobre capas de discos brasileiros icônicos, revelando seu significado ideológico e a força de suas imagens, apresentando comentários de extrema importância no documentário *Arte na Capa* (2015, apud Silva, E., 2018, p. 84):

O fotógrafo pernambucano Carlos da Silva Assunção Filho, mais conhecido como Cafí, afirma no documentário que “o produto disco é uma obra coletiva, e não somente musical: a capa também faz parte dessa obra coletiva” (CAFI, 2015); a cantora Maria Bethânia menciona que uma obra musical não se trata de partes separadas, pois entende que “tudo é uma coisa só” (BETHÂNIA, 2015) e o músico pernambucano Lenine comenta que “antes de ter as canções do disco, tem a imagem do que seria o disco”. Na continuação, o designer Gringo Cardia explica que a capa de um disco serve para mostrar o que tem no “interior” da obra, em suas suas canções, e, de acordo com o designer (CARDIA, 2015) “não obrigatoriamente precisa mostrar o conteúdo sonoro do que está presente nas composições, mas, de alguma maneira, deve possuir a mesma poesia do que ali está sendo cantado”.

As considerações expostas nos depoimentos indicam a interdependência da capa de um disco com a obra musical, evidenciando que ela faz parte integral do projeto musical em sua totalidade. Esses testemunhos são de relevância significativa, pois proporcionam ao público uma compreensão dos processos de produção de capas no Brasil e no mundo, revelando suas trajetórias e narrativas poéticas de criação.

Na experiência de trabalhar com projetos que envolvem o encontro do design com a música e com as artes visuais para criação de capas de discos percebemos a importância destas etapas de criação e das técnicas de design que eram estudadas e utilizadas para a criação artística de uma capa de álbum musical, e a partir disso começa-se a visualizar o surgimento de ícones do design de discos. Destacam-se os álbuns *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos britânicos The Beatles, e *The Velvet Underground & Nico*, lançados em 1967. A capa do primeiro apresentava um cenário meticulosamente elaborado em escala real, contendo uma coleção de personalidades mundialmente conhecidas, selecionadas pelos membros da banda. Esse projeto visual foi realizado pelo casal Jann Haworth e Peter Blake, e se tornou um ícone emblemático do design de capas de discos. Por sua vez, o segundo álbum, conhecido como "o álbum da banana", teve seu projeto gráfico concebido por

Andy Warhol e apresentava uma capa com um adesivo destacável, indicando antecipadamente o que ainda estava por vir em termos de criatividade nas capas de discos. (SILVA, E., 2018).

Figura 7 – Capa dos álbuns *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e *The Velvet Underground & Nico* (1967)



Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.

Acesso em: 14 jun. 2023

Exemplos como esses evidenciam o surgimento de concepções e produções colaborativas que deixaram uma marcante impressão ao longo das gerações. Essas expressões artísticas emergiram do encontro de ideias afins, estabelecendo uma conexão empática e compartilhando referências culturais, filosóficas e artísticas. Além disso, esses exemplos ressaltam a relevância do consumo desses álbuns na indústria fonográfica, desempenhando um papel crucial no êxito dessa técnica artística e midiática.

O ato de consumir produtos midiáticos é uma forma de posicionamento que os transforma em objetos culturais. Assim, a abordagem da cultura midiática pode ser efetuada a partir de objetos culturais que articulam tanto a produção como o reconhecimento de produtos que circulam em níveis global e local. (JANOTTI, 2003, p. 11)

As identidades individuais permanecem conectadas a valores específicos que capacitam as pessoas a encontrar significado em suas vidas. No entanto, atualmente, os processos envolvidos nesse sentido são variados, resultando em diferentes formas de posicionamento para cada indivíduo. Essa diversidade não implica na perda de um ponto central ou na desintegração da sociedade, mas sim

em um rearranjo que possibilita uma experiência multifacetada, acompanhada de desafios emocionais e instabilidades decorrentes dessa vivência policêntrica.

### 7.3 APROPRIAÇÕES DO ROCK CLÁSSICO: CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS NA INDÚSTRIA CULTURAL

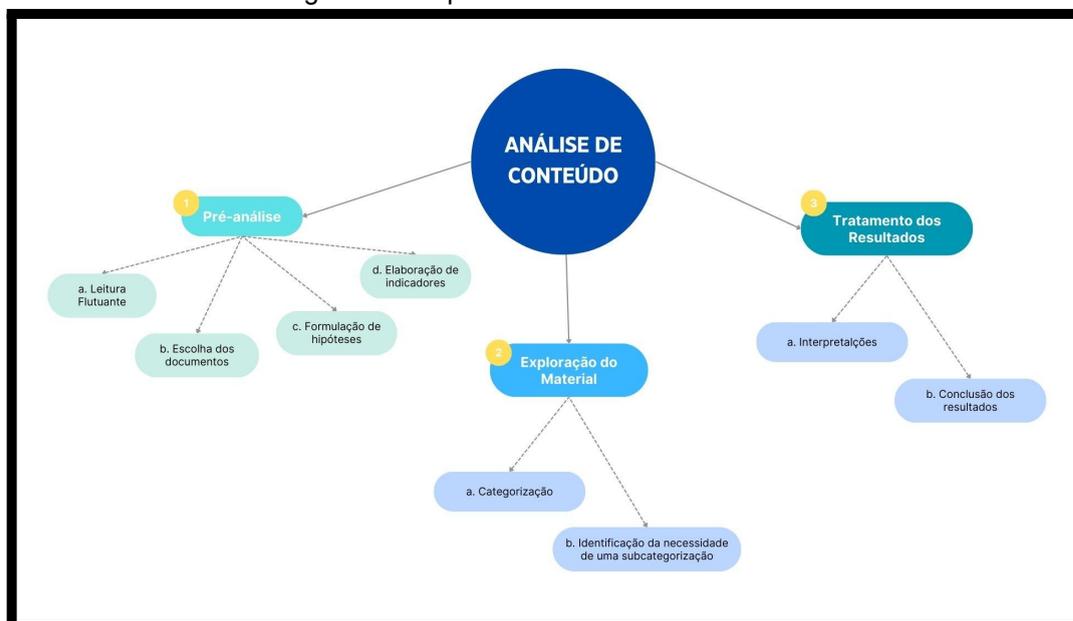
A análise de conteúdo com foco em categorização é a abordagem escolhida para organizar a avaliação dos materiais. Para atingir os objetivos estabelecidos, que estão diretamente relacionados à indústria cultural, foram identificadas previamente, de forma exploratória, cinco categorias consideradas relevantes nesse contexto. Essas categorias são: *fanarts*, design gráfico, indústria da moda, veiculação midiática e indústria do consumo. Com a aplicação dessas categorias, busca-se classificar e examinar os conteúdos de forma sistemática, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos temas abordados e suas interações.

Essa estratégia de categorização auxilia na análise ao oferecer uma estrutura clara e organizada para examinar os diferentes aspectos relacionados à indústria cultural. Cada categoria selecionada representa uma área específica de interesse e contribui para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos em estudo. Dessa forma, é possível identificar padrões, tendências e relações entre os conteúdos analisados, permitindo uma análise mais precisa e fundamentada. A utilização dessas categorias estabelecidas previamente também facilita a comparação e a interpretação dos resultados, proporcionando uma base sólida para a elaboração das conclusões e recomendações do projeto.

Em complemento à seleção prévia das categorias, durante o processo de pesquisa bibliográfica, foi possível identificar traços distintivos em determinados álbuns emblemáticos no âmbito do rock clássico. Como resultado, foram escolhidas cinco capas de álbuns que irão desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento do presente projeto e serão posteriormente apresentadas. Cada capa selecionada será atribuída a uma única categoria, evitando duplicidade. É relevante ressaltar que a atribuição de uma capa específica a uma determinada categoria não implica necessariamente que sua relevância se restrinja exclusivamente a esse segmento. Ao longo do projeto, serão estabelecidas conexões e interações entre as categorias, permitindo uma abordagem mais abrangente e interdisciplinar. No entanto, a delimitação das categorias se mostrou

essencial para a organização e compreensão dos resultados da análise, proporcionando uma estrutura sólida para a condução da pesquisa.

Figura 8 – Mapa mental análise de conteúdo



Fonte: elaborada pela estudante (2023) através de fontes de Bardin (2011).

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ocorrer em 3 fases, são elas a pré-análise, a exploração do material e por fim o tratamento dos resultados. Dentro destas fases, ocorrem algumas etapas.

Na primeira fase, poderá ocorrer quatro etapas. Primeiro a leitura geral dos materiais coletados, tendo uma vista geral de tudo que está pré-selecionado. Após isso ocorre a identificação e a separação das principais e mais relevantes apropriações para este fim, seguido de uma formulação de hipóteses, e finalizando com a elaboração de indicadores, medindo o impacto e identificando para qual aspecto da pesquisa aquele material é relevante.

Na segunda parte da presente análise, procedemos à exploração do material coletado, emergindo um aspecto crucial do projeto, a categorização. Nesse estágio, os dados e materiais coletados são atribuídos a uma das categorias predefinidas citadas anteriormente. Ademais, será realizada uma avaliação para determinar se há necessidade de estabelecer subcategorias que permitam uma maior precisão e profundidade na classificação dos elementos analisados.

Por fim, a finalização desta análise compreenderá duas etapas fundamentais: o tratamento dos resultados dos conteúdos e a elaboração das conclusões a partir do entendimento desses resultados, considerando também a análise bibliográfica

realizada e alinhando-se aos objetivos da pesquisa. Essa finalização visa proporcionar uma compreensão aprofundada e embasada dos dados coletados, contribuindo para a validade e relevância do estudo.

Após a conclusão da análise metodológica, adentramos agora na apresentação das capas selecionadas, que representam momentos emblemáticos no cenário musical. A primeira capa escolhida é a do álbum *Queen II*, da banda *Queen*, composta por Freddie Mercury, Brian May, John Deacon e Roger Taylor, possui uma história marcante no cenário do rock, sendo reconhecida como uma das mais influentes e icônicas de todos os tempos. Ao longo de sua trajetória, o *Queen* conquistou uma legião de fãs devido à sua música inovadora, apresentações enérgicas e letras cativantes.

O álbum captura a essência visual e estética da banda, assumindo uma relevância especial. Lançado em 1974, este álbum representou uma continuidade do sucesso de estreia da banda. Caracterizado por uma sonoridade épica e teatral, o *Queen II* adotou uma abordagem conceitual, dividindo-se em duas partes distintas, conhecidas como "Lado Branco" e "Lado Preto". Essa dualidade temática e estilística também se manifestou na concepção da capa do álbum.

A capa de *Queen II*, concebida pelo renomado fotógrafo Mick Rock, é uma obra de arte visualmente impactante. Nela, os membros da banda são retratados em poses dramáticas e elaboradas, exibindo maquiagens exuberantes e trajes extravagantes. Essa imagem transmite um sentido de teatralidade e grandiosidade, refletindo a estética teatral e *glam rock* que o *Queen* estava desenvolvendo naquele período (NERY, 2020). A capa do álbum *Queen II* se destaca como uma representação marcante da banda e de sua identidade visual singular.

Figura 9 – Capa dos álbuns *Queen II* (1974)

Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/artista-recria-capas-icônicas-do-rock-com-o-isolamento-social-necessario-de-beatles-queen-veja/>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Na capa do álbum *Queen II* percebe-se a forte influência do teatro e cinema, podendo relacionar até mesmo com a pose icônica da renomada atriz alemã Marlene Dietrich, conhecida por sua presença magnética e estilo único. A pose adotada pelos membros da banda na capa, com seus corpos inclinados e expressões dramáticas, remete à atitude e ao carisma característicos de Dietrich. Essa conexão com a estética e o magnetismo do teatro adicionou uma camada de sofisticação à capa do álbum, conferindo-lhe uma sensação de prestígio e elevando ainda mais sua importância como uma obra de arte icônica. A influência de Dietrich na criação da capa do *Queen II* destaca a intertextualidade e a reverência à cultura pop, ao mesmo tempo em que solidifica a capa como um símbolo duradouro na história do rock e do design de capas de álbuns.

Figura 10 – Marlene Dietrich em O Expresso de Shanghai (1932)



<[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marlene\\_Dietrich\\_in\\_Shanghai\\_Express\\_%281932%29\\_by\\_Don\\_English.png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marlene_Dietrich_in_Shanghai_Express_%281932%29_by_Don_English.png)>. Acesso em: 14 jun. 2023

A importância da capa de *Queen II* na categoria de *fanarts* reside no fato de que ela se tornou um ícone para os fãs do *Queen*. Ao longo dos anos, a imagem da capa tem sido reproduzida e reinterpretada pelos fãs em diversas formas de expressão artística, como ilustrações, pinturas e até mesmo em performances de tributo. Essa interação criativa dos fãs com a capa do álbum demonstra o impacto duradouro que a arte de *Queen II* teve na cultura fanática que envolve a banda. Em destaque abaixo, na figura 11, uma reinterpretação da capa do álbum feita durante a pandemia do COVID-19, na qual foi encaixada no contexto de distanciamento social necessário para aquele momento.

Figura 11 – Exemplo de apropriação em *Fanarts*

Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/artista-recria-capas-iconeas-do-rock-com-o-isolamento-social-necessario-de-beatles-queen-veja/>>. Acesso em: 14 jun. 2023

A escolha da capa do álbum *Queen II* como uma das capas emblemáticas se conecta à categoria de *fanarts*, pois ela representa não apenas uma obra de arte visualmente impressionante, mas também serve como fonte de inspiração para os fãs, que encontraram maneiras criativas de expressar sua devoção à banda por meio de suas próprias manifestações artísticas.

*The Velvet Underground* é uma banda norte-americana de rock formada em Nova York no final da década de 1960. Reconhecida por sua abordagem experimental e vanguardista, a banda era composta por Lou Reed, John Cale, Sterling Morrison e Maureen Tucker.

Embora não tenham alcançado grande sucesso comercial em seu período ativo, o legado da banda cresceu ao longo dos anos, influenciando inúmeras gerações de músicos e sendo reconhecida como uma das mais importantes e influentes bandas do rock experimental e artístico. (GONÇALVES, 2011)

O álbum *The Velvet Underground & Nico* (figura 12), é notável por apresentar uma peculiaridade em relação à sua identificação formal. O disco, lançado em 12 de março de 1967, não possui um título específico ou informações explícitas sobre a banda, mas foi popularmente denominado como "o disco da banana".

Figura 12 – Detalhes da capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* (1967)



Fonte: SILVA, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44190>>. Acesso em: 14 jun. 2023

Segundo Silva, E. M. (2018), a autoria do projeto gráfico da capa é atribuída a Andy Warhol, renomado artista da época, representada por uma imagem de uma banana, produzida por meio da técnica de serigrafia, com tonalidades amarelas e pretas. Ao lado da figura da banana, encontram-se as palavras *peel slowly and see*<sup>3</sup>, que revelam a existência de uma outra banana nas cores preta e rosa, bem como a assinatura do artista na parte inferior direita. Andy e a banda se conheceram em um café e logo firmaram a parceria:

Nico era modelo e atriz, mas queria começar sua carreira de compositora e cantora. E em 1966, Warhol conhece os Velvet num café. A banda queria alguém que produzisse a gravação do seu primeiro disco, e Andy Warhol, que também estava à procura de uma banda para produzi-la, ficou interessado com a proposta, mas impôs a banda um único pedido: que sua nova amiga, a Nico, também participasse do disco: “Andy e Morrissey (amigo e assistente de trabalho) queriam a Nico no disco. A banda não gostou muito da ideia, mas aceitaram para não perder o contrato” (DALTON E SCHERMAN, 2013. apud SILVA, E. M., 2018 p. 48).

O álbum foi gravado em apenas uma semana, em um estúdio em Nova York, no mês de abril de 1966. A maior parte das faixas foi registrada ao vivo, em uma sessão de oito horas. O lançamento do álbum sofreu um considerável atraso de quase um ano devido à complexidade da produção da capa, que exigiu uma máquina especial para impressão. Esse atraso, por sua vez, resultou em um custo elevado para a produção do álbum.

Assim como a banda em questão, a relevância simbólica e cultural da capa em análise emergiu ao longo dos anos subsequentes. A notável representação visual da banana na capa do álbum inspirou uma série de trabalhos artísticos que, até os dias atuais, continua a ser reconhecida como uma das imagens mais distintas e proeminentes no âmbito da música e das artes gráficas de capas de álbuns (SILVA, E. M., 2018).

A capa do álbum *The Velvet Underground & Nico* destaca-se na categoria de design gráfico por sua estética marcante, sua abordagem criativa e interativa, e sua conexão com a história e a cultura da música, além de representar a colaboração de um renomado artista visual, Andy Warhol, e uma banda de rock experimentalmente vanguardista. Essa união entre arte visual e música proporciona uma interseção entre diferentes formas de expressão artística, reforçando o papel do design gráfico como uma ferramenta poderosa para transmitir ideias e conceitos.

Por meio da combinação de cores contrastantes, proporciona um impacto visual imediato, atraindo a atenção do espectador. A simplicidade da representação da banana, aliada à presença dos dizeres *peel slowly and see*, demonstra uma abordagem criativa e provocativa. Além disso, a escolha da técnica de *silkscreen* confere à imagem uma textura única e distintiva, adicionando profundidade e interesse visual, convidando o público a se envolver de forma interativa com a capa, instigando a curiosidade e estimulando uma experiência sensorial.

David Robert Jones (1947-2016), figura proeminente na indústria musical, foi um artista multifacetado, atuando como cantor, compositor, ator e produtor musical de origem britânica. Reconhecido como o "Camaleão do Rock", Bowie era notório por sua habilidade excepcional de se reinventar constantemente, alterando sua imagem pessoal e estética. Sua estreia no cenário musical ocorreu em 1969, com a notável repercussão comercial da canção *Space Oddity*, que alcançou o quinto lugar

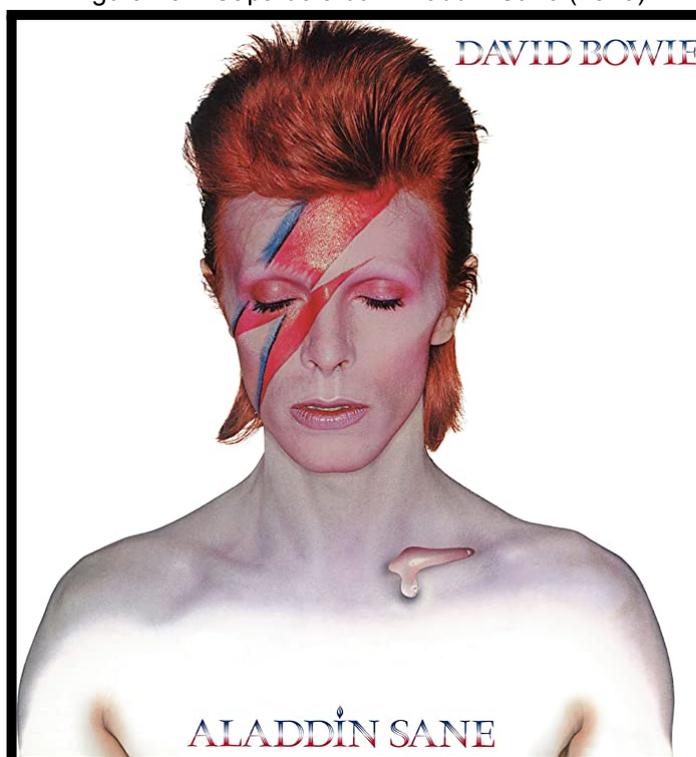
nas paradas do Reino Unido, evidenciando seu talento e abrindo caminho para uma carreira musical de sucesso.

No ano de 1972, em meio ao contexto da disseminação do movimento *Glam Rock*, David Bowie ressurgiu na indústria fonográfica por meio de um álbum de caráter conceitual, acompanhado de um alter ego alienígena denominado Ziggy Stardust. Dotado de uma persona extravagante e andrógina, Bowie interpreta com maestria os sucessos musicais como *Starman*:

Eu estava tentando criar uma ideia que expandisse a ideia de rock. Então assumi essa forma alienígena com Ziggy. Eu me baseei em conceitos japoneses. Naquele período particular do início dos anos 70 nós sabíamos tão pouco sobre o Japão, pouco era conhecido no ocidente. Ainda nos parecia uma sociedade alienígena. Mas era uma sociedade alienígena humana. Então uma conexão humana era muito mais possível do que, por exemplo, com Marte (BOWIE, 2004 apud SILVA, 2019).

Já no surgimento do álbum *Aladdin Sane*, este personagem já não fazia mais parte da personalidade artística de David Bowie, mas ele ainda usou Ziggy como inspiração para a capa.

Figura 13 – Capa do álbum *Aladdin Sane* (1973)



Fonte: Disponível em:

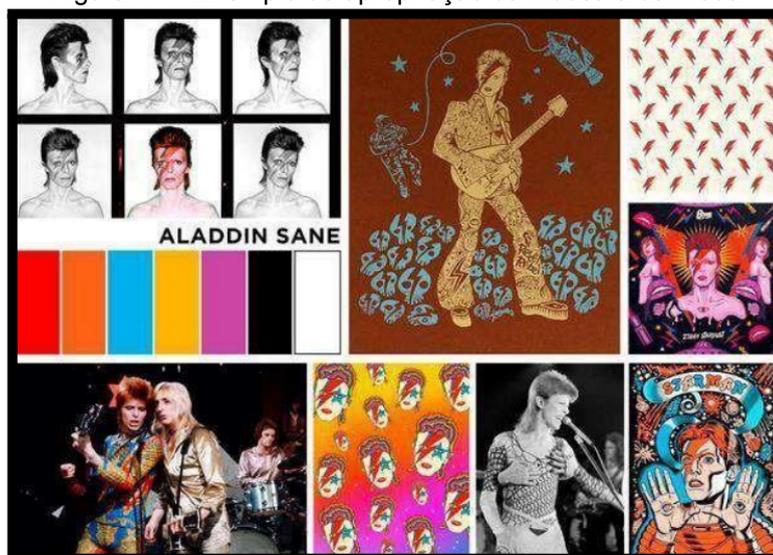
<<https://www.amazon.com.br/DAVID-BOWIE-ALADDIN-SANE/dp/B0106UFD4G>>. Acesso em: 14 jun. 2023

A capa do álbum, que mostra Bowie com uma maquiagem de raio sobre sua face, vista como uma de suas imagens mais icônicas, representa a dualidade mental e foi ideia do artista (NANU, 2018 apud SILVA, 2019).

A criação icônica do artista David Bowie, conhecida como Aladdin Sane, desempenhou um papel significativo na indústria da moda, estabelecendo um marco de relevância. A estampa Aladdin Sane é caracterizada por elementos distintos, como raios, que possuem um significado icônico na maquiagem central do personagem.

Além disso, elementos espaciais são utilizados para evocar a origem da persona Ziggy, juntamente com símbolos musicais e referências ao rock 'n roll, destacando sua influência musical e um som mais pesado em relação ao seu antecessor. A estampa criada é composta por uma variedade de formas, sendo que os raios, presentes na maquiagem do personagem Aladdin Sane, preenchem a estampa de forma marcante, em conjunto com a figura do rosto do Aladdin Sane. Ademais, símbolos musicais, como notas, discos, microfone e violão, são incorporados, assim como elementos espaciais que representam a ideia de uma entidade de outro planeta. A presença do ícone representado com as mãos simboliza o rock pesado, complementando a composição da estampa de maneira significativa. Exemplos na figura 14:

Figura 14 – Exemplo de apropriação da indústria da moda



Fonte: SILVA, 2019 Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44205>>. Acesso em: 14 jun. 2023

A persona Aladdin Sane, criada por David Bowie, desempenhou um papel significativo e influente na indústria da moda. A estampa icônica associada a essa persona transcendeu os limites da música. *Aladdin Sane* representou uma fusão de estilos e expressões artísticas e tornou-se um ícone, influenciando designers, estilistas e amantes da moda ao redor do mundo, inspirando capacidade de quebrar barreiras, permitindo que as pessoas expressassem sua individualidade de forma criativa e audaciosa. Seu impacto duradouro na moda reforça seu status como uma figura influente e visionária na indústria cultural.

Nirvana foi uma banda de rock formada em Aberdeen, Washington, nos Estados Unidos, em 1987. Seus membros fundadores eram Kurt Cobain (vocalista e guitarrista), Krist Novoselic (baixista) e Dave Grohl (baterista). A banda alcançou grande sucesso e popularidade durante a década de 1990, sendo considerada uma das principais representantes do movimento grunge.

Com letras sinceras e músicas enérgicas, o Nirvana trouxe uma abordagem única ao rock, combinando elementos do *punk*, do *indie* e do *metal*. Seu álbum de maior destaque, *Nevermind* (1991), ilustrado anteriormente (figura 3), catapultou-os para o estrelato mundial. O sucesso do álbum e o carisma de Cobain fizeram do Nirvana uma das bandas mais influentes da época (BERNARDO, 2021).

Este álbum foi o segundo trabalho da banda norte-americana, disponibilizado ao público em 24 de setembro de 1991. De acordo com dados da emissora britânica BBC, estima-se que cerca de 26 milhões de unidades do disco tenham sido comercializadas em todo o mundo. Apesar do encerramento prematuro do grupo, ocorrido somente três anos após o lançamento de *Nevermind* devido ao suicídio do vocalista Kurt Cobain, o debate em torno da relevância desta obra, tanto no âmbito musical como além dele, continua vigente (AQUINO, 2008).

O álbum teve um impacto significativo na veiculação midiática, tornando-se uma peça central na cultura popular e na mídia da época. O sucesso avassalador do álbum e, em particular, do single *Smells Like Teen Spirit*, fez com que o Nirvana ganhasse uma exposição massiva na mídia.

A veiculação midiática do álbum foi amplificada pela crescente popularidade dos videoclipes musicais na MTV e em outras emissoras de televisão. O vídeo de *Smells Like Teen Spirit* tornou-se um marco na história dos videoclipes, retratando

uma performance energética da banda em um ambiente escolar caótico. Esse vídeo em particular foi amplamente transmitido e impulsionou ainda mais a exposição do Nirvana na mídia.

Além dos videoclipes, o Nirvana também esteve presente em entrevistas, programas de televisão, revistas e rádios. A personalidade carismática de Kurt Cobain e o impacto cultural do álbum fizeram com que o Nirvana fosse constantemente abordado e discutido pela mídia. O álbum *Nevermind* e o sucesso do Nirvana não apenas moldaram o cenário musical da época, mas também se tornaram um fenômeno midiático, sendo frequentemente referenciados e citados em diferentes contextos midiáticos, como mostrado no estudo feito por Aquino (2008).

O impacto do álbum foi significativo na veiculação midiática, com o Nirvana sendo constantemente presente em várias mídias. Um exemplo bastante interessante e que repercutiu entre os fãs da banda, foi a menção à *Nervermind* no programa de TV Os Simpsons, mencionado na página 22 e representado na figura 4. O álbum e a banda se tornaram um fenômeno cultural, amplamente discutidos e divulgados pela imprensa da época, deixando um legado duradouro na história da música e na relação entre música e mídia.

A banda britânica The Beatles é considerada uma das mais influentes e revolucionárias da história da música popular. Formada em Liverpool em 1960, o grupo era composto por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. Ao longo de sua carreira, os Beatles conquistaram fama mundial e deixaram um legado duradouro na indústria musical.

Segundo *Discovery Publicações* (2021), a história da icônica banda britânica The Beatles tem sido amplamente explorada ao longo do tempo, com pouco a acrescentar, dado que seus feitos musicais são tão abrangentes e diversos que sempre há algo a ser lembrado. A música dos Beatles permanece viva e presente, constantemente reavaliada com reedições de suas obras, novas gravações e até mesmo o surgimento de bandas diretamente influenciadas por eles. Embora o último álbum do grupo, *Let It Be*, tenha sido lançado em 1970, ou seja, há quatro décadas, uma eternidade no universo musical, especialmente considerando a volatilidade e efemeridade da indústria atual.

No final de 1962, os Beatles fizeram sua primeira aparição nas paradas de sucesso com o lançamento do single *Love Me Do*. Poucos meses depois, em fevereiro de 1963, a banda fez uma aparição na televisão para promover o single *Please Please Me*, cujo sucesso foi o estopim de uma onda que se espalharia pelo mundo. Para o grande público, tudo relacionado aos Beatles era diferente e revolucionário. Em primeiro lugar, eles substituíram a figura do artista solo pelo quarteto, o que trouxe uma nova dinâmica ao cenário musical. Além disso, eles ousaram ostentar cabelos compridos, desafiando os padrões estabelecidos. A música em si, enraizada no gênero conhecido como *beat* e anteriormente restrita a Liverpool, soava completamente nova para o resto do mundo. (DISCOVERY PUBLICAÇÕES, 2021)

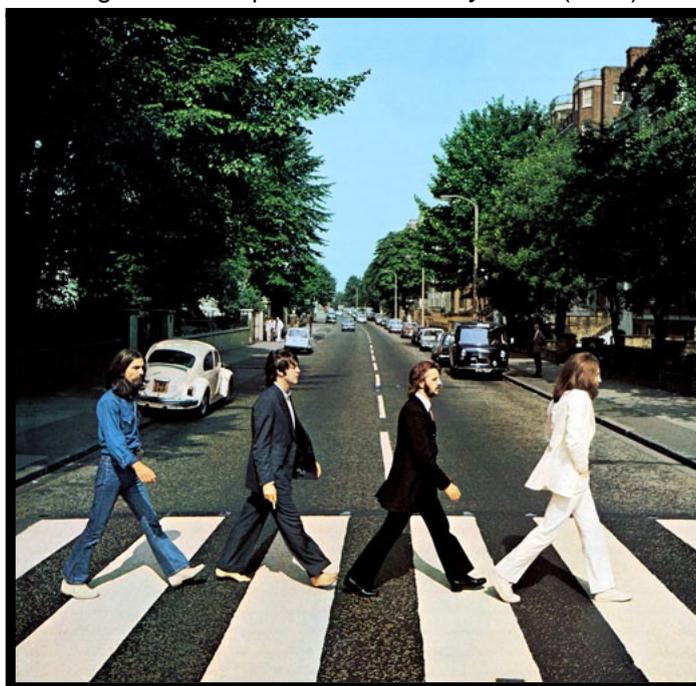
A capa do que vinha ser um dos últimos álbuns da banda, *Abbey Road*, ganha destaque importante neste projeto, visto que além de lendária e necessária para a discussão, também se encaixa perfeitamente no gênero de indústria de consumo e duas facetas dentro do ramo mercadológico. A capa alcançou uma aura mítica não apenas entre os fãs da banda, mas também entre um público mais amplo, indiferente ao sucesso dos quatro membros dos Beatles.

No entanto, a fotografia da capa transcende a simples imagem dos músicos atravessando uma rua em Liverpool. Em termos representacionais, observamos quatro homens que são músicos e personalidades do cenário do rock britânico e mundial. Apesar de suas diferenças, essas figuras masculinas de pele branca, na faixa dos trinta anos, exibem um aspecto bem vestido. É possível notar que Paul McCartney está descalço, segurando um cigarro em sua mão direita. Seus cabelos são longos e três deles estão usando barba, um costume comum na década de 1960, especialmente entre a cultura hippie. (MARTINS, 2014)

Na fotografia (figura 15), eles são vistos atravessando a rua com uma atitude aparente de indiferença, profissionalismo e orgulho por suas conquistas na carreira. O cenário é a icônica Abbey Road, que empresta seu nome ao álbum, localizada nas proximidades dos estúdios da EMI, onde a banda estava gravando o disco. A cena retrata carros estacionados, veículos em movimento, algumas pessoas nas calçadas, árvores, iluminação pública, fachadas de edifícios e um céu azul. A representação presente na imagem pode ser caracterizada como uma narrativa não

transitiva direcional, uma vez que os participantes estão conectados por um vetor e também porque não é possível determinar para onde eles estão olhando.

Figura 15 – Capa do álbum *Abbey Road* (1969)



Fonte: Disponível em:

<<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/veja-dez-melhores-capas-de-discos-de-todos-os-tempos/>>.

Acesso em: 14 jun. 2023

Para Martins (2014), em sua análise, a imagem apresenta uma composição ampla em plano geral, adotando uma perspectiva de perfil que implica um distanciamento relativo ao observador. A modalidade da imagem é de alta fidelidade, refletindo uma representação fiel da realidade. Quanto à paleta de cores, predominam quatro tonalidades principais: azul, verde, branco e preto, sendo perceptível uma saturação mais pronunciada nas áreas adjacentes às calçadas e um brilho mais intenso em relação aos quatro participantes.

Há uma sensação de profundidade, permitindo a visualização de alguns detalhes, como os veículos, indivíduos e fachadas de edifícios. No que tange à dimensão composicional, observa-se que, em termos de valor informativo, os participantes são posicionados centralmente e na parte inferior da imagem. Tal disposição sugere que eles ocupam a porção mais significativa da fotografia, fornecendo informações detalhadas. Além de também ser notável a existência de um contraste marcante entre os participantes e o restante do cenário, seja pela iluminação que incide sobre eles, pelo vestuário utilizado ou pela postura assumida.

A imagem dos quatro membros da banda caminhando na faixa de pedestres tornou-se um ícone que ultrapassou as barreiras da música e adentrou diferentes setores. Pode-se notar também a presença de uma memória coletiva, que se manifesta por meio da referência a figuras célebres e da busca de identificação com uma linhagem cultural:

[...] é possível perceber a inscrição de uma memória coletiva, a nomeação de figuras célebres e identificação com uma linhagem à qual se busca vínculo. Isso nos interessa na medida em que salienta que os procedimentos de consagração não são exclusivos da política oficial, e que seus mecanismos encontram contraparte na própria tradição da canção popular e nas práticas cotidianas dos passantes [...]. (GARCIA, PÚBLIO, SANTANA, 2022, p. 4)

A capa do álbum *Abbey Road* dos Beatles transcendeu sua função primordial como uma mera embalagem para um disco e adquiriu status de um produto cultural de impacto significativo. Sua imagem icônica exerceu influência na moda, no entretenimento, no lazer, na decoração e em diversas outras esferas da indústria do consumo. Por conta da estética singular da capa, ela se transformou em um ponto de partida para uma ampla gama de possibilidades mercadológicas, ampliando seu alcance como um símbolo reverenciado e fonte de inspiração, como exemplificado na figura 16. Essa perpetuação do legado dos Beatles e da presença da capa do álbum como um ícone de adoração e criatividade é notável.

Figura 16 – Exemplo de apropriações na indústria cultural



Fonte: Montagem elaborada pela estudante a partir de imagens disponíveis em: <<https://www.pinterest.com/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

## **8. ROTEIRO DE CAPÍTULOS**

### **1. INTRODUÇÃO**

#### 1.1 METODOLOGIA

### **2. ARTE E MERCADORIA: APROPRIAÇÕES, CONSUMO E MERCADO MUSICAL**

2.1 Arte e possibilidades de expressão (Arte: expressão, criatividade, rupturas)

2.2 Sobre arte e as apropriações

2.3 Manifestações artísticas no mercado musical

### **3. ROCK CLÁSSICO ALÉM DO SOM: A RELEVÂNCIA DAS CAPAS DOS ÁLBUNS MUSICAIS**

3.1 O que é rock clássico?

3.2 Capas de álbuns musicais: arte, cultura, comunicação e consumo

3.3 Rock clássico e álbuns musicais: a força de suas capas

### **4. APROPRIAÇÕES DO ROCK CLÁSSICO: CAPAS DE ÁLBUNS MUSICAIS NA INDÚSTRIA CULTURAL**

4.1. Organização da análise

4.2. Apresentação das capas de álbuns musicais

4.2.1 Queen II e as *fanarts*

4.2.2 The Velvet Underground & Nico e o design gráfico

4.2.3 Aladdin Sane na indústria da moda

4.2.4 Nevermind e a veiculação midiática

4.2.5 Abbey Road transforma-se em mercadoria

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### REFERÊNCIAS

## 9. CRONOGRAMA

Quadro 1 - Cronograma para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso em 2023/4

	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Organização de materiais e revisão bibliográfica	X	X				
Introdução		X				
Escrita do capítulo 2		X				
Escrita do capítulo 3			X			
Escrita do capítulo 4				X		
Considerações finais					X	
Formatação e revisão					X	X
Preparação e apresentação do TCC						X

Fonte: elaborado pela estudante (2023).

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Rafael. **Nervermind: Um momento de ruptura cultural**. 2008. 73 f. TCC (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1369>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ARGAN, G.C. **A arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BANULESCU, Eduard. **The Making Of Nirvana - Nevermind**. Mesmer, 2020. E-book (60 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/making-Nirvana-Nevermind-Classic-alternative-ebook/dp/B086SYR1YC/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÂMĂŽŃ&keywords=The+Making+Of+Nirvana+-+Nevermind&qid=1686796103&s=digital-text&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/making-Nirvana-Nevermind-Classic-alternative-ebook/dp/B086SYR1YC/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÂMĂŽŃ&keywords=The+Making+Of+Nirvana+-+Nevermind&qid=1686796103&s=digital-text&sr=1-1). Acesso em: 14 jun. 2023

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Antonio, DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006. E-book (280 p.). Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522474400/pageid/230>. Acesso em 07 jul. 2023.

BERNARDO, Rui. **Nirvana: O espírito livre de Kurt Cobain**. São Paulo: Discovery Publicações, 2021. E-book (115 p.). Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Nirvana-Espirito-Cobain-Discovery-Publicações-ebook/dp/B09KHF1WNF/ref=sr\\_1\\_8?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÂMĂŽŃ&crid=16GGU3PP2HRQX&keywords=NIRVANA&qid=1686715440&s=digital-text&sprefix=nirvana%2Cdigital-text%2C194&sr=1-8](https://www.amazon.com.br/Nirvana-Espirito-Cobain-Discovery-Publicações-ebook/dp/B09KHF1WNF/ref=sr_1_8?__mk_pt_BR=ÂMĂŽŃ&crid=16GGU3PP2HRQX&keywords=NIRVANA&qid=1686715440&s=digital-text&sprefix=nirvana%2Cdigital-text%2C194&sr=1-8). Acesso em: 14 jun. 2023.

CORTELAZZO, Patricia. **A história da arte por meio de leituras e imagens**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012. E-book (150 p.). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6460/pdf/1>. Acesso em 14 jun. 2023

DEMO, Augusto. **CONTRA: Construindo a Identidade Visual de Um Álbum Musical**. 2018. 62 f. TCC (Graduação em Design) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192140>. Acesso em: 14 jun. 2023.

DISCOVERY PUBLICAÇÕES. **Os Fenomenais Beatles - Histórias, Revelações, Discografia Completa**. São Paulo: Discovery Publicações, 2021. E-book (83 p.).

Disponível em:

[https://www.amazon.com.br/Fenomenais-Beatles-Revelações-Discografia-Publicações-ebook/dp/B09L59L3RL/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=ÂMĂŽŃ&crd=S1VK1V2AMBH1&keywords=Os+fenomenais+Beatles&qid=1686802926&sprefix=os+fenomenais+beatle%2Caps%2C215&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Fenomenais-Beatles-Revelações-Discografia-Publicações-ebook/dp/B09L59L3RL/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÂMĂŽŃ&crd=S1VK1V2AMBH1&keywords=Os+fenomenais+Beatles&qid=1686802926&sprefix=os+fenomenais+beatle%2Caps%2C215&sr=8-1). Acesso em 14 jun. 2023.

FLICK, Uwe, **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: ARTMED, 2009.

E-book (182 p.). Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=1OmZGR6Wz6sC&lpg=PA7&ots=-T6lfJx87e&dq=Qualidade%20na%20pesquisa%20qualitativa%20flick&lr&hl=pt-BR&pg=PA7#v=onepage&q=Qualidade%20na%20pesquisa%20qualitativa%20flick&f=false>. Acesso em 14 jun. 2023

GARCIA, Luiz, PÚBLIO, Leonardo, SANTANA, Isaac. Esquina com Abbey Road: a música popular como patrimônio cultural entre lugares, mídias e cidades. **MusiMid: Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia**, [S.l.], V. 3, n. 1, p. 48-61, Nov. 2022. Disponível em:

<https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/86>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. São Paulo: Editora LTC, 2000. E-book (673 p.). Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788521636670/epubcfi/6/46%5B%3Bvnd.vst.idref%3Dchapter15%5D!/4>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GONÇALVES, Liliane. **A imagem e o som: um estudo sobre as capas de discos**. 2011. 54 f. Monografia (Pós-graduação em Especialização estética: A arte e as perspectivas contemporâneas) - Universidade do extremo sul catarinense. Criciúma, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/976>. Acesso em: 14 jun. 2023.

JANOTTI, Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda, 2003. E-book (103 p.). Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=kCLyV-Fj\\_6YC&lpg=PA3&dq=Rock%20cl%C3%A1ssico%20e%20%C3%A1lbuns%20musicais%3A%20a%20for%20C3%A7a%20de%20suas%20capas&lr&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kCLyV-Fj_6YC&lpg=PA3&dq=Rock%20cl%C3%A1ssico%20e%20%C3%A1lbuns%20musicais%3A%20a%20for%20C3%A7a%20de%20suas%20capas&lr&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false). Acesso em 14 jun 2023

KÖCHE, José C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 30.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KOWALSKI, Bruno. **A imagem cinematográfica devorada pela pintura**. 2021. 62 f. TCC (Graduação em Departamento de Audiovisuais e Publicidade) - Universidade

de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/30849>. Acesso em 14 jun. 2023.

LITTING, Sabrina. **Reflexões sobre a apropriação de objetos na arte contemporânea**. 2015. 125 f. Trabalho de Qualificação de curso (Pós-graduação em Linha de pesquisa em estudos de história, Teoria e crítica de arte) - Universidade federal do Espírito Santo. Vitória, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/161365289.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MARTINS, Ana. A CULTURA VISUAL NUMA PERSPETIVA SOCIOSEMIÓTICA DA SUBCULTURA DO ROCK. **Revista Onis Ciência**, [S.l.], V. 2, n. 6, p. 19-26, Abr. 2014. Disponível em: <https://revistaonisciencia.com/wp-content/uploads/2020/02/6%C2%AA-EDI%C3%87%C3%83O-DA-REVISTA-ONISCIENCIA-COMPLETA.pdf#page=19>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MUGNAINI, Ayrton. **Breve história do rock**. São Paulo: Editora Claridade, 2007. E-book (80 p.). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=H1lwEAAQBAJ&lpg=PT4&ots=7btCXE1rMY&dq=hist%C3%B3ria%20do%20rock&lr&hl=pt-BR&pg=PT10#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20do%20rock&f=false>. Acesso em 14 jun. 2023

NERY, Emília. Juventude, ansiedade, libertação e história - Um estudo a partir de "Under Pressure" de Queen & David Bowie (1982). **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], V. 6, n. 6, p.39710-39720, Jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-494>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

PEREIRA, Filipe. **A capa nos álbuns de rock dos anos 60/70**. 2014. 92 f. TCC (Bacharelado em história da arte) - Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114643>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PEREIRA, Filipe. **Cinco vezes Vanusa-expressões em capas de álbuns musicais**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em artes visuais) - Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173813>. Acesso em: 14 jun 2023.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi**, [S. l.], n. 27, p. 132-140, Jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992013000100012>. Acesso em: 14 jun. 2023

ROCHEDO, Aline, Um olhar sobre o livro, Rock and Roll: Uma História Social. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], n. 13, p. 71-75, Jul. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2672/2305>. Acesso em: 14 jun. 2023

SANTAELLA, Lúcia, **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SILVA, Emerson. **O ESPÍRITO DO SOM: Encontros entre design, música e artes visuais no projeto gráfico de capas de disco**. 2018. 148 f. Dissertação (Pós graduação em artes visuais) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4418>. Acesso em: 14 jun 2023.

SILVA, Emanuely Mylena. **O “DISCO DA BANANA”- Uma análise histórico-artística da obra de Andy Warhol**. 2018, 69 f. TCC (Graduação Núcleo de design e comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44190>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SILVA, Hélen. **Design de superfície: criação de estampas inspiradas em David Bowie**. 2019. 77 f. TCC (Graduação Núcleo de Design e Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44205>. Acesso em: 14 jun 2023.

SILVA, Wlisses. It's only rock'n'roll: um breve relato de uma revolução cultural. **Muiraquitã**, [S. l.], V.3, n. 2, p. 229-253, Dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/210932.3.2-13>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SOUZA, Airan. **Gesamtkunstwerk: o desenvolvimento de um processo criativo artístico, coletivo e polimático**. São Paulo: Editora Dialética, 2022. E-book (192 p.). Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&id=MhZkEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Gesamtkunstwerk&ots=kcG1a1tVVf&sig=qAw6FKhXyo9dvJ\\_vYP52cLBO-kl#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=MhZkEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Gesamtkunstwerk&ots=kcG1a1tVVf&sig=qAw6FKhXyo9dvJ_vYP52cLBO-kl#v=onepage&q&f=false). Acesso em 14 jun. 2023.